

GENEALOGIA:

TELMO MÁRIO DORNELLES

GOSCH,

MARGARETE SCOLARI E RAMIFICAÇÕES



Telmo Mário Dornelles Gosch
Magarete Scolari Gosch

GENEALOGIA

Passo Fundo
Projeto Passo Fundo
2012

Página na internet: www.projetopassofundo.com.br
e-mail para contato: zanette@zanette.com.br

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste livro NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença: [Creative Commons Atribuição-Compartilhaqual 3,0 Nao Adaptada](https://creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/).

Para ver uma cópia desta licença, visite:

<http://creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/>

ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suíte 900, Mountain View, Califórnia, 94041, USA";

Revisado pelo Autor em: 11/2023

G676g Gosch, Telmo Mário Dornelles
Genealogia [recurso eletrônico] / Telmo Mário Dornelles Gosch,
Margarete Scolari Gosch. – Passo Fundo : Projeto Passo Fundo,
2012.

E-book (formato PDF).
ISBN 978-85-64997-69-1

Modo de acesso: World Wide Web:
<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Genealogia. 2. Gosch, Família. 3. Scolari, Família.
4. Dornelles, Família. I. Gosch, Maragarete Scolari. II. Título.

CDU: 929.52



**TELMO MÁRIO DORNELLES GOSCH
MARGARETE SCOLARI GOSCH
QUADRA 104 N. RUA NE 01, LOTE 17.
ED. PALMAS I – APTO. 203
PALMAS – TO
CEP. 77016-006
telmogosch@yahoo.com.br
Margaretegosch@hotmail.com**

Maio de 2008

**Pequena revisão em
novembro de 2023,
exclusivamente
quanto a óbitos**

GENEALOGIA DA FAMILIA DORNELLES / GOSCH
DE CARLOS GOSCH E ANTONIO F. DORNELLES A TELMO GOSCH

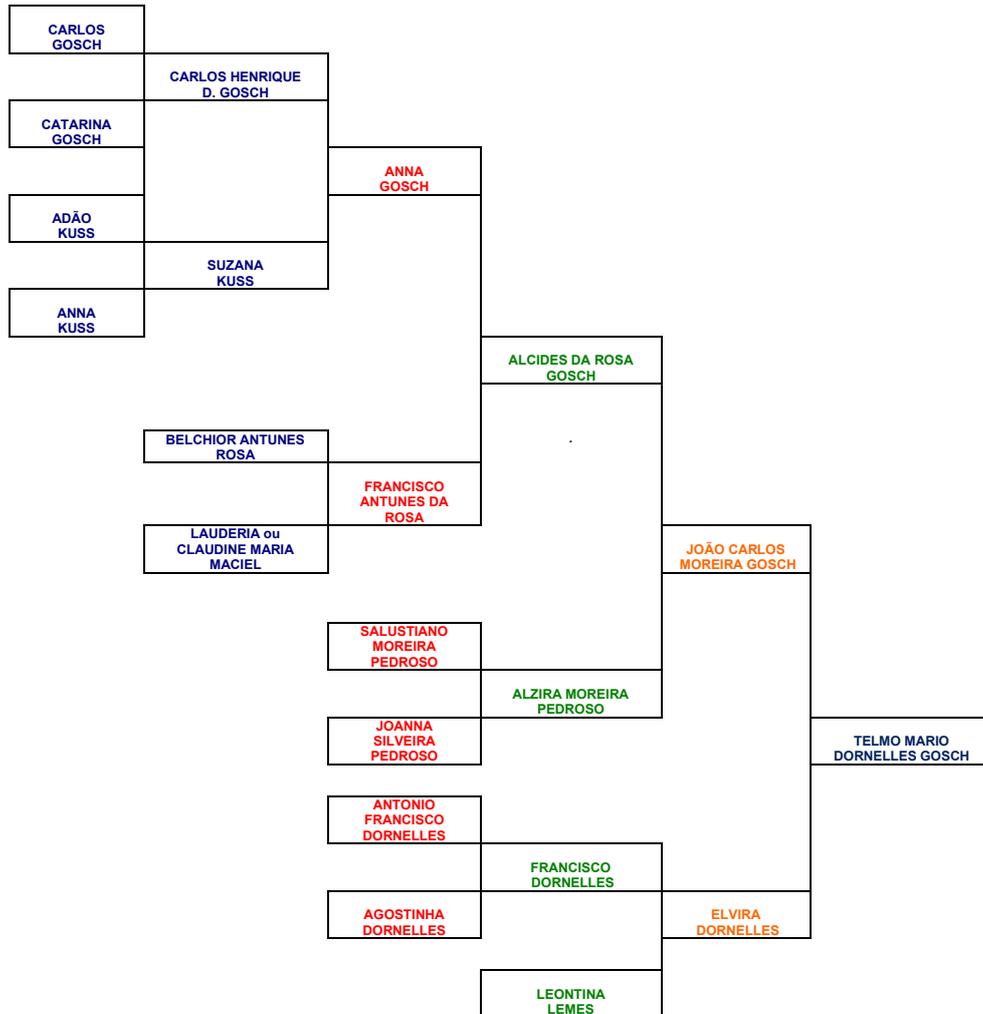
RAIZES

TRONCOS

GALHOS

RAMOS

FOLHAS



GENEALOGIA DA FAMÍLIA GIORDANI / SCOLARI
DE GASPERO GIORDANI E LUIGI SCOLARI A MARGARETE SCOLARI



GENEALOGIA TELMO MÁRIO DORNELLES GOSCH/MARGARETE SCOLARI





DIVULGAÇÃO/CALENDÁRIO BCO. DO BRASIL

ÍNDICE



FAMILIAS RELACIONADAS

11



1.923

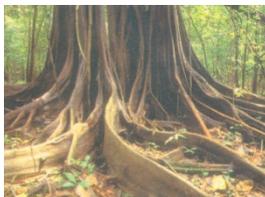
13



Divulgação

PRÓLOGO:

17



Divulgação/ calendário B.Brasil

RAÍZES - I

19

Parte - I Carlos Henrique D. Gosch e Suzana Kuss
Carlos Gosch e Catarina
Adão Kuss e Anna

Parte - I I Belchior Antunes da Rosa e Laudéria Maciel



TRONCO I

22

Parte I Ana Gosch e Francisco Antunes da Rosa
Parte I I Outros filhos de Carlos/Suzana e descendentes
Parte I I I Salustiano Moreira Pedroso e Joanna Silveira
Parte I V Irmã de Joanna Silveira
Parte V Antonio Francisco Dornelles e Agostinha Dornelles



Divulgação

UMA FAMILIA 31

Parte I João e Elvira
 Parte I I Uma Nova Morada



GALHOS I 34

Parte I Alcides da Rosa Gosch e Alzira Moreira Pedroso
 Parte I I Francisco Dornelles e Leontina Lemes
 Parte I I I Outros filhos de Ana/Francisco e descendentes
 Parte I V Outros filhos de Salustiano/Joana e descendentes
 Parte V Outros F.º de Antº Dornelles/Agostinha e descend.



Divulgação/ calendário B.Brasil

RAIZES I I 59

Parte I Gaspero Giordani e Maria Finoti
 Parte I I Benvenuto Sotilli e Isabel Scaravonati
 Parte I I I Pietro Dolzan e Maria Amália Bonato



TRONCOS I I 60

Parte I Marcelino Giordani e Anunciata Sottili
 Parte I I Caetano Dolzan e Florinda Merlo
 Parte I I I Luigi Scolari e Luigia Bellini
 Parte I V Domienico Manfrin e Maria Bertoldo



GALHOS I I 62

Parte I Adolpho Giordani e Ana Maria / Adelina Scolari
 Parte I I Antônio Scolari e Tereza Manfrin
 Parte I I I Outros Fº de Marcelino e Anunciata
 Parte I V Outros Filhos de Caetano Dolzan e Fiorinda Merlo
 Parte V Outros filhos de Luigi/Luigia e descendentes



RAMOS I 69

Parte I João Carlos M. Gosch e Elvira Dornelles
 Parte I I Outros filhos de Alcides /Alzira e descendentes
 Parte I I I Outros filhos de Francisco/Leontina e descendenes



RAMOS I I 102

Parte I Auzilio Mariano Scolari e Anunciata Giordani
 Parte I I Outros Filhos de Adolpho/A. Maria e descendentes
 Parte I I - A Outra filha de Adolpho/Adelina e descendente
 Parte I I I Outros filhos de Antônio/Tereza e descendentes.



<u>FOLHAS:</u>		119
Parte I	Telmo M. Dornelles Gosch e Margarete Scolari	
Parte I I	Outros filhos de João/Elvira e descendentes	
Parte I I I	Outros filhos de Auzilio/Anunciata e descendentes	



<u>FLORES:</u>		150
Parte I	Os filhos de Telmo e Margarete	



<u>FRUTOS:</u>		160
	Os Netos de Telmo e Margarete	



<u>Arvore Genealógica de :</u>		164
	Gilberto Dornelles Gosch e Ione Assoni	
	Rui Dornelles Gosch e Silvana Giordani	
	Márcia de Fátima Gosch e Luiz Gladimir Bilhar	
	Elohá Gosch e João Netto	
	Ruth Gosch e Manuel Bueno	
	Marlene Scolari e Neri Vaccari	



PÓS		202
------------	--	-----



A fivela em destaque, é uma relíquia da família Gosch. Propriedade de Francisco Antunes da Rosa, após sua morte na Revolução de 1893, foi herdada por Alcides Gosch, que a usou por toda a vida inclusive na Revolução de 1923, pode ser observada em sua vestimenta na foto que ilustra, 1923. Após a morte de Alcides, passou a Raul Moreira Gosch, e deste para Telmo Mario Dornelles Gosch.

N O T A - Para melhor compreensão e facilidade na leitura observe sempre a árvore genealógica dividida em raízes... frutos, apoiado no índice.

O nº romano I indica membros da genealogia que chegam a Telmo Gosch e o nº romano II encaminham geneologicamente a Margarete Scolari

Famílias distribuídas nesta genealogia:

Alcântara	Decesaro	Moreira
Alencar	Descovi	Nascimento
Almeida	Di Primio	Netto
Almeida	Dietze	Oliveira
Alves	Dihel	Pedroso
Antunes	Dolzan	Pelegrino
Araujo	Dorneles	Pereira
Assoni	Dornelles	Pessinato
Bandeira	Engers	Pimentel
Barbier	Escaravonati	Pitol
Barros	Ferrareze	Possap
Batista	Figner	Possa
Bellini	Filippi	Potrich
Benedussi	Finotti	Quadros
Benvinda	Fonseca	Reis
Bertoldo	Fracasso	Ribeiro
Bringhenti	Frankini	Rios
Bierende	Gabriel	Rodrigues
Bilhar	Gazola	Romanowski
Bonato	Ghelen	Rosa
Bonato	Giavarina	Rousselet
Bonotto	Giavarini	Sacardo
Borba	Giordani	Saccomori
Borges	Girardi	Saldanha
Brickmann	Gomes	Santos
Brito	Gosch	Saraiva
Bueno	Gother	Schenaider
Cafrune	Grando	Schill
Calil	Gusmão	Schimitz
Campagnoni	Hauqui	Scolari
Campos	Hoffman	Silva
Canfil	Hoffmann	Silveira
Carneiro	Kirchner	Silveira
Carvalhal	Kuss	Sotilli
Carvalho	Laitart	Souza
Casanova	Lang	Tarnowsky
Ceni	Lemes	Testa
Centenaro	Lemos	Tonin
Centofanti	Lima	Tremea
Chaise	Lopes	Vaccari
Chittó	Loss	Valin
Colla	Luna	Ventorim
Comiran	Macedo	Viana
Coos	Machado	Vieira
Correia	Maciel	Wolf
Costa e Silva	Maia	Xavier
Costi	Manfrin	Zanata
Cruz	Marques	Zasso
Cunha	Mayer	Zimmerman
Da Silva	Medeiros	
Dalcol	Melo	
Dal'Molin	Mendes	
Decarli	Merlo	



A genealogia aqui contada busca exaltar a magia da vida.
A Poetisa Goiana, *Cora Coralina*, em "O Sentido da Vida" nos ensina.

O SENTIDO DA VIDA

Não sei... Se a vida é curta ou longa
demais para nós,
mas sei que nada do que vivemos
tem sentido,
se não tocarmos o coração das
pessoas.

Muitas vezes basta ser:
Colo que acolhe, braço que envolve,
palavra que conforta, silêncio que
respeita,
alegria que contagia, lágrima que
corre.

Olhar que acaricia, desejo que sacia,
amor que promove.

E isso não é coisa de outro mundo,
é o que dá sentido à vida.
É o que faz com que ela não seja nem
curta, nem longa demais,
mas que seja intensa, verdadeira,
pura..., enquanto durar¹⁷



1.923

Alerta... Alerta está... Alerta... Alerta está. Este era o som que se ouvia naquela madrugada nas coxilhas em torno de Passo Fundo. O verão reinava no Rio Grande, o frio das geadas tinha ficado para trás. O capim que rodeava o capão cheirava à barba de bode umedecida pelo sereno. A mata os protegia do vento. A posição em que se encontravam era estratégica, os guardas mais ao alto davam proteção e evitavam a presença de



qualquer bombeiro que se aventurasse por aquelas paragens. Os vigias continuavam a gritar o seu – Alerta... - Alerta está. A gauchada, maragatos, libertadores dormiam sobre pelegos, cobertos com ponch ou capa gaúcha, usando o arreio como travesseiro. Através dos angicos e dos pinheiros que cobriam o chão de folhas e grimpas, viam-se as estrelas. Galos cantavam nos arredores com insistência. Logo a barra do dia mostraria seus reflexos.

Os galhos baixos das árvores e os cipós tortos que se arrastavam pelo chão serviam de aparador para os apetrechos: rédeas, esporas, algum lenço vermelho, tralhas como cambonas, chaleiras, frigideiras, cuias e bombas para o chimarrão. Chamavam a atenção diversas lanças de guamirim oriundas da Revolução Federalista, 1893, escoradas na galharia. Lanças que com suas pontas brilhantes indicavam e acenavam a proximidade da luta..., das batalhas. A peleia seria

travada no corpo a corpo, ou a cavalo. Viam-se muitas armas de fogo, pistolas, revólveres, carabinas, mas nem todos os maragatos as possuíam.

Dentre aqueles homens estava Alcides Gosch. Ele tinha acordado muito cedo, em realidade dormira mal; olhou para o tempo, viu que aquele dia não choveria, desceu até a sanga, encheu d'água a cambona e, na volta, apanhou alguns galhos secos e grimpas, para atizar o fogo e preparar o chimarrão. Colocou a água para esquentar, sentou num toco e começou a preparar um paieiro, na mão grossa picou o fumo, amarelinho, arrumou a palha, enrolou, ajeitou as pontas, pronto, descansou na orelha. Procurou no bolso o isqueiro artesanal, feito da ponta do chifre de uma vaca leiteira.

O "isqueiro" tinha no interior um chumaço de lã, de ovelha, queimada. Ele mesmo tinha feito esta arte que servia de curiosidade às pessoas que com ele conviviam. Bateu a pedra,



pedra de fogo, com um pedaço de lima, alemã Solingen, saltou uma faísca que se aninhou no interior da guampa, sobre a mecha de lã, logo formou uma brasa, aproximou o paieiro, assoprou e acendeu, tragou e expeliu uma fumaça azulada que o vento norte espalhou na mata.

Tomou nas mãos a cuia pensando no dia anterior. Ajeitou a erva no côncavo da mão formando o topete verde do chimarrão. Enquanto derramava a água quente na erva, voltou a pensar no momento em que chegou ao rancho. Chegou apressado, suado com muita sede. Chamou os guris para dentro, chamou também a sogra Joanna, que lavava roupa num tanque de madeira aos fundos, e deu um grito para a mulher Alzira, que estava descansando no quarto. Alzira tinha a barriga muito grande, ia pelo sétimo mês de gravidez;



- O que foi, Alcides, que pressa é esta? Está afogueado, com a camisa toda molhada!

- Alzira! Minha sogra! Começou a revolução, as forças maragatas sitiaram a cidade, os chimangos estão preparando as defesas, colocaram vagões de trem na avenida fazendo barricada para se defender, o quartel está em prontidão, logo eles começam a passar nas casas dos libertadores para nos prender, eu não vou me entregar, vou me juntar às forças.

- Pelo amor de Deus, Alcides, olha a minha barriga, quando você voltar, e se voltar! Eu já pari, pensa, homem, olha a criançada, olha a mãe.

- Mulher, se eu ficar, sô preso, fico preso até terminar o buchincho, você dá à luz sozinha do mesmo jeito, e com vocês eles não mechem. Enfim, são todos conhecidos, alguns aqui mesmo do Boqueirão.

A sogra Joanna coça a cabeça, olha para os lados, enche os olhos de lágrimas.

- Alcides, você sabe que o pai da Alzira, o Salustiano, desapareceu em 95, naquela maldita e sangrenta revolução, a Alzira nem conheceu o pai.

- Eu sei, sogra! O meu pai também morreu naquele ano, eu tava chegando aos cinco anos, era ainda um piazito, mas o momento exige, entendam: é melhor eu ir.

Joanna seca as lágrimas, assoa o nariz, olha para a filha e diz entre soluços:

- Tá certo, Alcides! Pensando bem, Alzira, é melhor ele ir, hoje estar em casa é mais perigoso que nas coxilhas. Vá com Deus, meu filho.

Alcides arruma as tralhas, pega um embornal, coloca erva mate, cuia, bomba, cambona, manda o menino João buscar o cavalo, encilha o alazão e ordena:

- João, amanhã, se o tempo estiver bom, e deve estar, você vai atrás do teu primo, o Antoninho Pedroso, pega os cavalos, se não houver barulho de refrega, me leva almoço, porque a boia deve estar escassa com todo este povo pra comer, nós vamos estar acampados na sanga.

Arrumou o fogo, ajeitou o lenço vermelho no pescoço, estava preocupado..., continuava pensando em casa, na mulher e nas crianças, ouviu ao longe um cachorro latindo e logo outro respondendo. Percebeu barulho de folhas sendo pisadas, olhou e viu que vinha um paisano que chegava de passito. Reconheceu o patrício, viu que era povo do Boqueirão. O índio usava uma bombacha velha de riscado, paracatas e um surrado casaco de casimira. O chegante exclamou:

- Buenas, Alcides! Fui dar uma bispada nos cavalos! Dar uma olhada na eguada. Vejo que está meio abichornado, parceiro?

- Tô desacorçoado, preocupado com a mulher, tá com a barriga muito grande, sétimo mês, época perigosa. Enquanto arrumo este lenço, penso que por causa dele e por tudo que ele representa já peleamos tanto..., quanta morte... É verdade que houve momentos de glória, vitórias históricas, mas muito mais de tristeza. Faz 100 anos que peleamos, é morte e mais morte. Veja você, só na minha família, perdi ainda guri o meu pai, e a Alzira nem conheceu o dela. Não tem família gaúcha que não chore o sangue derramado nestas coxilhas.

- É verdade, Alcides, mas para ter paz precisamos mudar, tirar os tiranos do comando.



- Você está certo, é ditador em cima de ditador. Não tem jeito, temos que correr esta corja da política Gaúcha.

Outros se aproximam, o chimarrão passa de mão em mão, amanhece, a liderança, o comando reúne a gauchada Começam as tratativas para o assalto, a primeira orientação é atacar o quartel, vamos seguir beirando o mato...

Começa em Passo Fundo a Revolução de 1923, em que se enfrentam Maragatos e Chimangos. Serão meses de escaramuças, que se encerram em dezembro de 1923, com o Pacto de Pedras Altas.

Como fala Alcides, o Rio Grande viveu anos e anos de muitas lutas, muitas revoluções e guerras, sempre defendendo o chão gaúcho e brasileiro, mas defendendo antes de tudo ideias e ideais. Muitos foram os heróis, mas milhares foram os combatentes que morreram. E a fórmula que encontro para homenageá-los é transcrever aqui a letra de

Sabe Moço - Composição *Francisco Alves*

Sabe, moço
Que no meio do alvoroço
Tive um lenço no pescoço
Que foi bandeira pra mim
E andei mil peleias
Em lutas brutas e feias
Desde o começo
Até o fim.

Sabe, moço
Depois das revoluções
Vi esbanjarem brasões
Pra caudilhos, coronéis
Vi cintilarem anéis
Assinatura em papéis
Honrarias para heróis.

É duro, moço
Olhar agora pra história
E ver páginas de glórias
E retratos de imortais
Sabe, moço
Fui guerreiro como tantos
Que andaram nos quatro cantos
Sempre seguindo um clarim.

E o que restou,
Ah sim
No peito em vez de medalhas
Cicatrizes de batalhas
Foi o que sobrou pra mim.

Ah sim
No peito em vez de medalhas
Cicatrizes de batalhas
Foi o que sobrou pra mim

A revolução de 1923 é um marco na história oral da família Gosch e na minha história particular, pois dos meus antepassados o mais antigo e que melhor eu conheci foi meu avô Alcides.



1923

O termo **Maragato** – Ao lado dos revolucionários, tomaram parte na Revolução Federalista, 1893/95, Uruguaios do Departamento de San José, os quais eram chamados Maragatos, por serem originários da Maragateria, Espanha. Aos poucos o termo foi sendo usado para designar todos os revolucionários que usavam como símbolo o lenço vermelho ao pescoço. E a expressão foi conservado na Revolução de 1923. Neste evento, os opositores, que apoiavam o governo, foram chamados de Chimangos - Ave de rapina muito comum

na campanha rio-grandense, parecia com o carcará, porém menor do que este. – Antônio Augusto Fagundes – Curso de Tradicionalismo Gaúcho, Martins Livreiro Editor, 1995



A poesia a seguir foi estruturada em homenagem a Alcides Gosch, meu avô, e refere-se à fivela de prata que ele ostenta na foto acima e que está, temporariamente sob minha guarda.

MÁGICO BROCHE

(Fivela de prata)

Dos recuerdos da família
Tenho muito orgulho dela
Pois recebi de herança
Bonita e prateada fivela.

Relíquia familiar
Cruzou campo e cidade,
Enegrecida e argenta
Riscada pela idade.

Prendes o couro curtido
Em tua presilha arteira
De pelica ou de vaqueta
É rude joia campeira.

Atravessaste os séculos
Em muita cintura taca
Sentiu a fumaça negra
Da buena luta Farrapa.

Chegou a noventa e três
Das peleias ouvindo prosa,
Fazia parte das pilchas
De Francisco Antunes da Rosa.

Acompanhou os entreveros
Lançãos, tiros - desacatos,
Na Batalha de Valinhos
Chorou com os Maragatos.

Na poeira e nas tropilhas
Como se fosse um broche
Manteve-se na família
Com Alcides da Rosa Gosch.

No cinturão do pedreiro
Da natureza sentiu o cheiro
Atravessaste poteiros
No lombo de parceiros.

Quando chegou vinte e três
Continuou a sua saga
Na cintura de vovô
Alojou pistola e adaga.

Em rinhas de galo,
Na cancha reta - na bocha,
Tinhas o orgulho de guacha
Brilhando sobre a bombacha.

A vida é pequena viagem
Vai embora o peleador
Vai também quem tem coragem,
Fez o maragato a passagem.

Foi embora o velho Gosch
Meigo mimo ao Testa Azul,
Ficou linda na cintura
Do meu padrinho Raul.

Teve então alegre sina
Na farra foi cinturão
Ralou umbigo de chinas,
Apalpou belas meninas.

Em festas de cola atada
De potras foste a cela,
Ficou toda engraxada
Na gordura de costelas.

Foi-se embora o caborteiro
Choraram as tiangas o Gosch,
Deixando pra mim de herança
Aquele mágico broche.

Hoje és minha companheira
Te manuseio encantado,
Não estás mais presa ao couro
Mas às glórias do passado.

É orgulho da família
Tua história eu completo,
Guardar-te-ei em presilha
Será lembrança a meu neto.

Telmo Mário Dornelles Gosch





PRÓLOGO

Olá meu amigo, seja bem-vindo, não importa o horário, o que importa é que você está aqui. Se está aqui é porque você deve ser algum parente, alguma pessoa amiga, quem sabe uma nora, um genro, um neto. Ou será você um curioso. Não importa, repito, seja bem-vindo. Bueno, te acheque.

Escrevo pensando em meu avô, sinto mais do que nunca a necessidade de me aproximar de meus antepassados. Para atingir meu intento é preciso viajar. Preciso viajar no tempo, para poder registrar meus ancestrais e suas histórias. Assim poderei transmitir aos meus descendentes estes conhecimentos, antes que eles se percam no túmulo de um cemitério. Quem é e quem foi nossa família, quem lhes deu origem, como foram construídos o passado e o presente deixando lições e experiências para o futuro.

Escrevo pensando nas noites frias do inverno do planalto médio gaúcho, quando o vento frio assobiava lá fora, acompanhado de uma garoa fininha, fria, que deixava o cabelo e o chapéu dos chegantes brilhando contra a luz.

Escrevo vendo o braseiro em frente ao fogão, as brasas que brilhavam como pequenos sóis. Em torno dele, todas as noites nos reuníamos, eu com meus seis, sete anos, meu pai, meus tios, meus avós e alguns amigos que sempre se aprobejavam.

Naquele tempo não havia televisão, quando muito um rádio com alguma novela ou noticiário, cedo da noite tinha a tal de Hora do Brasil, quando todo mundo desligava o falante.

Nestas noites e eram todas as noites da semana, menos sábado e domingo, quando o povaréu partia para outras... a conversa sempre corria solta, eram os causos do dia: o que tinha se passado no centro da cidade, política, futebol, alguma fofoca do chinaredo que morava na Rua Lava Pés logo abaixo. Quando a conversa tomava este rumo a vó ficava zangada, porque de vez em quando alguma das morochas, que o Roberto ou o Raul andavam visitando, passava em frente à casa e chamava ela de sogra. Mas a prosa continuava, histórias e estórias das Revoluções, assuntos de bailes, namoros, causos de assombração para assustar a piaçada: diabo rengo, lobisomem, boitatá, mula sem cabeça, causos que me deixavam curioso e muitas vezes com um medo danado.

Dali a pouco chegava um primo, lá do tio Gumerindo, o Aparício, o Osvaldo ou outro, algum amigo, que eram muitos. Chegavam sempre brancos de frio, batendo os queixos, mas o assunto continuava, com o paisano chegante sempre participando e dando novas informações:

- Na rua de baixo um preto atirou na amante e logo deu um tiro no ouvido, morreu na hora o infeliz. A mulher foi socorrida, levaram para o Hospital São Vicente e o Dr. Sabino (médico muito famoso em Passo Fundo e região, clínico e cirurgião) a salvou.

- Ali na Rua Uruguai o cavalo do carroceiro caiu dentro de um poço seco, chamaram os bombeiros, que encheram d'água o buraco, salvando o animal.

- Domingo tem baile no clube Juvenil, vamos lá? Tenho convite! Imediatamente as mulheres discutem: com que roupa eu vou, que penteado vou fazer? Os causos e as fofocas continuam... Cada vez que abria a porta o frio entrava golpeando a indiada, o próximo entrava e já ia dizendo:

- Mas bá, tchê que friage, tá de..., olhava de relance para os lados, se tinha mulher completavam renguear cusco, se não tinha mulher, falava com um sorriso, encolher o saco. Meu avô com pena do chegante ordenava:

- Entra pra dentro vivente. E ordenava: coloca mais uma acha de lenha no fogo, senão este bombachudo morre de frio. Outro esfregando as mãos decretava:

- Antes de botar lenha, tira um pouco de brasa e coloca na lata, que o braseiro tá morrendo e o frio é bruto.

- Ruth! Coloca pinhão para assar, faz um café para aquecer o povo. Se quiserem misturar tem graspa aí no armário, sugeria a vovó. Tia Ruth arrematava:

- Mãe, é bom também umas pipocas.

- Telmo, tem rapadura na gaveta.

As horas iam passando e eu começava a cochilar na cadeira, mas a conversa continuava, minha cabeça pendia para um lado, depois para o outro, assim era todas as noites, e a tia Lurdes sempre repetia:

- João, o Telminho tá com sono, já beira as dez, daqui a pouco a Dina chega do IE.

- Só mais um pouquinho, este braseiro tá gostoso e o Telmo tá cochilando, mas entretido com a prosa.

Minutos depois o pai me pegava no colo jogava um cobertor por cima de mim, colocava o chapéu e me levava pra casa. A mãe me punha na cama, cobria-me e rezava comigo uma Ave Maria.

Foi assim, nestas reuniões, em rodas de chimarrão, em festas, nas charlas, que me passaram de forma oral muito do que vou lhes contar. Entendo que tão somente relatar o gráfico genealógico da família, sem algumas histórias e anotações, é algo muito frio e não traz aos leitores nenhum conhecimento de seus antepassados, somente um amontoado de nomes sem personalidade ou expressão.

Procuro através das minhas observações dar vida aos que já se foram, mas que vivem em cada um de nós através da genética e de muitas lembranças.

Esta abordagem tem a finalidade de tornar conhecido de meus descendentes os nossos ascendentes, se não fizer isto agora, certamente muito será esquecido e desaparecerá comigo, com minha mãe Elvira Dornelles Gosch, 1922, e com a Alcidina Moreira Gosch, 1924, última filha viva, de Alcides e Alzira.

Com as recordações memorizadas por elas posso chegar aos anos vinte do século passado. E depois..., pesquisas e alguma imaginação.

Elejo como destino nesta, viagem o início da imigração alemã ao Rio Grande do Sul, 1824. Utilizarei como veículo o pensamento abastecido com memória e alguma dose de imaginação, apoiado na Internet.

A internet oferece-nos informações valiosas em www.familysearch.org, da The Church of JESUS CHRIST of Latter day saints. Bem como está postada, Google, a genealogia da família Schleder – preparado por Daniel Schleder, de Passo Fundo-Rs, fone (54) 8128 4214, e-mail schleder@gmail.com produzido por [Personal Ancestral File](#), um produto de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

Nestes documentos genealogicos encontram-se referencias a diversos familiares a seguir descritos.





Divulgação/ calendário B.Brasil

RAÍZES – I

RAÍZES PROFUNDAS

RAÍZES

TRONCOS

		FELIPE GOSCH
CARLOS GOSCH	CARLOS HENRIQUE D. GOSCH	JOÃO GOSCH
CATARINA GOSCH		MARIA LUIZA GOSCH
		CARLOS GOSCH
		ANNA GOSCH
ADÃO KUSS	SUZANA KUSS	AVELINO GOSCH
		LEOPOLDINA GOSCH
ANNA KUSS		LUCAS GOSCH
		MARIA GOSCH

PARTE I – Carlos Henrique D. Gosch e Suzana Kuss– Mergulhando no passado, chego a 1824, início da imigração alemã. Busco aí a origem da Família Gosch, sabidamente imigrantes da Germânia. Busquei informações em navios chegados da Europa transportando imigrantes. Embora tenha pesquisado inúmeras embarcações, não encontrei, até o momento, nenhum Gosch embarcado.

Movido pela curiosidade e pesquisa, encontro documentos que nos dão informações fundamentais, quais sejam, os gerados em www.familysearch.org, onde localizo Carlos Henrique D. Gosch, nascido em **1836**. bem como as informações contidas na Genealogia da Família Schleder e ramificações (www.google.com.br). Consta aí que Carlos Henrique nasceu na Alemanha e casou com Suzana Kuss, também nascida na Alemanha, em 1841.

Documenta-se que Carlos Henrique é filho de Carlos Gosch e de Catarina "Gosch", Já Suzana é filha de Adão Kuss e Anna "Kuss", não há menção da localidade dos nascimentos e tampouco da data.

Segundo o historiador Passo-Fundense Welci Nascimento, em "A contribuição alemã para o desenvolvimento de Passo Fundo" II parte, bem como no artigo publicado pelo mesmo autor no jornal O Nacional – página Opinião, 1º de outubro de 2009, Carlos Gosch, bem como outros alemães chegam a Passo Fundo, no início da Guerra contra o Paraguai, 1865. Todavia, como pode ser observado adiante e com documentos em posse do autor, os primeiros filhos do casal, Felipe e João, nascem em Passo Fundo, 1856 e 1858, e o casamento ocorre em 1854 em Passo Fundo. Conclui-se, portanto, que Carlos Henrique chegou a Passo Fundo em data anterior. Em informações obtidas, abril de 2013, junto a Luiz Roberto Gosch, filho de Luiz Gosch e neto de Gumercindo Gosch da Rosa, irmão de meu avô Alcides da Rosa Gosch, há documentos em seu poder, herdados de sua tia Ana Aurora, que comprovam a chegada de Carlos Gosch em Passo Fundo, vindo da Guerra do Prata, Guerra Contra Oribe e Rosas, agosto de 1851 a fevereiro de 1852. Com esta informação comprova-se a chegada de Carlos Gosch em 1852, data compatível com seu



casamento em 1854. Está documentado que Suzana tem irmãos mais novos nascidos em Rio Negro, Estado do Paraná. Provavelmente ela veio desta localidade para Passo Fundo, onde contraiu matrimônio com Carlos Henrique Gosch.

Outra informação de importância é a registrada pelo também historiador Passo-Fundense Paulo Monteiro quanto à participação de Carlos Gosch no movimento abolicionista, momento em que Passo-Fundenses, no dia 13 de agosto de 1871, fundaram a Sociedade Emancipadora Passo-Fundense, cujo objetivo era a libertação dos escravos, tendo como objetivo mais imediato a libertação de crianças do sexo feminino.

Grafia dos nomes:

O nome de diversos atores desta genealogia tem a grafia, às vezes, de forma imprecisa, é o caso de Carlos Gosch. Em muitos documentos analisados, consta o nome Carlos Gosch, No entanto também aparece o nome Castos Gracel e também Canlir Gosch. Todavia as outras informações, como nome da filha, nome do genro e datas, encontradas nos mesmos documentos, comprovam ser a mesma pessoa, e pela oralidade da família entendemos que o nome correto é Carlos Gosch.

Ainda, segundo o IGI Individual Record, de Maria Luiza Gosch, filha de Carlos Gosch, o mesmo teria o nome de Carlos Henriques D. Gosch. Entendemos ser este o nome mais completo, já que o pai era Carlos Gosch, o Henrique o diferencia do pai, e o D, possivelmente, é a inicial do sobrenome materno. Afirmamos que nomes e datas, como veremos ao longo, nem sempre são exatamente iguais e precisos em vários documentos.

Carlos H. D. Gosch, segundo o www.familysearch.org casa-se 1860 com **Suzana**, nascida em 1841, todavia, na Genealogia da Família Schleder, o casamento ocorreu em 04/12/1854, estando Carlos com 18 anos e Suzana com 13 anos, Entendemos ser esta a data mais correta, haja vista, que o primeiro filho localizado do casal, Felipe Gosch, nasce em 1856 e o segundo, em 17/08/1858, João Gosch. De acordo com esta mesma fonte, Suzana, esposa de Carlos, nasceu bem como seu irmãos Mathias na Alemanha, e os irmãos Teodoro e Adão, em Rio Negro – PR. Quanto ao nome, na maioria dos documentos analisados, aparece tão somente o nome Suzana ou Suzana Gosch. No entanto em www.familysearch.org, documento individual de Maria Luiza Gosch, aparece o sobrenome – **Kus, Suzana Kus**, Na genealogia da Família Schleder temos Suzana **KUSS**. Em documento individual de Anna Gosch aparece o sobrenome – Girardi, possivelmente nome fosse o nome de família de sua mãe Anna. Saliente-se que o nome Girardi tem grande difusão na Itália, mas tem ascendência Germânica.

Suzana tem documentados os seguintes Irmãos:

Mathias Kuss	nascido na Alemanha
Pedro Kuss	
Teodoro Kuss	nascido em Rio Negro – PR
Adão Kuss	nascido em Rio Negro – PR

CARLOS HENRIQUE D. GOSCH

Nascimento	Local nasc	Data casamento	Esposa	Óbito
1836	Alemanha	04/12/1854	Suzana Kuss	Desconhecido

SUZANA KUSS

Nascimento	Local nasc	Casamento	Esposo	Óbito
1841	Alemanha	04/12/1854	Carlos Henrique D. Gosch	Desconhecido



Desta união nascem:

Nome	Nascimento	Batizado	Óbito
Felipe Gosch	1856		Desconhecido
João Gosch	17/08/1858	19/09/1858	Desconhecido
Maria Luiza Gosch	1861	13/11/1864	Desconhecido
Anna Gosch	1869		1934
Leopoldina Gosch	Sem informação		Desconhecido
Carlos Gosch	30/06/1873	23/11/1864	Desconhecido
Lucas Gosch	22/03/1875	22/06/1875	Desconhecido
Maria Gosch	1º/09/1878	19/01/1878	Desconhecido
Avelino Gosch	28/09/1880	09/12/1880	Desconhecido

PARTE I I – Belchior Antunes da Rosa e Laudéria Maciel

BELCHIOR ANTUNES DA ROSA

Nascimento	Local	Casamento	Esposa	Óbito
Desconhecido	Desconhecido	Desconhecido	Laudéria ou Claudine Maria Maciel	Desconhecido

LAUDÉRIA OU CLAUDINE MARIA MACIEL

Nascimento	Local	Casamento	Esposo	Óbito
Desconhecido	Desconhecido	Desconhecido	Belchior Antunes da Rosa	Desconhecido

Grafia dos nomes: Belchior Antunes da Rosa é o nome conhecido, na oralidade da família, como o pai de Francisco Antunes da Rosa. Nos documentos analisados, o nome aparece com as seguintes grafias: Belatino Antunes da Rosa, Belchier Antunes da Rosa ou Belchian Antunes da Rosa. O nome da mãe de Francisco Antunes da Rosa também é confuso quanto à primeira nomenclatura. Em alguns documentos é registrado como LAUDÉRIA MARIA MACIEL, em outros documentos aparece como CLAUDINE MARIA MACIEL.

Da união de Belchior e Laudéria, nasce;

Nome	Nascimento	Óbito
Francisco Antunes da Rosa	1867	08/02/1894



TRONCOS - I

PARTE - I - Anna Gosch e Francisco Antunes da Rosa

Em 1869 nasce **Anna Gosch**, filha do casal Carlos Henrique Gosch e Suzana, a qual nesta genealogia está em ênfase, pois, a partir dela e de seu esposo **Francisco Antunes da Rosa**, em linha direta temos **Alcides da Rosa Gosch** ou Alcides Gosch, **João Carlos Moreira Gosch** e os filhos deste - **Telmo Mário Dornelles Gosch, Gilberto Dornelles Gosch, Rui Dornelles Gosch e Márcia de Fátima Gosch**.

Análise - Anna Gosch tem a data de nascimento também, de acordo com os documentos disponíveis, imprecisa, ou seja, em www.familysearch.org IGI Individual tem como nascimento o ano de 1869, não há dia e mês, tampouco data de crisma. No Pedigree, de Francisco Antunes da Rosa o ano de nascimento é 1.866. É também documentado como nome Anna Gosch, com dois enes, e que o nascimento ocorrera na cidade de Jaguari, em 1867. Como já foi comentado há imprecisões em algumas data e o caso do nascimento de Anna.

Comentário - Seriam por acaso duas Annas? Não me parece, já que em todos os documentos o esposo é sempre Francisco Antunes ou Francisco Antunes da Rosa.

Quanto à questão da origem, nacionalidade, segundo a oralidade da família, Anna Gosch seria alemã. Todavia, como demonstrado com a documentação existente, fica claro que Anna Gosch, filha de Carlos Henrique Gosch e Suzana, neta de Carlos Gosch e Catarina, pelo lado paterno, e de Adão Kuss e Anna Kuss, pelo lado materno, estes sim, imigrantes alemães, nasceu no Brasil, no Rio Grande do Sul, em Passo Fundo, casou-se com Francisco Antunes da Rosa, este nascido em Jaguari.

Por que os netos, caso de Alcedina e os demais irmãos, afirmam que ela era alemã? Analisemos este fato: na época, Passo Fundo e região tinham recebido muitas famílias de colonos alemães. Uma pessoa como Anna, de pele clara, olhos claros, que falava fluentemente o alemão, pois era inclusive professora da língua, certamente seria chamada pelos demais de alemoa, ou de origem alemã, motivando mesmo na família, netos, esta afirmação. Por outro lado alguns netos afirmavam que ela tinha vindo de Bonn e outros de Hannover. Este fato nos leva a um impasse, que pode ter como resposta, se formos de certa forma imaginativos: Carlos Gosch e seus pais vieram de uma destas cidades ou região, e Suzana e seus progenitores vieram da outra cidade ou região, fato que era comentado pela filha Anna, tendo ficado na memória dos netos esta confusa afirmativa.

Anna Gosch - Tinha como atividade principal a de professora de português e língua alemã, dando aulas para descendentes germânicos existentes na região. Desempenhou ainda a costura, para a família e para terceiros. Foi mãe de seis filhos, transmitiu o nome, registro em cartório, GOSCH, a diversos descendentes e a todos os filhos de Alcides Gosch da Rosa, que também era conhecidíssimo como Alcides Gosch.

Todos os descendentes de Anna foram conhecidos na sociedade como GOSCH, moradores do Bairro Boqueirão. Entendemos que o uso deste nome pelos descendentes, ao invés do nome Rosa, deve-se ao fato de que Anna Gosch ficou viúva, com muitos filhos, relativamente nova. Criou os filhos com muito trabalho e dificuldade, mas foi respeitada, conselheira e de grande liderança, sendo conhecida pela sociedade

como ANNA GOSCH, logo a gurizada eram os filhos da Anna Gosch. Caracteriza-se desta forma o nome Gosch pelos seus descendentes como de uso comum. Todavia, vê-se adiante, que filhos foram resgistrados simplesmente como Gosch (2), como da Rosa Gosch (1) e como Gosch da Rosa ((4).

ANNA GOSCH

Nascimento	Local	Casamento	Esposo	Óbito
1869	P.Fundo	1887	Francisco Antunes da Rosa	1934*

* Por volta de

Francisco Antunes da Rosa - nascido em 1867, em Jaguari, pecuarista e tropeiro, filho de BELCHIOR ANTUNES DA ROSA, sem data e local de nascimento conhecido, e de LAUDÉRIA ou CLAUDINE MARIA MACIEL, também sem data e local de nascimento conhecido.

Na oralidade da família, tem-se que Francisco Antunes da Rosa era conhecido na sociedade como Francisco do Belchior ou somente Francisco Belchior, certamente em homenagem ao pai, Belchior Antunes da Rosa.





1893

1889, 15 de novembro, Proclamação da República. Após este evento histórico para a Pátria Brasileira, ocorre no Rio Grande do Sul a Revolução Federalista, ou revolução da degola. A revolução de 1893, fevereiro de 1893 a agosto de 1895, tem como motivo a instabilidade gerada pelo confronto entre Republicanos (PRR – Partido Republicano Rio-grandense), liderado por Julio de Castilhos, Pica-Paus, e os Federalistas (Partido Federalista), liderados por Gaspar Silveira Martins, Maragatos. Os maragatos pretendiam liberar o solo gaúcho dos conceitos positivistas de Júlio Prates de Castilhos.

- Veja bem, mulher! Todos morrem! Não nascemos pra semente. Qualquer planta, qualquer ser nasce, floresce, dá frutos e morre.

- Mas os teus frutos ainda estão verdes, muito novos, ainda mamando, não é hora de morrer.

- Não estou buscando a morte! Estou buscando a vida, uma vida melhor. O fato é que não posso deixar os meus na chapada, se eles vão, após tantas reuniões, programações, conversas e acertos, como eu não vou ir!

- Você sabe que já vimos tantas peleias, tantas revoluções, e tudo continua do mesmo jeito, agora vai ser a mesma coisa. Isto é perda de tempo, o poder vai continuar nas mãos desta cachorrada.

- Até pode ser, mulher, mas o dever, o companheirismo me chama, não posso agora fraquejar. Alcança-me dali aquele guamirim para que eu possa ajeitá-lo.

Era uma tarde morna do verão de maio. As bergamoteiras e as laranjeiras no fundo do quintal apresentavam algumas frutas precoces, ainda um pouco azedas, pois São João "mijaria" nelas somente em julho, com as geadas, o frio as deixaria doces. Ao lado do cepo em que o gaúcho Francisco Antunes da Rosa estava sentado, viam-se algumas cascas de bergamota, e o cheiro do sumo da fruta estava no ar, ele travava esta conversa com a mulher Anna. Anna apresentava os seis cheios, pois amamentava mais um herdeiro que carregava no colo, os outros em número de cinco, brincavam no terreiro. A conversa foi cortada, mas a expressão de preocupação permaneceu no rosto da alemoazinha, quando chegou um carroceiro, trazendo varas de guamirim.

- Descarrega aí na sombra da laranjeira, vivente! Vou fazer um amargo e já conversamos. Logo volta com a cuia preparada com erva mui verde e na mão direita uma chaleira de ferro, preta. Pelo bico sai fumaça da água fervente.

- Compadre, senta neste mocho, pega a cuia e me conta: quantas varas vieram, e como estão as notícias por aí?

- Tem umas cinquenta, de bom porte e no peso ideal.

- Vou caprichar, lixar bem para não machucar a mão. E as notícias?

- Como tu sabes, já houve muita peleia, em Bagé e Alegrete. As forças estão subindo, fala-se que o Gumercindo Saraiva vem para invadir Santa Catarina e Paraná. Dá uma sugada na bomba e comenta: temos que falquejar estes guamirins num repente, pois logo a maragataiada está chegando e... aí nós entramos no baile.

- Diacho, vai ser duro, temos poucas armas, quase só lança, e tu sabes compadre, tem que fazer carga, matar ou morrer, fazer retirada com grande rapidez, não dá para ser preso, porque a degola tá comendo dos dois lados.



- É verdade, é verdade. Bueno, obrigado pelo amargo. Vou descarregar esta madeira que sobrou lá em casa. As grossas e pesadas, faço cacete de três quinas.

- Vai com Deus, passa aqui amanhã, é hora de estarmos preparados.

Quando chega o mês de junho, Passo Fundo e as famílias passo-fundenses enfrentam o seu destino. Começam os combates nas coxilhas do planalto. Francisco Antunes da Rosa estava lá, lanceiro: 4 de junho de 1893, o Combate do Boqueirão, prosseguindo com o Combate do Arroio Teixeira; combate do Passo da Cruz; Combate do Umbu, entre Passo Fundo e Pulador. Os combates apresentaram vencedores e vencidos de ambos os lados, todos gaúchos, com muitas mortes e praticamente sem prisioneiros, os quais eram degolados. No combate do Umbu, os maragatos mataram 200 pica-paus e fizeram 42 prisioneiros.

O troco veio no grande Combate do Valinhos, arredores de Passo Fundo, quando foram mortos 150 maragatos. Era 8 de fevereiro de 1894. Neste combate, a cavalo e de lança em punho, Francisco peleia e encontra a morte precoce. Francisco tem 27 anos, deixa Anna com 6 filhos e um na barriga. Perece lutando, e não prisioneiro, como temia, cujo destino seria a degola.

Os combates na região continuam. No Combate dos Três Passos os maragatos têm perdas, mas liquidam 150 pica-paus. Encerram-se as escaramuças naquela região. No grande Combate de Pulador, 27/06/1894, morrem aproximadamente 1.100 gaúchos de ambos os lados.

A prematura morte de Francisco deixa como matriarca da família Anna Gosch.

FRANCISCO ANTUNES DA ROSA

Nascimto	Local	Profissão	Casamto	Esposa	Óbito
1867	Jaquari	Pecuarista e Tropeiro	1887	Anna Gosch	08/02/1894

Anna Gosch e Francisco Antunes da Rosa casam-se em 1887 e têm os seguintes filhos, conforme documentos e conforme as informações da minha companheira de viagem ao passado, Alcedina Gosch:

Nome	Nascimento	Óbito
Antonio Gosch	30/07/1.888	
Alcides da Rosa Gosch	03/04/1.889	20/04/1961
Arlindo Gosch	03/03/1.890	29/09/1945
Aparicio Gosch da Rosa		
Almerinda Gosch da Rosa		
Aurora Gosch da Rosa		
Gumercindo Gosch da Rosa	28/10/1893	10/07/1970

Na minha história, na história de meus irmãos e descendentes toma-se de importância Alcides da Rosa Gosch, meu avô, que, através do matrimônio com Alzira Moreira Pedroso, gerará meu pai, João Carlos Moreira Gosch.

PARTE I I – Outros filhos de Carlos/Suzana e descendentes

FELIPE GOSCH – filho de Carlos Gosch e Suzana, nasce por volta de 1856, não há registro da data de batismo, o local de nascimento é Passo Fundo – RS.

Felipe casa-se em 15/05/1881, com idade de aproximadamente 25 anos, com **Ana Maria de Andrade**, nascida em 15/05/1860, filha de Francisco Luiz de Andrade e de Maurícia Clara de Andrade. Casou-se com 21 anos, a data do casamento, dia/mês é o mesmo do nascimento da noiva, certamente uma homenagem a esta.



FELIPE GOSCH

Nascimento	Local nascimento	Casamento	Esposa	Óbito
1856*	Passo Fundo	15/05/1881	Maria de Andrade	Desconhecido

* Por volta de.

Da união do casal – Felipe Gosch e Maria de Andrade, nasce:

HONORINA GOSCH, nascida em Passo Fundo, com batismo realizado na Igreja Nossa Senhora da Conceição em 18/09/1882, não há informação quanto à data de nascimento.

HONORINA GOSCH

Nascimento	Local nascimento	Casamento	Batismo	Óbito
Desconhecido	Passo Fundo	Sem informação	18/09/1882	Desconhecido

João Gosch – Segundo filho do casal Carlos e Suzana, nasceu em Passo Fundo – RS, em 17 de agosto de 1858 e foi batizado na Igreja Nossa Senhora da Conceição em 19/09/1858. João casou-se com Reduzina Cirylla Pinheiro, filha de Luiz Antonio Pinheiro e Benta Maria de Jesus Pinheiro

JOÃO GOSCH

Nascimento	Local nascimento	Casamento	Batizado	Óbito
17/08/1858	Passo Fundo	Sem informação	19/09/1858	Desconhecido

REDUZINA CIRYLLA PINHEIRO

Nascimento	Local nascimento	Casamento	Batizado	Óbito
30/04/1858	Passo Fundo	Sem informação	21/05/1858	Desconhecido

Deste matrimonio nasceram os filhos

Nome	Nascimento	Batismo
Malvina Gosch	1878	25/12/1878
Filadelfo Gosch	1880	03/07/1880
Otacilia Gosch	06/01/1884	08/03/1884
Jorgina Gosch	11/02/1886	16/05/1886

Maria Luiza Gosch - Segunda filha documentada, nasceu em **1861** (genealogia da família Schleder), e foi batizada na Igreja Nossa Senhora da Conceição em Passo Fundo em 13/11/1864. Casou-se com Daniel Canfiled em 30/11/1879. Por outro lado, em nossa pesquisas e como consta nos anexos, encontramos Pedigree Chart em que consta como nascimento de Maria Luiza Gosch, em inglês, about, ou seja, por volta de 1858 em Passo Fundo-Rs. Encontramos também o nome com a grafia de MARRIA LUIZA GOSCH.

MARIA LUIZA GOSCH

Nascimento	Local	Batizado	Casamento	Esposo	Óbito
1858 /1861*	P. Fundo	13/11/1864	30/11/1.879	Daniel Canfiled	Desconhecido

* - Por volta de.

Maria Luiza e Daniel Canfiled, tiveram os seguintes filhos:

Nome	Nascimento	Óbito
Lindolfo Canfile	29/08/1881	09/07/1910
Maria Candida Canfile	1885	17/10/1946
Josino Canfile	1886	1944
Genuito Gosch Canfile	14/12/1890	09/06/1966
Julia Gosch Canfile	26/06/1893	20/11/1972
Amalia Gosch Canfile	1896	13/09/1971
Morena Canfile	23/07/1893	14/07/1989
Giovanina Canfile	09/06/1901	28/08/1941
Juvenal Canfile	10/04/1905	06/11/1972
João Gosch Canfile		

Os filhos de Maria Luiza e Daniel Canfile, passo-fundenses, foram íntimos de meu pai, João Carlos M. Gosch, e dos demais filhos de Alcides e Alzira, meus tios, enfim eram primos. Na formação desta família o sobrenome Gosch fica em segundo plano, já que o patriarca era Canfile, e os filhos levam este nome. Vejamos algumas informações sobre estes:

Maria Candida "Gosch" Canfile – casada com **Aderino Di Primio** – 16/02/1883 – 13/07/1939 Filhos do casal:

José; Genuino – **Nino; Benjamim** – **Bijuca; Polidoro** – **Poli**. Poli teve em sua prole uma filha que leva o nome de **Kátia**, a qual foi, com meu irmão **Rui**, dama de companhia no casamento de **Eloah** e **João Neto**, meus tios, o que demonstra a aproximação da família naquela oportunidade.

Josino "Gosch" Canfile – casado com **Balbina Vieira** – 1894 – 28/08/1987, Filhos do casal: **Roberto** e **Milton**

Genuino Gosch Canfile – casado com **Vicentina Alves Campos**, Filhos da casal: **Suzana** e **Helena**.

Julia Gosch Canfile – casada com **Eduardo de Brito** – 13/05/1891 – 22/07/1988. Filhos do casal: **Maria**, **Olga** e **Nair**.

Amália Gosch Canfile – casada com **Aristides Frankini** – 13/04/1891 – 28/02/1971.

Morena "Gosch" Canfile – casada com **João Kalil** – 1885 – 26/06/1945. Filhos do casal: **Abalan** – **Abel; Eblein, Raquel** e **Loris** – estas amigas íntimas de minhas tias – **Alcedina, Lourdes** e **Eloah**.

Giovanina "Gosch" Canfile – casada com **Antônio Oliveira Lima**. O casal teve os Filhos: **Daniel** e **Leonardo**.

Juvenal "Gosch" Canfile – casado com **Zezormina** - **Ze**. o casal teve os Filhos: **Terezinha, Isabel** e **Moises**.

João Gosch Canfile – casado com **Universina**



CARLOS GOSCH

Nascimento	Local nascimento	Casamento	Batizado	Óbito
30/06/1873	Passo Fundo	Sem informação	23/11/1864	Desconhecido

LUCAS GOSCH

Nascimento	Local nascimento	Casamento	Batizado	Óbito
22/03/1875	Passo Fundo	Sem informação	22/06/1875	Desconhecido

MARIA GOSCH

Nascimento	Local nascimento	Casamento	Batizado	Óbito
1º/09/1878	Passo Fundo	Sem informação	19/01/1878	Desconhecido

AVELINO GOSCH

Nascimento	Local nascimento	Casamento	Batizado	Óbito
28/07/1880	Passo Fundo	Sem informação	09/12/1880	Desconhecido

LEOPOLDINA GOSCH

Nascimento	Local nascimento	Casamento	Batizado	Óbito
s/informação	Passo Fundo	Sem informação	Sem informação	Desconhecido

PARTE - I I I - Salustiano Moreira Pedroso e Joanna Silveira.

Continuamos nossa viagem em busca de nossas raízes. Dirigimo-nos à região de Cruz Alta, onde encontramos o outro lado de nossa formação, nas famílias portuguesas dos **Moreira Pedroso e Silveira.**





1893

A Revolução de 93 continua a influir na formação da família, pois Alzira, que será a futura esposa de Alcides Gosch, em outro rincão gaúcho, tem seu pai envolvido nesta epopeia histórica. Lutou ali, abrigado pelo lenço vermelho, o maragato **Salustiano Moreira Pedroso**.

Salustiano, tropeiro e criador de gado, morador no município de Cruz Alta, estabelecido com fazenda em região onde hoje é o município de Fortaleza dos Valos.

Maragato, seguidor dos ideais de Gaspar da Silveira Martins. Tão logo tiveram início os movimentos e as refregas da revolução de 93, se envolveu e marchou para os campos de batalha, lutou em diversas frentes, como hábil lanceiro, segundo suas palavras contadas pela esposa Joanna à filha Alzira, minha avó, a qual me repassou fragmentos destes episódios. Matou à lança, adaga, facão caroneiro e espada muitos contrários. Visitou Joanna e a família quando teve oportunidades. Nas visitas contava as ações na frente de batalha; inclusive as degolas ocorridas nas peleias. Era hábito dos dois lados este tipo de atitude, a degola. O cabelo, melena, era puchado para trás e a faca cortava a garganta.

E foi com o lenço maragato no pescoço que Salustiano desaparecera durante a revolução, não havendo notícias do local de sua morte.

O desaparecimento causa transtornos enormes na família, todo o gado é confiscado pelos forças legalistas, perdem-se as terras, e Joanna da Silveira, sua esposa, após alguns anos e enormes perdas financeiras, dirige-se a Passo Fundo, para retomar sua vida com os filhos. Passo Fundo oferecia melhores oportunidades de trabalho.

SALUSTIANO MOREIRA PEDROSO

Nascimento	Local	Profissão	Esposa	Óbito
1862*	Cruz Alta	Fazendeiro	Joanna Silveira	Revolução 1893

Por volta de

Joanna Silveira Pedroso – Passada a Revolução de 1893, Joanna, perde o marido e perde as propriedades, dirige-se então a Passo Fundo em busca de trabalho com seus filhos. Vai residir no Bairro Boqueirão, Joanna é costureira e do Lar. Ela é que de forma oral transmite aos filhos, as histórias do Pai Salustiano, tropeiro, criador de gado e revolucionário, de suas visitas em casa, do preparar de lanças e armas e das mortes que presenciou e mesmo as que cometeu.

Máquina de costura de Joanna Silveira, hoje sob minha guarda.



JOANNA SILVEIRA "MOREIRA PEDROSO"

Nascimento	Local	Profissão	Esposo	Óbito
1863*	Cruz Alta	Costureira	Salustiano M. Pedroso	1931*

* Por volta de

Joanna e Salustiano, casam-se em local e data desconhecidos e têm os seguintes filhos, conforme informações da minha companheira de viagem Alcedina Gosch:

Nome	Nascimento	Óbito
Cassia Moreira Pedroso	Desconhecido	Desconhecido
Ildefonso Moreira Pedroso	Desconhecido	Desconhecido
Belmiro Moreira Pedroso	Desconhecido	Desconhecido
Ubirajara Moreira Pedroso	Desconhecido	Desconhecido
Alzira Moreira Pedroso	29/08/1895	19/10/1963

Na história minha e de meus descendentes toma-se de importância Alzira Moreira Pedroso, minha avó, que, pelos laços de matrimônio com Alcides Gosch, gera meu pai João Carlos Moreira Gosch.

PARTE – IV – A irmã de Joanna Silveira.

Segundo a oralidade, é conhecida uma irmã de Joanna: **Francisca Silveira** – Não há informações quanto a casamento e esposo, teve a filha:

Judith Silveira "Lemos" – Judith casou-se com **Ulises Lemos** e teve os filhos: **Ione, José Maria e Iolanda Lemos**

1893

O termo **Maragato** – Ao lado dos revolucionários, tomaram parte na Revolução Federalista, 1893/95, Uruguaios do Departamento de San José, os quais eram chamados Maragatos, por serem originários da Maragateria, Espanha. Aos poucos o termo foi sendo usado para designar todos os revolucionários que usavam como símbolo o lenço vermelho ao pescoço. Os que lutavam a favor do governo usavam lenço branco (raramente verde) e usavam às vezes uma farda azul com gorro da mesma cor encimado por uma borla vermelha. Por isso foram chamados de **Pica-paus** – *Antonio Augusto Fagundes – Curso de Tradicionalismo Gaúcho, Martins livreiro Editor, 1995*

PARTE – V - Antônio Francisco Dornelles e Agostinha Dornelles

Como já mencionado, as companheiras de viagem têm me assessorado em minhas pesquisas. Elvira, minha mãe, me forneceu a fotografia de Agostinha, sua avó – Mãe de meu avô Francisco Dornelles. **Agostinha** foi casada com **Antonio Francisco**, provavelmente moradores de Santa Maria ou região, pois foi de lá que meu avô procedeu. Não há informações quanto a nascimento e óbito destes meus bisavôs, restando tão somente esta foto.





UMA FAMÍLIA

PARTE - I - O Início

Passo Fundo, 23 de julho de 1946, inverno, chuva, vento frio. João e Elvira moram na Rua Morom, no coração do Boqueirão, próximo ao Colégio Metodista - Instituto Educacional - IE. A casa é nova, pintada de óleo queimado, o que lhe dá uma cor marrom escuro. Aos fundos, um galinheiro, pequena horta e algumas frutíferas, mais ao fundo ainda, o terreno é cultivado pelos proprietários da casa. A barriga de Elvira está imensa, com formato de pera, as comadres, as amigas apostam que será menino. Às onze horas deste dia após um parto difícil, mais de seis horas de trabalho, pelas mãos da parteira Dona Angélica, auxiliada pela proprietária da casa e amiga Dona Graciosa, após todas as providências e muitas massagens na barriga, o que deixou a parturiente com bolhas dadas as grossas mãos de Graciosa, acostumada às lides da roça, nasce um menino, infelizmente morto, resultado de um tombo sofrido por Elvira dois dias antes desta data.



Mas o trabalho continua, pois nesta grande barriga há mais um bebê. As duas incentivam Elvira, que num último esforço me traz ao mundo.

Minha primeira foto, 8 meses

Cheguei, saudável, alegrando a todos. Primogênito. Levo o nome de Telmo Mário. Apesar da morte de um, a felicidade repousa na simplicidade daquele lar.

Mamãe recupera-se com rapidez, Graciosa é convidada para ser minha madrinha, batizado em casa, o padrinho é seu esposo, Fábio de Oliveira, o "Cumpadre Mena". Este casal vai me receber em sua fazenda diversas vezes ao longo de minha infância e adolescência e, por estas visitas e por participar das lidas da fazenda, acabo motivado para a minha futura profissão, Engenheiro Agrônomo.

Na casa da Rua Morom, onde está enterrado meu umbigo, ficamos até o início de 1951. Lá a cegonha traz o meu irmão, nasce para o mundo o grande Giba, Gilberto Dornelles Gosch, 27/07/.950.



A vizinhança é amiga e servideira. Dos vizinhos, os que mais se destacam é a Dona Ibraima e seu esposo Antenor. Ela do lar e ele ferroviário, têm dois filhos, o Edgar e a Maria. O Edgar na época cumpria o serviço militar e a Maria era estudante, moravam em frente a nossa casa. Possuíam no quintal muitas fruteiras: laranja, limão, jaboticaba, banana, mas o que me chamava mais a atenção era uma parreira carregadina de uvas.

Telmo, Branquinho e Presente

A dona Ibraima me buscava para passar com ela as tardes e comer uva, ela se tornou comadre da mãe, pois além de vizinha, amiga, ainda salvou o Gilberto, Giba, quando este se afogou com chá. Era bebezinho e a mãe lhe oferecia uma mamadeira com chá, e ele afogou, Dona Ibraima, ouvindo os gritos da mãe, chegou rente ao fato, chupou o nariz do guri, fazendo-o voltar a respirar. É bom dizer que até hoje o Gilberto tem o nariz meio borrachudo. Foi uma chupada...

Eu passava os dias brincando no pátio, era bulita, latinha, bola, coisas simples de criança. O terreno era grande, e o padrinho Mena e a madrinha Graciosa plantavam milho, feijão, abóbora, mandioca e vinham com frequência capinar e fazer tratos culturais, matar formiga, colher... Nestes dias me colocavam sentado em um palanque da cerca ou num banco, ficava eu ali, com os meus dois cachorros, por eles doados, chamados *Presente e Branquinho*, olhando eles trabalharem e conversarem com mamãe, o cheiro da terra revolvida e molhada era muito bom! As minhocas se enroscavam e os grilos pulavam.

No início do ano de 1951, mudamos para a Rua dos Andradas, nº 466. Pai, mãe, Telmo e Gilberto, ao lado da casa de Vô Alcides e da Vô Alzira. Início do convívio com avós e tios paternos.



Primeira fot, na nova casa

PARTE - I I A nova morada



A casa na rua dos Andradas, 466, é próxima de onde morávamos na rua Morom: em realidade somente três quadras, a casa é nova, madeira de pinho, pintada a cal com corante amarelo, usava-se como cola para fixar a tinta, folhas de tuna – *Cereus hildmaniannus*. As paredes, simples acabadas com sarrafo e as aberturas são de um marrom avermelhado. Possui sala, varanda, dois quartos e cozinha, com um pequeno banheiro.

Todos os dias o pai chegava do trabalho às 12h:30min. Na época o cardápio do almoço era mais ou menos este: arroz, feijão, carne, tomate, alface. Aos domingos sempre tinha frango, ou, melhor galinha. É bom dizer que naquela época não havia frango para vender em supermercado, aliás nem havia super, somente armazéns, mais sortidos, e bodegas, mais simples. As galinhas eram compradas vivas, às vezes cevava-se as bichinhas, com milho e muita água durante vários dias, para "limpá-las", ao final de semana torcia-se o pescoço das penosas. Com auxílio de água fervente eram depenadas, muitas vezes as penas eram secadas ao sol e guardadas para encher travesseiros, assim era a vida. Após o almoço, o pai ia sestar, eu ia junto. Até hoje conservo este vício e o recomendo. deitava sobre o seu braço, conversávamos e eu sentia o cheiro de meu pai e o cheiro da madeira e da cal que pintava a casa nova. Papai faltava ao trabalho e eu ficava dormindo.

A moradia ficava ao lado da casa do Vôvo Alcides, que tinha o número 482. Os terrenos e casas ao sul, norte e leste eram propriedades do IE – Instituto Educacional, Colégio Metodista, em frente ou oeste à rua dos Andradas, e do outro lado da rua, o campo de futebol do Colégio.

A rua dos Andradas era e foi até a década de 90 sem calçamento. Nos dias de chuva eu ficava olhando os carros, na época todos importados e com certa idade, vindos das ruas de baixo, sofrendo para subir a ladeira. Meu passatempo era contar quantos iam atolar naquela argila: lisa, pegajosa e vermelha. Eram muitos que atolavam e haja homens para empurar.

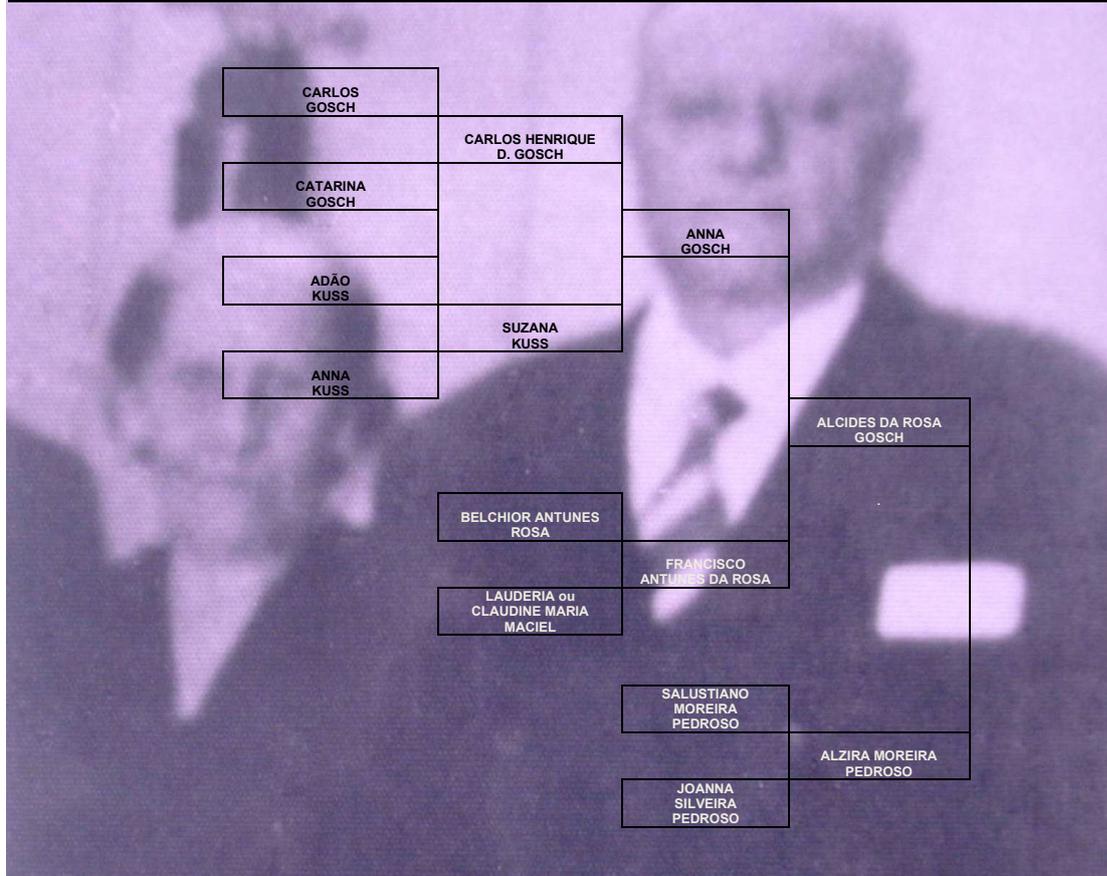
Foi neste ambiente de relativa pobreza, relativa, porque sempre tivemos o que comer, o que vestir e material para estudar, faltavam algumas coisas que os mais abastados tinham, mas a vida era boa, alegre e cheia de novas experiências.

Como o pai e os tios trabalhavam fora, ficavam nas duas casas, 466 e 482, os avós aposentados, a tia Ruth que era costureira e viúva e sua filha Iolanda, eu, o Giba, novinho, e mamãe. A Iolanda já ia na escola, logo eu também iria, mas eu passava os dias brincando no pátio das casas, à sombra de dois pés de laranjeira, um limoeiro, um pé de butiá, uma figueira, um abacateiro e um pé do romã. Nos corredores algumas flores com destaque para as hortências e um pé de jasmim, que quando florido ficava branco e perfumava toda a casa. Nestas minhas lidas o meu companheiro era meu avô Alcides, tnhamos um "chamego" especial um pelo outro.



GALHOS I

PARTE I - Alcides da Rosa Gosch e Alzira Moreira Pedroso



Alcides Gosch

... um desses índios/ Que se encontra nos galpões/ E ao redor dos fogões/ Fala aos moços, com paciência, / Do que aprendeu na existência, ...

Tio Anastácio – *Jaime Caetano Braum*

Filho de Francisco Antunes da Rosa e Anna Gosch. Estudou muito pouco, praticamente não sabia ler, assinava o nome mal. Mesmo assim nas eleições votava no P.L. – Partido Libertador. Contudo era hábil em matemática, o que lhe era de muita valia sendo pedreiro de profissão. Quando jovem nos poteiros do



Boqueirão criava algum gado e possuía tropa com vários animais. Nasceu em 3 de abril de 1889 no Boqueirão em Passo Fundo.

O Boqueirão era o seu domínio, especialmente os arredores do IE. Passei a ter intimidade com ele, meu avô, como me recordo, aos meus cinco anos, era 1951, ele tinha 63 anos, aposentado por problemas de saúde, cardíaco e hipertenso.

Lenço vermelho no pescoço, era o centro de convergência dos antigos moradores daquelas rondozelas, com quem proseava animadamente, recordando os acontecimentos do passado. Era alvo, pelo seu carisma, da curiosidade dos alunos e professores do Instituto Educacional, os quais vinham conversar com ele nas esquinas da rua dos Andradas, assuntar sobre causos e histórias do Boqueirão de Passo Fundo e das revoluções. Aproveitavam estes momentos de descontração para ver e mesmo experimentar o seu isqueiro de chifre com o qual ele acendia diversos paieiros por dia.

Nos fundos da casa tinha um galpão onde guardava ferramentas de pedreiro, lenha e outros utensílios, anexo a este um chiqueiro de porcos, que nós tratávamos todos os dias com restos de comida, milho e de vez em quando alguma mandioca. A cada quatro meses matávamos um porco. Ele matava, eu, curioso, olhava e atrapalhava, ele me olhava, sorria e me passava gordura no nariz, afinal eu era o neto mais velho.

A matança de porcos era em realidade um ritual, como acontece em qualquer propriedade rural: água fervendo em tacho, o morto é pelado com água quente, e fio de faca, o bicho pelado era lavado, passava-se, então, mamão verde na pele, deixando-a branquinha, dava gosto ver!

Começava então uma trabalhadeira danada, as mulheres da família e às vezes algumas amigas iam chegando, tomando conta dos miúdos, lavando as tripas, colhendo o sangue. No final tínhamos linguiça, morcilha, pele para por no feijão, banha, torresmo e carne. A carne, uma porção era comida no dia e partilhada com amigos, parentes, vizinhos, o restante era fritado e guardado em latas, imersos na banha. Na época não existia freezer para conservar. Quando abríamos as latas e tirávamos porções de carne para comer era uma delícia. O dia da matança era também dia de brincadeira, pois a bexiga do porco era lavada e, cheia de ar, servia para usarmos como balão ou jogar futebol.



Foto de 1969, oito anos após a morte de Alcides e pouco antes da demolição, a conservação não era a mesma dos áureos tempos...

A área ou alpendre, frente da casa, era o seu escritório, onde ele recebia amigos, fumava, tomava chimarrão e fazia negócios de corretagem. Com o avançar da idade passou a fazer algumas changas como corretor de imóveis, ajudava outros corretores do centro da cidade a realizar compras e vendas no Boqueirão. Eram basicamente casas e terrenos, de vez em quando uma fazendota, o ganho de corretagem era pouco, dividido com os outros, mas entretinha e rendia conversa. Enfim era um negócio pra cá outro pra lá e a vida seguia gostosa.

Vovô também era dado ao curandeirismo, fazia uma remediama, umas garrafadas, com ervas e outros ingredientes, alguns princípios ativos, comprados nas farmácias. Era remédio para gripe, tosse, bronquite, pneumonia e outras do gênero, eu era "ajudante" na fabricação dos produtos. Os ingredientes eram misturados e conforme a receita fervidos em um latão de 20 litros, sobre uma trempe. Os produtos eram famosos, principalmente para fazendeiros e campeiros que periodicamente visitavam Passo Fundo.

De uma feita, o estoque da garrafada estava grande, tudo depositado no quarto do casal ao lado de uma cômoda de madeira, local onde o Vovô guardava roupas, em suas diversas gavetas. Num belo dia, chegou para comprar a remediama um jovem a cavalo, trajando bombacha branca e bota de cano sanfonado; o cavalo Baio estava suado pela longa jornada.

- Entra pra dentro, vivente, toma um amargo e vamô prosear. O moço comentou a situação de sua mãe, bronquite, e alertou

- Seu Alcides, a mãe não para de tossir e gosta muito de uma pinga! Seu Gosch, ela é chegada numa branquinha! Enquanto a conversa se desenrolava o vovô chamou minha atenção;

- Telmo, busca lá uma garrafa, daquelas que fizemos ontem. Saí tropicando nas minhas alpargatas. Mas não há de ver, sabe-se lá por que cargas d'água, tinha sido colocada uma garrafa de vinho sem rótulo próximo às garrafas do xarope. O vinho era utilizado como componente de algumas receitas e o diabo aprontou a sua, na penumbra do quarto peguei bem aquela, e levei para o moço da bombachita e cavalo Baio.

Pagou, colocou na mala de garupa, branca, feita de saco de algodão, montou, bateu na aba do chapéu - Obrigado, seu Alcides, no fim da semana eu volto. Voltou foi no outro dia, puto da cara.

- Seu Alcides, a mamãe bebeu todo o remédio numa sentada! Encontramos ela caída. Pelo cheiro aquilo era vinho, seu Alcides. Como é que o senhor me apronta uma dessas, eu lhe falei que a mãe é chegada na marvada! Vovô coçou a cabeça.

- Desculpe, seu moço eu percebi o engano à noite quando fui deitar, mandei, como tu viu, meu neto buscar o remédio, o guri não conhece direito as coisas, este foi o erro, mas veja só, vocês são meus amigos e clientes antigos, leva uma garrafa nova e te devolvo o dinheiro, fica bom pra tu? O rapazito se pôs a rir...

- Tá bom, seu Alcides! não tem nada não, já curamos o porre da velha! Agora, que a mamãe gostou do remédio oh gostou! Sentou um pouco, tomou um chimarrão, falou de cavalo, gado e plantações, deixou para nós um abraço; e se mandou a la cria. Vô Alcides me olhou, passou a mão na minha cabeça, espalhando meus cabelos. Rimos com gosto. Na noite como de costume a família se reuniu, a troca da garrafa foi o assunto, tomei um cascudo do pai pra aprender a não ser burro.

Nos alfarrábios da tia Dina, encontramos uma das receitas que fazíamos naqueles tempos: Recomendado para gripe, tosse, pneumonia etc.





Xarope do Vô Alcides

Forrar a panela com uma colher de mel
Um maço de agrião
Uma colher de mel
Um maço de poejo
Uma colher de mel
Quinze folhas de hortelã
Uma colher de mel
Dois litros de água
Ferver até desmanchar
Coar

Cômoda, ao pé desta estava estocado o vinho mal entregue ao gaúcho.

No inverno, os lábios racham, as mãos e os pés se acometem de frieiras, ficam secos. Para este mal o Vovô fazia outra receita, que ele chamava de Velman, composta por sebo de ovelha apurado ao fogo, misturado com cremes e talco para dar o perfume, este produto ele não vendia, mas as filhas, sobrinhas e amigas procuravam com grande avidez.

Chegamos ao final de 1953, é natal, mamãe está grávida, ganho presentes das tias: Lurdes, Dina e Eloah. Camisas, meias e cuecas, e um tecido para fazer uma fatiota. Chega o final do ano, eu já estou com sete anos, tem grande festa na casa, estão todos reunidos, muita comida, um barril de chopp, foguetes. No som, um gaiteiro e um pandeiro, a festa rompe a noite e o povo dança na sala da casa da vovó, esta é primeira grande festa na família de que tenho lembrança.

Com o frio do inverno, passamos pelo mês de julho. no dia 23 fiz oito anos e o giba no dia 27 fez quatro. Chegamos ao mês de agosto, no dia seis nasce o meu terceiro irmão, que vai se chamar Rui, em homenagem ao falecido irmão do pai.

O seu Alcides dormia cedo e acordava mais cedo ainda, coisa de quatro e meia, cinco horas da manhã, como está sempre atacado do peito, bronquite, fumava muitos paieiros por dia e por incrível que pareça não tomava nem as garrafadas por ele preparadas. Acordava para pitar e tossir na janela do quarto, que ficava em frente a uma figueira e um butiazeiro os quais separavam a casa dos avós de nossa casa, consequência, de madrugada a gente ouvia o velho tossindo. Ele ficava me bombeando, quando eu saía para ir à escola, e passava pelos fundos das casas, mantínhamos o diálogo que ele me ensinou do tempo das Revoluções e como os sentinelas, os bombeiros, gritávamos;

- Telmo Gosch alerta! Ao que eu respondia;
- Alerta está; ele ria e ficava cantando.
- Aricai cai; cai; cai; cai; cai; cai; cai; cai; aricai cai cai cai cai.....

Este era um refrão, sabe-se lá tirando de onde, creio eu que era dos tempos que ele tropeava, e nos campos um indivíduo muitas vezes solito, cria sons para agradar ao ouvido.

O velho Gosch gostava de musica e a sua preferida era Beijinho Doce, ficava as tardes a cantarolar.

Beijinho Doce - *Composição: Nhô Pai*

Que beijinho doce
Que ela tem
Depois que beijei ela
Nunca mais beijei ninguém

Que beijinho doce
Foi ela quem trouxe
De longe pra mim
Se me abraça apertado
Suspira dobrado
Que amor sem fim

Coração que manda
Quando a gente ama
Se estou junto dela
Sem dar um beijinho
Coração reclama

Que beijinho doce
Foi ela quem trouxe
De longe pra mim
Se me abraça apertado
Suspira dobrado
Que amor sem fim

Vamos lembrar mais algumas facetas do velho Gosch, para que os decedentes o conheçam um pouco. No seu escritório, no alpendre, recebia: amigos, vizinhos, companheiros do Partido Libertador. Dentre eles o Senhor Ademar Cabeda, amigo, corretor e libertador, a prosa entre os dois era longa, um negocinho aqui, uma casa para vender ali, um paieiro, um chimarrão, um café.

Nos fundos da casa, como já dito, tinha um galpão com chiqueiro de porco anexo, entre este chiqueiro e a divisa havia, se bem me entendem, duas touceiras grandes de taquara (*Bambusa taquara*), antigas, taludas, centenárias, e entre as duas touceiras, havia um espaço vazio, o que é comum neste tipo de vegetação onde certamente pelo sombrio nada crescia.

Conversa vai, conversa vem:

- Seu Gosch, já reparou este oco no meio das taquaras?
- É verdade, Cabeda, isto sempre me chamou a atenção, nada ali floresce.
- Quer saber, companheiro, é bem possível que aí tenha algum tesouro, algum ouro e patações enterrados.
- Será possível home? Seria um achado heim?
- Sim, nestas paragens passaram muitos missionários, corridos dos portugueses e espanhóis, coisa das guerras Missionieiras, se viam aperreados e tratavam de esconder o ouro.
- Alá fresca! Cabeda, será que estou dormindo com os patações há anos e passando miséria?
- Um dia destes vamos cavar ali para tirar estas dúvidas, se tiver alguma fortuna nós repartimos;
- Tá bueno.



Passados alguns dias, meia tarde, chega o Cabeda. Ele tinha uma raridade para aquela época, poucos tinham, um automóvel Ford, dos antigos, de bigode. No carro trouxe alguns equipamentos, mas o principal eram picaretas e pás.

Após uma conversa pra cá, uma opinião pra lá, chimarrão e pito, se animaram e foi upa e teve, e os "home" se meteram a abrir buraco. Fora de forma logo tomaram muita água, suavam às bicas, cansaram e deixaram para outro dia. De pote ou arca contendo ouro nem notícia. Os dias foram passando e o assunto na família e na vizinhança era só um, ouro no meio do taquaral. Uns apostavam que tinha, outros que não; uns apresentavam técnicas de como cavar, outros aconselhavam mandar

buscar na capital, Porto Alegre, um aparelho que só os especialistas tinham e que detectava ouro ou outras riquezas, outros ainda se ofereciam para ajudar a cavar, claro que queriam uma pequena parte na fortuna. O Cabeda tava sumido, certamente curando calos nas mãos e dor no corpo, o Vô só na expectativa, com certeza matutando o que fazer com os recursos.

Uns dez dias depois o Ademar apareceu, estacionou o carro em frente à casa, ao lado do muro do IE, onde dava sombra, o carro ficou com a frente a subir.

Trazia na mão uma sonda, ferro grosso apontado num lado e com uma "cabeça" no outro, onde se bate com marreta. Passaram para os fundos da casa, junto ao poço, sentaram olhando para as taquaras e enquanto tomavam um amargo discutiam as estratégias de como desenterrar aquela fortuna e ficar rico.

Enquanto isso, o Gilberto, de agora em diante chamado Giba, já ficando taludinho, por volta dos seis anos, danado como só ele, creio até hoje que o bicho ficou tihoso, desde aquela chupada nas ventas dada pela sua madrinha Ibraima. O carro estava lá, estacionado na sombra do muro, o moleque sobe no estribo, abre a porta, olha pros lados, de fininho..., entra no veículo. Começa a mexerica, mexe em tudo, brinca com botões e pedais, de repente, não mais que de repente, o piá mete o pé na embreagem, desengata o carro e o Ford bigode começa a descer a rua em ré, a mãe que estava costurando, tinha visão da rua e de relancia e num sobressalto vê o movimento. O guri, quando o carro começa a andar, fica assustado ou como diriam os mais chulos encagaçado e se joga porta afora, rolando para baixo do bigode, mas aí pela Graça de Maria entra em cena a mão de Deus, e o carro vai com a traseira de encontro ao barranco que circundava o muro. Aos gritos de mamãe que está furiosa e treme como vara verde, corre o povaréu para acudir, com eles eu, vovô e o seu Ademar. O susto foi generalizado, nada ocorreu com o carro, mas com o Giba!...Deve ter marcas na bunda até hoje.

Voltemos ao caso de nossos heróis que estão planejando enriquecer sem trabalhar, procurando ouro no meio do taquaral. Segundo os sonhadores e como falou o Sr. Ademar, o ouro teria sido ali enterrado pelos jesuítas, fugindo dos portugueses e espanhóis nas guerras guaraníticas. Em verdade eu acho que se naquelas taquaras passou algum jesuita, vendo aquela sombra, deve ter aproveitado para descansar e fazer outras cositas mais...

Mas vamos ao final do caso, que tá mais comprido que esperança de pobre. A estratégia agora não era mais cavar, dava muito trabalho, então o que fazer? Usar a sonda e, a golpes de marreta, perfurar o solo a pequenos intervalos, para ver se tocava em algo sólido, um baú, um pote... Dito e feito, bateram com a sonda no solo endurecido a pequenos espaços durante horas, eu piá só olhando, batiam que chegavam a cerrar os dentes e nada, o suor descia pelas costas, empapava a camisa e pingava dentro do cofrinho. No chiqueiro um porco gordo olhava e roncava, era fedor de porco e mosca rodeando os garimpeiros. No final da tarde, dia mormaço, pesado, sem vento, lá pelas cinco horas, olho no olho, mãos cheias de bolha, cansados, desistiram, concordaram comigo: ali naquele espaço nada nascia por causa das proezas dos padres.

Um olhou para o outro, os ajudantes, palpiteiros e curiosos estavam desanimados, lógico, não iam ter mais assunto. O Ademar passa o lenço na testa, tosse e diz:

- Alcides! Desisto! Ao que o Vô, olhando para a sonda, para a marreta, pro porco no chiqueiro, cansado, cabisbaixo cantarolava baixinho o seu aricai, cai..., olhou para os lados e falou num repente:

- Tchê do céu, já não era sem tempo, enfim estou nesta labuta porque você é visita e, com cara de poucos amigos, suado, tirou o chapéu da cabeça, limpou o suor com o lenço e rematou: - Sou hospitaleiro!

- Que se faz agora Gosch?

- Mas báh tchê! Que barbaridade! Bueno... só tem uma solução, Cabeda, depois de aguentar mosca e catanga de porco, durante horas, gozação destes perus de fora... que só dão palpito, que fazer... Ora o que fazer! Vamos amanhã bem cedo matar este porco, tá no ponto, você traz as bebidas e vamos brindar ao nosso trabalho, a nossa ganância e a nossa burrice. O porco morreu cedo no mais, à tarde eu tava brincando com a bexiga do bichinho.



Na época, para cozinhar, aquecer do frio, o combustível era a lenha, vendida por carroceiros, que vinham do interior, ou de algumas serrarias existentes na cidade e vendiam as aparas de madeiras que restavam da industrialização. Nas casas 466 e 482 a cada 40/45 dias, passava o carroceiro vendendo lenha, já eramos clientes, mas sempre a mesma ladainha:

- Olha a lenha, seu Alcides, 1.000 achas, contadinhas e da melhor qualidade.
- Sabe, moço, na ultima vez você me deixou uns par de achas, verdes, de canela, daquela fedida, só quero lenha da boa! Camboatã.
- É claro, seu Gosch, só camboatã, o senhor conhece lenha, desce aqui para dar uma olhada e o senhor sabe, o meu preço é o melhor, ainda mais prum amigo que nem tu.
- Indio veio, eu daqui tô vendo lenha verde, daquelas que choram o dia inteiro dentro do fogão, tenho que deixar no sol pra secar, um trabalhão!
- Seu Alcides, pode bombea, o que for verde, separamos e eu desconto no final.
- Tá bueno, esta tua conversa eu já conheço, mas vamo descarregá!
- Telmo, fica aí cuidando e contando que eu vou ali, pegar palha, fumo e dinheiro pra pagar este infeliz, olha com cara feia e exclama pro vivente;
- Joga de 5 em 5 para o piá poder contar!

Esta lenha era depositada no galpão onde era empilhada, para o uso caseiro.

O vô tinha um cachorro, sem raça definida, não tinha pedigree, ou, como dizem os matutos, só tinha pé de grilo, ou seja, não possuía sangue nobre, todavia era um animal vistoso, grande, comprido, com orelhas caídas, pelo curto, vermelho com manchas brancas e boca grande. O cachorro era tratado por Marajó, em homenagem à ilha. Ele acompanhava meu avô pelas ruas do Boqueirão, quando o velho ía até a esquina, rua dos Andradas com Av. Brasil, junto ao muro do IE, e ficava olhando o movimento, conversando com estudantes e passantes, o Marajó ficava sentado a seus pés vigilante. Os estudantes gostavam de conversar com vovô, ouvir suas histórias e ver ele acender o crioulo com o isqueiro feito de chifre, mas tinham receio do Marajó, ao que o Vô falava: - podem se achegar que o bicho é manso, mas merece respeito.

De outra feita estou eu lá procurando coisas para fazer, ajeitando o meu pedaço de cabo de vassoura com um prego afiado na ponta, que era usado para jogar com a piizada arranca toco... Olhava o saco de bulitas ganho da gurizada no triângulo, na roda, na capital ou na paredinha, todo isso na sombra embaixo do pé de laranjeira. Eram por volta das duas horas da tarde. Ouço movimento na casa. O velho Gosch levantava de sua costureira sesta. Chegou na janela do quarto, apoiou-se no parapeito e tossiu muito. Vi pelo seu comportamento que estava com falta de ar e com algum desconforto no peito, era o seu velho problema cardio-respiratório, que tinha lhe rendido a aposentadoria. Fiquei quieto olhando, ele respirando com dificuldade..., foi aos pouquinhos se recuperando, olhou prá mim e lascou

- Alerta Telmo Gosch ao que eu respondi de imediato

- Alerta está.

Saiu do quarto e veio se sentar num banco embaixo do pé de abacateiro, na sombra onde corria um ventinho agradável, o que certamente era bom para a sua respiração: - Guri, vem cá - me aproximei:

- Meu neto, vai na bodequinha e me traz uns 150 gramas de fumo, diz que é aquele amarelinho que chegou. O Pipe me disse que é muito bom, Pipe era o apelido do filho do bodegueiro, amigo dos meus tios e do vovô.

- Mas, Vô, e este peito, todo carregado, o senhor vai continuar fumando?

- É o vício guri! Vai lá, vai.

- Vô, posso comprar na conta uma coruja? - rosca grande feita de polvilho.

- Mas tchê, lá não é padaria, mas se tiver compra!

E lá fui eu, quando voltei o velho Gosch estava sentado junto ao poço. Chequei devagarinho, tava cochilando sentado, mas observei que como de costume já tava bueno, respirando sem dificuldade, fui chegando de passito e lasquei junto ao seu ouvido:

- Alerta, velho Gosch!

Ele se fez de assustado, deu um pulo na cadeira e respondeu na lata:

- Alerta está..., sorriu e completou, trouxe o fumo? Botou na conta?



Olhei surpres: - Não só o fumo, como também a coruja e mais umas balinhas chita com figurinhas, para o meu album de jogadores.

- Você tá passado, moleque, senta aí.

Sentei, ele pegou o canivete, o fumo, palha e começou a fazer cigarro, fazia diversos, na grossura de um dedo mínimo, guardava presos em um atilho da própria palha. Eu ali olhando e comendo bala, coruja e ajeitando as figurinhas. No pátio umas galinhas ciscando, no chiqueiro o porco roncando; um calor de dar preguiça... eu sentava no banco, mocho de três pernas, com um lado da bunda, depois com o outro... tava, como se diz, com bicho carpinteiro.

- Vô, eu vou caçar passarinho, vou pegar o meu bodoque, minha funda lá em casa, tem pardal, pintassilgo, tico-tico no arvoredo.

- Vai lá, deixa eu fazer os meus crioulos.

Saí, já fui catando pedra, entrei casa adentro, procurando não fazer barulho, para a mãe não me mandar lavar a louça. Embaixo do colchão peguei o estilingue. As borrachas de câmara de um lado atilhadas em couro na cor marrom estava enrolada na forquilha de goiabeira. Na guarda da cama pequei o embornal, que já tinha dentro algumas pedras escolhidas, redondinhas e até alguma bulita meio quebrada. Baixei os calções até o meio das coxas, dei uma olhada no entremeio das pernas, nas virilhas na cor vermelha, crespas de micuim, fruto de me sentar e rolar nos gramados jogando bola e outras brincadeiras. Dei uma coçada caprichada na entreperna e adjacências. - Oh! cocairinha danada..., pequei um frasco com álcool misturado com arnica e mestruz que a tia Dina tinha dado para a mãe exatamente para estas emergências, passei nas partes, assoprei para passar o ardume e a comichão e saí porta afora procurando o passaredo.

Andei daqui, dali, dei umas pedradas e nada, fiz a volta na casa do Vô e fui me esqueirando pelo corredor calçado de tijolos, que ficava entre a casa e a cerca que dividia a propriedade com a casa vizinha. O corredor era revestido de tijolos, com um canteiro lateral onde dominava um belíssimo pé de jasmim-do-cabo, *Gardenia jasminoides*, coberto de flores brancas, o perfume exalava e se espalhava deixando o ar doce. Vou quietinho devagarzinho para não espantar a caça, nesta altura o Vô já tinha feito os cigarros e tava na janela da sala olhando e matando o tempo.

Na casa ao lado que distava uns 15 metros, morava uma professora "educadora" rígida e exigente, que no tempo antigo devia ter usado muita palmatória na mão da gurizada. Eu e especialmente os alunos do IE, seus alunos, nos mijavam de medo da tia. Vizinha dura de conviver. Bem já diz o ditado "Se queres um mal para alguém lhe deseje um mau vizinho". Tô ali tentiando os passarinhos e, passa rente, um Bem-te-vi, formoso, forte e colorido, e senta na cumieira da casa da tia professora. Olhei e..., na minha experiência de piá caçador, descartei, mas vovô, não. Ele me olhava de cima, com os cotovelos apoiados sobre uma almofada, falou baixinho:

- Telmo olha lá o Bem-te-vi, manda pedra. Respondi num sussuro

- Vô se eu errar! Tá longe, dá na casa da vizinha, o Senhor sabe, ela é braba!

Para minha surpresa o velho me olha e resmungo mais baixinho ainda; Divulgação



- Deixa pra mim, o bicho ta morto, me dá aqui o bodoque. Olhei, meio sem

Jeito e fui entregando a arma, afinal, ordem é ordem. O velho pegou a funda, ajeitou a pedra, e o passarinho lá, ajeitando as penas. Eu olhando: o Vô, a funda, a casa e o bem-te-vi. Ele deu uma mirada e mandou pedra, saiu zunindo, mas a caça tava longe e a casa, ou, melhor, a vidraça da casa tava perto, foi zum e traz e o vidro tava quebrado. Fiquei branco e já ouvi a porta da vizinha rangendo. O Vô saiu porta afora ligeiro, com a arma do crime na mão. Me deu vontade de deitar o cabelo, mas resolvi me abaixar atrás do pé de jasmim, branquinho de flor, com aquele cheiro gostoso, peguei uma pétala e fiquei cheirando. O bem-te-vi salvo pela imperícia alçou voo cantando, bem-te-vi... vi-teu-cu..., olhei para o céu. Ouvi os passos, Alcides subindo e educadora descendo, o encontro se

deu ali junto ao poste de energia elétrica que ficava na divisa dos dois lotes. Meu ouvido ficou comprido, que nem ouvido de tuberculoso, queria ouvir a prosa:

- Seu Alcides, o seu neto quebrou a minha vidraça, isto é uma barbaridade...
- Vizinha do céu, me desculpe, vou mandar consertar hoje mesmo, pra bem da verdade fui eu que joguei a pedra! Ela olhou a funda na mão dele, balançou a cabeça...
- Mas, seu Alcides, na sua idade, convenhamos! virou as costas e afirmou:
- Mande consertar hoje, se chover vai molhar o meu quarto, este mundo tá mesmo virado, tenha uma boa tarde.

Vovô voltou cabisbaixo, me entregou a funda: – Telmo, desce lá na casa do André, pede pra ele mandar o Valdir, seu filho, vir consertar a vidraça, ainda hoje. Você viu, a vizinha é tiririca!

Olhei e me atrevi: - Vô, na volta vamos continuar caçando, ele me olhou, deu uma resmungada, depois sorriu e sapecou: - Raspa, moleque e não demora para não preocupar a tua mãe.



Alzira Moreira Pedroso – Reconheço-a a partir dos meus cinco anos, Ela já passava dos 57, pois nasceu em 1895. Era companheira de meu avô, tinha aguentado as cachaças dele quando novo e criado oito filhos. Vovó tinha uma velhice precoce, a pele enrugada lhe dava uma aparência de mais idade, o vestuário era sempre na cor preta. Em algumas ocasiões usava um vestido branco, mas com detalhes em preto, quando botava estes vestidos mais claros era porque as filhas brigavam com ela. Mas fosse com esta ou com qualquer outra roupa a vovó sempre estava triste. Creio que na juventude vovó tenha sido muito bonita, sempre achei a tia Eloah muito parecida com ela, tanto na estatura quanto na aparência, e a tia foi uma mulher bonita. A tristeza provinha de ter perdido o filho Rui, muito moço, morreu de tifo em 1938, ela nunca se recuperou desta perda, daí o seu luto permanente.

Outro detalhe que a fazia estar sempre desconfortável é que tinha uma gastrite contínua, com muita azia, na época a medicação para este mal era precária, algum Sal de fruta, bicarbonato, leite, funcho e outros medicamentos caseiros. Para completar o quadro queixava-se de vez em quando de dor no peito e um aperto no pescoço.

A vovó era caseira, mas gostava muito de festa de igreja. Quando tinha festa na Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição, local em que muitos Gosch foram batizados, fizeram primeira comunhão e casaram, a Vó estava lá presente. Nestas festas, eu a acompanhava nas procissões e junto com ela participava dos jogos nas barracas, jogávamos: nos cavalinhos, na pescaria, nas argolas, enfim tinha jogo estavamos lá. É claro que pai, mãe e tios estavam também lá sentados nas mesas, comendo, conversando e bebendo. Puxava-me pela mão, caminhávamos, era um leilão de frango pra cá, uma rifa pra lá e a vó comprando, jogando e mandando, quando a sorte lhe sorria, o resultado pra mesa dos guris.

Quando eu chegava do Colégio, ela estava sempre me esperando, com um pedaço generoso de pão, comprado na padaria Bom Jesus, do seu Quito, ali em frente ao IE. Eu molhava no caldo de feijão, que ela fazia todos os dias no fogão à lenha, era delicioso, comia e queria mais. Ela dizia: - Chega, vai comer em casa, tua mãe fez almoço para ti e está te esperando. Raspa fora, guri, eu saía pulando com a barriga meia cheia, ia para casa almoçar.

Nas gurias a vó tinha confiança, mas com os filhos, Roberto, Raul e alguns amigos, como o Tio Marino Dornelles, que veio de Soledade para morar conosco durante um período para aprender a profissão de barbeiro, ela era veiaça.

Ficava bombeando o chinaredo da rua de baixo que passava na frente de casa, olhando para os meninos. Eles chegavam de madrugada ou às vezes nem chegavam, ela ficava possessa.

Uma ocasião ela ficou muito zangada comigo. Não há de ver que uma das chinãs, subindo a rua, se aproveitou que eu estava entretido soltando pandorga, chegou pelas minhas costas e me tapou os olhos, e perguntou no meu ouvido: – Sobrinho, onde está o Roberto? ao que eu falei: – Sabei cedo, foi trabalhar – Diz que a Angela passou aqui,



estou esperando ele! Tirou a mão dos meus olhos, me deu um beijo nos cabelos, lhes confesso aquelas mãos eram perfumadas. A vó estava na sala e pela janela viu o acontecido, me chamou para um interrogatório, contei que ela me chamou de sobrinho, não contei o resto.

Nos serões, ou filós, como fazíamos todas as noites na casa dos avós, principalmente nas noites frias de inverno, era a Vó que comandava a cozinha, enquanto as tias Lurdes e Eloah passavam roupas, engomavam camisas. A Dina trabalhava no IE. E a Ruth, sempre costurando. Ela nos oferecia pinhão, pipoca, café, chá, às vezes batata doce assada, rapadura e para mim e para a prima Iolanda, Landa, sempre oferecia uma gemada, principalmente para a Landa, que era muito magrinha.

Alzira, filha de Salustiano Pedroso Moreira e de Joanna da Silveira, nasceu no interior de Cruz Alta, hoje município de Fortaleza do Valos. Criou-se no campo na primeira infância, em fazenda que margeava a ferrovia que ia de Passo Fundo a Santa Maria. Contava que ficavam ela e os irmãos vendo o trem passar e que em muitas oportunidades os guarda-freios, lhes atiravam biscoitos, aqueles secos e duros, que têm o nome no sul de biscoito guarda-freio.

Certa ocasião, chegou na casa dos avós um casal oferecendo lenha, chamou-me a atenção o fato de ambos terem o pescoço que parecia grosso envolto em lenços, fiquei curioso com os visitantes, perguntei: - Vó, por que eles se trajam com lenços em volta do pescoço? Ao que a Vó me disse: - São papudos Telmo. Deixa eu te contar: Lá onde eu nasci, no interior de Cruz Alta, havia um povoado próximo a nossa morada, chamado Rincão dos Papudos, ali todo mundo tinha papo: - Por que as pessoas tem papo perguntei mais curioso ainda. Ai o papai entrou na história e explicou: - Papo é o nome comum dado às pessoas que possuem uma anomalia provocada por disfunção da tireoide o nome certo é bócio.

Esta conversa nunca me saiu da cabeça e ficou mais viva ainda na década de 80, quando Apparicio Silva Rillo lança os seus Rapa de Tacho, Causos Gauchescos. Entre múltiplas histórias, algumas abordam histórias e aventuras de papudos. Um destes causos conta a aventura de um gaúcho, que chegando a uma localidade com grande número de papudos, vai a um baile. Nos bailes daqueles tempos praticava-se para animar o povaréu a "polca de relação", momento em que era dado um verso para a moça e um verso para o moço. Quando chegou a vez de nosso herói, após ouvir o verso de seu par, que logicamente era papuda, lasca esta preciosidade, que recorro dos escritos do Apparicio mais ou menos assim:

*Durmo com mulher papuda/ Sob uma condição;
A mulher dorme na cama/ O papo dorme no chão.*

Alzira teve uma infância dura, mudou-se para Passo Fundo, menina, com a mãe e os irmãos. O pai tinha desaparecido na Revolução 1893/95.

Com dezessete anos casou com Alcides Gosch. Corria o ano de 1912, ficaram a morar no bairro Boqueirão, ali moravam os familiares de ambos, o Vó pedreiro de profissão, e com algumas atividades campeiras, ela do lar, atividade feminina comum na época, dificilmente alguma mulher trabalhava fora.

ALCIDES GOSCH

Nascimento	Local	Profissão	Casamento	Esposa	Óbito
03/04/1889	P. Fundo	Pedreiro	1912	Alzira M. Pedroso	20/04/1961

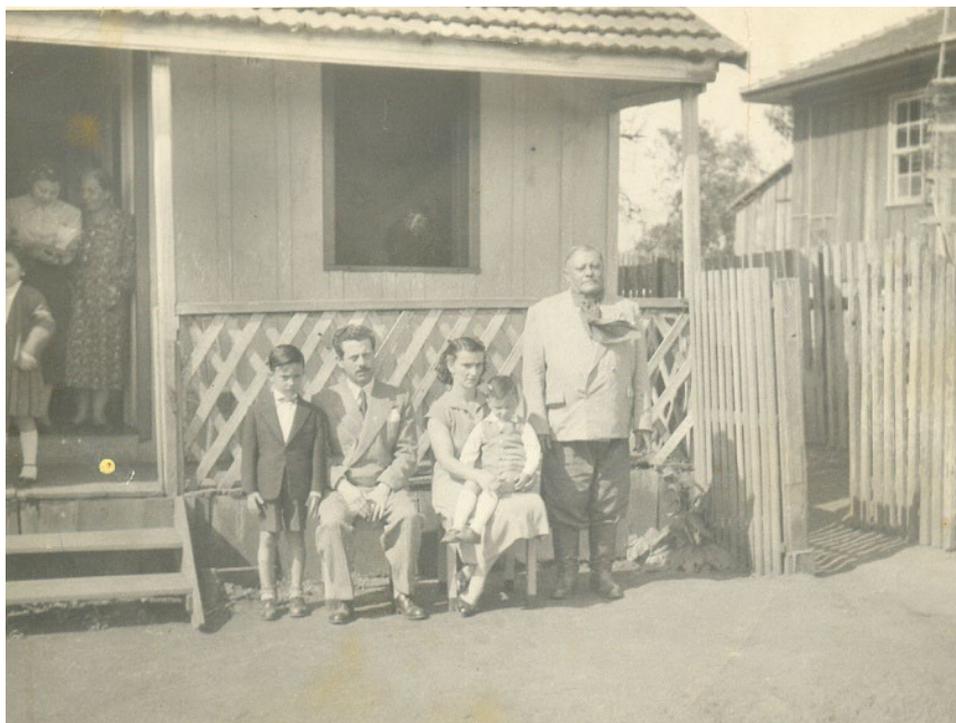
ALZIRA MOREIRA PEDROSO

Nascimento	Local	Profissão	Casamento	Esposo	Óbito
29/08/1895	Cruz Alta	Do lar	1912	Alcides Gosch	19/10/1963

Da união de Alcides Gosch da Rosa e Alzira Moreira Pedroso nascem:



Nome	Nascimento	Óbito
João Carlos Moreira Gosch	25/02/1914	08/01/1995
Lourdes Moreira Gosch	30/07/1917	23/12/1973
Rui Moreira Gosch	13/04/1919	15/01/1938
Ruth Moreira Gosch	29/08/1921	22/07/2006
Maria da Glória Moreira Gosch	1923	1923
Alcedina Moreira Gosch	27/12/1924	
Raul Moreira Gosch	29/05/1927	30/10/1999
Roberto Moreira Gosch	07/10/1928	07/10/2002
Eloah Moreira Gosch	15/07/1933	13/05/2001



Encerro esta parte com esta foto e a poesia abaixo. Pelos trajes um dia de festa. Ela materializa fatos que foram aqui narrados. Observemos: eu por volta de meus seis anos, 1952, ao lado do pai, o Giba no colo da mãe e o Vô Alcides com seu lenço vermelho ao vento.

Na casa ao lado, aquela da professora, vemos a janela que teve o vidro quebrado naquele fundação do velho Gosch e o corredor lateral onde estava plantado o pé de jasmim do cabo, cheiroso demais. As nossas costas, a área ou alpendre, que era o escritório do vovô, local de seus negócios e de suas charlas com amigos e parentes. O terreno a nossa frente era o local de jogar: bolita, peteca, arranca toco etc. Neste espaço, em frente ao portão era jogada pelos carroceiros ou gaioteiros como se chama no sul a lenha comprada para abastecer a casa.

Ao fundo na porta, vemos de traje escuro, como foi comentado, a Vó Alzira, conversando com a tia Lurdes. A criança que aparece à frente é Eloisa, Isa, prima, filha de Gumercindo e Doralina.

Observe-se que nesta foto a escada de acesso à casa é de madeira, na foto anterior, colorida, é alvenaria. A escada em alvenaria eu ajudei vovô a construir, 1955..

LENÇO ENCARNADO

(Tributo a Alcides Gosch)

De minha janela florida
Onde vou curtindo a vida
Descortino a Avenida
E a Andradas do Boqueirão
Seja manhã iluminada
Ou seja tarde abafada,
Sobe ele pela estrada
Até a esquina encantada.

Encosta-se no murro caiado
Cachorro ao pé deitado,
Menino preso na mão
-E este guri, Alcides?
-Meu neto, filho do João,
O menino pipoqueando,
O cão atento, rosnando,
E o lenço esvoaçando.

Naquela esquina encantada
Em dia de sol ou chuva,
O minuano faz curva
Bamboleando tudo enfim
Lenço vermelho ao pescoço,
Em pilchas simples de brim,
Bombeava sem alvoroço
Contando histórias ao moço.

As prosas eram de então
Como só um velho conta,
Histórias de assombração
Que a tradição nos reponta,
Causos de revolução,
De cavalos, de remonta,
-E o sangue derramado?
-Por esse lenço encarnado.

Relatava outra vez
As lutas brutas sem fim,
Noventa e três, vinte e três,
O velho lenço apontava
O nó maragato ajustava,
E falava, sem gabola,
Do bombeiro, do lanceiro
Das peleias, das degolas.

Histórias de um realismo,
Que do clarim se ouvia o toque,
O cão as pulgas coçava
E o piá arrumava o bodoque,
O velho olhava... Argumentava,
O curioso perguntava,
O lenço ao vento oscilava
E quem ouvia arrepiava.

O gaioteiro se aproximava
O padeiro só bispava,
O pipoqueiro estacava,
E o matreiro observava,
E a mulher religiosa
Que todo o dia rezava
Beirava feliz e cheirosa,
Risonha era aquela prosa.

- Este lenço, roto, encarnado,
De peleias mui manchado,
É uma bandeira remota
Conta soberbas vitórias
Também sofridas derrotas,
Nas voltas que a vida atalha,
Foi minha coberta em piá
Vai me servir de mortalha.

A conversa continuava
Sempre com animação
Um crioulo preparava
E oferecia o chimarrão,
Quando o sol se deitava
Chamava o filho do João
O amarelinho tragava,
Sumia no Boqueirão.

A esquina da minha infância
Do florido, de meu canto,
Que tanto olhei em criança
Perdeu todo seu encanto
Quando ele fez a passagem,
Iniciando aquela viagem
Que o grande Pai nos destina,
Ficou mui triste a esquina.

Telmo Mario Dornelles Gosch

Alcides Gosch, com a grafia Goche, é nome de rua em Passo Fundo, Bairro São Cristovão, Loteamento Ivo Ferreira, CEP - 99062 290



PARTE – I I – Francisco Dornelles e Leontina Lemes Dornelles

		JULIETA DORNELLES
		ROSA DORNELLES
ANTONIO FRANCISCO DORNELLES		JOSÉ DORNELLES
	FRANCISCO DORNELLES	ILMA DORNELLES
AGOSTINHA DORNELLES		MARINA DORNELLES
		ELVIRA DORNELLES
	LEONTINA LEMES	ADI DORNELLES
		SILVIA DORNELLES
		MARINO DORNELLES

**Francisco Dornelles “Chiquinho Barbeiro”** ○

o município de Soledade dista 75km de Passo Fundo, ambos localizados no Planalto Médio Rio-Grandense.

Em 29 de março de 1875, pela Lei Provincial nº 962, a Freguesia de Nossa Senhora da Soledade foi elevada à categoria de Vila, emancipando-se de Passo Fundo. Soledade, além de uma simpática cidade, é a capital das pedras preciosas.

É para esta localidade que me dirijo em minha viagem ao passado. Na minha primeira infância, por volta dos seis anos, 1951, como bem me recorde em companhia de minha mãe e meu pai, tomamos um ônibus, num Posto Rodoviário localizado em um bar no Boqueirão. Era 7h, eu tinha acordado cedo, não dormi direito pela expectativa da viagem. Era a primeira que eu fazia, ia conhecer meus avós Dornelles, tios e primos. Estava tenso e com medo da viagem, a mãe foi me chamar no quarto e me encontrou ajoelhado em cima da cama rezando, pedindo a proteção dos Deuses, para aquela jornada.

Fomos a pé para o local da partida, eu segurando a mão de mamãe e o pai levando a mala. O ônibus era amarelo escuro com detalhes em branco, no para-brisa estava escrito num papel encardido, Soledade. Se compararmos aos veículos de hoje era muito pequeno, a frente era bicuda, tinha um lugar para o motorista e um para o ajudante e cobrador. Cada lado do corredor possuía cinco pares de banco, estofados em cor marrom, duros, no fundo um banco de fora a fora que abrigava cinco pessoas. O ônibus tinha capacidade para 25 passageiros sentados. Quando o número de passageiros era maior que a capacidade, o que era frequente, no corredor entre os bancos existiam duas tiras de couro reforçadas, uma para sentar e outra para apoiar as costas, tiras de largura aproximada de 30 cm. Este artifício ampliava a capacidade para 30 pessoas. No teto do veículo, lado externo, eram colocadas as bagagens: malas, sacos, galinhas, leitão, etc. O acesso ao bagageiro era realizado através de uma escada na traseira do veículo. À medida que o ônibus percorria as calamitosas estradas, ia apanhando passageiros. Quando totalmente lotado, o motorista convidava os homens para subir a parte superior junto às malas, dando lugar a mulheres e crianças, naquele tempo existia cavalheirismo. Os que iam lá em cima, junto às bagagens, agarravam-se nas pequenas grades que limitavam o espaço. O desconforto era total, uma fumaça infernal, cheirando a óleo diesel se imiscuía pelo interior da jardineira, provocando vômito em muitos passageiros.

A estrada era péssima, carroçável. Ao longo dela, encontravam-se muitas moitas de um arbusto conhecido como unha de gato, cheio de espinhos, o ônibus passava tão próximo da mata que se a janela estivesse aberta os espinhos da planta feriam o rosto, pescoço e braços dos viajantes.

O roteiro era: Passo Fundo, Tope, Mato Queimado, Ernestina e alguns bolichos em que parávamos, para lanche, abastecimento, água no radiador e para apanhar encomendas e novos passageiros. A viagem era tipo pinga-pinga. Se o tempo era bom a

poeira castigava a todos, se chovia os viajantes não sabiam quando chegariam, em cada curva era um atoleiro. Nestas ocasiões as rodas traseiras, tração, eram acorrentadas. A paisagem era linda, mas a viagem, uma aventura.

Chegamos a Soledade por volta de meio-dia, cinco horas após a partida, cobrimos algo como 100 Km, a mãe vomitou a viagem sem parar, estava acabada.

Almoçamos na casa da tia Adi, sopa de frango e comidas leves, que era para ajeitar o estômago revoltado dos viajantes. O tio Primo Tremea fez um "suco" com Essência de Olina, se melhorou o sistema digestivo, não sei! Mas a boca ficou amarga, bota amarga nisso.

A tia Adi, casada com Primo Tremea, pedreiro de grande renome em Soledade.

O casal, especialmente a tia encheu-me de mimos, levou-me na vizinhança, nas amigas para mostrar o sobrinho que veio de Passo Fundo. Ficamos dois dias nesta casa, período necessário para avisarmos à outra irmã da mãe, a tia Ilma e seu marido Sérgio, para nos buscar.

O tio veio nos apanhar em uma carroça puxada por uma junta de bois, o mimoso e o queimado, eles nos levaram até a casa de meus avós e posteriormente nos levariam à casa dos tios.

Naquela época tia Ilma morava em uma fazenda, que distava alguns quilômetros da saída de Soledade em direção a Porto Alegre, nesta saída meu avô tinha uma barbearia e um bolicho.

Com o tio Sérgio chegaram dois guris, meus primos, Lauro e Mauro, eu era só expectativa, nunca tinha andado de carroça e também nunca tinha ficado tão próximo de bois. O mimoso era baio e o queimado, como diz o nome, era brazino. Jogamos as malas na carroça, que era de quadro rodas, duas menores na frente e duas grandes atrás.

Ao pacito da junta, fomos pela estrada poeirenta, cheganda à casa do Vô Chico, por volta das quatro horas da tarde, era uma casa de madeira de pinho, simples, tendo na frente uma sala com a cadeira de barbeiro e seus equipamentos e ao lado um bolicho. Francisco e Leontina demonstraram muita alegria em nos receber, ambos choraram ao nos abraçar e, embora eu já estivesse meio taludo, ambos queriam me pegar no colo, me abraçar e me acarinhar.

O Vô Chico, ao contrario do Vô Alcides, tinha barbas brancas, bem cuidadas, era barbeiro, magrinho e falava baixo, pra não dizer baixinho.



Leontina Lemes Dornelles - Vó Leontina - era surda muda, tinha os olhos claros, seu rosto era altivo e demonstrava ter sido muito bela em sua juventude o que era confirmado pelas filhas. Afirmam estas que vovô se apaixonou quando a encontrou no município de Jaguarão, mesmo sendo ela deficiente, sua beleza o contagiou. Casou-se de imediato e a levou para Soledade.

Segundo a oralidade da família, Vó Leontina, quando criança, coisa de oito anos, tirava água em um poço e caiu dentro dele, levou um grande susto de um mascarado. Era carnaval. Este acidente teria provocado a sua perda da fala. Não sou médico, mas me parece que este fato não tem muita base científica.

O Vô falava baixo e pausado dando a ela oportunidade de leitura labial e se comunicavam mais por gestos. A vovó tentava se comunicar comigo, passava as mãos nos meus cabelos e no meu rosto, por gestos, mostrava aos presentes que eu já era grande, forte e saudável, me acariciava muito, demonstrando gostar deste neto que tinha vindo de "longe".

Francisco bodegueava, cortava cabelo e fazia barba de uma freguesia que passava naquela estrada indo para o interior e para fazendas próximas. Oferecia neste estabelecimento, secos e molhados, bebidas, etc. A cerveja era fresca, "gelava" dentro do poço, era servida, bem como a cachaça no balcão, ou em uma mesa tosca de madeira. Muitos chegavam a cavalo e nem apeavam, pediam uma dose de cachaça na porta ou na janela da bodega, bebiam rápido, pagavam e se mandavam.

“Seu Chiquinho barbeiro” era morador antigo da região, muito conhecido, fazia parte da maçonaria. Por longos anos teve barbearia no centro da cidade. Uma boa e afamada barbearia.

Adquiriu, terrenos na saída da cidade, uma pequena chácara, limitada na frente por uma estrada poeirenta, hoje importante via asfaltada, nos demais lados cercada com arame farpado. Nos fundos da propriedade, havia pastagem formada em grama forquilha, sanga na parte baixa e mata no alto da coxilha. Passando por estes pastos, pela sanga e pela mata, chegava-se a um matador. Fui no matador com meus primos comprar carne, foi a primeira vez que vi matarem um animal.

O Vô resolveu mudar para aquelas paragens, que eram retiradas, longe do centro, mas ele ficava mais perto da terra, ali ele podia plantar a sua mandioca, criar algumas vacas de leite e curtir os seus últimos anos de vida. Sofria de bronquite e era cardíaco, tossia muito e sempre estava cansado.

Seu Chico era conhecido da vizinhança e da comunidade, por sua extrema generosidade, daqueles que tiram a camisa para acudir um vivente, por este motivo recebia muitas visitas e era muito querido pelo povo soledadense. Esta característica, a generosidade, ele transmitiu a seus filhos.

Dormia-se cedo, não havia energia elétrica, o som que ouvíamos além de grilos e corujas eram os pernilongos, enxame, que charqueavam os viventes. Para minimizar o problema queimavam-se em umas latas esterco seco de gado, a fumaça emanada espantava os vampiros.

Ficamos alguns dias nesta estrada, vendo passar muitos cavaleiros e muitas carroças. Clintes da barbearia e da bodega traziam notícias, das mais diversas. Conversavam com o vovô, cortavam o cabelo ou tomavam uma talagada de pinga e pegavam a estrada. Em frente à bodega, do outro lado da rodovia, havia uma olaria, ia lá, junto com os guris, meus primos, para ver, curioso, o trabalho daquela fabrica de tijolos. Para passar o tempo jogávamos bola.

Dias depois o tio Sérgio veio nos buscar, novamente estávamos na carroça, para mim uma nova aventura, que me levava pela primeira vez a uma fazenda de criação de gado.

Esta foi a primeira e a última vez que vi este meu Avô com saúde. Quando o vi novamente, já estava acamado muito doente e logo veio a falecer, era o ano de 1958.

FRANCISCO DORNELLES

Nascimento	Local	Profissão	Casamento	Esposa	Óbito
1891*	Santa Maria	Barbeiro	1913*	Leontina Lemes	31/05/1958

* por volta de

LEONTINA LEMES

Nascimento	Local	Profissão	Casamento	Esposo	Óbito
1895*	Jaguarão	Do lar	1913	Francisco Dornelles	1965*

*Por volta de

Da união de Francisco Dornelles e Leontina Lemes, nasceram os filhos nomeados na árvore que abre este capítulo.

Manifesto minha saudade e admiração ao meu avô Francisco Dornelles na poesia Lembranças, abaixo.



LEMBRANÇAS
(Campos de Soledade)

Março de 2012

Quando conjugo o lembrar
Concretizo uma lembrança,
Gosto muito de viajar
No potro branco, Esperança,
Estou sempre ajustado,
Com a luz do pensamento
Chego logo ao passado
Com a velocidade do vento.

O cenário é sempre lindo,
Natureza sem vaidade,
Viajo quando estou dormindo
Quando sonho tô acordado
Agora que tenho idade
E há muito sou apartado
Sigo minha ansiedade
Movido pela saudade.

Nestas minhas andanças
Cada dia é um paradeiro
Recordações e lembranças
Viajo no meu parselheiro
Cruzo água, mata, potreiro,
Lavoura, vila e cidade,
Chego rápido – ligeiro
Aos campos de Soledade.

Galopo minha montaria
Sob a luz dos pirilampos,
Corro contra a ventania
Pisando naqueles campos
De pasto rico formado,
O meu destino eu sabia
Era um rancho esfumado,
Pra bombear a pulperia.

Nesta bruta correria
Vi a estrela se acender,
Vi a lua esmaecer,
A coruja emudecer,
No colorido do dia,
A passarada acordar
Impondo sua sinfonia,
Nas cercas da pulperia.

Naquela bodega chucra
Encontrava-se o que queria
Cachaça, fumo e verdura,
Também tinha barbearia,
Insumos pra agricultura
Produtos de padaria,
Erva-mate, rapadura,
Querosene e chimia.

Num canto, fosco ensebado,
Num estrado arredondado
Em cima de um verde oleado
Sempre corria um carteadado,
Nos fundos em velha choça
Se junta um povo animado
Rinha, tava, trova e bocha,
Tinha sempre um jogo atado.

O rancho era em pinho
Antigo – amarelado,
Lá me cheguei sozinho
Não viajo acompanhado,
Na entrada do terreiro
Tinha dois nomes anunciados:
Chiquinho o seu Barbeiro;
Dornelles - Secos e Molhados.

Neste volteio abençoado
Ao alto deste platô
Levou-me ao passado
Visitei meu velho avô,
Um barbeiro louvado
E um bodegueiro feliz
Na vida foi cavalheiro
Da vida foi aprendiz.

Telmo Mario Dornelles Gosch



PARTE III – Outros filhos de Anna Gosch e Francisco Antunes da Rosa e descendentes.

Além de Alcides Gosch da Rosa, o casal Anna e Francisco tiveram mais seis filhos, destes eu conheci e tive muita proximidade com Gumerindo, que morava com a família a poucos metros da casa de meus avós, na rua Paissandu. Conheci também de forma um pouco mais distante a tia-avó Almerinda, que residia um pouco mais distante, na rua Lava Pés, Vila Operária. Os demais, que residiam em outros pagos, não tive convivência nem conhecimento. De vez em quando aparecia algum primo do pai vindo dos lados de Nonoai, de Porto Alegre e mesmo de Santa Catarina, tínhamos assim notícias dos parentes.

CARLOS HENRIQUE GOSCH		ANTÔNIO GOSCH
	ANNA GOSCH	GUMERCINDO GOSCH DA ROSA
SUZANA KUSS		ARLINDO GOSCH
		ALCIDDES DA ROSA GOSCH
BELCHIOR ANTUNES ROSA		APARICIO GOSCH DA ROSA
	FRANCISCO ANTUNES DA ROSA	ALMERINDA GOSCH DA ROSA
LAUDERIA/CLAUDINE MARIA MACIEL		AURORA GOSCH DA ROSA



Gumerindo Gosch da Rosa – O tio Guma, conheci-o pelo ano de 1952, com seus 60 anos de idade, aposentado, tinha sido gaioteiro (carroceiro). Casado com Doralina, com a qual teve quinze filhos, meus primos em segundo grau. Pela proximidade das moradias, era lá que eu passava minhas tardes, tinha muito guri naquela casa.



Tio Guma e a Tia Doralina eram muito simpáticos, a tia fazia pão, e eu sou um especialista neste assunto, pois conforme minha filha Carina sou

movido a pão. Pois é, a Tia fazia o melhor pão que eu já comi, ela sabia que eu adorava os pães e com grande frequência me dava ou mandava um pão para eu degustar, a gente sempre se lembra de alguns quitutes do tempo de criança, este pão é inesquecível. Os primos Claudio e a Isa eram meus contemporâneos de escola. Os demais eram mais velhos; mas mesmo assim eu tinha grande amizade com muitos, destacando-se o Mário. Com o Mário eu ia aos treinos do Sport Club Gaúcho, no Estádio da Montanha, todas as terças e quintas-feiras. Nos domingo era dia de jogo e cedo estávamos lá, comendo amendoim, bergamota e torcendo pelo periquito. Éramos todos torcedores fanáticos, lá nos encontrávamos

aos domingos: Telmo, Mário, Valter, Nelson, Paulo, Luiz Carlos e outros torcedores, dentre eles o Bocha, jardineiro dos canteiros da Avenida Brasil, torcedor ferrenho. lembro-me dele porque sempre estava roçando o

gramado dos canteiros com um imenso *gadanho*, como este da foto ao lado.



Na companhia destes tios e primos, participei de muitas festas realizadas na casa à rua Paissandu, festas de aniversário, final de ano, casamentos e outras, sempre com muito chopp e carne assada, e logicamente o pão da tia.

Tenho saudades daqueles tempos, dos meus doze aos quinze anos, era muita amizade e muito jogo de futebol em um campinho de peladas, existente em frente a casa do Tio Guma. Ao chegar próximo de meus quinze anos comecei a trabalhar, o futebol ficou reduzidos aos fins de semana, aí eu fiz alguns jogos no time infante juvenil do Independente, no time dos Alfaiates, representando o pai e os tios, e em outras equipes amadoras do bairro, jogávamos em torneios no interior do município, os torneios tinham churrasco, salada, cuca, refrigerante e cerveja, mas no campo era uma verdadeira guerra, os gringos eram fortes e chegavam junto.

Trabalhando de dia e estudando à noite, chegou depressa e hoje acho que passou muito depressa a minha adolescência. Movido pelos hormônios e com muitas espinhas na cara começo meus namoros, nos fins de semana e passo a ir a bailes, cinema e matinês dançantes. É um novo período em minha vida, a vida é feita de período, de momentos e, fatalmente, vou me afastando dos queridos amigos e parentes, e tudo fica mais complicado quando aos dezenove anos vou para Santa Maria estudar. De qualquer forma foram dias de grande felicidade e formadores de minha personalidade e que eu recordo sempre com grande saudade. Nas festas na casa do Tio, após alguns chopps, a festa acabava em causos e cantorias, quando se destacava o Aparicio, o mais velhos dos primos, ferroviário, grande amigo do pai e dos meus tios, padrinho de meu irmão Rui. O Aparicio sempre era convocado para cantar, na época músicas interpretadas por Nelson Gonçalves, e a preferida era a "**A Meia-luz (A Media Luz)**", autores *Edgardo Donato, Carlos César Lenzi*, com a qual eu homenageio os Tios e todos os meus primos.

Corrientes, 348
 Quem sobe ao segundo andar
 Sem porteiro e sem vizinho
 Só amor vai encontrar
 Há um ambiente calmo
 Neste quarto sedutor
 Um telefone que avisa
 Uma vitrola que chora
 Velhos tangos e canções
 E um gato de porcelana
 Mudo assiste ao nosso amor.

E tudo à meia-luz
 Para brindar o amor
 À meia-luz dos beijos
 À meia-luz nos dois
 E tudo à meia-luz
 Crepúsculo interior
 São suaves os desejos
 À meia-luz do amor...

GUMERCINDO GOSCH DA ROSA

Nascimento	Local	Profissão	Esposa	Óbito
28/10/1893	Passo Fundo	Carroceiro	Doralina Rosa	16/03/1969

DORALINA GOSCH DA ROSA

Nascimento	Local	Profissão	Esposa	Óbito
29/07/1900	Passo Fundo	Do lar	Gumercindo Gosch Rosa	08/06/1989

Da união de Gomercindo e Doralina, nascem os seguintes filhos:

Nome	Nascimento	Óbito	Esposo (a)
Ana Aurora	29/07/1918	15/06/2005	Jorge
Ceci	30/07/1919	08/06/2005	Antão Moreira
Almerinda "Maibi"	05/02/1922	26/07/1990	
Almeri	04/06/1924	21/07/2008	Ulises Gomes
Aparicio	05/08/1926	11/09/1982	Iara Lima/1ºcasamento
Maria Helena	20/09/1928	22/01/2007	Berilo
Adalberto Paraiba	25/10/1930	27/04/1998	
Luiz Carlos	08/09/1932		Shirlei Medeiros
Oswaldo	29/08/1934	28/03/1995	
Paulo	12/10/1936		Lurdes
Mário	24/07/1938	20/10/1996	Odete
Nelson	20/04/1940		Iara Lima- 2ºcasamento
José Valter	05/05/1942	28/03/1999	Gessy 1º casamento Lenir 2º casamento
Wilson Claudio	14/03/1945		
Eloisa	02/09/1946		

A foto abaixo, casamento de José Valter e Gessy, reúne os pais do noivo, Gumercindo e Doralina, irmãos, sobrinhos e os primos João e Elvira, acompanhados dos filhos Telmo, Giba, Rui e Márcia.



Temos: Na frente - o casal de noivos, ladeando os pais do noivo, na frente da Tia Doralina o seu neto Roberto (Betinho), filho de Luiz Carlos e bem à frente Márcia, na faixa dos tres anos.

Lado direito - João e Elvira. Lado esquerdo - Giba, Telmo e Rui, este na frente do Milton, filho de Ceci.

Atrás dos noivos - irmãos, sobrinhos e cunhadas: Irmãos - da esquerda para a direita - Luiz Carlos, Mário, Paulo, Aparicio e Ceci; Cunhadas - Shirlei - esposa de Luiz Carlos, e Iara esposa do Aparicio; Sobrinhas - Nair, Suzana, Marilda, Mariza e Leda (Joia) - todas filhas de Ceci e Antão.

Arlindo Gosch da Rosa

ARLINDO GOSCH

Nascimento	Local	Esposa	Óbito
03/03/1890	Passo Fundo	Leonor P. Gosch	Setembro 1945

LEONOR PIMENTEL "GOSCH"

Nascimento	Local	Esposo	Óbito
		Arlindo Gosch	

Filhos:

Nome	Nascimento	Óbito	Esposo(a)
Oswaldo Gosch (1)	23/07/1915	1979	Eva Alcantara Corrêa Gosch
Maria Gosch			
Olga Gosch (2)			
Carlos Gosch da Rosa (3)			Laura "da Rosa"
Walter Gosch			

Eva Alcantara Corrêa Gosch nasceu em 19/10/1919 e faleceu em 13/09/1977

(1) Oswaldo e Eva -Filinha-

Tiveram os filhos:

Nome	Nascimento	Óbito	Esposos (a)	Nascimento	Óbito
Irene C. Gosch "Luna" (A)	25/09/1948		Paulo Cesar F. Figner de Luna	18/10/1951	
Iara Corrêa Gosch (B)	12/10/1949		1º matrimônio Celso Campos 2º matrimônio Celso Carvalhal	28/01/1952 14/12/1952	
Mario Ant. Corrêa Gosch (C)	14/05/1953		Ines Maria Cafrune Gosch	19/09/1952	
Maria da Graça C. Gosch (D)	14/05/1953		José Roberto Dietze	25/02/1952	
Fabiana Corrêa Gosch*	20/10/1973*				

* Fabiana, Fabi, é filha adotiva

(A) filhos: Leticia Gosch Figner Luna - 25/05/1977
Carolina Gosch Figner Luna - 13/01/1981(B) filhos: Marcio Gosch Carvalhal - 03/10/1976
Rodrigo Gosch Carvalhal - 24/07/1981
Fernando Gosch Carvalhal - 22/07/1988(C) filhos: Gil Cafrune Gosch - 11/03/1977
Denis Cafrune Gosch - 04/10/1981

(D) filha; Priscila Gosch Dietze - 17/04/1979



Irene e Paulo Cesar

(2) - Olga Gosch - teve uma filha Vilma Gosch que é progenitora de: Marco Antônio Gosch Câmara, Leonor Gosch Câmara e Lisiane Gosch Câmara.

(3) - Carlos Gosch da Rosa e Laura Gosch, tiveram um filho adotivo de Nome **Arlindo Gosch**, em segundo matrimônio Carlos teve 4 filhos, sendo que um deles leva o nome de Walter



Da esquerda para a direita: Lurdinha Moreira, prima, filha de Ildefonso Pedroso Moreira e Julieta Pedroso Moreira, Maria da Graça, Mário, Irene e Iara Corrêa Gosch, primos, filhos de Osvaldo Gosch e Eva Corrêa - Filinha.



Irene, as filhas Carolina e Leticia, e os netos gêmeos...

Aparicio Gosch da Rosa

APARÍCIO GOSCH DA ROSA

Nascimento	Local	Esposa	Óbito
	Passo Fundo	Adelaide Gosch da Rosa	

ADELAIDE GOSCH DA ROSA

Nascimento	Local	Esposo	Óbito
		Aparicio Gosch da Rosa	

Almerinda Gosch da Rosa

Moradora da rua Lava Pés, nos fundos do Boqueirão, já na Vila Operária, como eu era muito novo a conheci superficialmente. Lembro-me, no entanto, que nas raras vezes que a fui visitar, sempre era presenteado com chupão, guloseima que ela fabricava. Chupão, para os desentendidos, é o ancestral do pirulito, fabricado com açúcar queimado em formas de alumínio, em diversos formatos: peixe, galo, coelho etc., uma delícia que adoçava a boca da meninada. A tia teve dois casamentos.

ALMERINDA GOSCH DA ROSA

Nascimento	Local	1º Esposo	2º Esposo	Óbito
	Passo Fundo	Thomas	Eduardo Silveira	1956*

*por volta de

1º CASAMENTO THOMAS

Nascimento	Local	Profissão	Esposa	Óbito
	Uruguaiana	taxista	Almerinda Gosch da Rosa	

Filhos do casal Almerinda e Thomas

Neri Gosch e Sueli Gosch

Neri Gosch, primo-irmão e amigo de meu pai como os demais, foi até o falecimento Pastor da Assembleia de Deus. Por sua popularidade e benemerência é nome de rua em Passo Fundo.

Segundo minhas informantes, pois indaguei porque os filhos da tia usavam o nome Gosch, foi me dito que esta era uma exigência dela, o que demonstrava sua forte personalidade.

2º CASAMENTO EDUARDO SILVEIRA

Filhos do casal:

Edi Silveira Gosch e

Edith Silveira Gosch



Aurora Gosch da Rosa

AURORA GOSCH DA ROSA

Nascimento	Local	Esposo	Óbito
	Passo Fundo	Alcides da Rosa	

ALCIDES DA ROSA

Nascimento	Local	Esposa	Óbito
		Aurora Gosch da Rosa	

Não tiveram filhos

Antônio Gosch

ANTÔNIO GOSCH

Nascimento	Local	Esposa	Óbito
30/07/1888	Passo Fundo	Sem informação	

Filhos: Jorge e Flamínio

PARTE – IV - Outros filhos de Joanna/Salustiano e descendentes

	CASSIA PEDROSO MOREIRA
JOANNA SILVEIRA	
	UBIRAJARA PEDROSO MOREIRA
SALUSTIANO PEDROSO MOREIRA	
	ILDEFONSO PEDROSO MOREIRA

Cássia Pedroso Moreira e Ubirajara Pedroso Moreira – Irmãos mais velhos de Alzira. A minha companheira de viagem e minha principal informante, de forma oral, Alcedina Gosch, Tia Dina, relata não ter conhecido estes tios, não tendo informações se os mesmos vieram para Passo Fundo, acompanhando a mãe Joanna, quando esta mudou, após a Revolução de 1893, trazendo consigo Alzira e Ildefonso.

Ildefonso Pedroso Moreira – Irmão de Alzira, conhecido pelos familiares e pelos sobrinhos como Tio Fonso. Teve como esposa **Julieta**, foram moradores com seus familiares durante longo tempo em Passo Fundo, posteriormente, muitos transferiram residência para Porto Alegre, onde residem diversos descendentes.

ILDEFONSO PEDROSO MOREIRA

Nascimento	Local	Profissão	Esposa	Óbito
	Cruz Alta (J. Castilhos)	Carroceiro	Julieta Pedroso	

JULIETA MOREIRA

Nascimento	Local nascimento	profissão	Esposo	Óbito
	Passo Fundo	Do lar	Ildefonso M. Pedroso	

Do matrimônio Ildefonso e Julieta, nascem: Miguelina Moreira, Antonio "Antoninho" Moreira Pedroso, Zulmira "Zilica" Moreira, Salustiano Moreira, Eulalio "Ladico" Moreira, Maria de Lurdes "Lurdinha" Moreira, nascida em 19/07/1926, a unica viva no periodo de confecção deste trabalho.



PARTE – V - Outros filhos de Antônio Francisco Dornelles/
Agostinha Dornelles e descendentes.

	FLORISBELA DORNELLES "CARNEIRO"
ANTONIO FRANCISCO DORNELLES e AGOSTINHA DORNELLES	
	PEDRO DORNELLES

Além do Vô Chico, seu pai, irforma-me mamãe que havia ainda: a) Uma filha do casal, Florisbela, Tia Bela ou Belinha, casada e residente em Soledade. O esposo, cujo nome não foi lembrado era da família Carneiro. O casal em questão teria gerado os seguintes filhos: 1. Candido "Candoca" Carneiro, que teve os filhos: Antônio "Antôquinho", Inocência "Cizinha", Candido e Luiz; 2. Pedro Carneiro: filhos Maria e Anabela; 3. Dário Carneiro; 4. Aurinha Carneiro e 5. uma filha, cujo apelido seria Chinoca, que teria os filhos – Julieta, Matuto e Florisbela (Belinha), em homenagem à Avó; b) Um filho – Pedro Dornelles cuja esposa era chamada Mariana. Resumindo:

Irmão/Irmã	Esposo	Filhos	Netos
(A) Florisbela Dornelles "Carneiro" – Belinha/Bela	Carneiro	Candido D. Carneiro Candoca	Antônio - Antoninho; Inocência – Cizinha; Candido e Luiz Carneiro
		Pedro D. Carneiro	Maria e Ana Bela
		Dário Carneiro	
		Áurea – Aurinha	
		Chinoca	Julieta; Matuto e Florisbela – Belinha em homenagem a Avó
(B) Pedro Dornelles	Mariana Dornelles		





Divulgação/ Calendário B. Brasil

RAÍZES I I

Em Raízes II, Naramos os ancestrais de Margarete, os **Giordani Scolari**

PARTE – I – Gaspero Giordani, Trisavô materno de Margarete e Bisavô paterno de Anunciata Giordani, Luci, esposo de **Maria Isabel Finotti**, ambos italianos, e pais de **Marcelino Giordani**.

GASPERO GIORDANI

Nascimento	Local	Profissão	Esposa	Óbito
1838	Itália	Agricultura	Maria Isabel Finotti	Desconhec.

MARIA ISABEL FINOTTI

Nascimento	Local	Profissão	Esposo	Óbito
Desconhec.	Borgheto, Trento, Itália	Do lar	Gaspero Giordano	Desconhec

PARTE – I I – Benvenuto Sottili – Trisavô materno de Margarete e Bisavô materno de Luci, esposo de **Elisabetta Scaravonati** ambos italianos e, pais de **Anunciata Sotilli**.

BENEVENUTO SOTTILI

Nascimento	Local	Casamento	Esposa	Óbito
desconhecido	Itália	Agricultura	Isabel Scaravonati	Desconhec.

ELISABETTA SCARAVONATI

Nascimento	Local	Profissão	Esposo	Óbito
desconhecido	Itália	Do lar	Benvenuto Sottili	Desconhec.

PARTE – I I I – Pietro Dolzan – Trisavô materno de Margarete e Bisavô materno de Luci, esposo de **Maria Amália Bonato**, ambos italianos, pais de **Caetano Dolzan**

PIETRO DOLZAN

Nascimento	Local	Casamento	Esposa	Óbito
desconhecido	Itália	Agricultura	Maria Amália Bonato	desconhecido

MARIA AMÁLIA BONATO

Nascimento	Local	Profissão	Esposo	Óbito
desconhecido	Itália	Do lar	Pietro Dolzan	desconhecido



TRONCOS I I

PARTE - I -

MARCELINO (Marcelo) GIORDANI, Imigrante Italiano, procedente de Trento, é avô paterno de Luci e Bisavô materno de Margarete. Marcelino teve uma irmã Emma Elisa Giordani, *1876.

MARCELINO GIORDANI

Nascimento	Local	Casamento	Esposa	Óbito
30/09/1865	Borghetto-Trento, Itália	26/05/1886	Anunciata Sotilli	Desconhec



Anunciata Dosolina Sottili - Emigrante Italiana, procedente de Cremona. Transmitiu o nome Anunciata para a neta, Anunciata Giordani, filha de Adolpho Giordani e Ana Maria Dolzan que ficou conhecida posteriormente como Luci, mãe de Margarete.

ANUNCIATA DOSOLINA SOTTILI

Nascimento	Local	Casamento	Esposo	Óbito
24/06/1868	Torricella Dell Pizzo Cremona Itália	26/05/1886	Marcelino Giordani	09/05/1911

Eles tiveram os seguintes filhos:

nome	nascimento	local	obito	local
Guilherme Giordani	24/09/1887	Bento Gonçalves	27/01/1945	Veranópolis
Maria Giordani		Veranópolis		
Adolpho Silvestre Giordani	31/12/1892	Veranópolis	09/07/1978	Passo Fundo
Silvio Albino Giordani	1895			
Elvira Vitória Giordani	1897			
Emilia Idalina Rosa Giordani	1899	Veranópolis	06/09/1945	Nova Bassano
Vitória Ermelinda Giordani	1900			



PARTE – II –

Caetano Dolzan – Imigrante italiano, casado com a também imigrante **Fiorinda Merlo**, pai de **Ana Maria Dolzan**, mãe de Luci e avó de Margarete.

CAETANO DOLZAN

Nascimento	Local	Profissão	Casamento	Esposa	Óbito
Desconhec.	Vicenza, Itália	Sapateiro	26/09/1892	Fiorinda Merlo	Desconhec.



Fiorinda Merlo – Imigrante como o esposo **Caetano Dolzan** mãe de Ana Maria Dolzan, mãe de Luci e avó de Margarete.

FIORINDA MERLO

Nascimento	Local	Profissão	Casamento	Esposo	Óbito
Desconhec.	Treviso - Itália	Lar	26/09/1892	Caetano Dolzan	Desconhec.

Obs.- em <http://familysearch.org>. De Caetano Dolzan temos como data de casamento 26/09/1902, todavia esta data é impossível, pois sua filha Ana Maria tem nascimento em 1896. Como as datas não são sempre as mais corretas entendemos que as bodas ocorreram, sim, em 1892 no dia e mês documentado.

Do casamento de Caetano e Fiorinda ou Florinda nascem: **Anna Maria**, Itália, Roberto Guilherme, Pedro Altílio, Vitório Silvio, Antônio, Vitória, Angêla, Silvia e Amábile Dolzan.

Destacamos **Anna Maria**, mãe de Anunciata (Luci) e avó de Margarete.

PARTE – III

Luigi Scolari – Bisavô de Margarete, Italiano, não emigrou para o Brasil, faleceu antes da grande viagem, por volta de 1890

Luigia Bellini "Scolari" – Emigrou viúva para o Brasil e se instalou na localidade de Nova Palma com seis filhos - **Antonio**, avô de Margarete e os irmãos: **Angelo**, **Augusto**, **Luigi**, **Domingos** e **José Scolari**. Luigia em terras brasileira contrai segundo matrimônio com **Lázaro Bandiera** em 1893 no município de Lagoa Vermelha - RS. Do segundo casamento tem dois filhos: **Luiz** e **Constante**

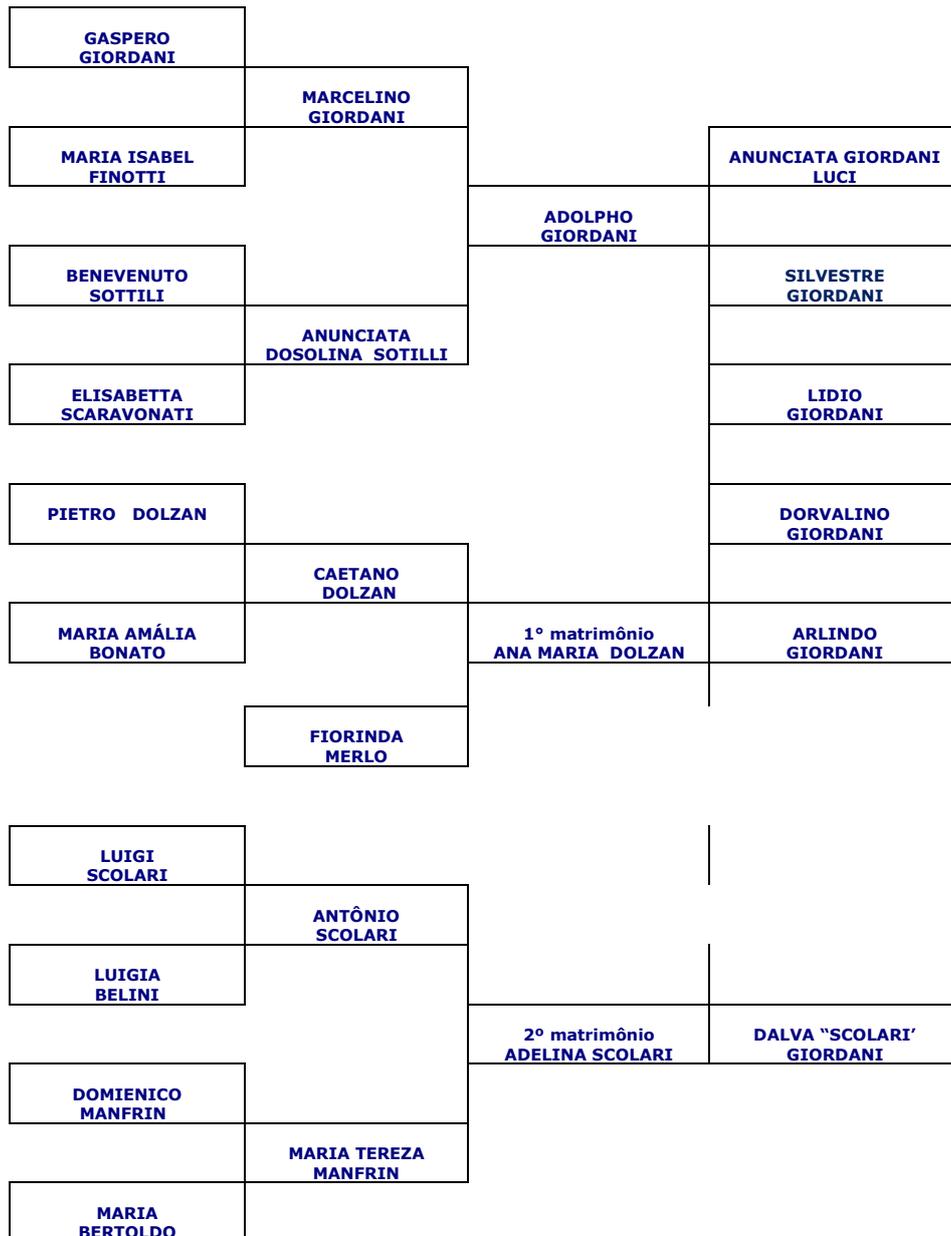
PARTE – IV

Domenico Manfrin e Maria Bertoldo – Imigrantes italianos da Província de Sarego, Itália, pais da avó de Margarete – **Maria Tereza Manfrin**.



GALHOS I I

GENEALOGIA DE ADOLPHO GIORDANI





Adolpho e Adelina



PARTE I – **Adolpho Silvestre Giordani** – Pai de Luci e avô de Margarete, em seu primeiro casamento foi companheiro de **Ana Maria Dolzan**. Nascido em 1894, 31 de dezembro, foi comerciante e dono de serraria na colônia de Rio do Peixe, próximo a Charrua – RS, posteriormente foi proprietário de táxi em Passo Fundo. Manteve-se casado com Ana Maria Dolzan, até o falecimento desta por aproximadamente 10 anos.

Adolpho casa-se em segundo matrimônio com **Adelina Scolari**, que é irmã de Mariano Scolari, pai de Margarete, por consequência, Adelina é tia e passa a ser “avó” de Margarete.

ADOLPHO SILVESTRE GIORDANI

Nascimento	Local	Casamento	Esposa	Óbito
31/12/1894	Alfredo Chaves/ Veranópolis	1º 24/06/1914 2º 1930	1ª Ana Maria Dolzan 2ª Adelina Scolari	09/07/1978



Anna Maria Dolzan

Filha de Caetano Dolzan e Fiorinda Merlo, primeira esposa de Adolpho Giordani, mãe de Anunciata e avó de Margarete.

ANA MARIA DOLZAN

Nascimento	Local	Casamento	Esposo	Óbito
1896 *	Alfredo Chaves/ Veranópolis	Desconhec.	Adolpho Silvestre Giordani	19/12/1925

*Por volta de...





Adelina Scolari Giordani – Viúva com um filho, Milton Kaliski, nascido em 07/07/1925 e falecido em 08/12/1997, casa-se com Adolpho, viúvo de Ana Maria, por volta de 1929. Como citado, Adelina é irmã de Auzilio, por consequência, tia de Margarete, em razão do casamento com o avô, passa a ser avó, como se diz, por empréstimo, e passa tanto por Margarete como pelos demais netos de Adolpho a ser assim tratada. Destaque-se que Adelina, por seu carisma, é o centro da família Giordani/Scolari. Em sua residência, a Avenida Brasil, todos passam: netos, filhos, noras e genros, quase que diariamente, para bater um bom papo, se aconselhar tomar chimarrão, cafezinho. Tudo se complementava com almoços aos domingos, festividades de Natal, fim de ano e Páscoa. Adelina traz de Charrua, para estudar a sobrinha Clessi. Clessi complementa a família que nestas alturas era só o casal. Como a casa é o ponto de referência da família, Clê se entrosa com os jovens e tem uma afinidade muito grande com Margarete. Clessi casa-se com Ari Dioniso Dal’Molin, os quais serão nossos padrinhos de casamento.

ADELINA SCOLARI “GIORDANI”

Nascimento	Local	Esposo	Óbito
05/12/1907	Nova Palma	Adolpho Giordani	28/11/1990

Do primeiro casamento, Adolpho e Anna Maria, nascem os filhos:

Nome	Nascimento	Óbito
Anunciata Giordani	16/06/1915	06/10/2000
Silvestre Giordani	04/07/1916	15/09/1993
Arlindo Giordani	26/12/1917	05/12/2000
Lídio Giordani	14/11/1919	22/10/1988
Dorvalino Albino Giordani	26/06/1921	05/09/1967

Do segundo casamento, Adolpho e Adelina, nasce:

Nome	Local	Nascimento	Óbito
Dalva Maria Giordani	Charrua	20/03/1930	



Adolfo Giordani rodeado pelos filhos: Lídio, Anunciata (Luci), Arlindo, Silvestre e Dorvalino.

PARTE I I -

Antônio Scolari – Avô paterno de Margarete, pai de Auzilio, emigrou da Itália, procedente de Cologna Veneta, província de Verona, em companhia da mãe Luigia Bellini Scolari. Chegaram ao Brasil em 02/11/1891 e, se estabeleceram em colônia do Soturno, Nova Palma, Rio Grande do Sul. Casou-se em 28/12/1899 com **Tereza Manfrin**, também imigrante.

GENEALOGIA DE ANTONIO SCOLARI/MARIA TEREZA MANFRIN

		HEITOR SCOLARI
		MARIETA SCOLARI
LUIGI SCOLARI		MARIA CANDIDA SCOLARI
	ANTONIO SCOLARI	DILETA SCOLARI
LUIGIA BELLINI		CLORINDA "INA" SCOLARI
		ALZIRA SCOLARI
DOMENICO MANFRIN		AMÁLIA SCOLARI
	TEREZA MANFRIN	LUIZA SCOLARI
MARIA BERTOLDO		ADELINA SCOLARI
		AUZILIO MARIANO SCOLARI

ANTÔNIO SCOLARI

Nascimento	Local	Casamento	Profissão	Esposo	Óbito
28/07/1875	Verona / Itália	28/12/1899	Sapateiro	Tereza Manfrin	29/07/1944



Maria Tereza Manfrin – Avó paterna de Margarete, mãe de Auzilio, emigrou da Comune de Sarego, província de Vicenza, chegando ao Brasil em 09/12/1895, casou com **Antônio Scolari** em 28/12/1899.

MARIA TEREZA MANFRIN

Nascimento	Local	Casamento	profissão	Esposo	Óbito
19/05/1875	Vicenza/ Itália	28/12/1899	Do lar	Antônio Scolari	01/07/1948

O casamento Antonio e Maria Tereza gera os seguintes filhos:

Nome	Nascimento	Óbito
Heitor Scolari		
Marieta Scolari		
Maria Candida Scolari	03/10/1902	06/10/1975
Dileta Scolari		
Ina Scolari		
Alzira Scolari		
Amália Scolari		
Luiza Scolari		
Adelina Scolari "Giordani"	05/12/1907	28/11/1990
Auzilio Mariano Scolari	22/05/1909	18/06/1994

Observa-se que todos os ancestrais de Margarete são italianos e os filhos destes casam com italianos (as). Em realidade eu sou um dos primeiros não italianos a me aventurar nesta família, inclusive no início de meu namoro, alguns "gringos" me chamavam de negrinho, bueno, mais isto é outra história, tudo tem seu tempo. O que eu realmente queria abordar é a imigração italiana, cujo ápice ocorreu no Rio Grande no período de 1870 a 1930. Observamos que pelas datas acima, os ancestrais de Margarete chegaram ao Sul no final do Século 19. Como os demais imigrantes, desbravaram as regiões a eles destinadas, e como se diz "comeram o pão que o diabo amassou", mas, com muito trabalho, dedicação e inteligência, prepararam as gerações futuras para uma vida melhor, digna e respeitada.

PARTE III - Outros filhos de Marcelino Giordani e Anunciata Sottili - Adolpho Giordani teve os seguintes irmãos:

Guilherme, Maria, Silvio Albino, Emilia Idalina, Ermelinda e Elvira Vitória Giordani.

Destes, Elvira casou-se com Osvaldo, engenheiro agrônomo ou Topógrafo, residentes em Porto Alegre, desconhecemos o sobrenome de Osvaldo.

GASPERO GIORDANI		SILVIO ALBINO GIORDANI
	MARCELINO GIORDANI	GUILHERME GIORDANI
MARIA ISABEL FINOTTI		MARIA GIORDANI
BENEVENUTO SOTTILI		EMILIA IDALINA GIORDANI
	ANUNCIATA DOSOLINA SOTTILI	VITÓRIA ERMELINDA GIORDANI
ELISABETTA SCARAVONATI		ELVIRA VITÓRIA GIORDANI



PARTE I V – Outros filhos de Caetano Dolzan e Fiorinda Merlo

Caetano Dolzan e Fiorinda Merlo, geram alem de Ana Maria Dolzan, Avó de Maragarete, os tios avós - Itália, Roberto Guilherme, Pedro Atilio, Vitório Silvio, Antônio, Vitória, Angêla, Silvia e Amábile Dolzan

PIETRO DOLZAN		ITÁLIA
	CAETANO DOLZAN	ROBERTO GUILHERME
MARIA AMÁLIA BONATO		PEDRO ATILIO
		VITÓRIO SILVIO
		ANTONIO
		VITÓRIA
		ANGELA,
	FIORINDA MERLO	SILVIA
		AMÁBILE

Nome	Esposo (a)	Filho (a)	Esposa (a)
Itália Dolzan	Julio Bem Pimentel +	Maria Salete	Tristão Rios
		Marco Antonio	
		João Francisco	
Roberto Guilherme Dolzan +	Miguelina de Souza +	Antonio Roberto	Heloisa Carvalho
		Paulo Renato	Mara Potrich
		Rogério Caetano	Léa Beatriz de Quadros +
Pedro A. Dolzan +	Ivany Colla +	Simone	Sérgio Machado
Vitório Silvio Dolzan +	Lilita Rosa	Julio Cesar; Margarete; Luiz Carlos (+) e Lolita	
Antonio Dolzan +	Irma Zimmerman +	Luiz; Lidio e Maria	
Vitória +	Pelegrino Comiran +	Guilherme Pelegrino Orlando Luiz	Luizinha Bonotto Clicie da Costa e Silva
Ângela Dolzan	Sartori	Alduino e Luiz	
Silvia Dolzan	Gazola	Silvia; Dorvalino; Oreste e João	
Amábile Dolzan	Fracasso	Arlindo, João, Vigilino, Maria	



PARTE V - Outros filhos de Luigi Scolari e Luigia Bellini e Descendentes.

	ANGELO SCOLARI
LUIGI SCOLARI	AUGUSTO SCOLARI
	LUIZ SCOLARI
LUIGIA BELLINI	DOMINGOS SCOLARI
	JOSÉ SCOLARI

✓ Ângelo Scolari – Irmão de Antonio, tio avô de Margarete, casado com Dali Baron "Scolari", teve dois filhos: Fortunato Scolari e Ricieri Scolari.

Fortunato Scolari casado com Alba Pivotto Scolari teve os filhos:

Clessi Scolari Dal'Molin - 25/03/1942, casada com Ari Dionísio Dal'Molin 24/05/1964, meus padrinhos de casamento; Euclides Scolari; Walmor Scolari e Wladimir "Kiko" Scolari.

Ari e Clessi tiveram os filhos: Roberto (06/11/1965), Luciana (13/08/1969), Alexandre (29/06/1973) e Carolina Dal' Molin (07/07/1978).

✓ Augusto Scolari – Irmão de Antônio, tio avô de Margarete, teve três filhas: Helena Scolari, Maria Scolari e Adelaide Scolari.

✓ Luiz (Luigi) Scolari - * 10/12/1888 + 16/12/1970 – Irmão de Antônio, tio avô de Margarete, casou-se em 08/03/1910 com Genoveva Giavarini Scolari, tiveram os seguintes filhos/netos:

Alberto Scolari - 27/10/1920, casado com Adélia Ventorim Scolari - 13/03/1924. Tiveram os filhos: Carlos Alberto, Luiz Marcos, Nilva e Paulo Ricardo Scolari.

Benjamim Scolari - * 11/01/1916 - + 30/12/1979, casado com Cecy Leda Scolari * 22/03/1922. O casal teve os filhos: Cleusa Scolari - 08/01/1916, esposa de Euclides Schenaider, 29/02/1933; Luiz Felipe Scolari "Felipão" 09/11/1948, casado com Olga Pesinato e Cleonice Scolari, casada com Nei Maia.

Damor Scolari * 1911 - + 1.957, casado com Josefina Gabriel Scolari, são pais de: Gelsi Scolari, casada com Arlindo Hoffman; Geldi Scolari, casada com Olinto Saccomori e Odete Scolari, casada com Valdir Saccomori

Maria Scolari * 1912, casada com Eli, com quem teve os filhos: Darci Scolari Eli e Adalgir Scolari Eli.

Vergílio Scolari - * 1913 e + 1944.

Angelina Scolari - * 1914, esposa de Vitorino Gabriel, que são pais de: Zeni, Zila, Zaide, Zilma, Zenaide, Zeli e Zilmar Scolari Gabriel

Arlindo Scolari - * 1915 e + 1931

Alcides J. Scolari - * 06/03/1924 e + 12/01/1984, casado com Frida Lang Scolari, pais de Luiz Mauricio Scolari e Nelci Scolari

✓ Domingos (Domenico) Scolari – Nascido em 10/03/1884 e óbito em 14/04/1935, casado com Thereza Centofanti Scolari, Irmão de Antônio, tio avô de Margarete, teve cinco filhos: Emilia, Tereza, Luiz, Avenuta e Antonio Scolari, este pai de Eduvar Scolari.

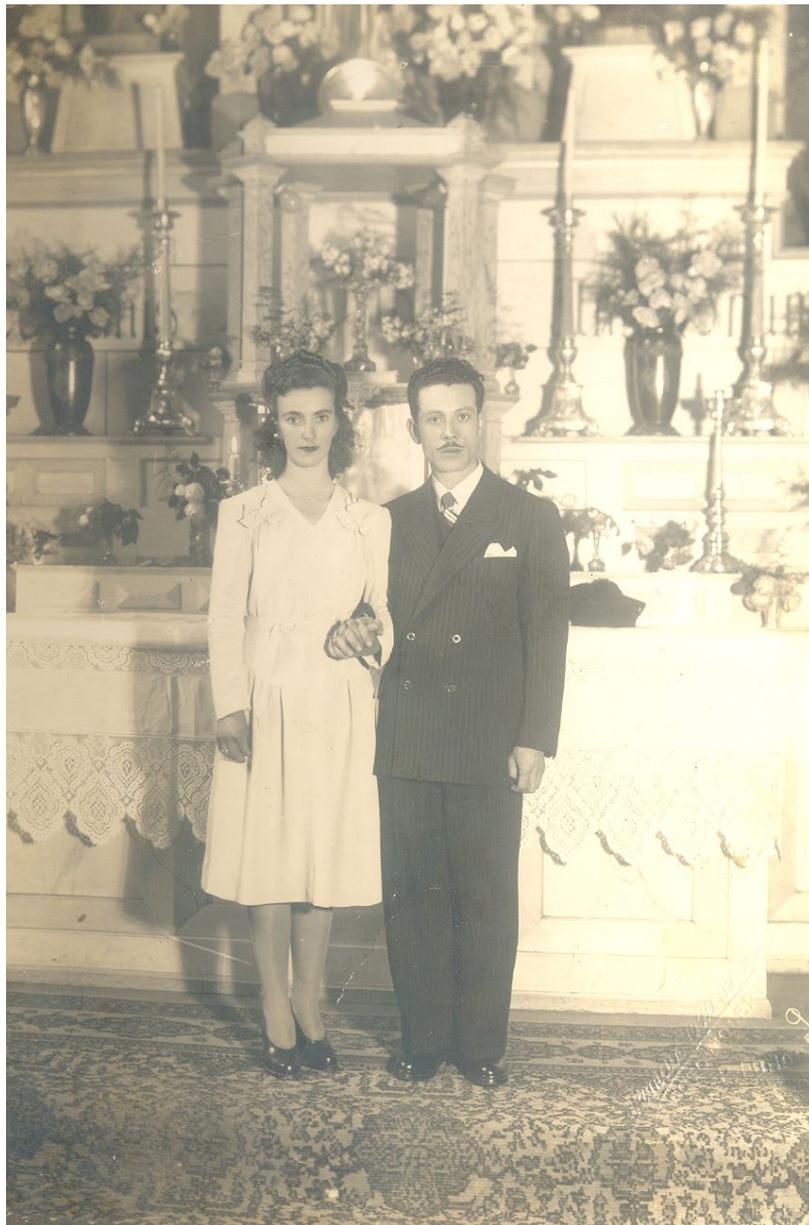
✓ José Scolari – Irmão de Antônio, tio avô de Margarete, teve quatro filhos: Luiza, Geraldo, Alfredo e Fioravante Scolari.





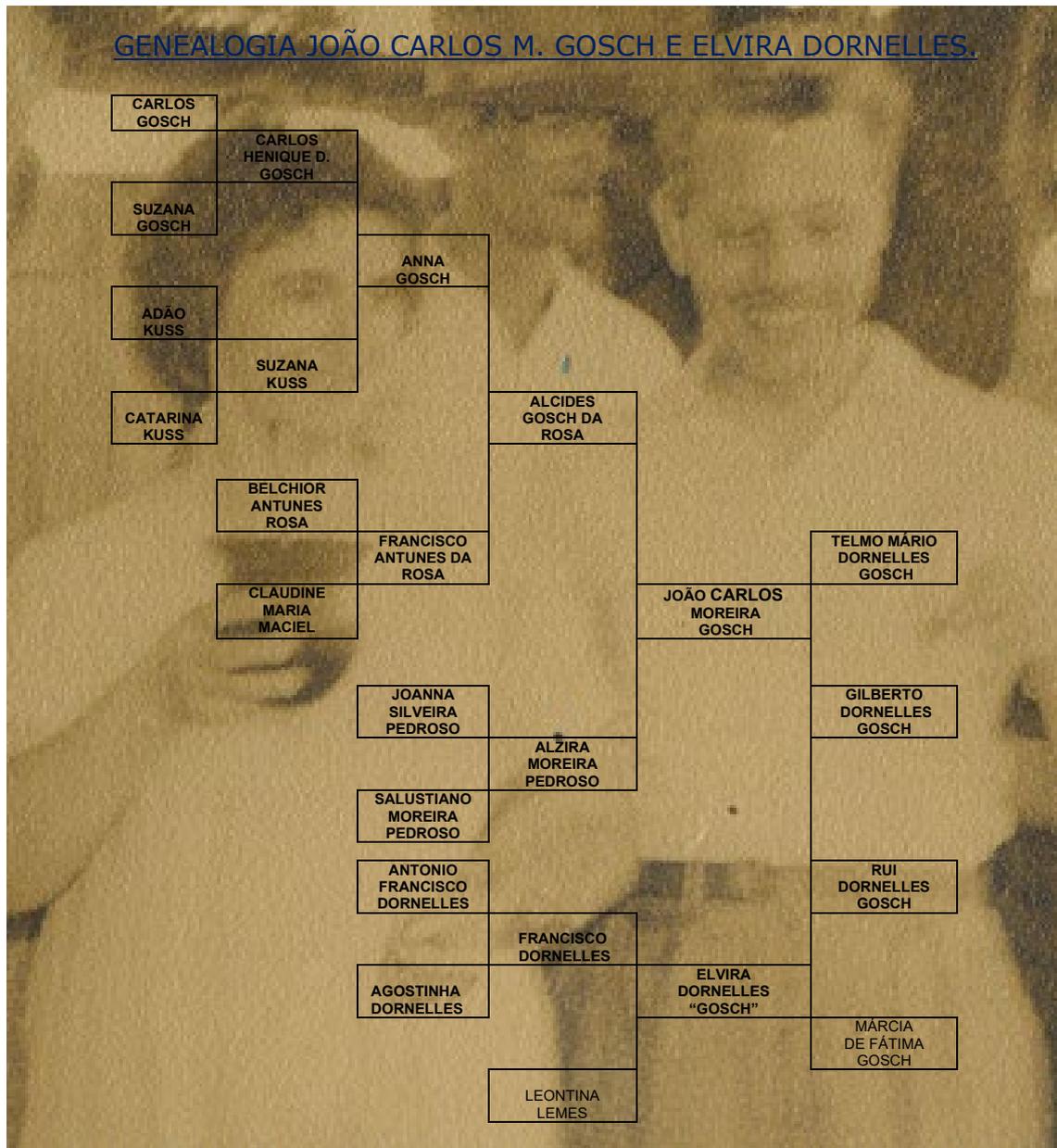
RAMOS I

PARTE - I - JOÃO C. M. GOSCH E ELVIRA DORNELLES



Casamento em 15 de setembro de 1945.

No longínquo 15 de setembro de 1945, nesta troca de alianças, tudo se inicia. Esta união, que se prolongou por felizes 50 anos, dá início a uma família. Possibilita a criação; o nascimento biológico; o nascimento do amor e a educação minha e de meus irmãos, Gilberto, Rui e Márcia.



João Carlos e Elvira

Alcido e Alzira contraem matrimônio em 1912, o mundo vive os antecedentes da primeira guerra mundial, que vai ter início em 1914. Neste ano nasce o primeiro filho do casal, que toma o nome de João Carlos Moreira Gosch, o dia é 24 de fevereiro.

João Carlos Moreira Gosch cria-se no Bairro Boqueirão, que naquela época tem mais campo que casas. A vida é simples e as atividades se dividem em cuidar e brincar com os cavalos, jogar pião, aqueles de madeira com ponta de ferro e que se joga com um forte barbante.

No colégio, estuda-se a cartilha Seleta, a autoridade das professoras é máxima, e a palmatória usada com frequência.

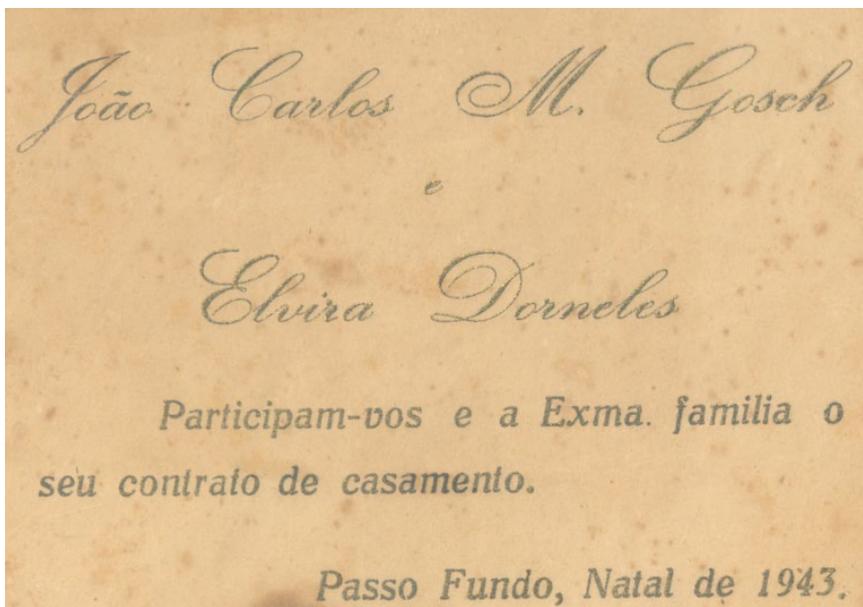
A vida é simples, os irmãos vão nascendo e ele, primogênito, ajuda a criar. Nos episódios da Revolução de 1923 nos arredores de Passo Fundo, em diversos momentos vai bombear as tropas maragatas. À medida que cresce, sente a necessidade de ajudar os pais. Precisa trabalhar. Faz alguns bicos em uma marcenaria, gosta do trabalho e do cheiro da madeira, pratica e chega a fazer pequenos trabalhos de carpintaria, mas por influência de amigos, passa a se interessar e vai aprender o ofício de alfaiate.

Dedica-se a esta profissão. Trabalha em diversas oficinas de alfaiate. Em busca do crescimento profissional transfere-se para Porto Alegre. O objetivo apreender a cortar. Curiosamente, sendo gremista, vai trabalhar em alfaiataria situada na Rua da Praia, de propriedade do jogador e técnico que marcou época no tricolor, Osvaldo Rolla, o Foguinho. Foguinho foi diversas vezes campeão Gaúcho, tanto como jogador como treinador. Se o Gosch já era Gremista, aí se consolidou esta paixão.

Neste período, em Porto Alegre, segue para aquela capital, o irmão Rui, que também trabalha na profissão. Acontece aí uma tragédia para a família, que vai ter reflexo no humor e no comportamento da vó Alzira. Rui é acometido de tifo, numa epidemia que grassa em Porto Alegre e faz milhares de vítimas. Com a morte de Rui, João volta a Passo

Fundo, triste e trazendo toda a tristeza para a família.

No retorno, ele como cortador e excelente profissional traz para o interior as novidades da capital. Após alguns trabalhos, fixa-se na Alfaiataria Luz, na Rua Morom, centro da cidade, de propriedade de Juvenal da Luz, onde trabalha por mais de 20 anos. Quando a profissão de alfaiate começa a decair pela industrialização do vestuário, ele deixa de ser empregado, mas



como era muito conhecido da clientela da Rua Morom, passa a trabalhar em casa na Rua dos Andradas, 466, atendendo a uma clientela selecionada.

João é criativo e não quer ficar parado no tempo, aliás, esta característica ele transferiu a seus descendentes. Em atenção a este modo de ser, faz um moderno curso, para a época, de corte e costura, se aperfeiçoa e passa a dar aula de corte para diversos profissionais no Estado.

O retorno de Porto Alegre aconteceu na década de 40, já beirando os 30 anos. Em uma tarde quente de domingo inicia o namoro com Elvira, nascem então o amor, o companheirismo, a convivência, todos confirmados no noivado em 25 de dezembro de 1943 e casamento em setembro de 1945, João está nos 31 anos e Elvira com 23.

Em outubro, Elvira está grávida, o primogênito nasce em 23 de julho de 1946, que recebera na pia batismal o nome de Telmo Mário Dornelles Gosch.

João traz de Porto Alegre o gosto pelo futebol, além do Grêmio se torna um apaixonado pelo Sport Club Gaúcho. Fez parte da direção do Periquito, participa na construção do Estádio da Montanha, ajuda ali inclusive a plantar o gramado. Nos dias de jogo, sempre me levava, trabalhava nas bilheterias cobrando ingresso, este seu exemplo me tornou um grande torcedor do Gaúcho.



Naquela época o futebol era regional, os representantes eram: Passo Fundo - Gaúcho e 14 de Julho; Carazinho - Glória e Veterano; Erechim - Ipiranga e Atlântico. O campeonato citadino era disputado por Gaúcho, 14 de Julho, Rio-Grandense (Clube Ferroviário) e Independente, sendo estes dois últimos amadores. O grande clássico era Gaúcho e 14 de Julho, este o nosso grande inimigo.

Esportivamente era um grande adepto do jogo de bocha, praticava com frequência, era muito bom pontuador, participou de campeonatos promovidos pelas associações dos trabalhadores, tendo sido por diversas vezes campeão. Já aposentado, fazia cobrança para o Clube dos Viajantes, onde também praticava a bocha nos finais de semana.

Politicamente, seguindo a tradição da família, era maragato e usava lenço encarnado, não diariamente, mas nos eventos que exigiam a sua posição política, assim expressava sua filiação e participação como dirigente do Partido Libertador. Seguiu os ideais de Gaspar Silveira Martins, Parlamentarismo, e tinha como seus líderes estaduais Raul Pilla e Brito Velho.

A sua participação como prócer do Partido Libertador era conhecida. Em todas as eleições ele trabalhava ajudando nos comícios, sendo fiscal do Partido, enfim, dedicava-se à agremiação partidária.

O relacionamento de João com os pais e irmãos foi sempre de respeito, exemplo, ética, sendo ele que iniciou e ensinou todos os irmãos na profissão de alfaiate.

Aos filhos, era companheiro e deixou como herança maior: trabalho, honestidade, postura de homem, respeito pelos mais velhos, pelas mulheres e pela família.

Era amigo dos livros, um leitor inveterado, lia todos os dias especialmente os domingos, e escutava o rádio, ouvindo futebol, Grêmio e Gaúcho. Quando os dois jogavam, torcíamos pelo Gaúcho, nestas ocasiões, raramente vencíamos.

No inverno gostava de reunir os amigos para jogar cartas, pif, passavam horas jogando, a mãe e alguma esposa dos jogadores punham os assuntos em dia e ficavam fazendo café, chimarrão, pipoca, bolinho de chuva e outras guloseimas, para atender aos convidados. O fogão à lenha chiando, lá fora frio e garoa, se o jogo estava encarniçado, ia até mais tarde, fazia-se então um arroz carreteiro ou matava-se uma galinha, para encher a barriga e animar os jogadores. O jogo era uma brincadeira, um passatempo, mas de vez em quando o Velho "pelava a coruja" dos visitantes, outras vezes, em dia de azar, eles lhe "rapavam o bocó".

Muitas vezes nós da família íamos para o jogo, pai, mãe, a prima Landa, algum tio, Raul, Ruth e outros, enfim quem aparecesse. Jogávamos víspera ou bingo marcado com milho ou feijão, eu jogava sempre com meus cartões azuis. Cada rodada era pago ao vencedor com balas, em muitas ocasiões as balas eram da marca Chita, que trazia uma figurinha de jogadores de times de futebol em seu interior. A gurizada queria ganhar, ficávamos tensos a cada número cantado, suávamos nas mãos, ganhar era importante por dois motivos: primeiro tínhamos álbuns para encher com as figurinhas, segundo, tinha a gozação depois do jogo.



Elvira Dornelles - Nascida em Soledade, 1922, criada entre o campo e a cidade. Tinha um sonho mudar-se para Passo Fundo. Como o convencimento do pai, o Chiquinho Barbeiro, não foi favorável, aos 14 anos, tomou o ônibus que ligava as duas cidades e "fugiu" para a casa dos padrinhos, família Ruas, Antoninha Ruas e Antonio Leite Ruas, amigos de Francisco e Leontina, que haviam convidado diversas vezes Elvira para morar com eles.

Neste período Elvira, ajuda a madrinha nas atividades domésticas, frequenta com a família a Igreja Metodista, e aos 21 anos conhece meu pai, João Carlos.

Elvira, como mãe, foi e é maravilhosa, incentivou os filhos nos caminhos da vida, mostrou que a estrada para quem é pobre é o estudo, ou então uma profissão. Batalhou para que todos os filhos estudassem, digamos que nesta empreitada ela ficou meio a meio. Sempre foi extremamente carinhosa e defensora dos filhos, e como tenho um jeito carinhoso como o dela, vivíamos pendurados um no pescoço do outro. Desde pequeno fui seu confidente, tudo que acontecia no seu entorno era comigo que ela se "abria", nisto fui substituído com o passar do tempo pela Márcia.

Caracteriza-se por ter uma personalidade firme, embora por humilde delicadeza ouça a opinião de todos, mas quando os palpiteiros viram as costas, ela faz as coisas acontecerem de seu jeito.

Ensinou-me que o sucesso no casamento é o carinho e o respeito, sempre gostou muito da Margarete e, quando veio a conhecê-la, aprovou de imediato o nosso casamento.

João e Elvira tinham uma característica, pouco reconhecida nestes tempos modernos em que o costume é cada um por si e Deus por todos. Devo por uma questão de justiça enaltecer o que chamamos comumente de ter bom coração e o estender a mão ao próximo, esta era uma característica muito marcante no casal.

O pai era uma pessoa muito justa e bondosa e a mamãe tem no sangue o dar a camisa ao próximo, característica herdada dos Dornelles de Soledade e de seu pai, o velho Chico. Por esta soma de características, embora as grandes dificuldades econômicas que tinha a família, sempre estenderam a mão, ajudando, até mais que ajudando.

Na década de 50 receberam meu tio Marino, que veio de Soledade aprender a profissão de barbeiro, morou em nossa casa por diversos meses, tornou-se excelente profissional. Na década de 60 moraram conosco: por meses o jovem Juarez, um aparentado da mãe, vindo de Soledade, estudante do IE; os primos Sônia e Léo, filhos da tia Marina, irmã da mãe, que tinha se divorciado do marido, Miguel Tarnoweski. Os primos viveram anos conosco, cresceram, estudaram e se tornaram cidadãos. O Léo aprendeu a profissão de alfaiate, trabalhou como profissional, e bom profissional, por diversos anos, posteriormente por esforço próprio formou-se em Administração Rural.

Mas o fato que demonstra o grande coração, a grande disposição de estender a mão ao próximo, foi em 1963, março, quando a mãe num lance de imenso amor, bem como pelo infinito desejo de ter uma filha, montou todo um esquema para a adoção de uma menina, que veio a se chamar Márcia de Fátima.



Márcia e Mãe, em momento de alegria e descontração.

Este gesto, que repito, de grande amor, foi extensivo a todos os membros da família. O pai no início ficou preocupado, pois sabia da grande responsabilidade de ter mais um filho em casa, mas logo se animou e foi providenciar os documentos junto ao juizado. Mas isso são detalhes jurídicos de menor importância, o essencial é que a Márcia foi recebida como aquela filha esperada, aquela irmã que completava a família.

Ela se torna o bebê de todos nós, enche a casa de alegria. Com o passar dos anos a Marcinha, ou simplesmente Cinha, demonstra e retribui todo o amor a ela dedicado, especialmente pelo pai e pela mãe. Passa o tempo e ela se torna a guardião e o centro de referência dos "velhos", o machedo sai de casa, arruma uma china, casa e vai embora, e lá esta a Cinha.

A Márcia casa-se cedo, aos 17 anos, o namorado, noivo e futuro marido é Luis Gladimir Bilhar. Veio de Lagoa Vermelha para trabalhar em Passo Fundo. Quis o destino que fosse morar na pensão da Dona Elvira. Em verdade no início nós, Telmo, Giba e Rui, ficamos queimados com este peão que vinha da Lagoa e estava roubando nossa irmã, reconheço que eram puros ciúmes da guria, tão novinha e já ia embora, coisas de gurizada. Temos a maior consideração pelo cunhado, gente boa barbaridade.

Deste feliz casamento resultaram três sobrinhos, duas gurias e um guri. O Vô e a Vó eram só alegria, e a Cinha estava sempre na volta, cuidando do marido dos filhos, mas sem se esquecer dos pais, cuidou do pai como só ela podia fazer, com muito amor, carinho e amizade, até o seu falecimento. Hoje continua atendendo com muita dedicação, amor e carinho a mãe de todos nós.

Eu particularmente quero render aqui, de público, todo o reconhecimento que tenho pela Márcia, que além de mana é minha afilhada. Reconheço o quanto ela tem sido importante, compreendendo e espero a compreensão dela que nós Telmo, Giba e Rui, sendo homens, e nessa condição, temos dificuldades em traduzir em ações todo o amor que temos por nossos pais. Em verdade ficamos meio tímidos, meio enrolados e a Márcia faz e tem feito isso com grande dedicação, daí o meu respeito, meu amor, meu carinho e o orgulho que sinto em tê-la como irmã.

Mas há outro fato que caracteriza a vida de Dona Elvira e que deve ser exaltado, e creio que hoje, passados os anos, deve ser discutido e bem entendido por todos nós, enfim estamos maduros e temos o dever de compreender melhor a vida.

Refiro-me ao fato de a mãe principalmente, secundada pelo pai, tomar a iniciativa, evidentemente que num primeiro momento econômico, mas que com o passar do tempo se tornou quase que um propósito de vida, de se envolver e dedicar parte de suas vidas a receber hóspedes em casa, na pensão da "veinha".

Durante 35 anos, a mãe manteve uma pensão, por onde passaram centenas de pessoas, de todos os perfis. A dedicação da mãe aos pensionistas foi sempre extrema, quase um sacerdócio, transformando-os em filhos, nem sempre, ou raramente teve o reconhecimento ou agradecimento daqueles que foram beneficiados com casa, comida, amizade e preço muito baixo.

Quando falo em compreender melhor a vida é pelo fato de, em todos estes anos de dedicação a estranhos, a mãe ter cumprido uma missão que a ela estava reservada, o que ela fez muito bem, dedicação ao próximo. Em muitas oportunidades, foi duramente criticada pelos familiares e por amigos e conhecidos, mas o fato é que ela se sentia bem, muito bem, cozinhava, lavava, arrumava, fazia tudo isso com muito prazer. Muitos se formaram, conseguiram bons empregos comendo a boia da "veinha". Ela se orgulha de cada caso de sucesso de seus "filhos". Considerando que a felicidade são momentos especiais na vida, ela teve em realidade 35 anos de felicidade e dos quais ela tem saudades e fala daqueles tempos com grande alegria. Creio que, no final de tudo, isso é o que mais importa.

Pela pensão passaram e se formaram, entre outros: professores, médicos, engenheiros, empresários, enfermeiros, é bom que se diga que também passaram peões, carpinteiros, pedreiros, estudantes etc.

Do casamento de João Carlos Moreira Gosch e Elvira Dornelles, nascem três filhos homens e é adotada uma menina, Márcia de Fátima, na minha concepção pai e mãe não é quem faz, mas sim quem cria. Embora Márcia não seja filha biológica a sua filiação e o seu relacionamento com os familiares são muito, mas muito, mais importantes, pois são fruto de um grande amor a ela dirigido e por ela ao longo do tempo retribuído.

JOÃO CARLOS MOREIRA GOSCH

Nascimento	Local	Profissão	Noivado	Casamento	Esposa	Óbito
25/02/1914	Passo Fundo	Alfaiate	25/12/1943	25/09/1945	Elvira Dornelles	08/01/1995

ELVIRA DORNELLES

Nascimento	Local	Noivado	Casamento	Esposo	Óbito
12/10/1922	Soledade	25/12/1943	15/09/1945	João Gosch	27/11/2017

Deste casamento nascem:



Nome	Nascimento	Óbito
Telmo Mário Dornelles Gosch	23/07/1946	
Gilberto Dornelles Gosch	27/07/1950	
Rui Dornelles Gosch	06/08/1954	
Márcia de Fátima Gosch	06/03/1963	

Das conversas com meu pai, lembro-me entre suas histórias de piá: os jogos de pião, as andanças a cavalo e a obrigação de tratar os animais e dar água para os matungos todas as tardes. A escola que frequentava na qual o livro principal e provavelmente o único era a Cartilha. O humor da professora, sempre rígida e usando para controlar a turma a palmatória, dando "bolos" nas mãos da meninada. Pra completar o pai era uma pessoa em meu entender tímido, e, além do mais, tinha uma admiração imensa por seu pai, meu avô Alcides. Por isso, quero homenagear meu velho com a musica Guri, que me parece a sua cara, pr completar só precisava que a filha fosse do seu Chico.

Guri - Composição: Cezar Passarinho



João Carlos Gosch e Telmo Mário

Das roupas velhas do pai queria que a mãe fizesse
 Uma mala de garupa uma bombacha e me desse
 Queria boinas e alpargatas e um cachorro companheiro
 Pra me ajudar a botar as vacas no meu petiço sogueiro
 Hei de ter uma tabuada e o meu livro querer ler
 Vou aprender a fazer contas e algum bilhete escrever
 Pra que a filha do seu Bento saiba que ela é meu bem querer
 E se não for por escrito eu não me animo a dizer (Bis)
 Quero gaita de oito baixos pra ver o ronco que sai
 Botas feitio do Alegrete e esporas do Ibirocai
 Lenço vermelho e guaiaca compradas lá no Uruguai
 Pra que digam quando eu passe saiu igualzito ao pai
 E se Deus não achar muito tanta coisa que eu pedi
 Não deixe que eu me separe deste rancho onde nasci
 Nem me desperte tão cedo do meu sonho de guri
 E de lambuja permita que eu nunca saia daqui.



Elvira e os quatro filhos, no Natal de 2010, aos 88 anos.



Elvira com a cunhada Alcedina (Tia Dina) e os netos Caroline, Juliane, Marcelo, Gilberto e Rodrigo e as bisnetas Mariana e Julia – Natal de 2010

Em homenagem à mamãe, deixo esta poesia, rascunhada em janeiro de 2011, quando a visitei, meses após ela ter completado 88 anos.

DOZE DE OUTUBRO

01/2011

De forma mui singela
Me expresso com fervor,
Homenageando aquela
Que por mim sentiu a dor,
Marco em ferro rubro
Sinalizando amor e saudade
Nasceu ela em vinte e dois,
Primavera em Soledade.

Elvira é o seu nome
Gosch herdou do esposo
Dornelles seu sobrenome
Outubro é mês mui pomposo
Doze é dia de Rainha
Numero mágico, caprichoso,
Além de representar a dúzia
É um numero religioso.

Número cheio de encanto
Marca a história, marca a vida,
Pois o doze de outubro
É da Senhora Aparecida,
Nesta crônica maneira
Abuso da fita métrica
Pois nesta data trigueira
Foi descoberta a América.

Consagro aos agrônomos
Meus irmãos de profissão
Esta data benfazeja,
Porque homenagear é a razão
Falo cheio de esperança
Conto tudo e faço coro
Este dia é da criança,
É dia também do cachorro.

Nos eventos aqui citados
O amor todo é visível
Mas quero destacar
Pois isso é mesmo incrível,
O perfil de minha mãe:
Serenidade e perdão,
Fez da vida um sacerdócio,
Na vida foi doação.

Casou bela e preciosa,
Logo veio a produção
Três machos e uma mimosa
Viveu sempre em comunhão
Cumprindo o seu destino
Com amor - dedicação
Criou muitos outros "filhos",
Apoiou grande legião.

Foste muito desprendida
Nessa sagrada missão,
Amar ao próximo...,
Foi celestina opção
Alimentou, acarinhou
Deu-lhes até profissão,
Poucos lhe compreenderam
Raros lhe agradeceram.

Às vezes incompreendida,
Nunca esmoreceu,
Com ternura e com doçura,
Abrigou filhos dos outros
Como filhos fossem seus,
Tendo a consciência perfeita
De que ajudando aos pobres
Estava emprestando a Deus.

Te olho cheio de enlevo,
Velha matriarca querida,
Cada vinco em teu rosto
Foi uma batalha vencida,
Fica a história registrada
Escrevo não sendo afoito
Comemoramos tua era
"Guria" de oitenta e oito.

Tens meiga biografia,
Remota sabedoria,
Como a roseira florida
Colore e ilumina a vida,
Mereces a proteção,
Pela experiência vivida,
Da Mãe do Redentor
A Senhora Aparecida.

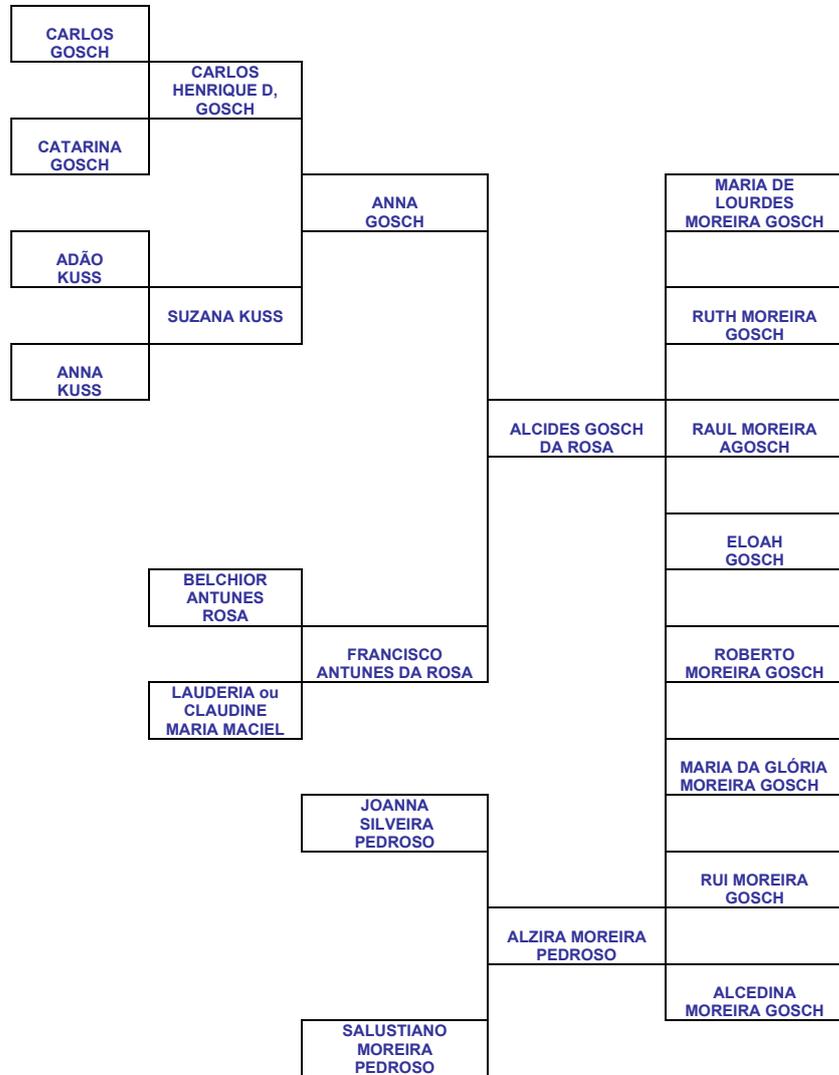
Telmo Mário Dornelles Gosch



PARTE – II - Os outros filhos de Alcides/Alzira e descendentes

Alcides e Alzira tiveram nove filhos, ou seja, meu pai João Carlos e mais oito, sendo que Maria da Glória nasce e logo vem a falecer, no período da Revolução de 1923.

Dos tios, somente a Ruth e a Eloah casa-se e tem filhos.



Ruth Moreira Gosch "Bueno" casa-se com Manuel Bueno e passa a assinar Ruth Gosch Bueno. Tem uma filha, Iolanda, nascida em 25/01/1943, fica viúva muito cedo. Volta a morar com os pais e trabalha como costureira em casa, costura calças e coletes para alfaiatarias do centro da cidade.

Ruth por trabalhar em casa enquanto os outros labutavam fora, é a tia que está mais presente no dia a dia de minha infância. Iolanda, Landa, sua filha é a minha amiga de brincadeiras e por ser mais velha me ensina e me auxilia nas tarefas escolares. Esta tia era muito especial, embora tenha tido uma vida de dificuldades, pela viuvez precoce. Criar a filha sozinha lhe arremeteu a intensas jornadas de trabalho.

Embora esta situação de dificuldade, nunca perdeu a alegria de viver, era uma pessoa alegre e otimista, bonita, lembra-me a beleza de minha filha Juliane. Junto com a mamãe, ela cuidava da gurizada, eu, Landa e, mais tarde, Giba e Rui.

Por volta de 1952, uma epidemia de coqueluche se instalou naquele rincão, fui para o isolamento junto com Iolanda para não transmitir a doença a meu irmão Gilberto, que era guri novo. Em um quarto na casa de vovó ficamos mais de uma semana confinados, todos nos cuidavam, mas era a tia Ruth, por estar mais próxima, que nos atendia dia e noite, fazia chás e nos contava histórias, enquanto nós nos finávamos de tossir. À noite nos ensinava a rezar, neste período, aprendi a rezar o Pai Nosso, a Ave Maria e o Santo Anjo do Senhor. A doença é desgastante, ficamos muito enfraquecidos, até leite de égua, que misturado ao açúcar queimado, dizem que é um santo remédio, nos deram para beber. Depois de dias isolados, saímos para o sol, magrinhos, mas felizes. Nesta ocasião esta tia foi o meu anjo da guarda.

Ruth também é "culpada" pelas cáries dentrias que eu tenho, são poucas, mas as obtive comendo rapadura paga por ela. Todos os dias após o almoço eu chegava ao corredor lateral da casa, em frente à janela onde a tia tinha a máquina de costura:

- Tia! Comemos hoje rapadura? Ela mexia na gaveta da máquina, procurava uma moeda, com calma para me judiar, tomava um gole de chá, me faz um carinho na cabeça e decretava:

- Busca lá no seu Fontana, bodega da esquina, pede rapadura feita lá em Nonoai, macia com cidra, na palha de milho, que é para conservar o frescor.

Eu saía pulando e rente estava de volta, passávamos a tarde adoçando a boca, para aliviar a doçura sempre tinha em cima da máquina ou na mesa uma chaleira com chá de sete ervas.

RUTH GOSCH BUENO

Nascimento	Local	Profissão	Esposo	Óbito
29/09/1921	Passo Fundo	Costureira	Manuel Bueno	22/07/2006

Do casamento, Ruth e Manoel nasce uma filha:

Nome	Nascimento
Iolanda Glael Gosch Bueno	25/01/1943



Eloah Moreira Gosch "Netto". A tia Eloah é a lembrança da alegria e da animação. Adorava festas, bailes, carnaval e reuniões. Liderava o seu grupo de amigas. Lembro-me dela brincando com a meninada, eu, Landa, Giba e outros gurus da vizinhança, nos dias de chuva correndo na rua, andando pelos valos onde corria água, as noites quentes de verão jogando queimada, peteca ou aprisionando vaga-lume em garrafas para fazer lanterna.

Se eu tinha alguma diferença com outros gurus, e estes fossem mais velhos e mais fortes, o que não era difícil, porque eu era magrinho, miudinho (criado à promessa), ela chamava o meu desafeto e avisava: se bater no Telmo, se acerta comigo.

Como comerciária, trabalhava numa livraria e bazar, na Avenida Brasil, Livraria Nacional. Nos meus aniversários, páscoa, natal etc., eu era presenteado com brinquedos daquela loja.



A tia era uma carnavalesca extremamente animada, gostava de samba, marchinha e frevo, além de dançar tango, especialmente com o Roberto. Suas festas sempre acabavam em carnaval, quando ela, toda garbosa, demonstrava suas habilidades como "bailarina". Quando nos encontrávamos ela gostava de dançar, especialmente com o sobrinho mais velho, eu, como vocês podem ver na foto ao lado. Se a festa estava animada era por nossa conta. Eu apresento esta foto com o maior carinho, pois ficou muito tempo exposta na sala da casa da tia, junto com as fotos dos barbados por ela criados. Se minha foto estava lá era porque ela tinha, eu tenho segurança disso, grande apreço e carinho por mim, hoje este retrato está em minha casa em Palmas, em local de destaque.

Casou-se em 1957 e foi embora com o companheiro, João Carlos Netto, morar em Porto Alegre, depois em Santa Cruz e novamente em Porto Alegre. Foi esposa companheira e mãe competente, teve uma dedicação exemplar e até fanática aos filhos; os quais transformou em homens na acepção da palavra. Esses guris nos têm enchido de orgulho.

Eloah, como todos de sua família, era católica fervorosa, liderou movimentos na Igreja e no Clube de mães do qual foi presidente. Para completar, e não podia ser diferente, era Gremista de primeira hora, daquelas que tocava flauta nos vizinhos e discutia futebol como gente grande.

Em 13 de maio de 2001, na infância da terceira idade, vem a falecer, abalando a todos. Em seu caixão, tristeza, lágrimas, saudades e a bandeira do Grêmio. Seu túmulo está localizado no sexto andar do Cemitério São Miguel e Almas, Porto Alegre, em frente à goleira do Estádio Olímpico, de onde com certeza torce e aprecia nossas vitórias.

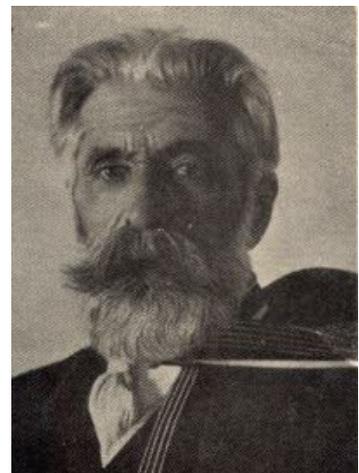


João Carlos Netto - Gaúcho de Camaquã, marido dedicado e pai competente, trabalhou como viajante e firmou-se com funcionário do Ministério da Agricultura, na Delegacia Federal de Agricultura em Porto Alegre. Já maduro fez Faculdade, como era seu sonho, e se tornou economista, inteligência rara.

João era filho de José Antônio Mattos Netto (* 24/06/1854 - + 22/05/1948) e Brígida Netto. Por uma questão de justiça e de admiração e inclusive porque destaquei acima antepassados que participaram das revoluções em 1893 e 1923, friso que José

Antonio Mattos Netto, avô dos guris é o líder libertador e maragato, conhecido na história do Rio Grande como o General Zeca Neto. Comandante Maragato nas revoluções de 1893 e 1923.

Em 23, já com 69 anos, o General lutou sob o lenço vermelho contra os chimangos de Borges de Medeiros. Dentre os seus feitos estão, com grande apoio popular, a tomada e o domínio por horas da cidade de Pelotas, importante centro comercial do Rio Grande àquela época.



O Rio Grande e Camaquã homenageiam o General de diversas maneiras, em Camaquã e outras cidades nomearam ruas e avenidas com seu nome. Sua residência em Camaquã, conhecida como o Forte Zeca Netto, abriga uma biblioteca.

O segundo filho de João e Eloah leva o nome de José Alcides – Zequinha - em homenagem aos avós: José Antônio Mattos Netto – Zeca Netto e Alcides Gosch.

ELOAH MOREIRA GOSCH “NETTO”

Nascimento	Local	Profissão	Casamento	Esposo	Óbito
15/07/1933	P. Fundo	Do lar	1957	João C. Netto	13/05/2001

JOÃO CARLOS NETTO

Nascimento	Local	Profissão	Casamento	Esposo	Óbito
02/02/1926	Jaguarão	F. Público	1957	Eloah M.Gosch	11/03/2005

Do casamento nascem os filhos:

Nome	Nascimento
Carlos Alexandre Netto	07/08/1959
José Alcides Netto	31/10/1960
João César Netto	24/02/1964

Muitos foram e são os homenageados com músicas, histórias, poesias, lembrando suas preferências, seus gostos, suas aventuras, logicamente com uma pitada de Telmo, para a tia Eloah, não poderia ser diferente, e pra ela e pra nós, a primeira parte do Hino do Imortal Tricolor.

Hino oficial do Grêmio F.B.P.A. Música e letra – Lupicínio Rodrigues

Até a pé nós iremos
Para o que der e vier
Mas o certo é que nós
estaremos
Com o Grêmio onde o
Grêmio estiver



Cinquenta anos de
glórias
Tens **imortal** tricolor
Os feitos da tua história
Canta o Rio Grande com
amor



Rui Moreira Gosch – Não o conheci, pois morrera antes de meu nascimento, como já foi dito, numa epidemia de tifo que assolou Porto Alegre. Rui como todos os irmãos também era alfaiate, faleceu muito jovem aos 18 anos, solteiro.

RUI MOREIRA GOSCH

Nome	Nascimento	Profissão	Óbito
Rui Moreira Gosch	13/04/1.919	Alfaiate	15/01/1.938

Maria de Lourdes Moreira Gosch -



Lourdes era uma pessoa maravilhosa, servideira e amiga, com grande responsabilidade e atitudes firmes. Trabalhou anos e anos como comerciária.

Era muito feliz e tinha uma identificação muito grande com a família, adorava os pais, especialmente o vô. Tinha um carinho enorme pelos sobrinhos, eu que era o mais velho levava sempre alguma vantagem, até que o Alexandre veio para me roubar um pouco da sua atenção.

Lourdes tinha habilidades como costureira e uma bela cozinheira, gostava imensamente de reunir os familiares nos fins de semana e nas festas de fim de ano para comemorar.

MARIA DE LOURDES MOREIRA GOSCH

Nome	Nascimento	Profissão	Óbito
Lourdes Moreira Gosch	30/07/1917	comerciária	24/12/1973



Alcedina Moreira Gosch

Aqui um caso especial, hoje, a última viva de uma geração. Minha companheira de recordações e histórias, a tia que sempre protegeu com unhas e dentes os sobrinhos, e eu tive o privilégio de ser, além de sobrinho, afilhado de batismo e de casamento.

Alcedina, Dina, é a segunda mãe de todos nós. Morou até 1963 à rua dos Andradas, 482. Quando do falecimento de vô Alzira mudou-se para a Av. Brasil, centro, prédio em que funcionava a tradicional Farmácia Rosa da qual era gerente. Neste endereço morou por mais de 18 anos, ali se tornou o centro de convergencia da família. Em casa anexa à farmácia, aconteceram muitos encontros familiares, muitas

festas: Natal, final de ano, aniversários e churrascos assados pelo tio Raul.

Alcedina teve seu primeiro trabalho na secretaria do IE – Colégio Instituto Educacional, que ficava em frente à nossa casa.

Posteriormente, passou a trabalhar em farmácias, do grupo Birmann, chegou a gerente, e se aposentou neste trabalho.

Nas farmácias, começou como vendedora, passou a caixa e terminou como gerente, isto por muitos e muitos anos. Com ela eu aprendi um "dito" que tenho levado pela vida, especialmente nos meus locais de trabalho:

"Depois de mim virá,
quem bom me fará"
Do Popular

Por ter trabalhado em diversos locais, com um sem número de pessoas, onde sempre existem alguns metidos a sabe tudo, dentro desta mesma linha gosto também do seguinte "dito popular"

Você que está chegando agora,
Criticando o que está feito,
Por que não estava aqui
Na hora de fazer?

Assinado - Aquele que fez quando ninguém sabia ou queria fazer.
Do Popular

Hoje, Alcedina mora no centro da cidade de Passo Fundo, curte a vida de aposentada, vai com frequência a Porto Alegre corujar os sobrinhos. Toda a semana toma chá nas reuniões do Lions. Nestas reuniões ela põe em dia os assuntos com as amigas, e está sempre muito bem informada sobre a sociedade passo-fundense.

ALCEDINA MOREIRA GOSCH - DINA

Nome	Nascimento	Profissão	Óbito
Alcedina Moreira Gosch	27/12/1924	Comerciária	20/11/2015

Obs - Agora, novembro de 2023, estou revisando esta Genealogia, escrita em 2.008, Alcedina, faleceu como acima em 2015, bem como Elvira minha mãe faleceu em 2017.



Raul Moreira Gosch - O Bombardão, ou simplesmente Bardão, meu tio; meu padrinho de batismo e de casamento. Bueno, embora duplamente padrinho, nunca me deu um presente material. Isto era de seu estilo. Acho que nunca deu nada a ninguém, ou, melhor, provavelmente deu algum perfume às prosti, das quais, ele vivia cercado. Mas o Bombardão me deu mais que qualquer presente, era meu amigo, companheiro e tinha grande orgulho deste afilhado, da Margarete e dos meus filhos, seus sobrinhos netos.

Como os demais irmãos era alfaiate, trabalhou algum tempo junto com meu pai na Alfaiataria Luz, depois montou oficina em diversos locais da cidade, tinha sua própria freguesia, amigos, parentes, companheiros de farra etc.

Bebia pouco e fumava menos ainda, gostava mesmo era da companhia das tiangas. Varava as noites dançando e conversando com o mulhero. Quando nos mudamos para a Andradas, 466, eu era piazito no mais, ali pelos cinco anos; num domingo, coisa de quatro horas da tarde, o Raul, com seus 24 anos, pediu licença para a mãe, me pegou pela mão em frente à casa de meus pais e descemos a rua dos Andradas em direção a Lava-Pés, local onde existiam diversas casas "suspeitas". As mais famosas eram as casas da Marieta e da Otacília, e foi nessa que o Raul chegou, me levantou nos braços e me sentou na janela. No interior da casa, música, homens, mulheres, cerveja, fumaça de cigarro e aquele perfume tradicional de zona do baixo meretrício, ele cochichou ao meu ouvido, e eu falei em alto e bom som:

- Boa tarde, putedo.

E o putedo gostou! Riram e riram muito! - Entra aí Gosch, gritou uma gadelhuda, - paga umas cervejas. O tio me colocou nos ombros e entrou, passei umas duas horas no colo da mulherada, tomando refrigerante. Cheguei em casa cheirando a perfume de china. Foi a minha primeira experiência nas campeiradas da vida.

Mas o Bardão era uma figura, gostava de fazer um churrasco, e fazia muito bem. Nos fundos das oficinas de trabalho, sempre tinha uma churrasqueira improvisada, podia ser um latão, um tonel ou um tanque velho de lavar roupa, carvão e espeto com fatura, fim de semana ou mesmo aos fins de tarde, quando estava animado, chamava os companheiros.

Era um gaúcho de opinião, depois de botar alguma coisa na cabeça, encasquetava e ninguém o fazia mudar, teimoso, como um jumento, por isso era chamado de Piruca, para os mais chegados tinha também o codinome de Testa Azul, pois tinha uma leve e quase invisível mancha azulada na testa, provavelmente motivada por uma batida. Conhecia todas as fofocas da cidade. Lia religiosamente o Diário da Manhã e o Correio do Povo e escutava as rádios da cidade, era bem informado. Mas gostava mesmo era de polêmica. Procurava sempre algum assunto para provocar a discussão: futebol, política, miss universo, fosse lá o que fosse ele tinha opinião e geralmente era contra a dos outros, era uma forma de provocar os demais, tenho certeza que depois ele devia ficar rindo do estrago feito.

Mas era uma alma muito especial, nunca soube que tivesse um inimigo, alguém que não gostasse dele, vivia uma vida simples, séria, mas quem não tinha intimidade com ele o achava carrancudo.

O local de trabalho, a oficina de alfaiate ou Alfaiataria Gosch, como queiram, era o centro de convergência de uma infinidade de amigos. Os primos, filhos do tio Gumerindo (Cláudio, Mário, Aparício, Osvaldo...), o Milton, filho da prima Ceci, o Carão, o Têta - Mauro Schultz dos Santos, o Sady da Luz - O bruxo, colegas de profissão, ali, além do papo, tinham chimarrão, café e fofoca.

Tenho procurado homenagear os que por aqui estão passando, com músicas das quais gostavam e os caracterizavam, ao Raul, deixo os primeiros versos de uma música que é a sua cara, **Recuerdos da 28** - *Knelmo Alves / Francisco Alves*

De vez em quando, quando boto a mão nos cobre,
não existe china pobre nem garçom de cara feia,
eu sou de longe donde chove não goteia
não tenho medo de potro nem macho que compadreja.

Boleio a perna e vou direto pro retoço,
quanto mais quente alvoroço
muito mais me sinto afoito.
E o chinaredo que de muito me conhece
sabe que pedindo desse meu facão na 28.

Infelizmente, não pude acompanhar os seus derradeiros dias, pois já morava no Tocantins. Faleceu aos cuidados da tia Dina, como aconteceu com outros familiares, dos quais a Dina foi o anjo da guarda. Mas o Bombardão deixou saudades na família, nos sobrinhos e especialmente no chinaredo do Boqueirão, da Xangri-lá e da Vila Petrópolis. Deixou-me de herança uma fivela de prata, singelo recuerdo de família, que herdou de seu pai e este de seu avô. Tendo como motivo este mimo, rascunhei a poesia abaixo em homenagem a meus ancestrais.



MÁGICO BROCHE (Fivela de prata)

Dos recuerdos da família
Tenho muito orgulho dela
Pois recebi de herança
Bonita e prateada fivela

Relíquia familiar
Cruzou campo e cidade,
Enegrecida e argenta
Riscada pela idade

Prendes o couro curtido
Em tua presilha arteira
De pelica ou de vaqueta
É rude joia campeira

Atravessaste os séculos
Em muita cintura taca
Sentiu a fumaça negra
Da buena luta Farrapa

Chegou a noventa e três
Das peleias ouvindo prosa,
Fazia parte das pilchas
De Francisco Antunes da Rosa

Acompanhou os entreveros
Lançãos, tiros - desacatos,
Na Batalha de Valinhos
Chorou com os Maragatos

No cinturão do pedreiro
Da natureza sentiu o cheiro
Atravessastes poteiros
No lombo de parelheiros

Quando chegou vinte e três
Continuou a sua saga
Na cintura de vovô
Alojou pistola e adaga

Em rinhas de galo,
Na cancha reta - na bocha,
Tinhas o orgulho de guacha
Brilhando sobre a bombacha

A vida é pequena viagem
Vai embora o peleador
Vai também quem tem coragem,
Fez o maragato a passagem

Foi embora o velho Gosch
Meigo mimo ao Testa Azul,
Ficou linda na cintura
Do meu padrinho Raul

Teve então alegre sina
Na farra foi cinturão
Ralou umbigo de chinas,
Apalpou belas meninas

Em festas de cola atada
De potras foste à cela,
Ficou toda engraxada
Na gordura de costelas

Foi-se embora o caborteiro
Choraram as tiangas o Gosch
Deixando pra mim de herança
Aquele mágico broche

Hoje é minha companheira
Te manuseio encantado,
Não está mais presa ao couro
Mas às glórias do passado

É orgulho da família
Tua história eu completo,
Guardarte-ei em presilha
Será lembrança a meu neto.



RAUL MOREIRA GOSCH

Nascimento	Local	Profissão	Óbito
29/05/1.927	Passo Fundo	Alfaiate	30/10/1999



Roberto Moreira Gosch – O famoso Bulldog, apelido ganho quando guri, e que se abraseleirou ficando “bordogue”, meu padrinho de crisma e padrinho de casamento, segundo suas próprias palavras, era mais que famoso, era um “mito”.

Quando eu nasci, ele estava servindo, aquartelado, no 1º do Vigésimo Regimento de Cavalaria. Nossa diferença de idade por consequência era de 19 anos. Aprendeu a profissão de alfaiate com os irmãos mais velhos, João e Raul. Trabalhou algum tempo em Passo Fundo e, por volta dos 26 anos, rolou o mundo, queria novos horizontes, morou durante algum tempo na Capital, no Rio de Janeiro e Curitiba, voltou a Porto Alegre, montou oficina de Alfaiate, dançou e festou muito no American Bar, Maipu e outras boates, no centro e nos bairros da Capital. Por volta dos 35 anos, casou-se com:



Suzana Gazel, francesa, com quem viveu o resto da vida, não teve filhos.

Roberto e a tia Eloah, eram a alegria da família, onde estavam, tomavam conta das conversas. Betinho contava piada, inventava histórias, transmitia alegria e otimismo a todos, especialmente aos sobrinhos a quem tinha muito carinho.

Foi para mim o tio da alegria, quando ainda morava em Passo Fundo, era ele que me levava nos dias quentes de verão, junto com outros companheiros, para banhar na Lagoa dos Pregos. Hoje, pelo urbanismo de Passo Fundo, está extinta, soterrada.

Com alguma frequência, me levava aos domingos até a frente dos Cinemas Real e Imperial, para os matinês. Na saída me esperava, pagava uma pipoca e me levava para tomar cafezinho no Café Elite, quando me apresentava para diversos senhores, seus amigos. Outras vezes me levava para passear na Praça Marechal Floriano, tomar mate gelado, comer amendoim, às vezes picolé junto ao Lago.

O "bordogue" era quebra e corajoso, diversas vezes esteve envolvido em brigas, os motivos eram os mais diversos, normalmente mulheres e bebida.

Certa ocasião, foi notícia no Jornal Zero Hora de Porto Alegre – um vizinho da rua Vasco da Gama teve sua casa assaltada, o meliante, mesmo armado com um revólver 32, tentou fugir ao ser surpreendido dentro da casa. No aperto, buscou a fuga pelo alçapão no forro da casa, para daí galgar o telhado, ficou meio emprensado, nas ripas que sustentam as telhas, mas ameaçava o pessoal da casa com a arma. Ouvindo a gritaria dos vizinhos, o Gosch se chegou. Antecipou-se à polícia, que tinha sido chamada, sobiu a escada, que tinha sido colocada no alçapão pelo fugitivo, pegou o safado pelo garão e o puxou para baixo. O larápio, dado o arrojo da ação, ficou embasbacado e não teve a inicitiva de usar o revólver, veio abaixo, foi imobilizado pelo alfaiate que aproveitou e deu-lhe dois petelecos na orelha e o entregou a polícia que chegou após o fato consumado. Roberto foi alvo de cumprimentos pela vizinhança e matéria no jornal, este era meu tio, que não era famoso, era um "mito".

ROBERTO MOREIRA GOSCH

Nascimento	Local	Profissão	Casamento	Esposa	óbito
07/10/1.928	P. Fundo	Alfaiate	1963	Suzanna Gazel	07/10/2002

O padrinho considerava-se um exímio dançador de tango, e em realidade dançava bem, dançou em Passo Fundo, Porto Alegre e no Rio de Janeiro, sempre com muita gaiatice. Gostava muito da música e cantava baixinho enquanto trabalhava, em sua homenagem, a composição de: *Herivelto Martins/David Nasser* - **Carlos Gardel**



Tango, bandoneon, uma guitarra que geme
Num ritmo de amor desesperado
Um cabaret que fecha suas portas
Uma rua de amor e de pecado

Um guarda que vigia numa esquina
Um casal que anda à procura de um hotel
Um resto de melodia
Um assobio, uma saudade imortal
Carlos Gardel

Carlos Gardel
Buenos Aires cantava no teu canto
Buenos Aires chorava no teu pranto
E vibrava em tua voz
Carlos Gardel

O teu canto era a batuta de um maestro
Que fazia pulsar os corações
Na amargura das tuas melodias

Carlos Gardel
Se cantavas a tragédia das perdas
Compreendendo suas vidas
Perdoavas seu papel

Por isso enquanto houver um tango triste
Um otário, um cabaret, uma guitarra
Tu viverás também
Carlos Gardel

Carlos Gardel
Buenos Aires cantava no teu canto
Buenos Aires chorava no teu pranto
E vibrava em tua voz
Carlos Gardel

O teu canto era a batuta de um maestro
Que fazia pulsar os corações
Na amargura das tuas melodias

Por isso enquanto houver um tango triste
Um otário, um cabaret, uma guitarra
Tu viverás também
Carlos Gardel.

Ao encerrar esta parte, lembrando que a vida é feita de momentos de alegria, abaixo a foto de um encontro da família, todos demonstram a alegria de estarem juntos, alguns já passaram para o andar de cima, deixaram entre nós imensas saudades, Roberto, Raul e Eloah. A vó Elvira, rodeada de gente miúda e graúda – Caroline, Carina e Cristiane, e as noras Ione e Silvana.



Completando, vai para os meus tios e padrinhos, Raul e Roberto Gosch ,uma música que eu adoro e que sei que era do gosto destes farristas.



Inesquecível Boemia –
Voz do competentíssimo Julio Iglesias –
Composição: G. Roig – Fernando Adour

O tempo passa
Jamais apaga
Recordações que um dia vivi

Sinto saudades da juventude
E dos amores que eu senti
Inesquecível boemia
Mania de um sonhador
As noites de alegria
E de poemas de amor

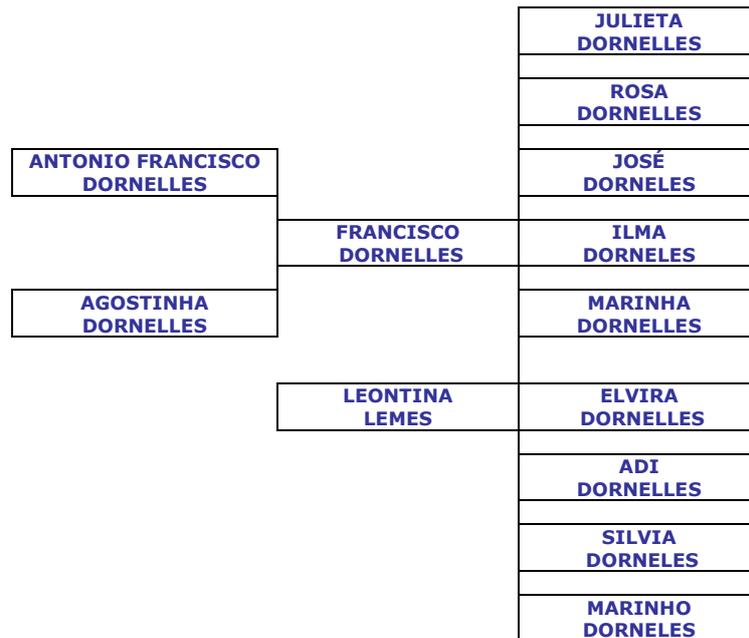
Inesquecível boemia
E eu volto a reviver
As coisas sem importância
Todas me lembram você

Inesquecível boemia
Que eu volto a reviver
Meu coração é o mesmo
Pois eu recordo você



PARTE - I I I - Os outros Filhos de Francisco/Leontina e descendentes

Pela distância, na época de minha infância, como já descrevi ali atrás, pelo transporte, pelas estradas, eu convivi com alguns de meus tios e primos, mas não com a frequência que gostaria e nem com a proximidade que tive com os filhos de Alzira e Alcides. Francisco e Leontina tiveram, além de minha mãe Elvira, os seguintes filhos:



Julieta Dornelles "Hauqui" - A mais velha das irmãs de minha mãe atendia pelo apelido de Mimosa. Muito cedo casou-se com **Gabriel Hauqui** e passou a residir em Porto Alegre.

Do casamento nasceram dois filhos, Vera Maria e Gabriel - Gabrielzinho. Julieta ficou viúva em 1983.

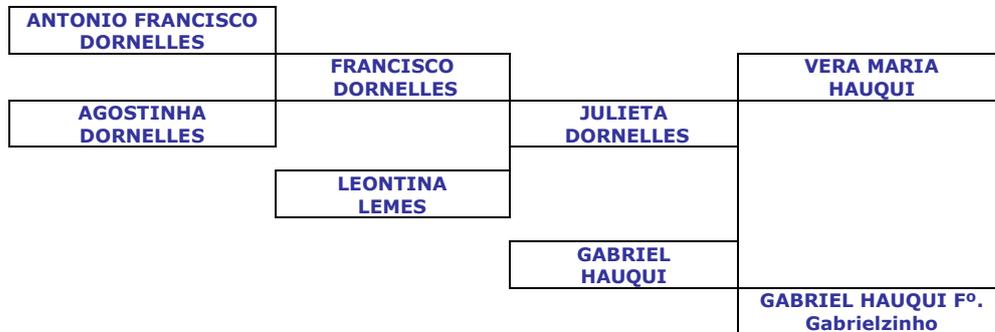


JULIETA DORNELLES "HAUQUI"

Nascimento	Local	Profissão	Esposa	Óbito
17/05/1914	Soledade	Do lar	Gabriel Hauqui	2001



GENEALOGIA DE JULIETA DORNELLES E GABRIEL HAUQUI



Do casamento entre Julieta e Gabriel nascem

Nome	Nascimto	Óbito	Esposo (a)
Vera Maria D. Hauqui	1944*	1976*	Nelson
Gabril D. Hauqui Filho (2)	1948		Cleonice Moraes

* por volta de

(2) Gabriel Hauqui Filho teve com Cleonice três filhos: Caroline, Gabriela e Jerônimo Moraes Hauqui.



José Dornelles – O tio Polaco foi o andarilho dos Dornelles. Rapazito, mudou-se de Soledade para o Mato Grosso (hoje do Sul), Corumbá, barbeiro de profissão, trabalhou ali muitos anos. Prestou serviço à Marinha Brasileira, e em muitas oportunidades descia o Rio Paraguai e outros rios da região. Corumbá é a capital do Pantanal. Trabalhando como barbeiro, atendia as tripulações e as populações ribeirinhas.

Ficou muito tempo ausente do Sul. Por volta de 1960 veio a passeio a Soledade, quando o conhecemos. Em seu retorno, Vó Leontina já viúva, acompanhou o filho pródigo em seu retorno a Corumbá, foi a última vez que a vimos.

Do tio ficou a lembrança de um grande aventureiro, espírita de religião, que contava histórias exóticas e nos deixava curiosos, de olhos brilhando, eram histórias de: rios, peixes, jacarés, Tuiuiu, sucuris, índios, belezas naturais, viagens etc. Polaco casou-se com



Enedina "Dornelles" –

As últimas notícias que temos é que a família de José e Enedina residia no interior de São Paulo, São José do Rio Preto, além dos filhos abaixo nomeados, tenho a certeza que existem outros. Pelo exposto, nota-se que há muito tempo não temos notícias deste Tio andarilho.



JOSÉ DORNELLES – “POLACO”

Nascimento	Local	Profissão	Esposa	Óbito
1916*	Soledade	Barbeiro	Enedina Dornelles	

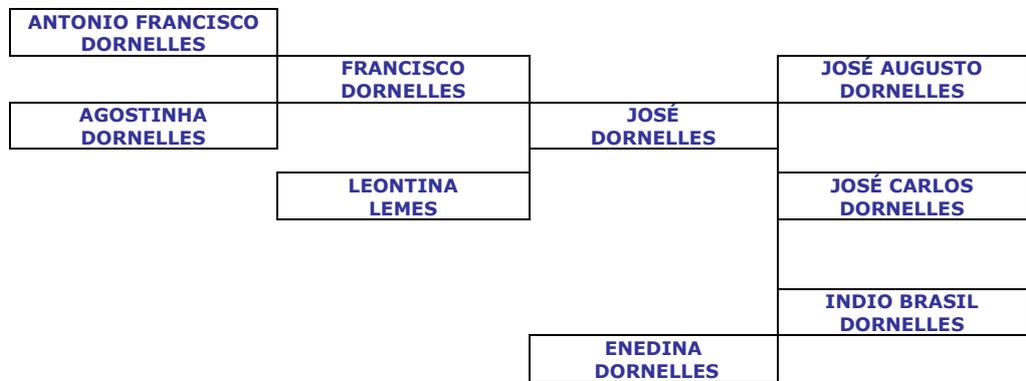
*Por volta de

ENEDINA DORNELLES

Nascimento	Local	Profissão	Esposa	Óbito
1920*	Corumbá	Do lar	José Dornelles	

* Por volta de

GENEALOGIA DE JOSÉ DORNELLES E ENEDINA DORNELLES

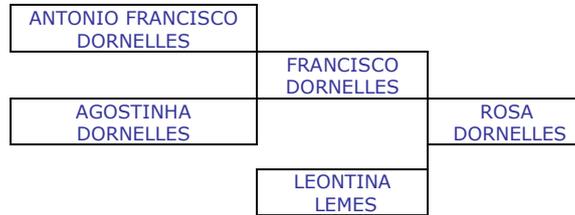


*Polaco, a esposa Enedina e os filhos,
José Augusto e José Carlos.*

○ casal teve com certeza outros filhos, desconhecidos do autor até o momento.

Rosa Dornelles – Das irmãs da mãe foi a que menos conheci, em realidade a vi, somente uma vez. Morava em Porto Alegre e possuía uma pensão ou casa de cômodos. – Não há informações quanto sua possível família.

GENEALOGIA DE ROSA DORNELLES



ROSA DORNELLES

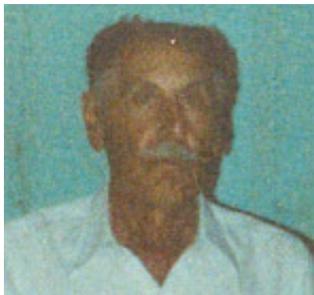
Nascimento	Local	Profissão	Óbito
1915*	Soledade	Comércio	

* Por volta de



Irma Dornelles – Com esta tia convivi muito. Teve junto com seu esposo Sérgio grande influencia na escolha de minha profissão, Eng. Agrônomo, moravam em fazenda, próximo a cidade de Soledade. Foi lá quando menino que conheci as principais lidas campeiras: tirar leite, tratar porcos e galinhas, ver peão fazer laço e sovêu, capinar, colher, trilhar o trigo, bater feijão com manguá, transportar o milho, cavalgar, lidar com o gado, tirar pedra em pedreira e como diversão banhar em sangas e rios, além de pescarias inesquecíveis.

A tia era a mãe da paciência e do carinho, fazia uma comida gostosa e tratava a todos com muita bondade, espírita-médium, tinha uma visão serena da vida. Irma foi casada com



Sérgio Lima, campeiro e posteiro de grande habilidade e competência. O casal teve três filhos. Na casa destes tios, eu me sentia à vontade.

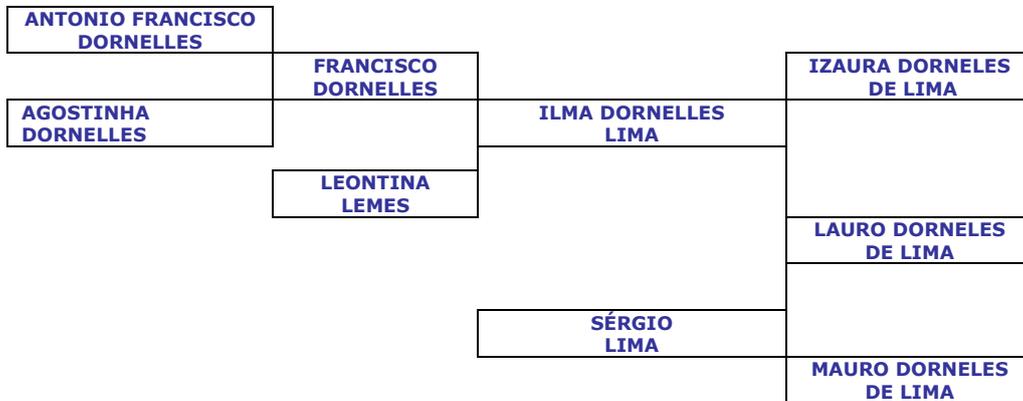
ILMA DORNELLES “LIMA”

Nascimento	Local	Profissão	Casamento	Esposa	Óbito
01/07/1919	Soledade	Do lar	20/05/1939	Sérgio Lima	19/07/2007



SÉRGIO LIMA

Nascimento	Local	Profissão	Casamento	Esposa	Óbito
16/01/1916	Soledade	Campeiro	20/05/1939	Ilma Dornelles	01/09/2007

GENEALOGIA ILMA DORNELLES E SÉRGIO LIMA

Do casamento Irma e Sérgio nascem:

Nome	Nascimento	Óbito	Esposos (a)	Nascimento	Óbito
Izaura D. Lima (1)	10/04/1940		João Chaise	06/09/1937	
Lauro D. Lima (2)	30/04/1945		Inga Gertrudes Hoffmann de Lima	18/03/1949	
Mauro D. Lima (3)	23/12/1947	26/01/1996	Maria de Lourdes "Lima"	21/02/1949	



(1) Izaura



(2) Lauro



(3) Mauro

Descendentes – Netos de Ilma e Sérgio

	Filhos	Nascimento	Esposos (a)	Nascimento
(1)	Glória de Lima Chaise	05/10/1973		
(2)	Edmilson (1) Hoffmann de Lima	01/10/1967	Carla Bueno da Silva	10/10/1968
	Roger Hoffmann de Lima (2)	02/05/1974	Cheila de "Lima"	03/04/1983
	Aline Hoffmann de Lima (3)	01/10/1980		
(3)	Lisiane de Lima	31/10/1985		
	Marlon de Lima	28/04/1989		



Descendentes, netos de Lauro e bisnetos de Ilma e Sérgio

	Filhos	Nascimento	Esposo(a)	Nascimento
(1)				
2.1	Catira Lima	25/03/1991		
	Chenaiane Leonor Lima	28/11/1987	Fabiano Coos da Silva	16/10/83
2.2	Sinandra	15/03/1990	Rodrigo	
	Bianca	03/03/1996		
	Ruan	07/02/2009		

(2) – Chenaiane (neta de Lauro e Bisneta de Ilma e Sergio) e Fabiano são pais de Dienifer – 16/08/2002 e Pietro – 15/12/2008, os quais são Bisnetos de Lauro e Trinetos de Ilma e Sérgio



Edmilson Hoffmann de Lima



Aline Hoffmann de Lima

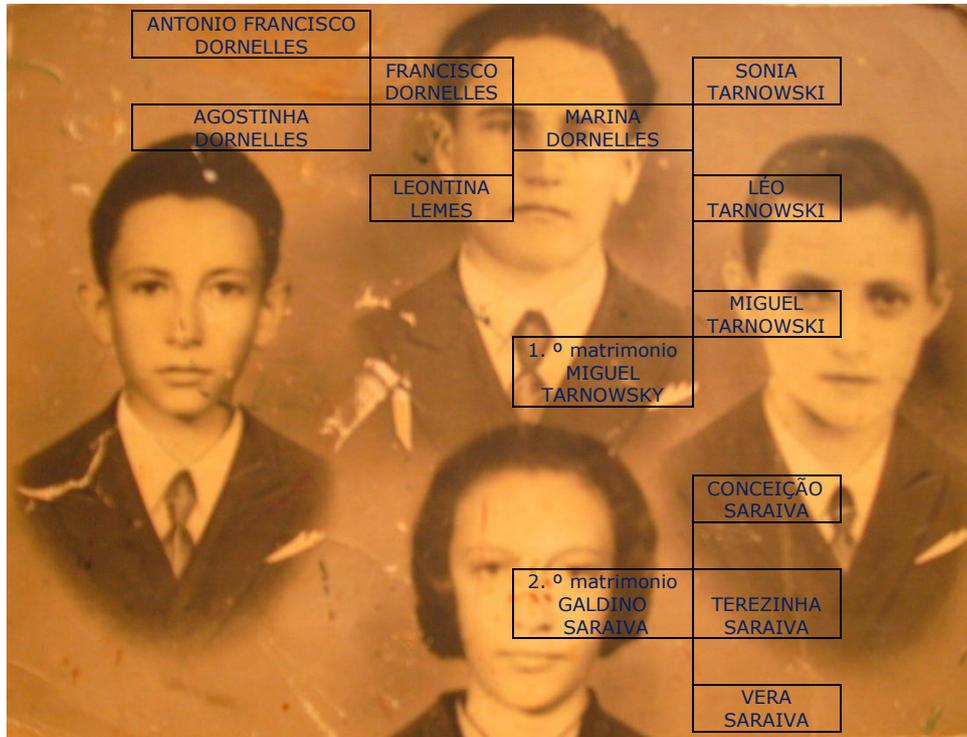


Roger Hoffmann de Lima

Marinha Dornelles, Casada com Miguel Tarnowsky. Ele imigrante Ucrainiano de profissão pedreiro.

Filhos Sônia, Léo e Miguel.

GENEALOGIA DE MARINHA DORNELLES



Miguel com os filhos

MARINHA DORNELLES

Nascimento	Local	Profissão	Esposa	Óbito
25/12/1921	Soledade	Do lar	Miguel Tarnowsky	13/12/2008

MIGUEL TARNOWSKY – 1.º Matrimônio

Nascimento	Local	Profissão	Esposa	Óbito
19/07/1913	Russia	Pedreiro	Marinha Dornelles	30/10/1971

Do casamento de Marina e Miguel temos:

Nome	Nascimto	Óbito	Esposo (a)	Nascimto	Óbito
Léo Tarnowski (1)	15/05/1948		Cleusa Schimitz	09/11/1955	
Sonia D. Tarnoweski (2)	18/12/1946		Paulo Laitart		
Miguel Tarnoweski	19/07/1950				



Herdeiros:

	Filhos	Nascimento	Óbito	Esposo(a)	Nascimento	Óbito
(1)	Tatiana S. Tarnowsky	12/12/1976		Tarso Decesaro	04/04/1971	
	Fernanda S. Tarnowsky	06/06/1982		Guilherme Ghelen	15/04/1985	
	Eduardo S. Tarnowski	19/07/1985		Aline Sacardo		
(2)	Veronica T. Laitart					

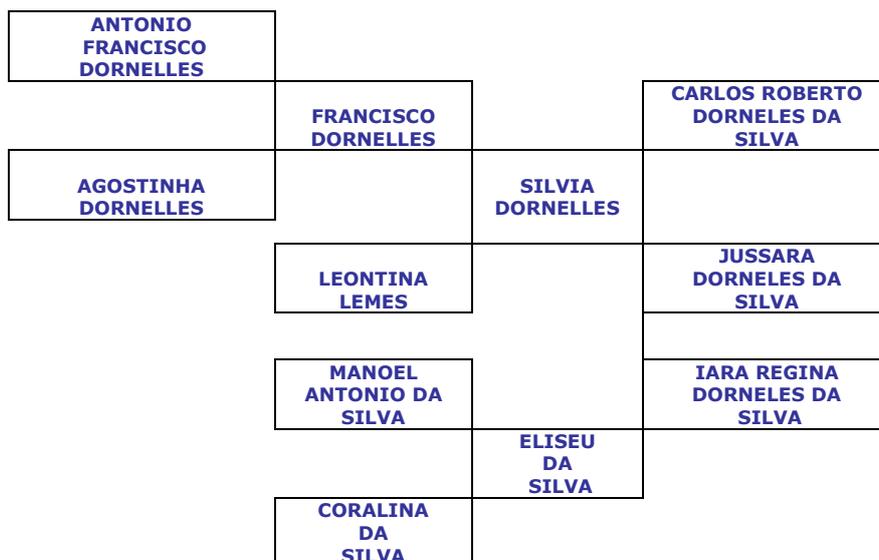
Marina, casa-se pela segunda vez com o agricultor Galdino Saraiva e tem os filhos, Conceição, Terezinha e Vera Saraiva.



Silvia Dornelles – A tia Silvinha, casou-se e foi morar em Santa Maria, conheci-a pequeno e voltei a vê-la quando fui fazer Faculdade na Capital Ferroviária, Santa Maria. Fui recepcionado pelo casal de forma alegre e hospitaleira, e nos primeiros meses, "matei" muita boia em sua casa. Sou até hoje muito agradecido, pois me socorreu em momentos de grande dificuldade. Estenderam-me a mão com muito carinho. Ela era espírita, observem que há outros irmãos (Polaco, Mimosa, Ilma, Marino) que professam esta mesma religião e que também era, médiums. A tia sofria muito com asma. No ano de 1969, numa sessão do Centro Espírita, faleceu tendo como motivo sua insuficiência cardiorespiratória.

Silvia esposou Elizeu da Silva - Eli.

GENEALOGIA DE SILVIA DORNELLES E ELISEU DA SILVA



SILVIA DORNELLES – SILVINHA

Nascimento	Local	Profissão	Esposa	Óbito
20/05/1926	Soledade	Do lar	Elizeu da Silva	1970

ELIZEU DA SILVA “ELI”

Nascimento	Local	Profissão	Esposa	Óbito
14/06/1924	Santa Maria	Ferroviário	Silvia Dornelles	2023

Por volta de*

Do casamento – Silva x Eli nascem:

	Filhos	Nascimento	Óbito	Espos(a)	Nascimento	Óbito
(1)	Carlos Roberto Dorneles da Silva	20/11/1952		Tereza Chagas da Silva	18/08/1952	
(2)	Jussara Doreles da Silva	24/11/1956		Croaci Pereira	20/10/1954	
(3)	Iara Regina Dorneles da Silva	25/10/1964				

Herdeiros – Netos de Silva e Elizeu

	Filhos	Nascimento	Óbito	Espos(a)	Nascimento	Óbito
(1)	Rafael Chagas					
	Silvia Chagas “Rios”					
(2)	Wagner Aimoré Pereira	23/08/84				
(3)	Evertgon D. Silva	11/03/89				
	Daniely D. Silva	20/09/93				

Bisnetos do Casal:

Artur Chagas Rios – filho de Silva Chagas Rios

Murilo Chagas – filho de Rafael Chagas



Adi Dornelles - A tia Adi, foi um dos meus anjos da infância, pré adolescência, quando ia a Soledade, ficava dias em sua casa, para mim é o símbolo da paciência e da tranquilidade, sempre inspirando muita paz.

Tenho saudades daquela comidinha gostosa que ela fazia, bolachas e pão no forno uma delícia. A tia casou-se com;



Primo Tremea filho de Bernardo Tremea e Olinda Possa, pedreiro, com grande conceito em Soledade.



GENEALOGIA DE ADI DORNELLES E PRIMO TREMEAADI DORNELLES TREMEA

Nascimento	Local	Profissão	Casamento	Esposa	Óbito
27/05/1924	Soledade	Do lar	27/07/1955	Primo Tremea	01/05/2018

PRIMO TREMEA

Nascimento	Local	Profissão	Casamento	Esposa	Óbito
06/12/1918	Encantado	Pedreiro	27/07/1955	Adi Dornelles	29/09/2006

Deste casamento nascem:

Nome	Nascimento	Óbito	Esposo (a)	Nascimento	Óbito
Jorge Luiz D. Tremea (1)	02/08/1952		Gessi "Tremea"	26/04/1956	
Rosane D. Tremea (2)	27/08/1955	+			
M ^a Luizi D. Tremea (3)	27/07/1958		Ivo Maizonave	23/08/1957	



(1) Jorge Luiz



(2) Rosane



(3) Maria Luizi

Descendentes e netos de Adi e Primo Tremea

Filhos	Nascimto	Óbito	Esposo(a)	Nascimto	Óbito
Eduardo Tremea (1)	08/10/1980		Patricia		
Viviane Tremea (1)	01/07/1989				
Andressa (2)	27/12/1986		Jakson		
Zalmon Tremea Maizonave (3)	20/10/1979		Valdirene	26/09/1979	



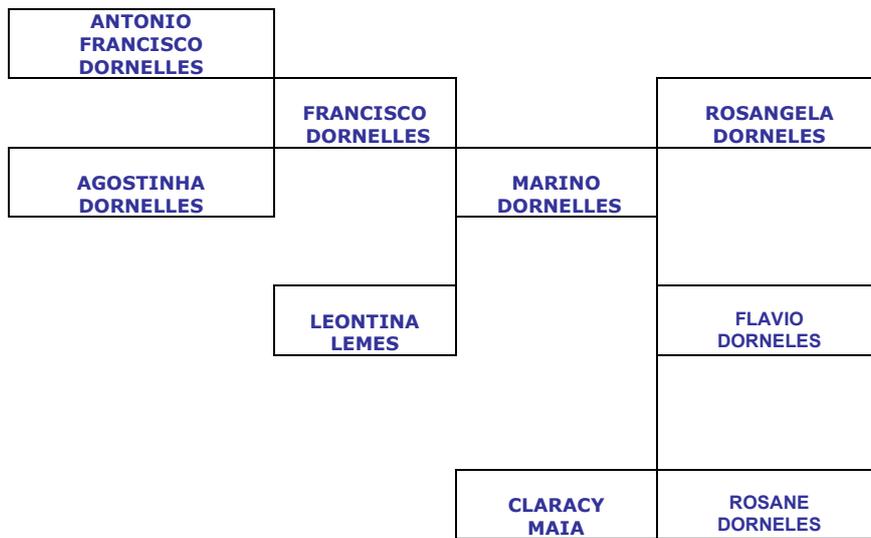
Eduardo Tremea – esposo de Patricia, filho de Jorge Luiz, tem um filho que leva o nome de EduardoTremea, nascido em 11/12/2004;

Andresa esposa de Jakson, filha de Rosane – tem com descendente Carlos Eduardo nascido em 23/01/2007

Zalmon – esposo de Valdirene, filho de Maria Luizi Tremea e Ivo Maizonave, tem como herdeiros: – Analise nascida em 23/06/2006 e Eliziane nascido em agosto de 2009.

Eduardo, Carlos Eduardo, Analise e Eliziane, são Bisnetos de Adi e Primo Tremea.

GENEALOGIA MARINO DORNELLES E CLARACY MAIA



Marino Dornelles, Se o Roberto do lado dos Gosch era um tio Teatino, do lado dos Dornelles era o Marino, sempre chamado de Mário, por familiares e amigos.

Tive grande admiração e grande amizade por este tio, bem como pela sua esposa Claracy, tia Clara. Em minhas férias em Porto Alegre, eu fazia presença na casa do casal, e passava muitas horas na barbearia do tio na ladeira, próximo a Rua da Praia. Minha admiração por eles foi demonstrada quando os convidei para serem meus padrinhos de



casamento.

O tio marcou muito minha infância, quando morou, como já comentei, em nossa casa para aprender a profissão de barbeiro, passamos momentos inesquecíveis naquela oportunidade.

MARINO DORNELLES

Nascimento	Local	Profissão	Esposa	Óbito
18/10/1928	Soledade	Barbeiro	Claraci Maia	2002*

*Por volta de

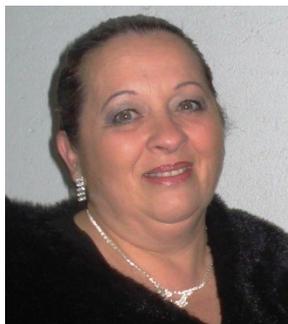
CLARACI MAIA DORNELLES

Nascimento	Local	Profissão	Esposa	Óbito
1932*	Soledade	Do lar	Marino Dornelles	05/11/2007

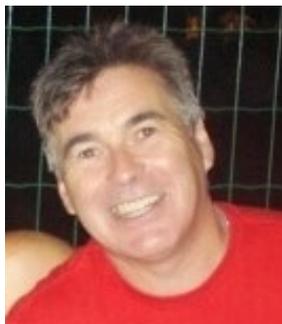
*Por volta de

Do união do casal nascem:

Nome	Nascimento	Esposo (a)	Nascimento
Rosangela Dornelles Barbosa (1)	19/03/1955		
Flavio Maia Dornelles(2)	21/08/1956	Fabiana	
Rosane Dornelles (3)	07/04/1965		



Rosangela (1)



Flávio (2)



Rosane (3)

1.- Rosangela, tem os filhos:

1.a - .Fernanda casada com Alexandre – pais de Maria Eduarda, Alexandra e Matheus

1.b - Marco casado com Tatiana - Pais de Manuela;

1.c - Linda Casada e mãe de Daniel;

1.c - Silvio

2.- Flávio, casado com Fabiana, tem a filha Mariana

3.- Rosane tem a filha Gabriela

O tempo passa, começo a trabalhar, logo a seguir faculdade, novamente trabalho, casamento, filhos. Dali um pouco me torno andarengo, aqui a alma do tio Polaco, “... *Guasca andarengo, ávido de horizonte, atraído pelas encruzilhadas.*” (A.Maia,Alma Barbara, RJ, Pimenta de Mello & C.,1922 –Dicionario de Regionalismo do Rio Grande do Sul, Zeno e Rui Cardoso Nunes, pg. 32.

Por estas coisas da vida, acabo, me ausentando, embora a saudade sempre presente, me distanciando dos Dornelles de Soledade e de Porto Alegre, e por

consequencia destas raizes. Raizes que estou tentando agora aguardar. O tempo castiga quem lhe vira as costas, agora de cabeça branca, quero reavivar a amizade e reafirmar o meu carinho por aqueles que sempre foram meus...

Ao encerrar esta narrativa de meus tios Dornelles, não posso deixar de exaltar o gosto musical de um boêmio e bom de festa que era o tio Marino. Minha grande admiração por este querido tio e amigo que deixou saudades, daí vai para ele e para os seus Pastorinhas música que ele gostava de cantarolar.

Pastorinhas *(Noel Rosa e João de Barro)*

A estrela d'alva
No céu desponta
E a lua anda tonta
Com tamanho esplendor
E as pastorinhas
Pra consolo da lua
Vão cantando na rua
Lindos versos de amor

Linda pastora
Morena da cor de Madalena
Tu não tens pena
De mim que vivo tonto com o teu olhar
Linda criança
Tu não me saís da lembrança
Meu coração não se cansa
De sempre e sempre te amar





RAMOS I I

PARTE I – Auzílio Mariano Scolari e Anunciata Giordani



Antônio Scolari e Tereza Manfrin geram em 22 de maio de 1909 **Auzílio Mariano**, e em 16 de junho de 1915, Adolpho Giordani e Ana Maria Dolzan trazem ao mundo **Anunciata**, que toma o apelido de **Luci**.

Auzílio é conhecido pelo segundo nome, Mariano. Após namoro nas colônias, facilitado por ser Mariano, irmão de Adelina, segunda esposa do pai de Luci Adolpho Giordani.



Mariano natural de Nova Palma, Luci, natural de Veranópolis casam-se em 1936 na cidade de Charrua.

Meses após o casamento, se instalam em Getulio Vargas, onde para vencer as dificuldades herdadas dos antepassados imigrantes se dedicam ao trabalho. Mariano atua como tintureiro, Luci borda, faz tricô e pinta panos de prato para completar as necessidades financeiras. Luci engravida e em 1937 nasce a primeira filha, Marlene Maria.

Na busca de novas oportunidades mudam-se para Lagoa Vermelha e pouco tempo depois para Tapejara. Já estamos nos idos de 1942, e nesta cidade nasce o segundo filho do casal, que leva o nome de Darlan Tadeu.

A família cresce e Mariano é atraído para Passo Fundo. No início o casal e os dois filhos, por um curto período, moram próximo à Cervejaria Brahma, e logo a seguir adquirem caminhão e casa na Avenida Capitão Jovino nº 535, hoje, Avenida Brasil. Este endereço marca muito as nossas vidas, pois aí em 1º de julho de 1950, nasce Margarete, que no futuro será a mãe de meus filhos e companheira eternamente amada.

As dificuldades são grandes, Darlan apresenta-se adoentado, diagnóstico, de leucemia.

Inicia-se um drama e um calvário para a família: médicos, transfusões de sangue, medicamentos precários na época para tratar a doença. Anos passam o menino já é adolescente, dezesseis anos, julho de 1958 a doença vence. A tristeza se instala. Os reflexos apanham a todos, mas especialmente Luci, abatimento, sofrimento, desgosto, tristeza e certo estado depressivo que há de lhe acompanhar pelo restante da vida.

Após algumas viagens que o casal realiza, transportando mercadorias, mas também transportando tristezas, Mariano resolve mudar o rumo, vende o caminhão e compra um táxi, e fica desta forma mais caseiro, trabalhando por anos na Praça de Passo Fundo.

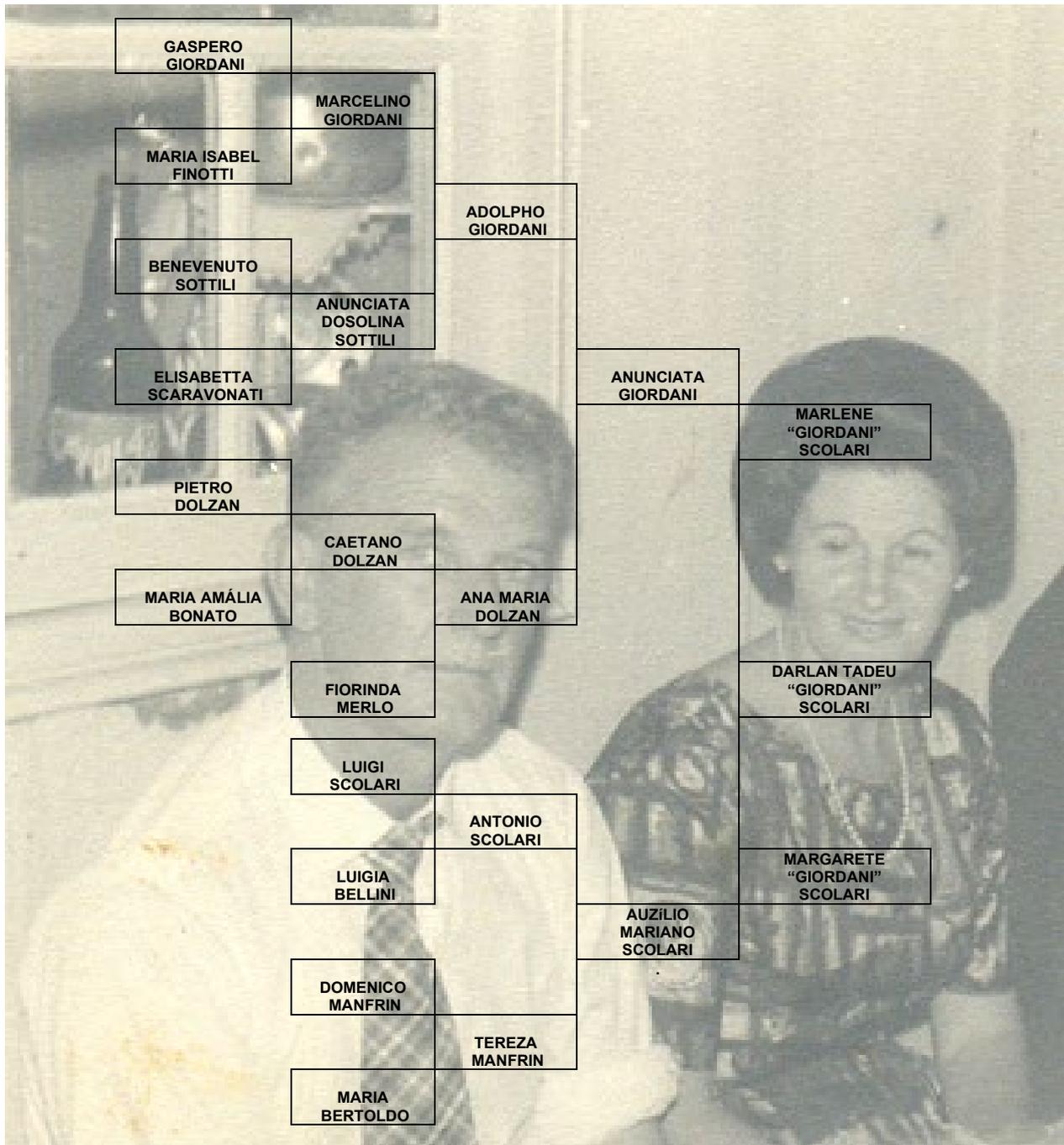
Enfrentaram a terceira idade rodeados das filhas, de nove netos e seis bisnetos.

AUZÍLIO MARIANO SCOLARI

Nascimento	Local	Casamento	Profissão	Esposa	Óbito
22/05/1909	Nova Palma	11/01/1936	Motorista	Anunciata Giordani - Luci	18/06/1994

ANUNCIATA GIORDANI SCOLARI - LUCI

Nascimento	Local	Casamento	Profissão	Esposa	Óbito
16/06/1915	Veranopolis	11/01/1936	Do lar	Auzilio Mariano Scolari	06/10/2000

GENEALOGIA AUZÍLIO MARIANO SCOLARI E ANUNCIATA GIORDANI

PARTE II – Outros filhos de Adolpho/Ana Maria e descendentes.

Silvestre Giordani – Primeiro filho do casal, motorista de profissão e mecânico por curiosidade. Morou por um longo tempo na casa em frente a de Mariano e Luci na Avenida Brasil, fato que possibilitou uma convivência muito íntima de Margarete com este tio sua esposa **Rosália Valiatti**, E os primos.

SILVESTRE GIORDANI

Nascimento	Local	Profissão	Esposa	Óbito
04/07/1916	Veranópolis	Motorista	Rosalia V.Giordani	15/09/1993

ROSÁLIA VALIATTI GIORDANI

Nascimento	Local	Profissão	Esposa	Óbito
27/04/1920	Garibaldi	Do lar	Silvestre Giordani	22/12/2021

Filhos

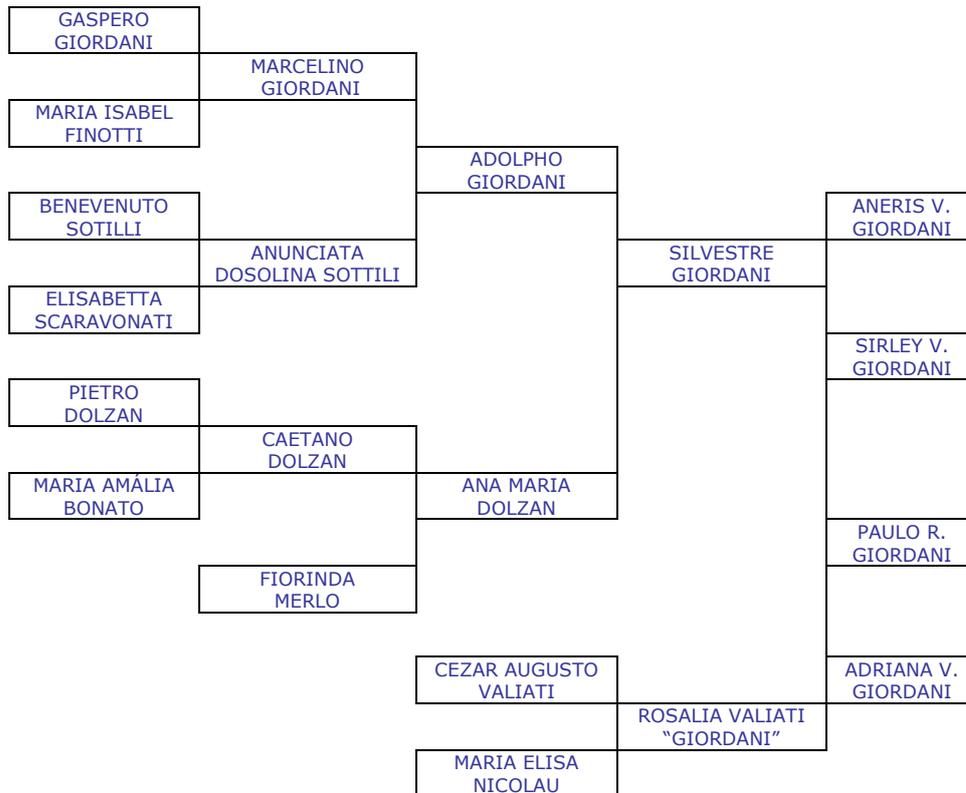
Nome	Nascimento	Óbito	Esposo (a)	Óbito
Aneris V. Giordani (1)	06/07/1942	31/05/2019	Orlando Gazola	07/02/1987
Sirley V. Giordani	03/11/1944	12/04/1976	-	
Paulo R. V. Giordani (2)	15/11/1946	01/04/2015	Julia Borba	
Adriana V. Giordani (3)	09/01/1955		Ben-Hur Decarli Testa	

Herdeiros – Netos

	Pais	Filhos	Nascimento
(1)	Orlando Gazola e Aneris	Simone Gazola	
		Eduardo Gazola	
(2)	Paulo Giordani e Julia	Juliano Giordani	
		Roberta Giordani	
		Vinicius Giordani	
(3)	Ben-Hur Decarli Testa e Adriana	Carla Testa	22/08/1981
		Patricia Testa	06/06/1983
		Diego Testa	11/11/1986

*Magarete,
ladeada pela prima
Adriana e tia Rosália*



GENEALOGIA DE SILVESTRE GIORDANI

Lídio Antônio Giordani – Também motorista, residiu aonde hoje ainda reside sua viúva, Judita Reni. Rua Paissandu, muito próximo da residência de Mariano Scolari. Esta localização geográfica permitiu a aproximação de Margarete em sua infância e juventude com os tios, que são seus padrinhos de batismo, e dos primos a quem dedica grande amizade.

Lídio gostava muito de caçar e era de grande alegria em casa e nas festas que participava e realizava.

LÍDIO GIORDANI

Nascimento	Local	Profissão	Casamento	Esposa	Óbito
14/11/1919	A. Chaves	Motorista	21/10/1944	J. Reni Benedusi	22/10/1988

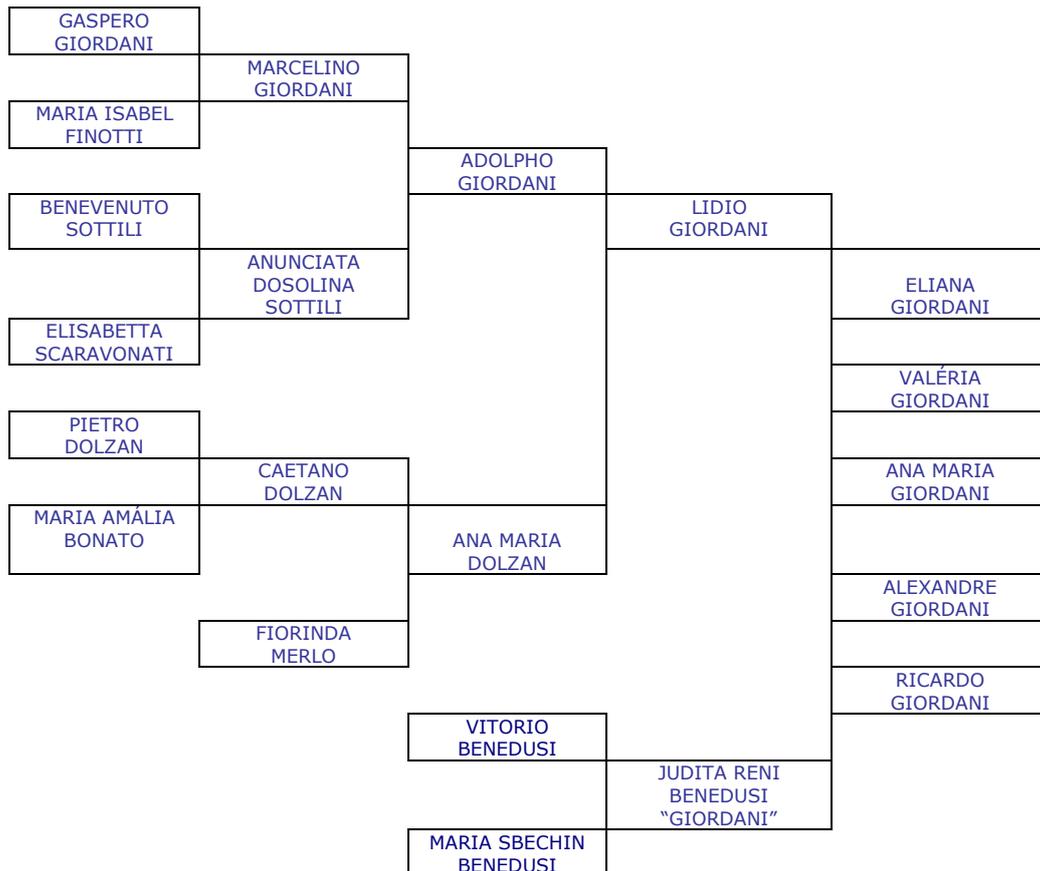
Judita Reni Benedusi "Giordani"

Esposa de Lídio leva o nome de Judita Reni Benedusi, mas conhecida como Reni. Dona Reni, a madrinha, é uma pessoa muito especial, carismática, amiga, conselheira e sempre de bem com a vida, grande viajante, conhece muito deste Brasil, e mesmo alguns recantos do exterior é em realidade uma simpatia e um astral de causar inveja.



JUDITA RENI BENEDUSI "GIORDANI"

Nascimento	Local	Profissão	Casamento	Esposa	Óbito
08/02/1928	Arroio do Meio	Do lar	21/10/1944	Lidio Giordani	

GENEALOGIA DE LIDIO GIORDANI

Do casamento Lidio e Reni, nasceram os seguintes filhos:

Nome	Nascimento	Óbito	Esposos (a)	Nascimento	Óbito
Eliana Giordani	25/11/1945				
Valéria Giordani(2)	03/06/1947		Léo Grando	29/01/1934	
Ana Maria Giordani (3)	22/08/1952		César Costi	30/09/1947	
Alexandre Giordani (4)	15/05/1955		Leila Zanata	25/12/1957	
Ricardo Giordani (5)	09/07/1958		Márcia Valéria Campos	15/01/1962	



Herdeiros – Netos

	Filhos	Nascimento	Esposo (a)	Nascimento
(2)	Fernanda Grandó	23/03/1972	Tiago Dihel	18/08/1975
	Barbara Grandó	29/08/1974	Ricardo Pereira	23/10/1967
	Alexandre Grandó	03/08/1982		
(3)	Julio César Giordani Costi	17/02/1982	Andreia de Castilhos	03/08/1983
	Juliana Giordani Costi	12/08/1985		
(4)	Lilian Zanata Giordani			
	Andréia Zanata Giordani			
(5)	Lidio Campos Giordani	21/05/1990		
	Iana Campos Giordani	29/12/1996		

Herdeiros - Bisnetos:

	Pais	Filhos	Nascimento
(2)	Tiago Dihel e Fernanda	Matias Grandó Dihel	03/03/2004
		Germano Grandó Diehl	31/07/2006
	Ricardo Pereira e Barbara	Martina Grandó Pereira	23/05/2011



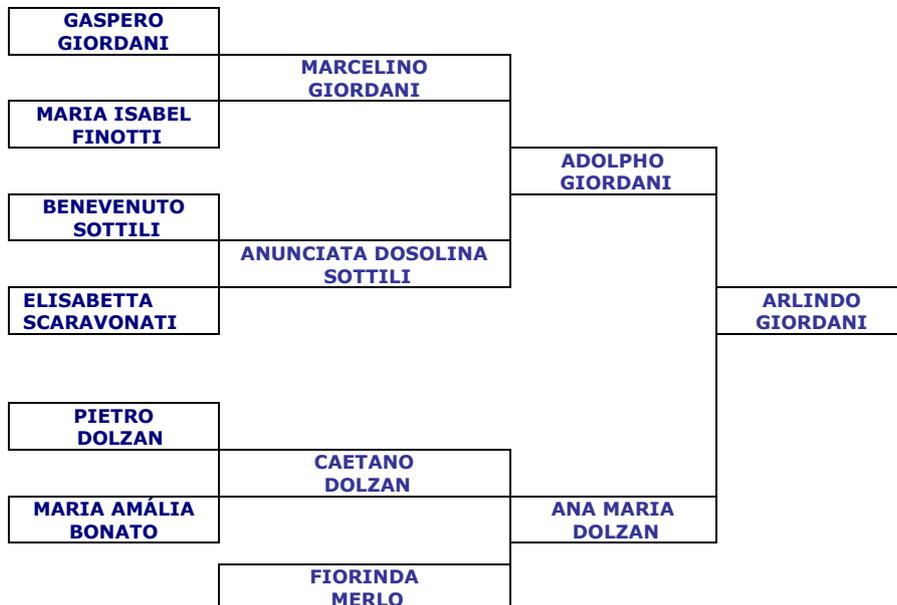
Na frente: Eliana; Léo Grandó; Cezar Costi e Alexandre Giordani.
 Ao fundo: Márcia Valéria, Valéria, Ricardo Giordani, Ana Maria, Dona Reni e Leila



Arlindo Giordani – Creio que podemos chamar o tio Arlindo de o “errante”. Motorista, residiu em diversos locais, São Paulo capital e outros, mas marcou época ou mesmo história o período em que morou em uma ilha, e foram muitos anos, isolado, como verdadeiro ermitão, no Rio Caveiras, município de Lages - Santa Catarina.

Tivemos oportunidade de visitá-lo acompanhado de Mariano, Luci e de Cristiane que na época tinha um ano e sete meses, ou seja a visita aconteceu no mês de fevereiro de 1976. Foi uma experiência inesquecível, comemos peixe cascudo e tomamos cachaça e stanheiger. Resumindo o tio Arlindo era realmente uma grande figura, hospitaleiro, amigo, carinhoso, companheiro e extremamente humilde e totalmente desapegado das coisas materiais. Era o irmão mais chegado em Luci. Arlindo não se casou, não teve filhos.

GENEALOGIA DE ARLINDO GIORDANI



ARLINDO GIORDANI

Nascimento	Local	Profissão	Óbito
26/12/1917	Veranópolis	Motorista e Aventureiro	05/12/2000



Dorvalino Albino Giordani – Dorvalino é o último filho do casal Adolpho e Ana Maria, motorista, morador da rua Saldanha Marinha, muito próximo também da casa de Margarete. Dorvalino é casado com Gumercinda e teve diversos filhos como vemos abaixo. Destaco a filha Silvana, que vem a ser a esposa de meu irmão Rui. Silvana é prima-irmã de Margarete e, pelo casamento, passa a ser minha cunhada.

DORVALINO ALBINO GIORDANI

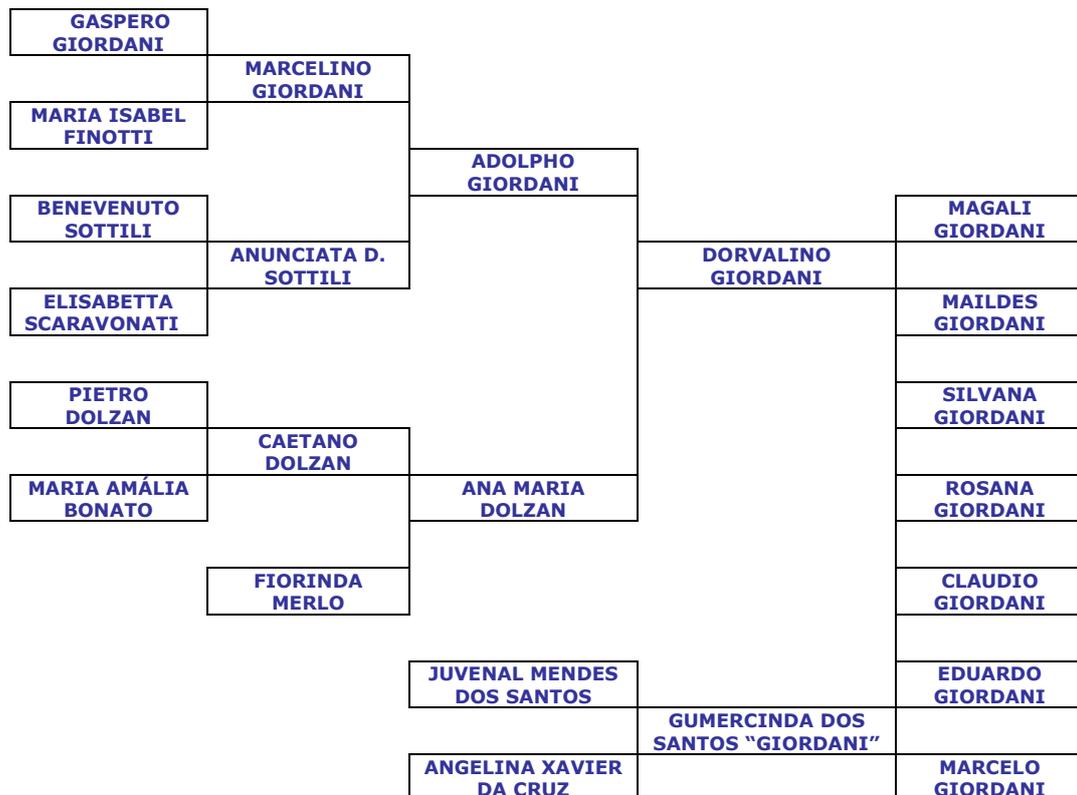
Nascimento	Local	Profissão	Esposa	Óbito
26/06/1921	Veranópolis	Motorista	Gomercinda Giordani	05/09/1967



Gomercinda Santos Giordani – Mãe de minha cunhada Silvana, tia de Margarete, pelo casamento com Dorvalino. Mãe de sete filhos. Muito servideira, praticava o bem, foi a constante doadora de sangue para o irmão da Margarete, Darlan, quando da enfermidade que o levou a óbito.

GOMERCINDA SANTOS GIORDANI

Nascimento	Local	Profissão	Esposo	Óbito
24/06/1925	P. Fundo	Do lar	Dorvalino A. Giordani	30/07/1985

GENEALOGIA DE DORVALINO GIORDANI

PARTE II – A – A filha de Adolpho/Adelina e descendentes

Do segundo casamento, Adolpho e Adelina, nasce:

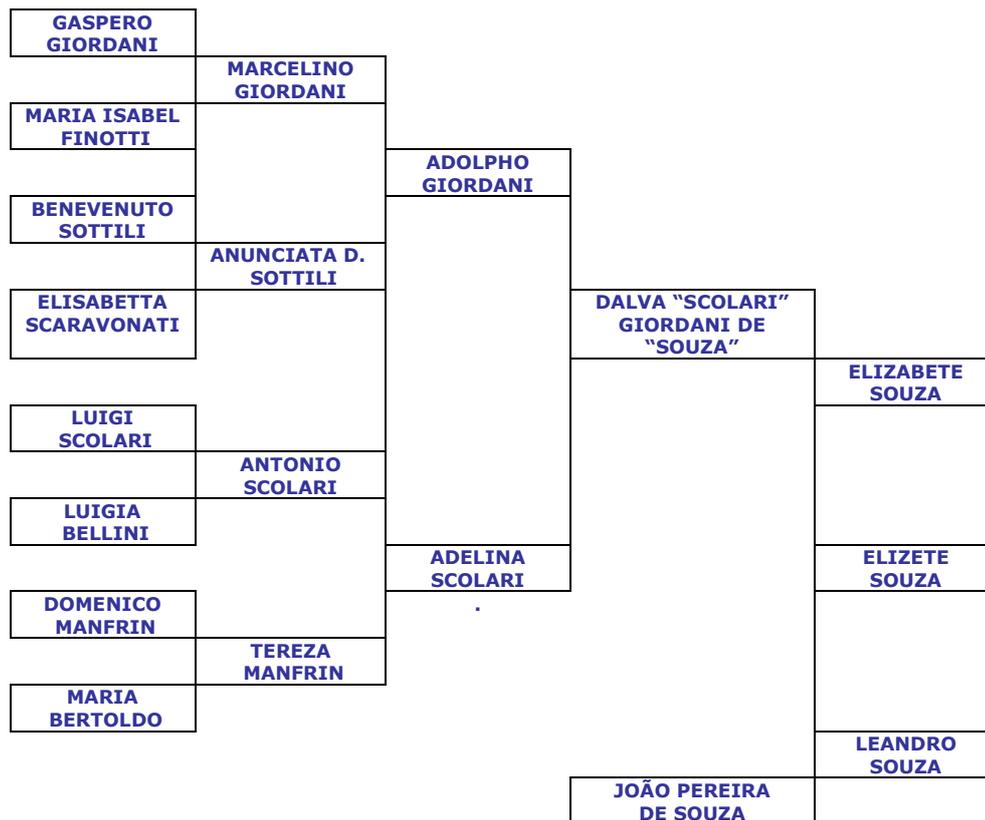


Dalva Maria Giordani – Aqui interessante, Dalva é a ultima filha de de seu segundo casamento com Scolari. Adelina, como já foi dito, é Mariano Scolari, pai de Margarete, por temos que Dalva, filha de Adolpho, é Margarete, mas Dalva filha de prima de Margarete. Todavia, pela idade, respeito e outras cositas mais, tia muito querida da Margarete e de todos nós. Dalva, hoje viúva, foi



um fato Adolpho, fruto Adelina irmã de Auzílio consequência tia de Adelina, é diferença de a Dona Dalva é

casada com **João Souza**, militar que após a reforma tornou-se executivo em diversas empresas, tive o privilégio de trabalhar com ele na Cooperativa Triticola de Passo Fundo Ltda. – COOPASSO, trabalhador, correto, ético e companheiro, por tudo isso um grande exemplo.

GENEALOGIA DALVA "SCOLARI" GIORDANIDALVA MARIA GIORDANI "SOUZA"

Nascimento	Local	Profissão	Casamento	Esposo	Óbito
22/03/1930	Charrua	Do lar	18/09/1948	João P. Souza	01/07/2021



JOÃO PEREIRA DE SOUZA

Nascimento	Local	Profissão	Casamento	Esposo	Óbito
11/07/1921	S.Pedro do Sul	Militar	18/09/1948	Dalva Giordani	29/12/2006

Do casamento de Dalva e João nascem:

Nome	Nascimento	Óbito	Esposo (a)	Nascimento	Óbito
Elizabete de Souza (1)	26/06/1949		Paulo A. G. Viana	19/11/1939	16/08/2001
Elizete de Souza (2)	05/01/1952		Eduardo Pires de Macedo	16/02/1954	
Leandro de Souza (3)	05/02/1959		Carla Rodrigues	05/01/1965	

Herdeiros- Netos

	Nome	Nascimento	Esposa	Nascimento
(1)	Paulo de Tarso Viana	29/09/1970		
	Thiago Viana	12/11/1077		
(2)	Bruno de Macedo	12/10/1982	Silvia Leticia dos Santos Machado	18/06/1977
(3)	Gabriel Souza	18/08/1986		
	Luiza Souza	09/06/1995		

Herdeiros - Bisnetos

	Pais	Filhos	Nascimento
(2)	Bruno de Macedo e Silvia Leticia	Marina Machado de Macedo	09/03/2013
(3)	Gabriel de Souza e Taiza Avila de Siqueira	Bernardo Gabriel de Souza	04/01/2011



Elizabete



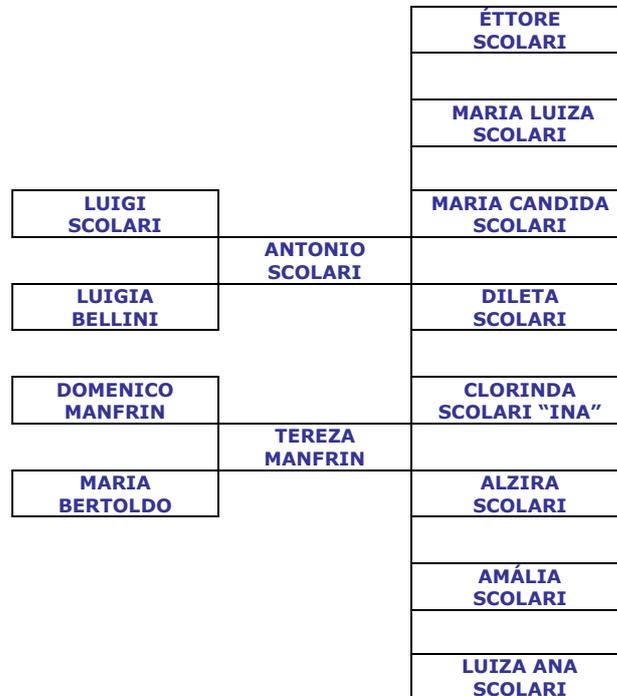
Elizete



Leandro

PARTE III – Outros Filhos de Antônio Scolari/Tereza Manfrin e descendentes.

Irmãos de Mariano e Adelina Scolari, pai e tia "avó" de Margarete respectivamente.

GENEALOGIA de OUTROS FILHOS DE ANTONIO SCOLARI E TEREZA MANFRINÉTTORE (Heitor) SCOLARI

Nascimento	Local	Profissão	Esposa	Óbito
	Nova Palma	Comércio	Marieta G. Scolari	

MARIETA GIAVARINA SCOLARI

Nascimento	Local	Profissão	Esposo	Óbito
		Do lar	Éttore Scolari	

Filhos do casal: Cirilo e Cirila Scolari

Maria Luiza Scolari / MarietaMARIA LUIZA SCOLARI

Nascimento	Local	Profissão	Esposo	Óbito
	Nova Palma	Do lar	Vitório Descovi	





Vitório Descovi

VITÓRIO DESCОВI

Nascimento	Local	Profissão	Esposa	Óbito
			Marieta Scolari	



Maria Cândida Scolari

MARIA CÂNDIDA SCOLARI "ZASSO"

Nascimento	Local	Profissão	Esposo	Óbito
03/10/1902	Nova Palma	Professora	Amadeu Zasso	06/10/1975



Amadeu Zasso

AMADEU ZASSO

Nascimento	Local	Profissão	Esposa	Óbito
1900*	Nova Palma		Maria C. Scolari	

*Por volta de

Filhos do casal:

Nome	Nascimento	Óbito	Esposo (a)	Nascimento	Óbito
Eliseu Scolari Zasso	1921		Rosalina Zasso	1926	





Dileta Scolari

DILETA SCOLARI "CUNHA"

Nascimento	Local	Profissão	Esposo	Óbito
	Nova Palma	parteira	Henrique Cunha	

HENRIQUE CUNHA

Nascimento	Local	Profissão	Esposa	Óbito
		Ferroviário	Dileta Scolari	

Filhos do casal: Diógenes, Geni, Osvaldo, Rui e Nilza Cunha.



Clorinda "Ina" Scolari

CLORINDA "INA" SCOLARI "POSSAP"

Nascimento	Local	Profissão	Esposo	óbito
	Nova Palma	Florista	José Possap	

JOSÉ POSSAP

Nascimento	Local	Profissão	Esposa	Óbito
	Nova Palma	Comércio	Ina Scolari	

Filhos do casal: Clélia e
Marli Scolari Possap





Alzira Scolari

ALZIRA SCOLARI "CHITTÓ"

Nascimento	Local	Profissão	Esposo	Óbito
	Nova Palmas	enfermeira	Gabriel Quitóo	



Gabriel Chittó

GABRIEL CHITTÓ

Nascimento	Local	Profissão	Esposa	Óbito
	Nova Palma	Comércio	Alzira Scolari	

Filhos do casal: Remi e
Ruth Scolari Chittó



Amália Scolari

AMÁLIA SCOLARI

Nascimento	Local	Profissão	Esposo	Óbito
	Nova Palma	Do lar	Florinaldo Gomes	



Florinaldo Gomes

FLORINALDO GOMES

Nascimento	Local	Profissão	Esposa	Óbito
		Mecânico	Amália Scolari	

Filhos do casal: Flávio, Amauri e Tirone Scolari Gomes



Luiza Ana Scolari

LUIZA ANA SCOLARI "RODRIGUES"

Nascimento	Local	Profissão	Esposo	Óbito
03/01/1917	Charrua	florista	Julio Cirino Rodrigues	29/04/1973



Julio Cirino Rodrigues

JULIO CIRINO RODRIGUES

Nascimento	Local	Profissão	Esposa	Óbito
04/08/1909		Insp. Seguros	Luiza Ana Scolari	03/07/1992

Filhos do casal Luiza e Julio:

Nome	Nascimento	Óbito	Esposo (a)	Nascimnto	Óbito
Nadir Tereza R. Centenaro (1)	18/10/1934		Renato Centenaro	15/05/1930	16/08/2004
Guiomar M ^a R. Ceni(2)	09/11/1935		Lirio Ceni	05/04/1928	
Moacir Paulo Rodrigues – Tinho (3)	02/04/1940		Odila Rodrigues		
Juarez Julio Rodrigues (4)		+			
Ademir Rodrigues (5)	13/06/1950		Edilene da Silva Rodrigues	17/05/1961	
Jorge Luiz Rodrigues (6)	25/01/1952	/10/2010	Lorena Salete Rodrigues		
Oswaldir Antonio Rodrigues (7)	1938	+	Maria José Rodrigues		

Herdeiros:

	Filhos	Nascimento	Óbito	Esposos(a)	Nascimento	Óbito
(1)	Rosane Centenaro Kirchner	07/10/1962		Guilherme Kirchner	04/03/1958	
	Rita de Cassia Centenaro Bueno	1956		José Bueno		
	Jorge Centenaro	18/08/1966				
	Flávio Centenaro			Silvia Centenaro	1964	
(2)	Gerson Ceni	28/03/1954		Mariana Ceni		
	Silvana Ceni "Tonin"	03/10/1957		Osmar Tonin		
(3)	André Roberto Rodrigues			Luciana Rodrigues		
	Augusto Rodrigues			Lia Rodrigues		
	Tatiana Rodrigues Gother			André Gother		
	Adriano Paulo Rodrigues			Marta Rodrigues		
(5)	Luiza Ana Rodrigues	26/05/1982		Rodrigo Pitol		
	Ligia Maria Rodrigues	03/03/1984		Murilo Campagnoni		
(6)	Ipojucano Rodrigues					
	Nagiba Aloana Rodrigues					
	Daiana Rodrigues			X		
(7)	Ana Paula Rodrigues					
	Cesar Rodrigues			Cris Rodrigues		
	Juarez Rodrigues					

Ligia Maria Rodrigues - Deve-se a esta prima de Margarete, a grande maioria das informações acima.



(2) Guiomar Maria e Lirio Ceni



Irmãs Scolari, no sentido horário: Dileta, Ina, Maria Luiza, Alzira, Maria Cândida, Luiza e Amália, Não estão presentes, Adelina, Mariano e Étore.



FOLHAS

Aos meus irmãos e demais familiares:

Ao entrar neste capítulo - *Folhas* - chego à minha geração, da Margarete e de nossos irmãos.

As falas a seguir são difíceis, pois passo a comentar sobre pessoas vivas, o que não é fácil.

As encruzilhadas da vida nos levam muitas vezes a múltiplas direções.

O contato mais íntimo, a troca de experiências, mesmo a formação de nosso caráter acontecem na nossa infância e juventude. A diferença de idade de quatro e oito anos, entre mim e meus irmãos, quando se é criança é imensa. Somos todos crianças, mas os interesses são extremamente diferentes. Por estas consequências um irmão acaba não curtindo o outro na intensidade que seria desejada. Imaginem, eu e o Rui, com uma diferença de oito anos. Quando ele tinha seis eu estava com catorze, começando a trabalhar. A nossa convivência de infância ficou totalmente truncada. E a Márcia, que dista de mim dezesseis anos?

Logicamente somos uma família com entrosamento, contatos e notícias frequentes, mas os rumos, as andanças, os compromissos nos levam a pontos às vezes opostos. Vejam, eu, atualmente no Tocantins, e os familiares no Sul, distância mínima de 2.500 km.

Sem percebermos, chega a vida adulta. Que nos transforma em trabalhadores, assumimos muitos compromissos, nos descuidamos muitas vezes de nossos familiares, entramos numa roda-viva e criamos para nós uma vida rotineira. Pois é..., realizamos diariamente as mesmas funções dentro de nossas profissões, de nossos empregos, de nossas atividades - de domingo a sexta e às vezes aos sábados.

Se não formos muito criativos, até o fim de semana é previsível e quase sempre rotineiro. Salvo momentos de rara exceção. A vida é mais ou menos isto, ou estou enganado? Mas é ótimo viver e buscar incessantemente a felicidade. Às vezes ela está bem ali.

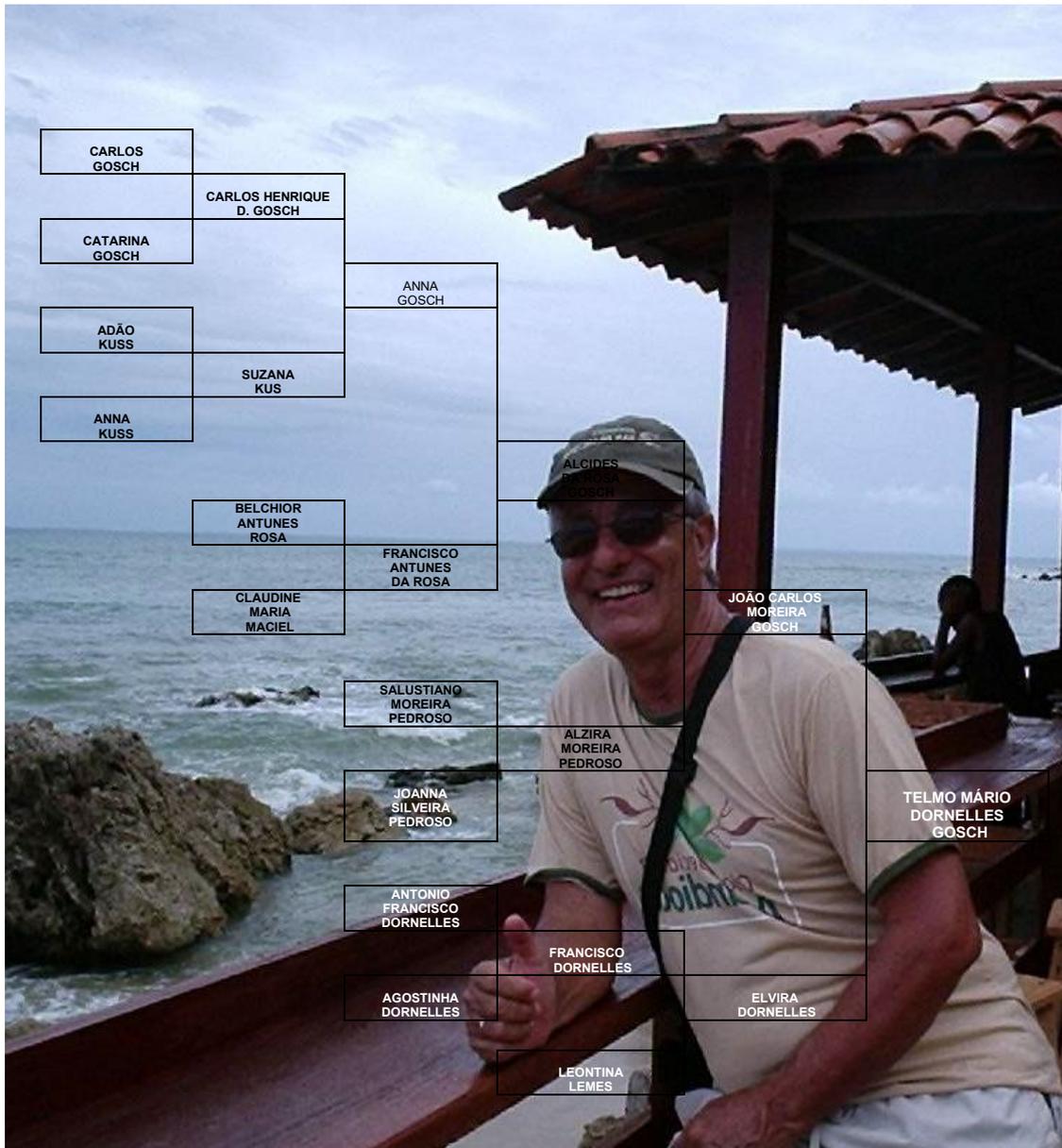
Os sábios afirmam que a vida é feita de pequenos momentos de alegria. Quando este momento acontece temos que aproveitar: um sorriso; o abraço de um filho; o beijo e o olhar carinhoso da mulher amada; as pequenas mãos de um neto; a alegria dos amigos; uma viagem inesquecível; e por aí vai.

Sábio mesmo é quem identifica, descobre e cria estes momentos.

Concluindo, se comentar muito da nossa vida adulta, estarei em realidade fazendo um currículo de cada um de nós, este não é o propósito. Daí, meus queridos, me deterei nas alegrias que vivemos ao longo de nossas vidas, dos nossos filhos e netos, e nos fatos que nos tornaram, além de irmãos, grandes amigos.

PARTE I - Telmo Mário Dornelles Gosch e Margarete Scolari

GENEALOGIA TELMO MARIO DORNELLES GOSCH





Telmo Mário Dornelles Gosch - Chego à parte mais difícil e mais doce desta narrativa, falar de mim é algo muito complicado, falar da Margarete é muito prazeroso.

Como já comentei, nasci em 23 de julho de 1946, filho de João Carlos Moreira Gosch e Elvira Dornelles Gosch, ela Soledadense, ele e eu Passo-fundenses. Ao longo desta narrativa, mencionei-me em diversas oportunidades, demonstrando a minha infância e pré-adolescência, quando convivia no seio da família, com pais, tios e avós.

No entanto, antes de prosseguir observo e até repito que esta ladainha não são memórias, mas simplesmente dados genealógicos, entranhados de pequenas histórias de seus atores. Espero assim que as gerações mais novas entendam melhor os antepassados que transferiram os genes que os caracterizam. É com este pensamento que me lembro do refrão da canção *Veterano*, de Antonio Augusto Ferreira/Ewerton Ferreira

*Neste fogo onde me aquento,
Remôo as coisas que penso,
Repasso o que tenho feito,
Para ver o que mereço.*

Dentro de meu vai e vem entre passado e presente, depois de muitos dias sem conversar com vocês volto a escrever, estive em férias, fiz junto com minha Margarete uma viagem inesquecível, quando adentramos pelo interior da Bahia.



Ilhéus





Praia do Forte – Bahia.

Passamos por Bom Jesus da Lapa, seguimos para Ilhéus, Valença – Praia do Guaíbm e Morro de São Paulo, logo chegamos a Salvador e daí para Imbassaí - Praia do Forte. Encerramos nossa viagem de dezesseis dias em Aracaju, foi um roteiro maravilhoso, sonhamos voltar a estes locais paradisíacos, acompanhados de nossos filhos e netos.

Hoje, 31 de dezembro, enviamos mensagens a amigos e parentes. Telefonei e recebi telefonemas alusivos ao ano que se inicia. Para comemorar esta passagem, seguimos para a Praia da Graciosa, acompanhados de Juli, Ricardo e Carina, festa bruta, boia e bebida à vontade, música e muita gente, fotografias, cumprimentos emocionados, fogos de artifício deixando a noite cheia de esperanças em mil estrelas multicores. Abraçado à Margarete, bastante emocionado, me passa pela mente todos os momentos felizes que passamos comemorando diversas passagens de ano. Lembro-me do pai dando tiros para o alto com seu revolver Colt, lindo com cabo de madrepérola. Da vó Alzira chorando emocionada, da tia Alcedina, com um copo de boiler nas mãos cantando em passos de dança a melodia de Francisco Alves e David Nasser – **Adeus ano velho, Feliz ano novo.**

*Adeus ano velho
Feliz Ano Novo
Que tudo se realize
No ano que vai nascer.
Muito dinheiro no bolso
saúde pra dar e vender*

Lembrei-me do ano em que músicos abrilhantavam a festa, tocavam na sala de visita da casa da vovó, gaita, violão e pandeiro.

O pandeirista era um negro com cara de pinguço e sem dentes, quando ria era como ver uma noite sem lua. O preto era sacana, cada vez que eu chegava perto dele, para ver o povo dançar, ele batia duas vezes no pandeiro e batia com o pandeiro uma vez na minha cabeça, eu ficava puto e saía. Mas como cachorro que se esquece das ordens do dono, voltava e o negão metia o pandeiro na minha cabeça. Aquele mulato devia ser um grande gozador. Chega de reminiscências, voltamos ao assunto.

Quem se deu ao trabalho de ler, observa que tive uma infância sem dinheiro, mas muito rica. Rica para os padrões da época, quando não tínhamos televisão, computador e toda a parafernália eletrônica de que dispõem nossos filhos e netos. Rica porque sempre tive o aconchego e a proteção dos familiares e, para uma criança, presença, carinho e amor são fundamentais. Na época as brincadeiras eram quase todas ao ar livre, o que representa para os padrões de hoje, para mim, uma grande vantagem, pois além de



estarmos em constante contato com a natureza fazíamos muitas amizades, pois as brincadeiras eram coletivas.

Já perceberam que tenho saudades daqueles tempos. Tempos bons que passaram rápido como o voar de um beija-flor. Tem uma música gauchesca, que me toca cada vez que a escuto, de *Carlos B. Madruga / Dirceu Abriano - Recuerdos - Voz Grupo Minuano. O refrão é muito representativo, realmente interessante:*

Brinquedos de coisas vivas
Que se perderam no tempo
Desfilam pela paisagem
Criadas no pensamento

Ia pra beira do açude
Costeando a volta da taipa
Pra ouvir a saparia
Imitar o som de uma gaita

Então me punha brincar
Junto às cordas da viola
Que no alambrado tocava
Qualquer ventito pachola

E o coro vinha de longe
Se espargindo no infinito
As caturritas gritando
Na ponta dos eucaliptos

Refrão 2 x
Velho menino de ontem
Menino velho de agora
Que ainda hoje guarda em sonhos
Os seus brinquedos de outrora

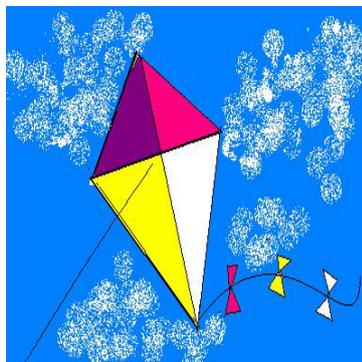
Então me punha brincar
Junto as cordas da viola
Que no alambrado tocava
Qualquer ventito pachola

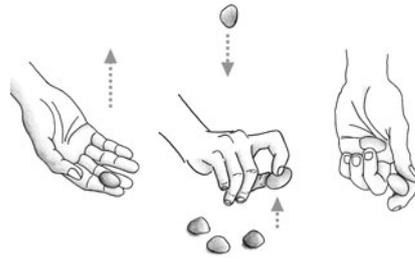
E o coro vinha de longe
Se espargindo no infinito
As caturritas gritando
Na ponta dos eucaliptos

Velho menino de ontem
Menino velho de agora
..... 2 x

Para os meus netos. As brincadeiras daquele tempo estão demonstradas nas imagens abaixo.

Imagens falam mais que palavras. Objetivam motivar a criançada para uma vida saudável e alegre.





Imagens/divulgação

Estas eram algumas das brincadeiras de nossas infâncias, lógico que além de: andar a cavalo, banhar nas represas e rios, pescar, caçar com bodoque, colher jabuticaba. Na Semana Santa, Sexta-Feira, colhíamos com papai, mãe e amigos: ervas medicinais: poejo, marcela, chapéu de couro, juntávamos erva para o ano todo.

Mas a brincadeira favorita era jogar muita bola, com qualquer tipo de bola: de borracha, de meia, de couro, de plástico, em qualquer campo, com grama ou careca, jogávamos de pé descalço, chuteira era um luxo e só existia nos pés dos outros, nossos pés eram verdadeiros cascos, a cabeça do dedão estava sempre arrebitada, as unhas encravadas.

Concluindo quando lembro destas brincadeiras, vem-me também à memória a *Musica **Tropa de Osso*** de Humberto Zanata e Luiz Carlos Borges olha ai o refrão.

Gado de osso, que foi parte do meu mundo.

Carro de lombas e trator de corticeira
Com meu bodoque e um banho no açude
Foram da infância, minha vida verdadeira

Mas o nosso palco, de grandes brincadeiras, jogos e outras traquinagens, era o espaço que estava bem em nossa frente, o campo de futebol e demais instalações do IE – Colégio Metodista, Instituto Educacional. O Instituto está localizado de frente para a Avenida Brasil, fundos na rua Uruguai, tendo a rua Paissandu a separá-lo em duas partes. Parte da frente: salas de aula, direção, campo de futebol, partes dos fundos: internato e área esportiva com vestiário, campo principal de futebol e arquibancadas. A lateral direita era Rua dos Andradas, onde morávamos, e a esquerda a Rua Coronel Miranda.

Era aí neste imenso espaço que a piazada de toda a redondeza se achegava. Gurizada humilde, normalmente de pés descalços, camisas desbotadas e calções velhos, contrastavam com os alunos e internos do educandário; estes tinham fardamento completo e o que para nós era motivo de ciúmes, tinham tênis, chamado de Kits, chuteiras e eram muito bem alimentados. Por todas estas diferenças éramos fatalmente discriminados, e os fiscais educacionais, sempre que tinham oportunidade, nos botavam a correr.

Mas contra vontade de piá não há resistência e íamos aos pouquinhos invadindo, jogando nossa bola. Correndo pelos campos. Esgueirando-nos pelas instalações. Coletando junto com alguns alunos aranhas e escorpiões, fazendo arenas de pedra e botando os “bichos” para brigar. E assim passávamos os dias. Eram tardes e manhãs de muito alvoroço, onde o principal era jogar bola no campo ou assistir ao futebol praticado pelo time do IE, contra outros times da cidade ou de cidades vizinhas. Inclusive o Sport Clube Gaúcho, meu time de coração, treinava em muitas oportunidades no campo da Escola.

Um belo dia, meus pais decretaram - Este menino tem de começar a estudar, vai para o jardim da infância, no colégio Notre Dame;

- Amanhã, levanta cedo, bota a roupa nova, aquela domingueira de ir à missa e vai com a tua mãe conhecer o jardim, falou o pai com os olhos brilhando.

No ano seguinte, fui cursar o primeiro ano do curso primário, Colégio Estadual Protásio Alves, na Avenida Brasil, ali onde existem hoje escritórios da CEEE. Neste primeiro ano sofri, não me adaptei às novas condições, não conseguia me alfabetizar com a velocidade necessária. Recordo-me de minha timidez, era um bichinho do mato muito envergonhado, me sentia um peixe fora d'água, bueno, levei muitos anos para superar a timidez, de vez em quando tenho umas recaídas que tenho que superar no peito e na raça.

Abro aqui um parênteses, para comentar a medicina daquela época: pediatra, não existia; médicos, existiam poucos, eram clínicos gerais e muitas vezes operadores; não existia plano de saúde. Pelo preço da consulta e dos remédios, a medicina caseira campeava. Desta forma, duas vezes por ano era obrigatório tomar pela manhã em jejum Óleo de Rícino, para fazer uma “limpeza”, acompanhado de vermífugo, naqueles tempos Licor de Cacau; a gurizada fazia cara feia, mas expulsava um monte de bichas – lombrigas, vermes intestinais. Machucados, água oxigenada e mercúrio cromo; azia, sonrisal, bicabornato de sódio; distúrbio estomacal, chá de marcela; tosse, mel e chá de poejo; dor de garganta, gargarejo com água, vinagre, sal e bicarbonato; ferida braba e cobreiro, bem, daí, meu amigo era procurar uma benzedeira.

Eu mesmo me benzi diversas vezes, a meninada vivia cheia de perabas nos pés e pernas, se a mãe desconfiava que fosse cobreiro, íamos parar nas benzedeiros. No Boqueirão, na Avenida Brasil, durante algum tempo, nos fundos da casa da madrinha Graciosa, morava uma preta que fazia estes serviços.



Cobreiro – erupção que se alastra pela pele e que é atribuída ao fato de ter passado no corpo ou por sobre a roupa, quando estendida no quarador ou em outro lugar, uma cobra ou qualquer animal peçonhento – segundo a credence popular, se o cobreiro fechar, isto é, se uma ponta da erupção atingir a outra, a pessoa morre.

Imagem divulgação

Em realidade é uma dermatose, cientificamente denominada de herpes zoster, este mal tem geralmente a duração de trinta dias, o que fazia o nome das benzedadeiras.

As técnicas de benzer eram diversas, a minha benzedeira usava a seguinte: tomava uma porção de cinza produzida no fogão à lenha; distribuía no solo, em forma arredondada, colocava então o pé do perebento sobre a cinza, marcando o local, mandava tirar o pé e com um facão marcava em cruz na cinza, proferindo as seguintes palavras:

- *O que te corto? Ao que respondíamos*
- *Cobreiro bravo; e ela prosseguia.*
- *Corto a cabeça, corto o rabo.*

BENZEDEIRA

Telmo Gosch

Tem praga lá na roça?
No gado alguma bicheira?
Cascavel ronda a palhoça?
Tem fogo na capoeira?
Uma ferida lhe coça?
Procure uma benzedeira!

Deitava todo pregado,
A pele era só grosseira,
O dedão todo inchado,
Amanhã é sexta-feira,
Já tava tudo acertado,
Tu vais é na benzedeira!

-O que eu corto?
-Cobreiro brabo!
-Corto a cabeça,
-Corto o rabo!

Quem em sua meninice,
Não padeceu com cobreiro,
Hoje tudo é modernice,
Tudo hoje é corriqueiro,
Mas eu falo em peraltice,
Quem foi piá teve cobreiro.

Minha rezadeira era preta,
Com a boca desdentada,
Usava perfume violeta,
E um pito em fumarada,
Troçava e fazia careta,
Cantava e dava risada.

-O que eu corto?
-Cobreiro brabo!
-Corto a cabeça,
-Corto o rabo!

Tinha unha encravada,
Mas era feliz e arteiro,
Jogava bola na estrada,
Era lobinho escoteiro,
A perna sempre ralada,
E era bom cavaleiro.

Do fogão vinha a cinza,
Espalhada em uma bandeja,
Era então bem misturada,
Com galinhos de carqueja,
-Com este facão espada,
Vou cortar tua brotoeja!

Para alcançar a cura,
Vinte e um dias esperar,
Não ter no peito amargura,
Três sextas-feiras voltar,
Crença, paz e abertura,
E na benzedeira confiar.

Andava de bicicleta,
Banhava lá no açude,
Colecionava borboleta,
Jogava bola de gude,
Brincava fazendo treta,
Naquela doce inquietude

O pé marcava a cinza,
Três vezes a ladainha,
A cinza o facão cortava,
Seis horas, de tardezinha,
O pé na cinza afogava,
Continuava a ladainha.

Toda a benzedeira
Tem a alma bondosa,
Faz aquela rezadeira,
Por amor, por ser piedosa,
Não é uma feiticeira,
A sua fé que é poderosa.

Na hora de banhar,
Perebas e machucados,
Cuidado pra não magoar,
Aquele pobre coitado,
A mãe chegava a beijar,
Aquele corpo judiado.

-O que eu corto?
-Cobreiro brabo!
-Corto a cabeça,
-Corto o rabo!

Agradeço as curandeiras
Que em minha vida passaram,
Com a clemência de freiras,
Ser paciente me ensinaram
Onde estão minhas benzedadeiras?
Sumiram, se afastaram!

Repetia três vezes; ao fim rezava três Ave Marias. Repetíamos a ladainha, três sextas-feiras, era tiro e queda, o cobreiro sumia como por milagre, e a benzedeira ficava famosa. Fecho o parênteses e toco o meu caso pra frente.

Então, por todos estes poréns, lógico, rodei no primeiro ano. Quando recebi o boletim, fui para casa desesperado de vergonha.



Repeti o ano e embalei, logo estava lendo, o que foi uma tremenda descoberta.



Depois que descobri os encantos da leitura, lia tudo que havia ao meu dispor. A leitura me possibilitou outra mágica, ir aos matinês do cinema e poder ler os filmes, torcer pelos mocinhos batendo os pés no chão. Eu podia agora participar da troca de gibis na frente dos cinemas, era um mercado de leitura fabuloso.

As férias estudiantis, e mesmo quando já estava trabalhando, eu passava em Soledade com tios e primos ou na fazenda de meu padrinho no Distrito de Bela Vista, em ambos os locais, as atividades eram campeiras, agrícolas e pecuárias, e as maiores

diversões eram os cavalos, as caçadas de bodoque e as pescarias.

Na agricultura o milho era capinado, dobrado e quando seco colhido, transportado, guardado em paiol, para alimentar as criações. O feijão então era mais interessante, colhíamos, secávamos ao sol, sobre lona, e após era batido com o manguá – duas varas de guamirim, ligadas por atilho de couro.

Nos dias de chuva, garoa, quando os peixes ficavam mais assanhados, debaixo de casacos velhos, com as calças remangadas até a canela e de pés descalços, descíamos até as sangas, para jogar linhas n'água e tentar algum lambari. Na fazenda de meu padrinho Mena (Fábio de Oliveira), íamos para uma represa e, em cima da taipa, ficávamos tentando as traíras que eram grandes e fartas.

Nas lides estudiantis, cursei o segundo grau no Colégio Estadual Nicolau de Araújo Vergueiro, entramos na década de sessenta, 1960.

1961 – Este ano, embora estivesse bem nos estudos, foi para todos os familiares um ano em que os sentimentos foram terrivelmente abalados, chorei e choramos o falecimento do Vô Alcides, não preciso dizer que abriu um vazio muito grande.

Para quem agora eu diria ou responderia o meu Alerta! Alerta está? Corria o mês de março, quando a saúde do velho começou a dar sinais de enfraquecimento, era o problema cardíaco, hospital, cuidados.

Chegamos ao mês de abril. A preocupação continuava. Eu pensando em conseguir emprego, resolvi fazer um curso de datilografia no IE. As aulas iniciavam às quatorze horas e terminavam às dezesseis. Numa quarta-feira, por volta das três da tarde, a auxiliar da professora exclamou – Quem é aquele povo correndo? Saí na janela, era o pessoal do tio Gumercindo, correndo rua abaixo, entendi na hora, senti uma pontada no coração e uma ardência na boca do estômago.

Corri também, entrei pela área que era o “nosso escritório”, segui até o quarto, ouvi choros, olhei devagarzinho para dentro do quarto, ele estava deitado dormindo seu último sono. A Tia Lurdes se lastimava abraçada na Vó. Saí, fui sentar sozinho no barranco junto ao muro do IE, fiquei olhando a casa e rememorando todas as histórias que tínhamos construído juntos, vi a Tia Dina chegar desesperada.

Levantei, entrei pelo corredor, aquele de nossa caçada de passarinho. Chequei no poço, olhei o banco onde sentávamos, vi o galpão ainda com a mancha de sangue do pato que tínhamos matado

– Vô, a gente mata pato que nem mata galinha? Ele com o pato preso pelas asas:

- Galinha a gente torce o pescoço, Pato eu penduro na parede e com o facão o degolo, o bicho é duro de morrer; sigo, sento um pouquinho no banco embaixo do pé de abacateiro, ali onde corria aquela brisa gostosa que sempre o reanimava. O vento bate e as folhas do abacateiro caem. Fico meio sem rumo e vou sentar novamente no barranco, observo: a pintura a cal da casa já começa a se soltar; a rua poeirenta; o povo chegando: - Meus pêsames! - Minhas condolências! – Não sabia que ele estava doente!

Meus olhos queriam chorar, lembrei que ele dizia – Telmo, homem não chora! Eu engoli a tristeza. Tudo acabou. Neste momento eu entendi que minha infância/adolescência tinha terminado, era 20 de abril de 1961.

Depois desta chinelada tenho que mudar de vida.



Decidi, vou trabalhar, já me sinto homem, sinto necessidade de comprar roupas, calçados, ter meu dinheiro, ir ao cinema, comprar livros, enfim, começar algo mais produtivo que me dê um alento de futuro. Consigo através do pai emprego em um escritório de contabilidade, é janeiro de 1962, estou com quinze anos.

De Cícero Reveilleau e de Maximo Martelo, contadores com quem trabalhei naquele período, recebi exemplo de como tratar as pessoas com fidalguia e respeito.

O trabalho assentou minha cabeça, aprendi a fazer escrita fiscal, datilografar guias de recolhimento de imposto e balanços contábeis, fazer imposto de renda, enfim, todas as atividades que faz um auxiliar de contabilidade. A atividade me proporcionou novas amizades e comecei sem falsa modéstia a desenvolver uma atividade de bom nível, o que me rendeu o respeito dos meus amigos, do meu patrão e dos clientes do escritório, e o principal, me reorganizou nos estudos, estudava no mesmo ENAV à noite.

Éramos somente quatorze alunos, turma buenaça, todos trabalhavam no centro da cidade. Tínhamos uma grande intimidade, o que facilitava não somente as aulas, como também a vida social nos finais de semana, eram reuniões dançantes na casa das gurias, matinês dançantes nos clubes da cidade, uns namoricos aqui, outros ali, e a vida era uma festa.

Chegamos ao carnaval de 1963, 9 de março, terça-feira, à tarde, que meus herdeiros, filhos, netos e outros mais guardem esta data. Clube Caixeiral, matinê infantil, eu numa baita ressaca da noite anterior. Na época preparo físico total e a juventude não pode perder tempo. Chego ao Clube, ao meu lado amigos e colegas de ginásio. Subimos para a galeria, do alto, ficava mais fácil paquerar as gatinhas que sambavam no salão. Naquele rebuliço, surge uma magrelinha, branquinha, com os olhos verdes mais lindos que já vi. *Vejam a foto, Margarete treze anos - não era uma beleza?* ficamos naquela paquera o restante da tarde.

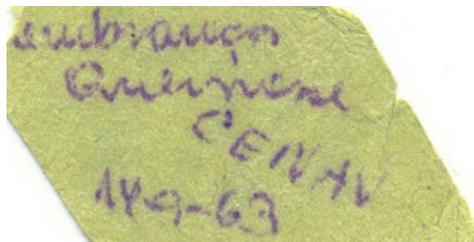


Vocês sabem que os opostos se atraem e os apaixonados se encontram, não deu outra: logo, nos descobrimos a onde eu trabalhava a escola que ela estudava, Bom Conselho, era bilheteinho prá cá, recadinho prá lá.

Sabe que uma coisa puxa a outra, e logo estávamos nos encontrando em reuniões dançantes, em casa de amigas comuns, na praça etc., etc.

14 de setembro de 1963, sábado, realizava-se no Colégio Estadual, como era costume na época, uma quermesse. Este dia foi tão importante para mim que até hoje eu guardo em minha carteira a lembrança distribuída naquela noite em que tracei definitivamente meu destino junto da mulher que eu amaria por toda a vida.

Eu todo pimpão com a melhor calça e camisa que possuía, como proteção para a friagem uma blusa xadrez marrom e branca. Fiquei de bituca esperando..., logo a Marga chegou com umas amigas, linda de morrer e, pelo frio que se anunciava, trazia um casaco leve em xadrez vermelho, lã, com capuz e bolsos. Foi dança pra cá, rosto colado pra lá e eu caindo nos encantos da guria, lá pelas onze da noite, tomei coragem e pedi a donzela em namoro, nunca mais nos separamos.





Nos primeiros tempos os sogros foram me olhando de atravessado, com razão enfim a prenda só tinha treze anos e, quem era este “negrinho” que apareceu lá dos fundos do Boqueirão.

Mas quando tudo andava buenazo, eis que as asas da tristeza abatem-se novamente sobre a família. A vó Alzira, que já era triste e mais triste ficou com a morte do esposo, foi definhando dia a dia e no dia 19 de outubro de 1963, no Hospital São Vicente, vai para junto de Rui e Alcides.

Meus dezessete anos, início do namoro.

1966, a turma da escola se preparava para o vestibular. Na época não existia cursinho, fazíamos grupos de estudo. Dezembro: Vestibular em Santa Maria, dinheiro pouco. Fomos de trem, era mais romântico e mais barato. Pousou na Casa do Estudante, por empréstimo de moradores.

O certame oferecia 80 vagas, 240 era o número de candidatos, todo mundo mal preparado se compararmos aos atuais concorrentes. Foi um sufoco, mas passamos. Tirei um peso do peito, estava passado, para surpresa de todo o Bairro Boqueirão: - Olha, o filho do alfaiate passou no vestibular!

A vida universitária teve um começo difícil, adaptação, cidade, ambiente novo e poucos recursos financeiros.



Margarete aos quinze anos

Três meses após chegarmos à capital ferroviária, fica pronto o último andar da casa do estudante. Sou aquinhoado com uma vaga, na outra semana sou beneficiado com bolsa rotativa e de alimentação, a partir destes atos eu tenho minha faculdade garantida, agora dependia só de mim.

Foram quatro anos enfrentando junto com os colegas todo tipo de necessidade, eram muitas as dificuldades, mas fomos vencendo uma a uma. A visão de futuro, e sabermos que só tínhamos oportunidades se nos formássemos, era um grande desafio.

Ao iniciar minha nova jornada, agora como profissional, faço aqui, digamos, uma nota explicativa, primeiro para agradecer Pai e Mãe pela formação que me deram, baseados em princípios morais e éticos, fundamentais para que eu conseguisse, mesmo diante de nossa relativa pobreza, ter estrutura para estudar e me formar; segundo, algumas pessoas ao lerem esta genealogia, podem interpretar que dou mais valor a meu Avô que a meu Pai. Veja, em realidade, ao começar a escrever, meu avô passou a ser o centro de minhas narrações, não que eu assim quisesse, mas porque assim aconteceu com naturalidade. Explico, pai é pai, tem a missão educadora, avô é avô, tem compromissos light com a educação dos netos, por outro lado meu pai trabalhava e passava os dias fora de casa, eu era mascote do vovô no cotidiano, daí tantas aventuras que construímos juntos, algumas acima relatadas e outras guardadas em meu coração.

Por outro lado o acima narrado me leva a uma reflexão, da importância dos avós na educação dos netos, é uma ferramenta pouco usada pela sociedade brasileira, os velhos são considerados por muitas famílias como material descartável. Nós, eu e a Margarete, temos lamentado muito a distância que nos separa de nossos netos, Vinicius,

Betina, Pedro e Guido, não temos tido a oportunidade de conviver com eles no dia a dia, o que seria para nós um lenitivo e uma troca de experiências entre gerações, todavia temos a oportunidade de conviver com Luiza e Letícia, que moram em Palmas, o que é extremamente prazeroso.

Vida profissional - Relato aqui praticamente um minicurrículo, com a finalidade maior de situar no tempo a história de Telmo e Margarete, sem ter como já comentei a pretensão de ser uma memória de minha vida profissional.

No entanto antes de me alongar neste caminho, faço mais uma reflexão, já que o trabalho tem sido para mim e com certeza para a Marga e nossos descendentes um grande vício. Daí que quando ouço (e gosto muito) a música *Me Esqueci de Viver*, *Julio Iglesias* fico a pensar com certa preocupação...

De tanto correr pela vida sem freio
me esqueci que a vida se vive num momento
De tanto querer ser em tudo o primeiro
me esqueci de viver os detalhes pequenos

Em 1970 ainda em dezembro sou contratado pela Cooperativa Tritícola de Passo Fundo Ltda., como Engenheiro Agrônomo, e tem início minha vida profissional.

Permaneço na Cooperativa até junho de 1983, são aproximadamente treze anos de aprendizado, ganho de experiência, de muito trabalho e de relevantes realizações profissionais. Tive uma ascensão profissional rápida, iniciando como Engenheiro Agrônomo responsável pela produção de sementes e chegando a Superintendente Técnico.

Particpei também da vida política da Cooperativa, quando, atendendo a um chamado de associados, fui eleito presidente. Todavia a empresa passava por situação financeira crítica, após esforços para superar esta situação e outros desdobramentos políticos, resolvo renunciar ao cargo e me dirijo para o Estado de Goiás, município de Alvorada, hoje Estado do Tocantins. Esta guinada em minha vida profissional que terá reflexos na vida familiar acontece em junho de 1983.

Dentro de um programa de expansão da Cooperativa, no final da década de 70 e início de 80, dediquei-me a trabalhos de incorporação de pequenas Cooperativas, este mistér me trouxe ao atual Tocantins. Pelas condições da época, terras baratas, adquiri propriedade em Alvorada.



GENEALOGIA DE MARGARETE SCOLARI



.....
 Mais linda que a madrugada
 Quando vem saindo à lua

*Abrindo a Porteira de
 Jaime Caetano Braum*



Margarete Scolari – Última filha de Auzílio e Luci, com uma diferença de idade para Darlan nascido em 1942, de oito anos e para Marlene de treze anos. A morte de Darlan em 1958 deixa Margarete com 8 anos. Sendo Marlene casada, todas as atenções do casal Mariano e Luci dirigem-se a esta filha.

Margarete tem uma infância por um lado alegre e de muitas brincadeiras, pois residia próximo de tios e primos e de amigos. O seu reino infantil/juvenil era limitado por um imenso quadrilátero que se estendia entre as ruas Morom e Paissandu, tendo ao nascente a Ponte do Rio Passo Fundo e ao poente a Praça da República.

Por outro conviveu com a enorme preocupação da família quanto à saúde do irmão Darlan e ao casamento precoce de Marlene. Após a morte de Darlan, convivem com toda a tristeza, abatimento e depressão que se abateu sobre todos, mas principalmente sobre sua mãe.

Margarete desde menina teve uma personalidade muito forte, e foi temperada nas dificuldades da vida, mas sempre, em todas as épocas, foi muito acarinhada por seus pais.

Aos seis anos inicia sua vida estudantil, assim como eu, no Jardim do Colégio Notre Dame. Permanece aí até o terceiro ano primário, transferindo-se então para o Colégio Bom Conselho, que é inaugurado próximo a sua residência, coisa de 50 metros. Quando nos conhecemos, e ela passa a ser minha eterna querendona, cursava a segunda série ginasial neste educandário.

A quarta série do ginásio é realizada no Colégio Estadual Protásio Alves à noite. Agora durante o dia trabalha com bordados. Bordando vestidos de aniversário, casamento e formaturas com miçangas, lantejoulas e outros brilhos que tanto encantavam as noites em Passo Fundo, Marga era uma artesã de primeira.

Aos dezesseis anos inicia o curso de Normalista, vai ser professora, naqueles anos todos queriam se casar com uma professorinha.

Em 1969, enquanto esperava ser chamada como concursada do Estado para desempenhar funções no magistério, começa a estagiar no Banco Mercantil de São Paulo, sendo definitivamente contratada em julho de 1970, fica neste banco até o início de 1973 – já éramos casados.

Detalhada assim de forma rápida a minha prenda, retorno ao nosso namoro, que vocês vão concordar é muito mais gostoso.



O namoro ia firme e em marco de 1971, dia 13, numa festinha singela, pedi a mão da moça ao Seu Mariano.

O casamento ficou ajustado para fevereiro de 1972, foram meses de preparativos liderados pela noiva, casamos no civil no dia 2 e no religioso dia 5.

Éramos a expressão da felicidade, os padrinhos do religioso foram: pelo lado da noiva – Ari

Dal'Molin e Clessi; Paulo Viana e Elizabeth; Lídio Giordani e Reny; Lauro Ruschel e Nair. O noivo apresentou os seguintes padrinhos: Léo Grando e Valéria; Roberto Gosch e Suzana; Marino Dornelles e Claraci e Gilberto Gosch e Ione. Os padrinhos do civil foram: noivo – os tios e padrinho de batizado Raul e Alcedina Gosch e pela noiva – os avós Adolpho Giordani e Adelina.

O ato religioso aconteceu na Igreja Santa Terezinha e a festa foi realizada no Clube Juvenil.

Para nossa viagem de núpcias, nos dirigimos a Garibaldi, Hotel Casa Curta, daí partimos para Gramado e Canela e após para a praia de Arroio do Sal.

Nossa primeira moradia foi em um belo apartamento logo abaixo do Colégio Conceição, na ladeira, moramos ali por aproximadamente 36 meses, quando conseguimos adquirir uma casa na Travessa Costa e Silva.

Neste AP. além de consolidarmos nossa felicidade como casal, iniciamos uma família com o nascimento de Cristiane em 21 de julho de 1974.

Sem dúvida o bebê mais lindo que eu já vi, morena de olhos grandes e com uma cabeleira de fazer inveja, pai, mãe e avós babando e sorrindo em volta da cria.

Tínhamos uma vida social muito ativa. Muitos amigos e muitas festas, jantares, boates, viagens, foram anos felizes e de intensa alegria. Coroado em 1976, 2 de setembro, com o nascimento de Juliane, uma gorduchona linda, a primeira da nova geração a nascer no Boqueirão. Em 1980, no dia 20 de junho nascem os gêmeos Marcelo e Carina, ela gordinha e já demonstrando que seria a copia da mãe, e ele, bem, ele alem de muito desejado, com tanta mulher, precisava vir, um macho, para carregar o nome da família. Mas que o bichão era magrelo e parecia o grilo falante. Ah! Isto era! A família estava completa e muito feliz.

Neste período, em razão de minhas atividades, viajo muito, e no final de 80 estou em Brasília, tratando de colocar uma extensão da Cooperativa no Estado de Goiás. Em 1981, montamos uma filial em Alvorada, e eu compro uma fazenda. Dou a ela o nome de Cajumate e crio a marca GT. Realizava-se um sonho.

Pelo processo acima narrado, deixo a Cooperativa em junho de 1983 e mudo-me para Alvorada. Em sociedade com alguns amigos, montamos duas empresas: Soloplanta, que comercializa produtos agropecuários; Solozem, destinada à Armazenagem de grãos.

Em junho de 1983, dia dos namorados, chego a Alvorada, aqui vejo nascer o Estado do Tocantins, outubro de 1.988.

Começo as atividades no cerrado em julho, o Estado era Goiás.

O empreendedorismo e o trabalho eram a nossa marca, éramos jovens e o ânimo corria em nossas veias. Com a ajuda de sócios, criamos a Soloplanta Ind. e Com de Produtos Agropecuários, a Solozem Armazéns Gerais, o Leilão Lagoa Verde, a Sorveteria Tropical & Cia.

Mas a atividade que mais nos deu prazer foi formar a Fazenda Cajumate. Os fins de semana, feriados e fugidas do trabalho urbano nos levavam para a Fazenda, ali formamos pastos; construímos: cercas, casas, currais, represas; vacinamos e marcamos o gado, enfim, desenvolvemos aquelas atividades típicas de fazenda. A Margarete era a minha companheira nestas lides.

As dificuldades eram muitas, economicamente levava-se a vida sempre no aperto, o conforto era mínimo: muita poeira, ruas sem calçamento, falta de água potável, escolas que deixavam a desejar, nova cultura, costumes e tradições, enfim, para



quem vinha de uma cidade como Passo Fundo, foi um grande choque, especialmente no início, e quem mais sofreu pelos compromissos como dona de casa e mãe foi a Margarete. Por outro lado fizemos grandes amigos, muitas amizades.

Como as escolas deixavam a desejar, dentro de nossa ótica, logo buscamos alternativas, e nossos filhos acabaram todos por volta dos quatorze anos deslocando-se para Goiânia para estudar, assim: a Cristiane formou em Psicologia; a Juliane em Design de Interiores; o Marcelo fez Agronomia e a Carina, Biomedicina.

Os tempos foram difíceis? Foram, mas depois que se superam as dificuldades, temos o trabalho recompensando e nossa recompensa era formar os filhos.

E o futuro, que às vezes parecia tão longe, logo chegou. Quando vimos os filhos estavam formados, o nosso tempo de namoro, formação etc. tinha ficado para trás, muito para trás.

Hoje, podemos dizer que fomos muito afortunados, muito abençoados, naqueles tempos, éramos jovens, tínhamos força, esperança, acreditávamos em Deus e no futuro.

Já que o futuro tinha chegado, os filhos estavam formados, buscando companheiros (as), nos mudamos para Palmas, quando passo a trabalhar, como servidor público concursado, no Estado.

Os filhos procuraram, acharam, casaram e temos netos maravilhosos.

Antes de encerrar a minha narrativa e da Marga, quero homenageá-la por tudo que ela passou nestes 37 anos comigo. Ela é a responsável por termos formado uma família maravilhosa e estruturada. Através da música Bem maior, quero demonstrar todo o amor que eu tenho por ela.

Bem maior - Composição: Gabriel Falcão / Roupa Nova

Bem maior do que os mares mais profundos
Bem maior do que os campos que eu vi
Bem maior que o teatro das estrelas
É meu amor por ti
Com a força infinita das rochas
Bem mais luz que o sol põe no rubi
Muito mais do que os verdes das matas
É meu amor por ti
Assim como no inverno
E o sol quente do verão
Eu vou ser a primavera
Do teu coração
Foi assim que escrevemos nossa história
É o livro mais lindo que eu li
Uma flor azul que me traga na memória
O meu amor por ti
O meu amor por ti



TELMO MÁRIO DORNELLES GOSCH

Nascimento	Local	Profissão	Casamento	Esposa	Óbito
23/07/1946	P. Fundo	Eng. Agrônomo	05/02/1972	Margarete Scolari	



MARGARETE SCOLARI "GOSCH"

Nascimento	Local	Profissão	Casamento	Esposa	Óbito
01/07/1950	P. Fundo	Professora	05/02/1972	Telmo Mario D. Gosch	

Margarete, Marlene e a saudosa Dona Luci.



Nestes vinte versos singelos e de principiante, faço breve resumo de minha história, de minha existência.

Pros Fundos do Boqueirão

Telmo Mario D. Gosch

Meu umbigo, é verdade,
Enterrei naquele chão,
Também minha saudade
Ficou lá no Boqueirão.

Nasci miudinho – perrengue,
Quase não escapo desta
Saí pro oco do mundo,
À benzedura e promessa.

De origem mui carente
Eu padeci pra crescer
Meu desafio era urgente,
Peleei muito pra vencer.

Era topada nas pedras
Alpargatas nos garões,
Segui a trilha agrônômica
Fui trabalhar nos sertões.

Por uma graça divina
Repontei bendita China,
E, como nos contos e fados,
Vivemos enamorados.

A china tem olhos verdes
Cabelos cor de cevada,
Ternura em pele alva
Com brilhos da estrela D'Alva.

As crias foram bem-vindas
Felizes estão aqui,
São três gurias mui lindas
E um macho com pedigree.

No vício pelo trabalho
Trabalhei sempre com sorte,
No destino um atalho
Segui então pra região norte.

Aprendi a comer piqui
E falar Vixe Maria
Deixei o tchê por aí,
Perseguindo a minha trilha.

O tempo passa ligeiro
Como voo de um colibri
Não me sinto um forasteiro,
Mas queria estar aí.

Fiz amigos, fui honrado,
Já cheguei de sobre ano
E pra este povo dourado,
Era Gaúcho/Goiano

Segui então minha sorte
Com arrocho - com ação
No peito saudade forte,
Recuerdos do Boqueirão.

Lembro sempre o velho pago
Com carinho - com amor,
E tenho um largo afago
Pelo imortal tricolor.

Churrasco eu tenho assado
Pra companheiros de luxo,
Criamos um novo Estado,
Sou Tocantinense/Gaúcho.

Faço assim a narrativa
De um passante no mundo,
Minha história é primitiva
Sou Gosch de Passo Fundo.

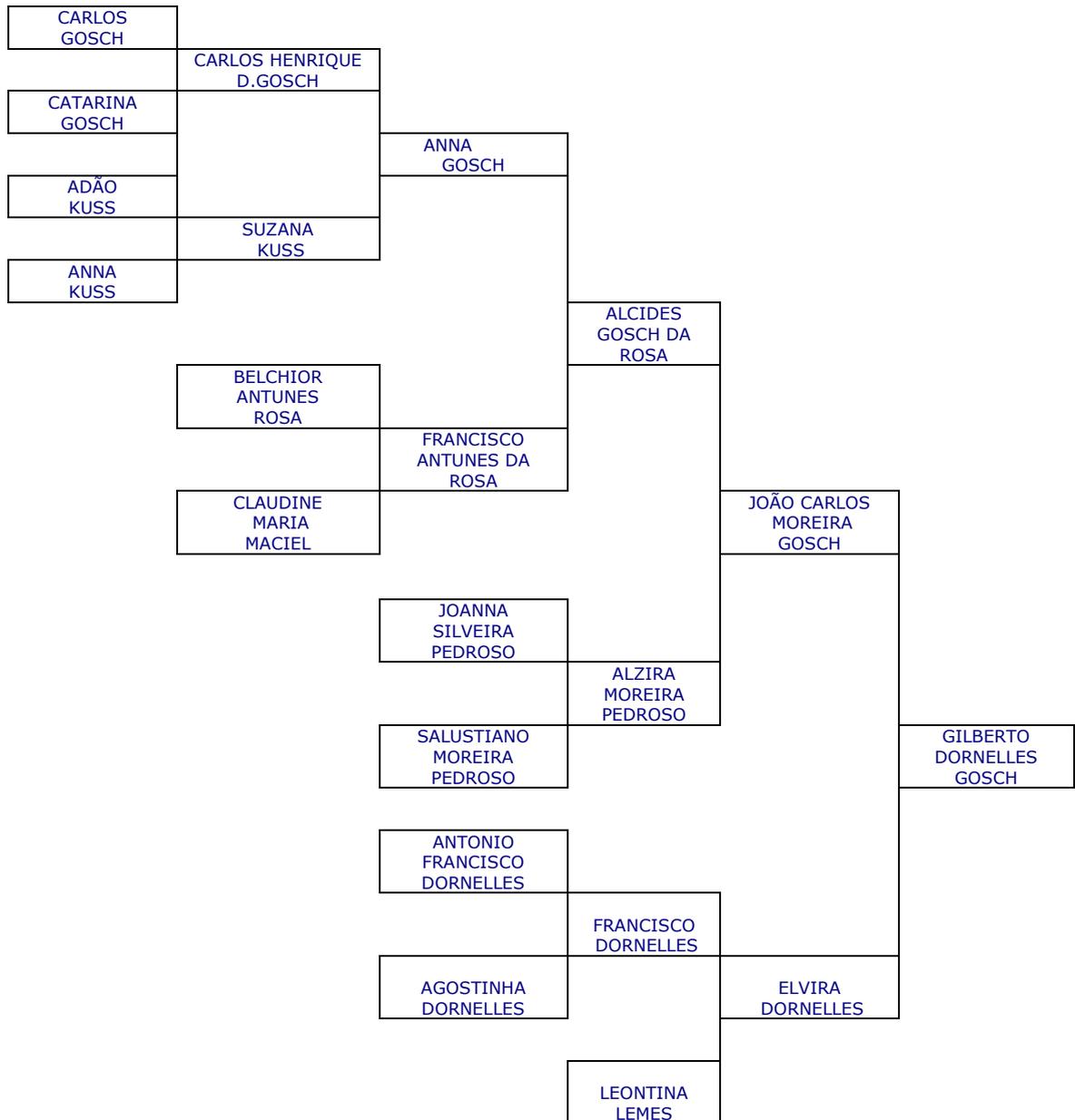
Sou veterano inquieto
Já com pelo araçá,
Tenho um magote de netos
Conservo a alma de piá.

Quando chegar minha hora
Na retina o meu rincão,
Voltem então minha cabeça
Pros fundos do Boqueirão.



PARTE I I – Outros filhos de João/Elvira e descendentes

GENEALOGIA GILBERTO DORNELLES GOSCH



Gilberto Dornelles Gosch

Nascido em 27 de julho de 1950, segundo filho de João e Elvira.
 Em 1950, final do ano, mudamos para a Rua dos Andradas. O guri logo começou a andar e a aprontar. Quando deu conta de abrir o portão em frente à casa, com as pernas ainda trôpegas pela pequena idade, já fugia para a rua. Daí foi upa e teve e já tava com a molecada nos campos jogando bola, subindo no muro do IE. Subir no muro era sinal de maior idade.

Era conhecido em todo o Boqueirão, acredito que depois do Vô Alcides o Giba era, dos Gosch, o mais famoso e conhecido.

O guri foi crescendo, ficou esperto, jogando um bom futebol, de salão; estudava no ENAV. Mas se o cabra era ventana e era, também tinha raça, era raçado! Foi crescendo e se tomando de responsabilidade. Novinho, a meu exemplo, foi trabalhar também no escritório de contabilidade em que eu trabalhava. Quando fui para a faculdade, ficou ele lá.

Do escritório contábil, onde aprendeu e ganhou experiência nas lides de escritório, passou por outros empregos e finalmente foi parar na Prefeitura Municipal, onde fez carreira, com um trabalho de anos reconhecido por diversos secretários e prefeitos.

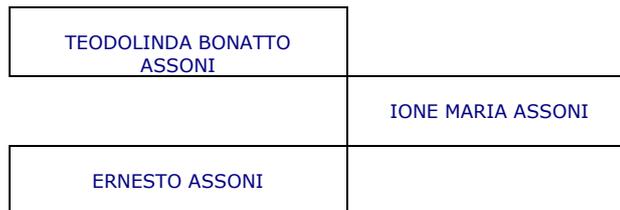
Desempenhou trabalho de relevante qualidade na Câmara Municipal de Vereadores, como secretário.

Hoje aposentado, é imensamente feliz com a bela família que construiu. A exemplo do pai, com o qual é muito parecido, adora política, tendo inclusive concorrido em duas *eleições para vereador*, sendo que em uma ficou de suplente. Atualmente desempenha as funções de Secretário-Chefe do Gabinete do Prefeito Municipal de Passo Fundo.

Gilberto para a alegria de todos nós, em 1974 casa com Ione Maria Assoni e vai formar bela família.



GENEALOGIA IONE MARIA ASSONI



Ione Assoni "Gosch"-

Ione é natural de Serafina Corrêa. Professora, levou o Gibinha para o altar. Souberam com muito trabalho fazer a vida. Fazer a vida não significa ficar rico, mas, muito mais que isso, constituir uma família estruturada que só dê prazer e alegria, e isto eles conquistaram através de filhos e netos maravilhosos.

Quero ainda aqui, antes de dizer o meu "chega de café de chaleira", encerrando este capítulo, relatar que Giba e Ione, meus compadres, padrinhos da Cristiane, nos ajudaram muito num período difícil de nossas vidas, quando tínhamos nos mudado para o norte. Acolheram por um longo período em sua casa, para estudar, a Cris. Sou imensamente reconhecido e grato por tudo que eles fizeram por nós e especialmente pela afilhada naquele período. Hoje a Cristiane é uma Doutora, mas nos pilares de sua construção, não só profissional, mas de caráter, muitas pedras foram alicerçadas por este casal.

O Giba e a Ione nos deram, além de muita amizade e muitos momentos de alegria, dois sobrinhos admiráveis, Gilberto Gosch – Alemão ou Gibinha e a Caroline Gosch – a Cacá. E já chegaram os netos - Leonardo, Julia, Mariana e recentemente o segundo filho de Gilberto, Ricardo.

GILBERTO DORNELLES GOSCH

Nascimento	Local	Profissão	Casamento	Esposa	Óbito
27/07/1950	P. Fundo	Servidor Público	19/01/1974	Ione Assoni	

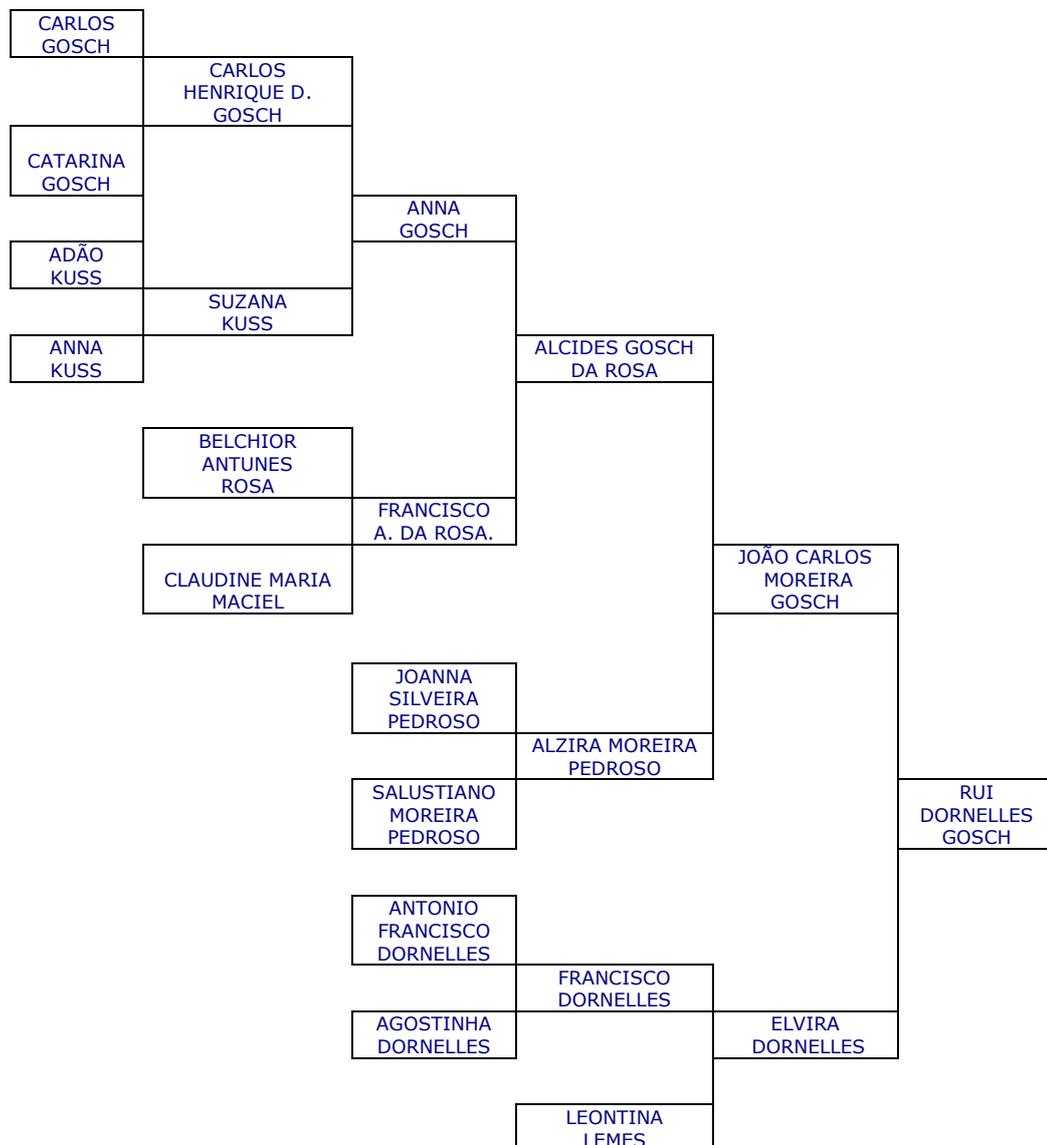
IONE ASSONI GOSCH

Nascimento	Local	Profissão	Casamento	Esposo	Óbito
22/08/1948	S. Corrêa	Professora	19/01/1974	Gilberto D. Gosch	

Do união do casal nascem:

Nome	Nascimento
Caroline Gosch	21/06/1977
Gilberto Gosch Filho	27/06/1979



GENEALOGIA RUI DORNELLES GOSCH

Rui Dornelles Gosch

Rui, por estas questões de planejamento familiar, nasceu oito anos mais novo que este narrador, por consequência, como expus logo atrás, convivemos como piá muito menos do que eu gostaria.

O menino foi crescendo forte e rijo. Quando me dou conta, estou com quatorze anos, estudando à noite e me preparando para trabalhar, e o Rui está com seis anos, iniciando sua vida escolar.

Como guri era desenhado, com muitas habilidades manuais, cresceu rápido e forte e, quando percebi, já estava buscando emprego e querendo trabalhar. Sendo comunicativo e contador de causos, olha aí a genética do velho Alcides, arrumou de imediato, nos fundos do Boqueirão, emprego como auxiliar de mecânico. Aí meus amigo, em casa era graxa e causos da oficina e estórias de mecânico. Neste trote o indivíduo chega aos dezoito anos,



Da união do casal nascem:

Nome	Nascimento
Daniele Giordani Gosch	15/05/1979
Rafaela Giordani Gosch	22/05/1984
Rodrigo Rui Giordani Gosch	25/11/1993

[SILVANA GIORDANI](#), filha de Dorvalino e Gumercindo, teve os seguintes irmãos: Magali, Claudio, Maildes, Rosana, Eduardo e Marcelo Giordani.

Quero aproveitar esta oportunidade para homenagear meu querido irmão, com uma poesia do grande *Jaime Caetano Braun* – que em respeito à coragem criou num momento de rara inspiração **Galo de Rinha.**

Valente galo de rinha,
guasca vestido de penas!
Quando arrastas as chilenas
No tambor de um rinhedeiro,
No teu ímpeto guerreiro
Vejo um gaúcho avançando
Ensanguentado, peleando,
No calor do entreveiro !

Pois assim como tu lutas
Frente a frente, peito nu.
Lutou também o chiru
Na conquista deste chão...
E como tu sem paixão
Em silêncio ferro a ferro,
Cala sem dar um berro
De lança firme na mão!

Evoco neste teu sangue
Que brota rubro e selvagem.
Respingando na serragem,
Do teu peito descoberto,
O guasca de campo aberto,
De poncho feito em frangalhos.
Quando riscava os atalhos
Do nosso destino incerto!

**Deus te deu, como ao gaúcho
Que jamais dobra o penacho,
E a diferença que sinto
E que o guasca bem ou mal!
Só lutas por um ideal
E tu brigas pôr instinto!**

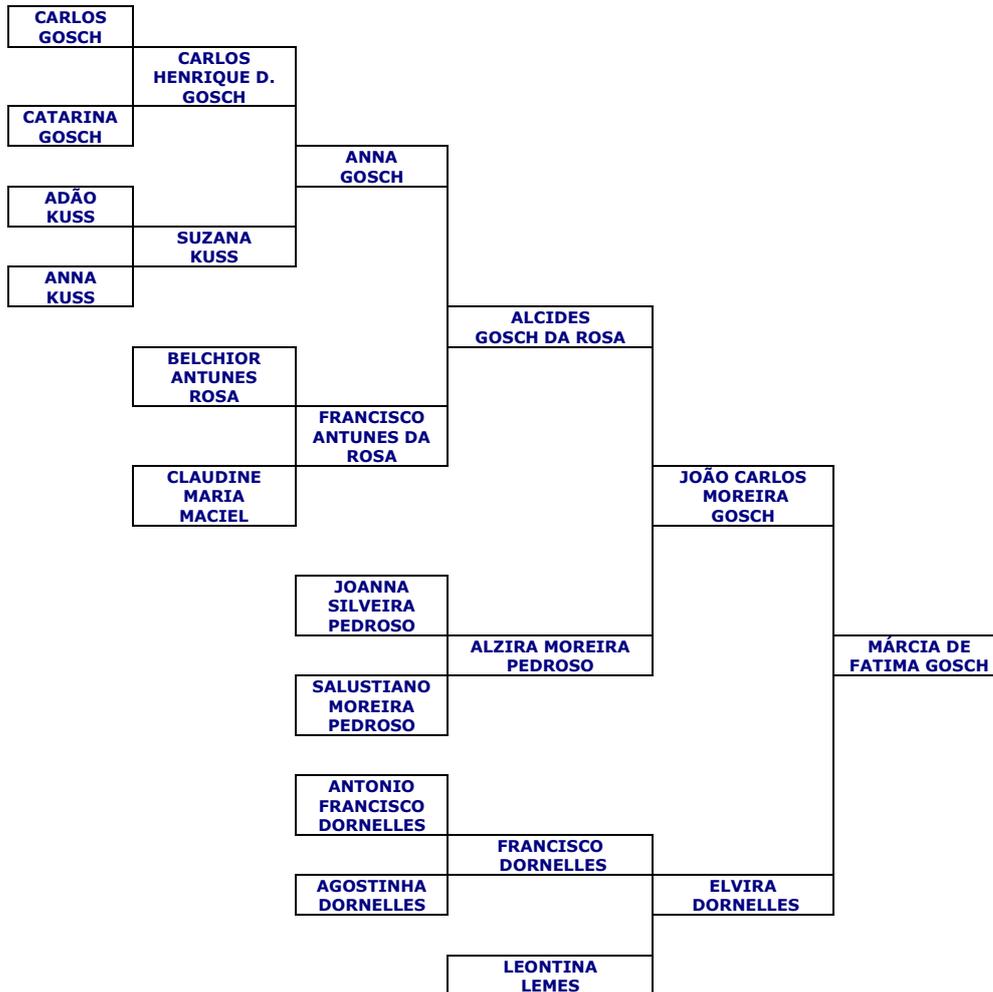
**Essa de altivez de índio macho
Que ostentas já quando pinto:**

Pôr isso é que numa rinha
Eu contigo sofro junto,
Ao te ver quase defunto.
De arrasto, quebrado e cego,
Como quem diz não me entrego:
Sou galo, morro e não grito
Cumprindo o fado maldito
Que desde a casca eu carrego!

E ao te ver morrer peleando
No teu destino cruel.
Sem dar nem pedir quartel.
Rude gaúcho emplumado.
Meio triste, encabulado,
Mil vezes me perguntei
Pôr que é que não me boleei
Pra morrer no teu costado?

Porque na rinha da vida
Já me bastava um empate!
Pois cheguei no arremate
Batido , sem bico e torto ..
E só me resta o conforto
Como a ti, galo de rinha
Que se alguém me dobrar a espinha
Há de ser depois de morto!



GENEALOGIA MÁRCIA DE FÁTIMA GOSCH

Márcia de Fátima Gosch "Bilhar"

Seis de março de 1963 – dia histórico para mim e para minha família. Trabalho durante o dia e estudo à noite. Estou iniciando a 3ª série do ginásio. Os colegas são os mesmos. Muitos moradores do Boqueirão. As noites deste mês são mornas, estamos nos aproximando do outono. Naquela noite a temperatura por volta das 23 horas estava na faixa dos 15°C, prenunciando que teríamos um inverno daqueles.

Na esquina do IE, Andradas com Avenida Brasil, os meus colegas que moravam mais ao fundo do Boqueirão continuaram Avenida afora. Desci a rua solito. Passei a Paissandu, e dali já notei a 466 com as luzes todas acesas. Estranhei, esta hora normalmente todos na casa já estão dormindo.

Apurei o passo para ver se havia alguma novidade, qual o motivo de tanta luz.



Quando abri o portão já ouvi o choro. Abri a porta. Vejo a mãe sorridente com um bebê no colo. - Quem é mãe? - Deixaram aqui na porta agora há pouco, olha como é bonitinha. Olhei em direção ao pai que estava sentado numa cadeira pensativo; cheguei junto à mãe, e olhei, a menininha tinha pouco cabelo, mas era muito bonita.

Explica aí, pai! - Há pouco ouvimos um choro na porta, fomos ver, e não é que tava o nenê bem aí, enroladinho nuns cueros!

E aí? - Bem, tua mãe quer ficar com ela! - E o senhor? - Vou pensar, amanhã vou até o centro no juizado tomar informações; vamos ver.

- Mãe, me deixa pegar um pouquinho? - Pega com cuidado, vou arrumar uma mamadeira.

Fiquei com a bichinha no colo, meio sem jeito, e olhando para a mãe, me pus a pensar como é que ela tem mamadeira em casa, o Rui tá com quase nove anos. Olhei de novo para o pai, mas este estava mesmo era preocupado.

- E aí mãe, o que vamos fazer?

- Ora, Teté, criar, olhou-me, riu e piscou.

Como eu já conhecia a figura, pensei: bueno, ganhamos uma irmã.

No dia seguinte, após uma noite mal dormida para todos nós, o pai cedito no mais foi para o centro da cidade, no Fórum tomar informações de como agir.

Chegou em casa passado do meio-dia - E daí. João, como é que foi lá? perguntou a mãe ansiosa - Conversei com o Juiz e um Promotor, ela fica aqui, por uns dias em observação, se não aparecer nem pai nem mãe, nem um familiar, eu volto lá para fazer os documentos.

- Pai, e o nome dela?

- Gosto de Márcia, além do mais nasceu em março.

A mãe com o bebê no colo, de pronto, rebateu - O nome é bonito, mas vamos colocar Márcia de Fátima. Quanta promessa eu fiz para Nossa Senhora de Fátima para ter uma filha mulher.

Passados poucos dias, estávamos sozinhos, cheguei à velha:

- E daí, mãe, a Marcinha tá bonita heim! - Tivemos sorte de colocarem ela bem aqui na nossa porta, a senhora me parece muito feliz.

- Feliz é apelido, estou realizada, você sabe que sempre quis uma moça nesta casa. Meu filho, vocês, machos, vão embora logo e eu preciso de uma companhia feminina, toda mulher precisa.

- É verdade mãe, mas a senhora sabe que "Eu conheço o rengo sentado e o cego dormindo", não tem mais nada para me contar?

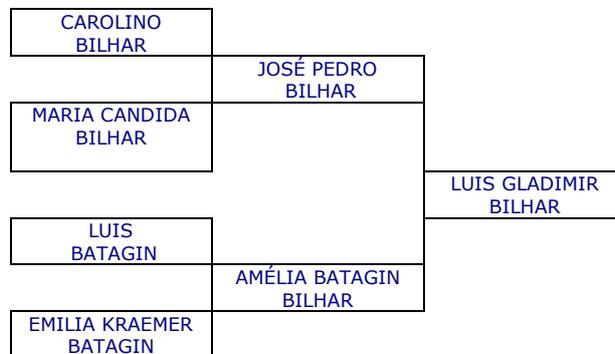
- Danado! Curioso!

- Não é que eu seja danado, faz dias que a vejo rindo pelos cantos, toda feliz, quando ela chegou tinha tudo que era tralha para bebê novo, tô desconfiado!

- Teté, você é de minha confiança, vou te contar, você sabe, bico calado. No hospital tem uma comissão para tratar destes casos. Eu consegui me aproximar delas. Expliquei o meu desejo, e aí tudo aconteceu, até mais rápido do que eu imaginava. Estou feliz e vou fazer tudo para ela ser feliz. Você vai ser o padrinho. Ah, mais uma coisa - fiz uma promessa, se tudo der certo, só vou cortar o cabelo dela quando ela fizer sete anos.

Assim, numa casa simples, numa família pobre, mas onde sobravam amor, companheirismo e amizade a Marcinha foi crescendo. A mãe tinha razão. Tudo acabou acontecendo como ela previu. O machedo saiu de casa e a Márcia ficou, mesmo jovem dava amor e apoio aos pais. E, depois de casada, continuou sendo o esteio de carinho e afeto para o velho casal. Casou-se com o grande Luis e nos deu sobrinhos maravilhosos - Gabriele, Marcelo e Lisiane.



GENEALOGIA DE LUIS GLADIMIR BILHAR**Luis Gladimir Bilhar**

O Luiz foi chegando de Lagoa Vermelha, como quem não quer nada, buscou assim como outros abrigo na Pensão da Dona Elvira. O caboclo sempre foi virador, empreendedor, trabalhador e competente. Iniciou ali pelo Boqueirão, no comércio de peças agrícolas, progrediu, foi conquistando aos poucos os conhecimentos e a experiência necessária, e com uma visão empreendedora, aguçada e buscando empreendimentos seguros, seguiu em frente e conquistou seu espaço. Com certeza encontrou na Márcia a sua grande companheira e eles têm feito uma jornada de grandes conquistas, com uma família linda de causar inveja.

MÁRCIA DE FÁTIMA GOSCH BILHAR

Nascimento	Local	Formação	Casamento	Esposo	Óbito
06/03/1963	P. Fundo	Economia Doméstica	15/12/1979	Luiz Gladimir Bilhar	

LUIS GLADIMIR BILHAR

Nascimento	Local	Profissão	Casamento	Esposa	Óbito
27/01/1959	L. Vermelha	empresário	15/12/1979	Marcia de F. Gosch	

Do união do casal nascem:

Nome	Nascimento
Marcelo Bilhar	12/05/1982
Gabriela Bilhar	22/06/1985
Lisiane Bilhar	15/05/1990





Assim estamos todos nós: eu, Giba, Rui, Márcia e companheiras (os), numa nova fase da vida, para mim a vida é feita de fases, o momento agora é de curtir os netos. E tem coisa melhor que isso?

No momento que encerro a narração de minha pequena historia e de meus irmãos, uma homenagem à Mamãe e ao Papai nos versos do grande *Jaime*.

Meu Pedido — Jaime Caetano Braun

Se me fosse concedido
pelo Ser Onipotente
que eu escolhesse um presente,
algo de grande e querido,
o meu supremo pedido
seria voltar distância
à primeira ignorância,
mais doce do que uma flor
eu pediria ao Senhor
que me devolvesse à infância.

Eu não queria dinheiro,
nem fortuna - nem saúde,
mas aquela alminha rude
de piaçito missioneiro
ao pé do fogão campeiro,

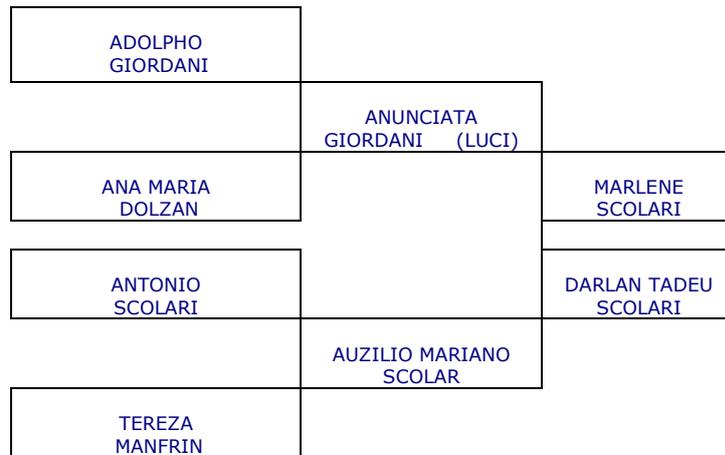
do velho pago avoengo,
ouvindo o vento andarengo,
senhor do tempo e caminho,
contando - devagarzinho,
histórias do diabo rengo...

Sentindo a fumaça crua
que faz chorar de brinquedo,
meio arrepiado de medo
dos duendes da pampa nua,
e **o beijo da mãe charrua
mais doce que um caramelo,
naquele doce desvelo
que de ternura se esvai
e a mão amiga do pai
me esparramando o cabelo!**



Três Ases e um Coringa – Telmo, Gilberto, Rui e Márcia.

PARTE I I I- Outros filhos de Mariano e Luci

GENEALOGIA DE MARLENE SCOLARI

Marlene Scolari – Marlene casa aos 17 anos, e Neri tem 22 anos.

Quando os conheci, o casal já estava com a família praticamente montada, a poucos meses havia nascido a Viviane em fevereiro de 1964. Anos mais tarde em 1975 chegaria o Fabiano.

Margarete e Marlene enfrentaram o mesmo distanciamento de idade que tive com meus irmãos, neste caso com mais vigor, a diferença de idade é de 13 anos. Marlene era moça e Margarete estava nascendo.

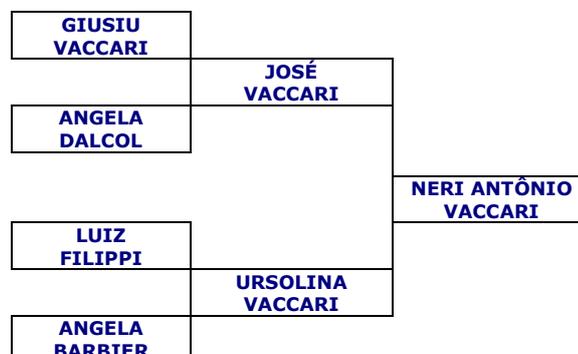
Neri Antonio Vaccari – taxista e metalúrgico, hoje aposentado e ainda trabalhando na profissão. Filho de José Vaccari 01/10/1901 e de Ursolina Vaccari 19 /03 /1905.



Os filhos estão todos casados e já os encheram de netos, fazendo da Margarete Tia-Avó.

MARLENE SCOLARI “VACCARI”

Nascimento	Local	Profissão	Casamento	Esposo	Óbito
25/02/1937	Getulio Vargas	Do lar	18/04/1954	Neri Vaccari	

GENEALOGIA DE NERI ANTONI VACCARI

NERI ANTONIO VACCARI

Nascimento	Local	Profissão	Casamento	Esposa	Óbito
19/11/1932	Canela	metalurgico	18/04/1954	Marlene Scolari	12/10/2014

Do união do casal nascem:

Nome	Nascimento
Rose Mari Vaccari	28/01/1955
Marco Antonio Vaccari	09/10/1956
Doris Beatriz Vaccari	04/09/1958
Catia Milene Vaccari	06/02/1961
Viviane Vaccari	25/06/1964
Fabiano Vaccari	10/07/1975

GENEALOGIA DE DARLAN TADEU SCOLARIDarlan Tadeu Scolari

Faleceu muito jovem, 16 anos, deixou saudade e dor a centenas de amigos e familiares. Estudante do Colégio Conceição, pertencia ao escotismo, Grupo de Escoteiros Guaranis, daí possuir grande amizade e ser conhecido dos jovens passofundenses.

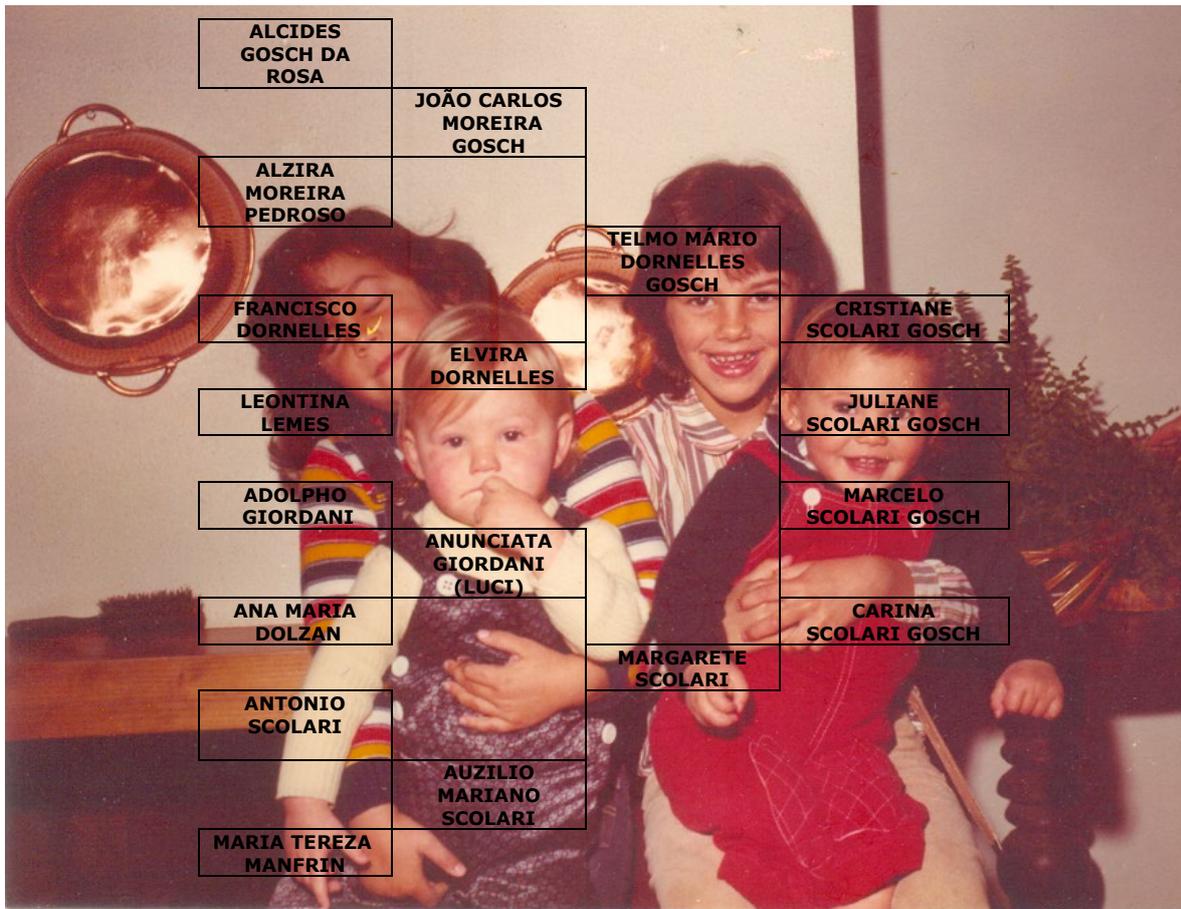
DARLAN TADEU SCOLARI

Nascimento	Local	Profissão	Óbito
10/02/1942	Passo Fundo	estudante	09/07/1958



FLORES

PARTE I – Os Filhos de Telmo e Margarete



Nossos filhos, a seguir destacados, fazem com que tenhamos o maior orgulho e sejamos gratos a Deus. Somos, felizmente, pais de jovens, que apesar das dificuldades que a família enfrentou, deslocando-se do Sul para o Norte, quando eles apresentavam tenra idade, circunstância que os obrigou, para estudar, a sair ainda na meninice do aconchego do lar, da presença dos pais e enfrentarem o mundo. Mas a gurizada enfrentou estes porquês, com imensa capacidade de superação, dedicação, trabalho e disciplina. A recompensa veio, são hoje completamente vitoriosos, todos formados, trabalhando e demonstrando capacidade profissional e de empreendedorismo. Tivemos também, para o nosso orgulho, a felicidade de contarmos, completando a nossa família, com genros e nora que são companheiros, amantes e amigos de nossos filhos.

Além do mais, estas uniões têm nos dado netos maravilhosos e que estão enchendo de alegria o limiar de nossa terceira idade.



Cristiane Scolari Gosch

Corria o ano de 1974, mês de julho, vivíamos um momento diferenciado, estávamos muito felizes, pois a Margarete apresentava uma barriga avantajada, tinha engordado por volta de 12 kg. Toda a família estava em expectativa pelo nascimento que se aproximava. Eu estava como se diz, de bituca, pois se aproximava o dia 23, data de meu aniversário, será que nasceria em meu dia? Destaco que naqueles anos não tínhamos os recursos hoje existentes para definição do sexo dos bebês, era só torcida.

Sábado, 20 de julho, às três horas começaram as dores, seguimos para o Hospital da Cidade, às sete horas e trinta minutos chegava a primogênita, que abria uma nova geração na família Gosch, primeira neta de João Carlos e Elvira.

Marga - 20/07/1974 - 23h



Nasceu linda, eu sempre falo que foi o bebê mais belo que já vi, pesando 3.250 gramas, 50 centímetros e cabelo preto, com três dedos de altura, era uma pintura.

Foi uma criança alegre e afável, mas com forte personalidade.

Com certeza, foi ela que mais sofreu com a nossa mudança para o norte. Compreende-se, já estava com nove anos, já entendia um pouco da vida, além do mais saiu do conforto que tínhamos no sul, para uma aventura em uma terra totalmente diferente: clima, povo, costumes etc.

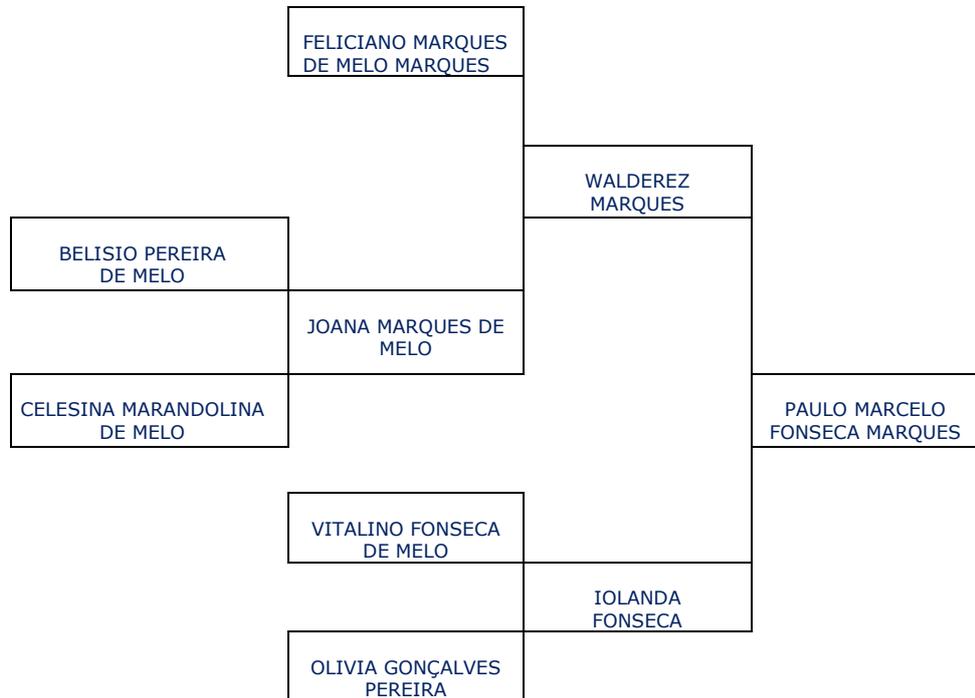
Para continuar os estudos com mais qualidade, voltou ao sul, para cursar os últimos anos do segundo grau, ficando por um longo tempo na casa dos tios e padrinhos Giba e Ione e, após, no apartamento do Vô Mariano e da Vó Luci.

Retornou ao norte, para realizar vestibular; passou na UFG, Goiânia, em Psicologia, estávamos então em 1990. Como companhia, levou consigo Juliane, que estava agora com quatorze anos, e cursava o segundo grau.

Cris foi uma ótima aluna, vencendo as dificuldades com grande esforço e dedicação aos estudos. Completou o curso com destaque e seguiu

de imediato para a UNB, onde realizou Mestrado e Doutorado. Trabalhou como professora em algumas faculdades em Brasília, e hoje faz assessoria no Ministério da Saúde.

A Cris conhece Paulo Marcelo, que se torna seu companheiro. Dessa união nascem os netos Betina e Guido.

GENEALOGIA DE PAULO MARCELO FONSECA MARQUES

Paulo Marcelo (Chapinha), filho de: Iolanda Fonseca Marques e Walderez Marques. Antropólogo, concursado federal, está hoje como ouvidor do Ministério da Previdência. Paulo Marcelo tem algumas características que devem ser ressaltadas, além de bom pai e marido, é músico e compositor e tem participado de eventos musicais nos mais diversos rincões.

CRISTIANE SCOLARI GOSCH

Nascimento	Local	Profissão	Esposo	Óbito
21/07/1974	P. Fundo	Psicóloga	Paulo Marcelo Marques	

PAULO MARCELO FONSECA MARQUES

Nascimento	Local	Profissão	Esposa	Óbito
11/06/1969	Brasília	Antropólogo	Cristiane S. Gosch	

Filhos do casal – Netos de Telmo e Margarete.

Nome	Nascimento
Betina Gosch Marques	17/01/2006
Guido Gosch Marques	01/08/2008

Muitos têm sido homenageados nesta genealogia. Agora, aqui, homenageio o Paulo Marcelo e a Cristiane, com a própria obra. Escolhi entre suas poesias a letra de **Burocracia** - *Chapinha/Gilberto Paiva* por ser esta a de que mais gosto.

Me alivia, seu doutor, me alivia
Passa noite, passa dia,
Nessa tal burocracia

Fui pagar multa
No DETRAN de minha cidade
Xerox da identidade,
CPF, certidão
E ainda pediram
A carteira de trabalho
Filiado ao sindicato
Pra me chamar cidadão

Me alivia, seu doutor, me alivia
Passa noite, passa dia,
Nessa tal burocracia

Me apaixonei
Por uma menina de respeito
Era filha do prefeito
Da cidade onde nasci
O pai da moça
Exigia casamento
Mas era tanto documento
Acabo que eu desisti



Cristiane e Paulo Marcelo





Juliane Scolari Gosch, Em 1976, já me encontrava Há seis anos trabalhando na Coopasso, tinha ganhado experiência e assumido compromissos como representante da empresa e do setor cooperativista, o que me obrigava a viagens constantes.

Todas as contas, de Margarete e dos médicos, indicavam o nascimento de nosso segundo filho ou filha, para data em torno de 20 de setembro.

Nestas circunstâncias, em 30 de agosto, segunda-feira, parti para Porto Alegre, para aquelas intermináveis reuniões.

Nestas viagens, de vez em quando, fazia pouso na casa do Tio Roberto, ali no Bonfim, na Felipe Camarão. A noite de primeiro de setembro foi de insônia, dormi mal, intuindo algo... Na casa do Gosch, não havia telefone, e na época

celular ainda não tinha sido inventado ou não tinha ainda chegado às terras gaúchas e brasileiras. Após o almoço, retornei a Passo Fundo, ao chegar em casa, à tarde, por volta da cinco horas, tudo vazio, silêncio total: - Cadê o povo? Vendo o movimento a vizinha da frente me chama, - Seu Telmo, a Dona Margarete está no hospital, tem gente nova na família.

Pois não é que naquela quinta-feira, 2 de setembro chegou a minha "gorduchona", linda, sorridente, e, como até hoje, a simpatia em pessoa?

O sol entrou em nossa morada, nasceu a mais Gosch desta geração. Foi como os irmãos uma criança afável, inteligente, meiga e carinhosa, muito carinhosa, fazendo a alegria de todos.

A Juli foi como escudeira da Cris para Goiânia, 1990, lá esperou a chegada dos gêmeos e se transformou, pelas suas características, na mãezona de todos.

Cada dia que passa ela se torna a líder entre os familiares, assim como a Vó Adelina foi e a Tia Dina é, ponto de convergência de seus respectivos familiares. A Juli, tenho certeza, será cada vez mais o centro de referência desta turma que compõe a sua geração, e até mesmo de nós mais velhos. Eu como pai coruja, estou permanentemente rezando pelo sucesso da Juliane, na vida afetiva e na vida profissional, Artes Visuais - Designe de Interiores, formada pela UFG, diga-se que ela é uma ótima profissional, trabalhadora, competente, criativa, dedicada, ética. Bueno, já diz o velho ditado, o fruto não cai longe da árvore.

Juliane casa-se em 5 de setembro de 2009 com Ricardo Augusto Gusmão de Almeida e têm como filho João Augusto Gosch de Almeida, meu último neto.

GENEALOGIA DE RICARDO AUGUSTO GUSMÃO DE ALMEIDA



Em busca da felicidade, que todos nos merecemos, a Ju, encontrou o **Ricardo Augusto** – filho de Jonas Augusto de Almeida Neto - 10/12/1944 e Déia Elaine Gusmão de Almeida - 12/12/1956. neto paterno de: Osvaldo Augusto de Almeida - 03/03/1927 e Adelaida Miranda de Almeida - 08/11/1925 e neto materno de Antonio Silva Gusmão - 03/03/1927 e de Geny Coleta Gusmão - 13/05/1931.

O Ricardo trabalha na empresa da família, Locatins em Palmas e cursa Administração. Ricardo caracteriza-se pela inteligência e uma forte intelectualidade - é um amante dos bons livros, dos bons filmes e de viagens.

JULIANE SCOLARI GOSCH

Nascimento	Local	Profissão	Casamento	Esposo	Óbito
02/09/1976	P. Fundo	Designe de Interiores	05/09/2009	Ricardo Augusto G. de Almeida	

RICARDO AUGUSTO GUSMÃO DE ALMEIDA

Nascimento	Local	Profissão	Casamento	Esposa	Óbito
14/07/1980	Salvador	Empresário	05/09/2009	Juliane Scolari Gosch	

Filho do casal – Neto de Telmo e Margarete.

Nome	Nascimento
João Augusto Gosch de Almeida	18/02/2013



Marcelo Scolari GOSCH, Em 1980 estava como Superintendente Técnico da Cooperativa, por consequência, desempenhava atividades intensas, comandando uma equipe superior a 30 técnicos, além de toda a produção de sementes que na ocasião superava a casa de 250 mil sacas/ano. Esta situação me levava a constantes reuniões e compromissos diversos, tanto internos com os comandados e superiores como com o quadro social.

Na sexta-feira, 20 de junho, estava marcada a cesariana, da vinda ao mundo dos gêmeos. Sabíamos que eram dois, não sabíamos o sexo.

A gravidez teve início em setembro de 1979, primavera, período em que os hormônios estão em alta, hora boa de fazer nenê, fizemos logo dois. Em janeiro, estávamos em férias em Itanhaem – SP, a barriga da Marga era avantajada para quatro meses, começamos a desconfiar que a carga era maior do que esperávamos. Confesso que, já tendo duas meninas, apostávamos, e eu torcia muito, na vinda de um guri, caso contrário eu seria conhecido como o Telmo das moças.

Ao retornarmos da viagem, com o apoio da “nova” tecnologia do ultrassom foi decretado pelo ginecologista, para espanto da Marga: - São gêmeos.

No dia do evento, 20 de junho, às cinco horas a Marga me liga, avisando que se deslocava para o hospital, segui do trabalho direto para o hospital da Cidade, fui paramentado pela equipe médica e assisti ao parto, algo raro naqueles tempos, momento de grande emoção e felicidade. O ginecologista, amigo e contemporâneo de Santa Maria, logo gritou – Telmo, o primeiro é sacudo; fiquei risonho. Mais cinco minutos: - Telmo, Margarete, agora é fêmea.

Nasciam Marcelo e Carina.



Na barriga a Carina espoliou o Celso: ela nasceu com 3.250 e ele com 2.700. Praticamente bebês, mudamo-nos para o norte, daí que, dos filhos, os dois são os mais goianos/tocantinenses, criaram-se em novos pagos.

Infância e escola primária e parte da secundária, nas escolas de Alvorada, em 1994, nos deixam e seguem para Goiânia, juntando-se assim às duas que lá já moravam. Completa-se assim o início de um ciclo em que os filhos ficarão longe dos pais por quatorze anos.

Sob o olhar da Cris e da Juli, os dois iniciaram a vida estudantil em Goiânia, seguiram em frente e no primeiro vestibular passaram: ele em Agronomia ela em Biologia, que no final do primeiro ano se transforma em Biomedicina. Formaram-se com louvor. Carina fez mestrado. Marcelo foi presidente do Centro Acadêmico, demonstrando sua liderança, fato que ele tem levado para a vida profissional.

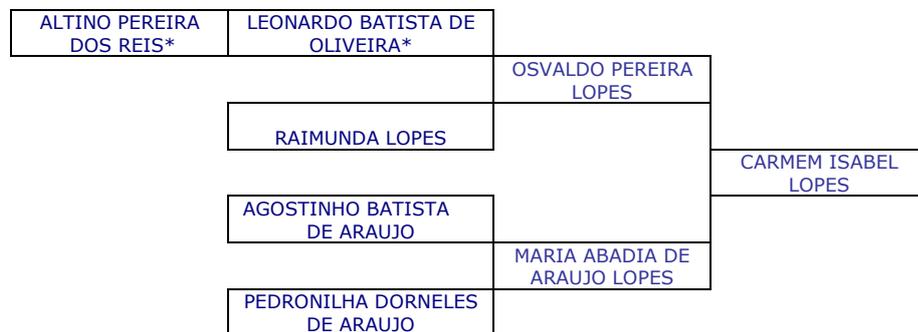
Temos muito orgulho deste filho, pois o Marcelo é um grande vencedor, além de ter seguido uma profissão tão bonita e de tanta doação como a Agronomia, tem demonstrado profissionalmente grande capacidade de trabalho e de liderança.

Deixou-me muito lisonjeado quando resolveu cursar Agronomia, seguindo os passos do pai. Logo que formou, por estas coisas do destino, trabalhou comigo na ADAPEC, em Palmas, acho que ficamos um orgulhoso do outro.

O Marcelo caracteriza-se como pessoa por ser muito justo e com grande preocupação social, tanto é que na época de faculdade andou estagiando em assentamentos e sentindo na carne a vida humilde de muito paisano. Hoje concursado do INCRA, está, quis assim o destino, trabalhando exatamente com este público.

Afetivamente, o Marcelo ficou também dentro da profissão, pois escolheu e foi escolhido pela Carmem Isabel, agrônoma.

GENEALOGIA DE CARMEM ISABEL LOPES



* Leonardo Batista de Oliveira é o pai biológico de Osvaldo Pereira Lopes, que foi criado pelo padrasto (2º matrimônio de Raimunda Lopes), Altino Pereira dos Reis, e deste leva o nome Pereira.



Carmem Isabel Lopes "Gosch", Filha de Osvaldo Pereira Lopes 30/07/1951 e Maria Abadia Lopes, 12/08/1954, Engenheira Agrônoma, formada na turma do Marcelo, é a nora que sempre sonhamos, além de boa esposa, profissional dedicada é uma mãezona para os filhos Vinícius e Pedro.

MARCELO SCOLARI GOSCH

Nascimento	Local	Profissão	Casamento	Esposa	Óbito
20/06/1980	P. Fundo	Eng. Agrônomo	17/12/2004	Carmem Lopes	

CARMEM LOPES "GOSCH"

Nascimto	Local	Profissão	Casamento	Esposo	Óbito
04/07/1978	Pres Kennedy	Eng Agrônoma	17/12/2004	Marcelo S Gosch	

Filhos do casal – Netos de Telmo e Margarete

Nome	Nascimento
Vinicius Lopes Gosch	08/08/2005
Pedro Lopes Gosch	17/08/2010



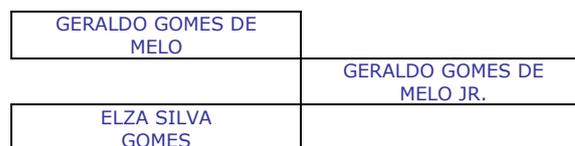
Carina Scolari Gosch, É impossível falar de Carina sem falar do Marcelo, quando se trata do nascimento deles. Lá atrás comentei que pra me escapar, e me escapei garrido, de ser o Telmo das moças, fomos buscar um macho, ele veio e trouxe mais uma fêmea, a nenê da casa.

Se a Cris tem uma parença comigo, e noto isso hoje por ser ela muito parecida com a vó Elvira, daí certos ares de Dornelles. Se a Juli é a mais Gosch fisicamente dos de sua geração, e o Marcelo dos Gosch é o mais Scolari, nascia agora aquela que é a mais parecida com a mãe dela, em gênero, numero e grau.

Esta parença vai da cor dos cabelos ao movimento das mãos. O passar do tempo tem acentuado estas semelhanças, seja na organização da vida pessoal e da casa, no asseio e nas limpezas, enfim ambas trabalham e cuidam do lar com esmero, gosto e praticidade.

Mas a Caro, também percorreu, o caminho dos irmãos, foi para Goiânia, estudou, e se tem alguém dedicado aos estudos, este alguém é a Carina. Formou em Biomedicina, fez na própria UFG mestrado, veio para Palmas e hoje leciona em Porto Nacional, nos cursos de Odonto e Medicina, na faculdade que funciona naquele município. Como aqui também a fruta não caiu longe da arvore, a baixinha demonstra toda a sua capacidade e responsabilidade com muito trabalho e com uma visão técnica e crítica.

Carina casou com Geraldo em 30/06/2008.

GENEALOGIA DE GERALDO GOMES DE MELO JR.



Geraldo Gomes De Melo Jr.

Geraldo é filho de Geraldo Gomes de Melo e Elza Silva Gomes, natural de Governador Valadares – MG.

CARINA SCOLARI GOSCH

Nascimento	Local	Profissão	Casamento	Esposo	Óbito
20/06/1980	P Fundo	Biomédica	30/06/2008	Geraldo Gomes de Melo Jr.	

GERALDO GOMES DE MELO JR.

Nascimento	Local	Profissão	Casamento	Esposa	Óbito
23/12/1981	G. Valadares	Músico	30/06/2008	Carina S. Gosch	

Filhas do casal – Netas de Telmo e Margarete.

Nome	Nascimento
Luiza Scolari Gosch de Melo	11/09/2009
Leticia Scolari Gosch de Melo	20/06/2011





FRUTOS

PARTE I - Os Netos de Telmo e Margarete



Margarete e os netos Guido, Pedro e Vinícius e as netas Luiza, Letícia e Betina.



Vinícius Lopes Gosch, Filho de Marcelo e Carmem nasceu em 2005, 8 de agosto, medindo 50 centímetros e pesando 3.250 gr.,
Vinicius é e primeiro neto de Telmo e Margarete.

VINICIUS LOPES GOSCH

Nascimento	Local
08/08/2005	Goiânia - GO



Pedro Lopes Gosch, Segundo filho de Marcelo e Carmem, nasceu ontem, 17/08, pesando 3.490 Kg. e medindo 50 cm. Escrevo estas linhas com grande felicidade é meu quarto neto. Pedro provavelmente é o primeiro Gosch, nascido no Estado do Pará. É Santareno, natural da promissora Santarém.

PEDRO LOPES GOSCH

Nascimento	Local
17/08/2009	Santarem - PA



Betina Gosch Marques, Em 2006, nasceu no dia 17 de dezembro, a princesinha, que leva o nome de Betina. Filha de Paulo Marcelo e Cristiane. É a primeira neta, chegou ao mundo com 50 centímetros e pesando 3.200 gr.

BETINA GOSCH MARQUES

Nascimento	Local
17/01/2006	Brasília



Guído Gosch Marques, No final de 2007, fomos surpreendidos pela segunda gravidez da Cris, foi um final de ano só de alegria. Esta gravidez nos trouxe um fofão, chamado Guido, a balança acusou no nascimento 3.300 gramas, e a fita métrica 50 centímetros. Guido é o focinho do pai, dele, e por consequência do Vovô Valdevez.

GUÍDO GOSCH MARQUES

Nascimento	Local
01/08/2008	Brasília



Luiza Scolari Gosch de Melo, Primeira filha de Carina e Geraldo, nosso quinto neto., nasceu com 50 cm., 2.930 gramas, linda, vai ser parecida com a mãe?, vamos ver... É a primeira Gosch, Palmense/tocantinense.

LUIZA SCOLARI GOSCH DE MELO

Nascimento	Local
11/09/2009	Palmas- TO



Letícia Scolari Gosch de Mel, Segunda filha de Carina e Geraldo, nosso sexto neto., nasceu com 50 cm., 2.930 gramas, loirinha e com imensos olhos azuis. Olhos azuis profundos, misteriosos como as lagoas de meu pago.

LETÍCIA SCOLARI GOSCH DE MELO

Nascimento	Local
20/06/2011	Palmas - TO



João Augusto Gosch de Almeida, Dois mil e treze chegou com muita expectativa e festa para as famílias Gosch e Almeida, esperávamos ansiosos o primogênito de Ricardo e Juliane. Para alegria de todos chegou o João, 2.995 Kg. de peso, na trena 51 cm. de alegria e felicidade. Dorme tranquilo, sendo gremista não tem com o que se preocupar, já nasce campeão.

JOÃO AUGUSTO GOSCH DE ALMEIDA

Nascimento	Local
18/02/2013	Palmas - TO

GENEALOGIA

DE

GILBERTO DORNELLES GOSCH E,

IONE MARIA ASSONI





FLORES



Caroline Gosch "Saldanha", Primeira filha de Gilberto e Ione. Nossa afilhada. A Cacá como é carinhosamente chamada por todos, enfermeira, servidora da Prefeitura em Passo Fundo, é a personificação da meiguice, paciência e muita tranquilidade. Caroline é casada com Marcos Fernando Vargas Saldanha.

CAROLINE ASSONI GOSCH SALDANHA

Nascimento	Local	Profissão	Casamento	Esposo	Óbito
21/06/1977	P. Fundo	Enfermeira	08/01/2000	Marcos Fernando Vargas Saldanha	



Marcos Fernando Vargas Saldanha, Filho de João Elpidio Machado Saldanha 10/11/1948 e de Sirlei Maria Vargas Saldanha 26/06/1950

MARCOS FERNANDO VARGAS SALDANHA

Nascimento	Local	Profissão	Casamento	Esposa	Óbito
22/02/1971	P. Fundo	Enfermeiro	08/01/2000	Carolina Assoni Gosch	



Filhas do casal – netas de Gilberto e Ione.

Nome	Nascimento
Julia Gosch Saldanha	03/04/2002
Mariana Gosch Saldanha	03/02/2006



Gilberto Gosch, Segundo filho de Gilberto e Ione.

O mano ou alemão como é conhecido pelos familiares é técnico em radiologia com especialização. Embora nascido no meio urbano é gaúcho que gosta de cavalos e de cavalgar, chegado as lides campeiras, sempre acompanhadas pelo filho Leonardo, Léo, sendo ótimo na culinária gaúcha. Gilberto foi casado com Carla Michele Borges.

GILBERTO “ASSONI” GOSCH

Nascimento	Local	Profissão	Esposa	Óbito
28/06/1979	P. Fundo	Téc. Radiologia	Michele Borges*	



Michele Borges “Gosch”

Filha de Carlos Borges e de Maria Ceni Borges

CARLA MICHELE BORGES

Nascimento	Local	Profissão	Esposo	Óbito
18/04/1980	P. Fundo	Matemática	Gilberto Gosch	

Filho do casal – primeiro neto de Gilberto e Ione

Nome	Nascimento
Leonardo Borges Gosch	31/07/1995

- Em 2007 Gilberto e Michele – Divorciaram.





FRUTOS



Julia Gosch Saldanha, Primeira filha de Caroline "Caca" e de Marcos Fernando

JULIA GOSCH SALDANHA

Nascimento	Local	Profissão
03/04/2002	Passo Fundo	estudante



Mariana Gosch Saldanha, Segunda filha de Caroline e Marcos Fernando.

MARIANA GOSCH SALDANHA

Nascimento	Local	Profissão
03/02/2006	Passo Fundo	estudante



Leonardo Borges Gosch, Filho de Gilberto Assoni Gosch e de Michele Borges.

LEONARDO BORGES GOSCH

Nascimento	Local	Profissão
31/07/1995	Passo Fundo	estudante

GENEALOGIA
DE
RUI DORNELLES GOSCH E,
SILVANA GOSCH



Silvana, Rui, Rafaela, Ademir, vó Elvira, Daniele, Fernando e na frente, Rui Rodrigo.



FLORES



Daniele Gosch, Primeira filha de Rui e Silvana, casada com Fernando Benvinda.

DANIELE GOSCH

Nascimento	Local	Profissão	Esposo	Óbito
15/05/1979	P. Fundo	Enfermeira	Fernando Benvinda	



Fernando Benvinda

Filho de Luiz Fernando Benvinda e de Sirlei de Freitas Benvinda

FERNANDO BENVINDA

Nascimento	Local	Profissão	Esposa	Óbito
13/04/1979	P. Fundo	Engenheiro	Daniele Gosch	

Filhos do casal - netos de Rui e Silvana

Nome	Nascimento
Mateus Gosch Benvinda	24/05/1999
Fernanda Gosch Benvinda	26/02/2002



Rafaela Gosch, Rafaela, segunda filha do casal, casada com Ademir Loss Barros.

RAFAELA GOSCH

Nascimento	Local	Profissão	Esposo	Óbito
22/05/1984	P. Fundo	Do lar	Ademir Loss Barros	



Ademir Loss Barros –
Filho de Alziro da Fonseca Barros e de Adelina Loss Barros

ADEMIR LOSS BARROS

Nascimento	Local	Profissão	Esposa	Óbito
27/04/1973	P. Fundo	metalurgico	Rafaela Gosch	

Filhos do casal - netos de Rui e Silvana

Nome	Nascimento
Luana Gosch Barros	12/07/2004
Leonardo Gosch Barros	28/05/2009



Rui Rodrigo Gosch, O Rui Rodrigo terceiro filho, de Rui e Silvana.

RUI RODRIGO GOSCH

Nascimento	Local	Profissão
25/11/1993	Passo Fundo	Estudante



FRUTOS



Mateus Gosch Benvinda

Filho de Daniele e Fernando primeiro neto de Rui e Silvana

MATEUS GOSCH BENVINDA

Nascimento	Local	Profissão
24/05/1999	Passo Fundo	Estudante



Fernanda Gosch Benvinda

Filha de Daniele e Fernando primeira neta de Rui e Silvana

FERNANDA GOSCH BENVINDA

Nascimento	Local	Profissão
26/02/2002	Passo Fundo	Estudante

Luana Gosch Barros

Filha de Rafaela e Ademir Loss Barros Neta de Rui e Silvana



LUANA GOSCH BARROS

Nascimento	Local	Profissão
12/07/2004	Passo Fundo	Estudante



Leonardo Gosch Barros

Primeiro filho de Rafaela e Ademir.

LEONARDO GOSCH BARROS

Nascimento	Local
31/05/2009	Passo Fundo

GENEALOGIA

DE

MARCIA DE FÁTIMA GOSCH E,

LUIS GLADIMIR BILHAR



Família Bilhar: Gabriela, Lisiane, Luiz, Marcelo e Márcia de Fátima

GENEALOGIA DE MÁRCIA DE FÁTIMA GOSCH/LUIS GLADIMIR BILHAR

RAIZES

TRONCOS

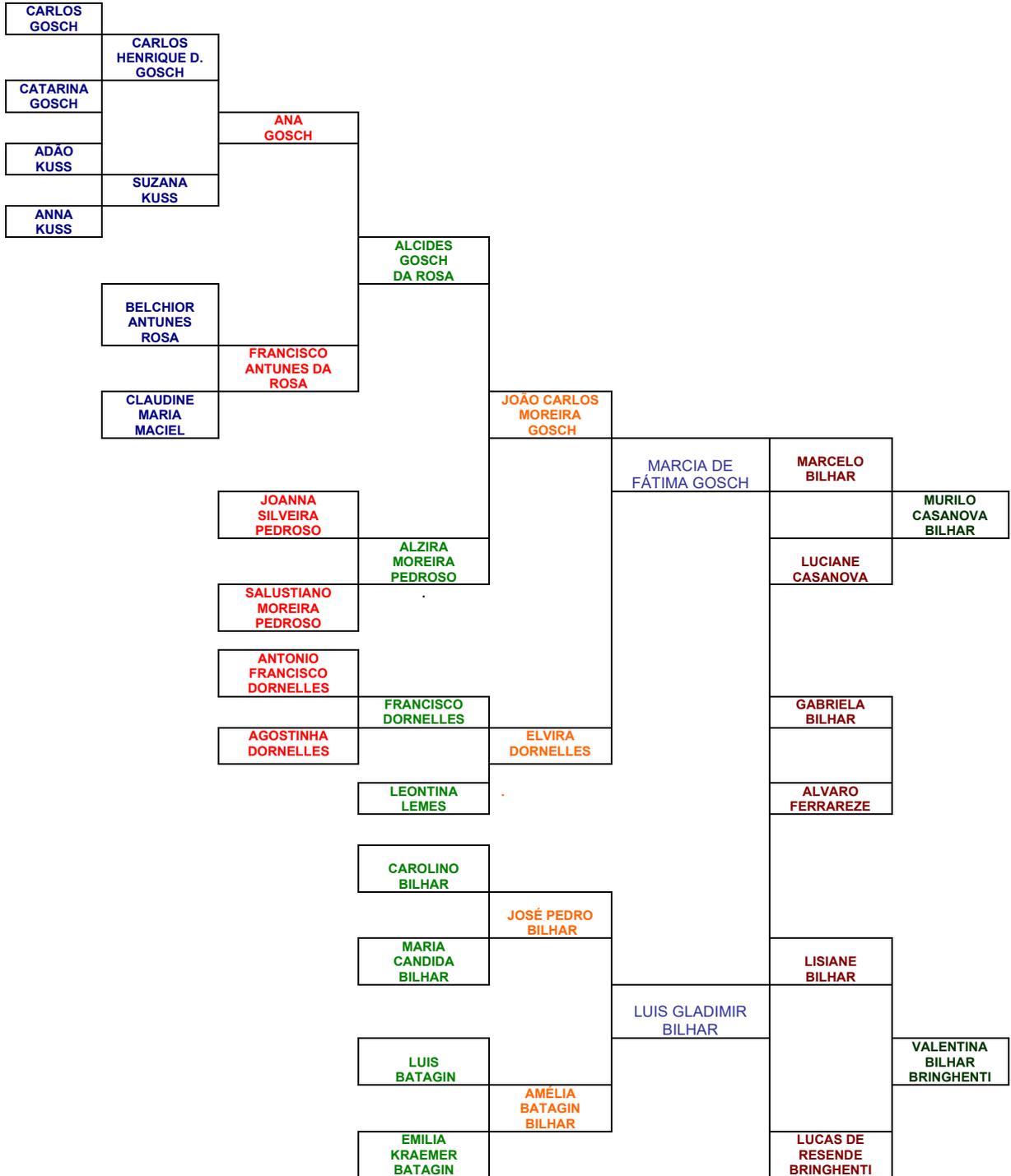
GALHOS

RAMOS

FOLHAS

FLORES

FRUTOS





FLORES



Marcelo "Gosch" Bilhar, Primeiro filho de Márcia e Luis, casado com Luciane Casanova Bilhar.



Luciane Casanova Bilhar, Filha de Saulo Casanova 21/04/1949 e de Tânia Nara Casanova 10/05/1955. Lu é a mãe de Murilo.

MARCELO "GOSCH" BILHAR

Nascimento	Local	Profissão	Casamento	Esposo	Óbito
12/05/1982	P. Fundo	Empresário	31/08/2005	Luciane Casanova	

LUCIANE CASANOVA BILHAR

Nascimento	Local	Profissão	Casamento	Esposo	Óbito
18/02/1984	P. Fundo	Empresária	31/08/2005	Marcelo Bilhar	

Da união Marcelo e Luciane nasce:

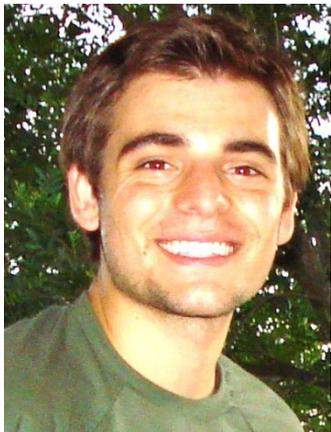


Nome	Nascimento
Murilo Casanova Bilhar	08/02/2012



Gabriela "Gosch" Bilhar Ferrareze

Seguindo a sina da família, que só tem um homem em cada tronco, temos mais uma menina, a Gabi, linda sobrinha, para alegrar o lar de Márcia e Luiz, Gabriela casou com Álvaro Ferrareze.



Álvaro Ferrareze

Filho de Celso Ferrareze – 30/09/1956 e de Lucimar Salete Sales Almeida 10/05/1959

GABRIELA "GOSCH" BILHAR "FERRAREZE"

Nascimento	Local	Profissão	Casamento	Esposo	Óbito
22/06/1985	P. Fundo	Advogada	20/05/2006	Alvaro Ferrareze	

ÁLVARO FERRAREZE

Nascimento	Local	Profissão	Casamento	Esposa	Óbito
09/01/1988	P. Fundo	Advogado	20/05/2006	Gabriela Bilhar	





Lisiane "Gosch" Bilhar "Bringhenti"

Lisiane fecha o ciclo de Márcia e Luiz Bilhar. Lisi casou com Lucas de Rezende Bringhenti, é mãe de Valentina.



Lucas de Rezende Bringhenti

Filho de Paulo Bringhenti e de Anai de Rezende Bringhenti

LISIANE GOSCH BILHAR "BRINGHENTI"

Nascimento	Local	Profissão	Casamento	Esposo	Óbito
15/05/1990	P. Fundo	Empresária	13/02/2009	Lucas Bringhenti	

LUCAS DE REZENDE BRINGHENTI

Nascimento	Local	Profissão	Casamento	Esposa	Óbito
05/09/1988	P. Fundo	Advogado	13/02/2009	Lisiane Bilhar	

Da união Lisiane e Lucas nasce:

Nome	Nascimento
Valentina Bilhar Bringhenti	05/08/2009



FRUTOS



Valentina Bilhar Bringhenti

VALENTINA BRINGHENTI

Nascimento	Local	Profissão
05/08/2009	Passo Fundo	bebê



Murilo Casanova Bilhar

MURILO CASANOVA BLHAR

Nascimento	Local	Profissão
08/02/2012	Passo Fundo	bebê

A querida Márcia de Fátima e aos: Bilhares, Bringhenti e Ferrareze vai ai para ficar marcada com ferro em brasa no cerne de nossa amizade a poesia **Buchincho** também do Pajador. Lembrando da noites de poemas, bom papo, carne gorda e cerveja.



divulgação

- BOCHINCHO -

Jayme Caetano Brau

A um bochincho - certa feita,
Fui chegando - de curioso,
Que o vício - é que nem sarnoso,
nunca pára - nem se ajeita.
Baile de gente direita
Vi, de pronto, que não era,
Na noite de primavera
Gaguejava a voz dum tango
E eu sou louco por fandango
Que nem pinto por quirera.

Atei meu zaino - longito,
Num galho de guamirim,
Desde guri fui assim,
Não brinco nem facilto.
Em bruxas não acredito
'Pero - que las hay, las hay',
Sou da costa do Uruguai,
Meu velho pago querido
E por andar desprevenido
Há tanto guri sem pai.

No rancho de santa-fé,
De pau-a-pique barreado,
Num trancão de convidado
Me entreverei no banzé.
Chinaredo à bola-pé,
No ambiente fumacento,
Um candieiro, bem no centro,
Num lusco-fusco de aurora,
Pra quem chegava de fora
Pouco enxergava ali dentro!

Dei de mão numa tiangaça
Que me cruzou no costado
E já sai entreverado
Entre a poeira e a fumaça,
Oigalé china lindaça,
Morena de toda a crina,
Dessas da venta brasina,
Com cheiro de lechiguana
Que quando ergue uma pestana
Até a noite se ilumina.

Misto de diaba e de santa,
Com ares de quem é dona
E um gosto de temporona
Que traz água na garganta.
Eu me grudei na percanta
O mesmo que um carrapato
E o gaiteiro era um mulato
Que até dormindo tocava
E a gaita choramingava
Como namoro de gato!

A gaita velha gemia,
Às vezes quase parava,
De repente se acordava
E num vanerão se perdia
E eu - contra a pele macia
Daquele corpo moreno,
Sentia o mundo pequeno,
Bombeando cheio de enlevo
Dois olhos - flores de trevo
Com respingos de sereno!

Mas o que é bom se termina
Cumpru-se o velho ditado,
Eu que dançava, embalado,
Nos braços doces da china
Escutei - de relancina,
Uma espécie de relincho,
Era o dono do bochincho,
Meio oitavado num canto,
Que me olhava - com espanto,
Mais sério do que um capincho!

E foi ele que se veio,
Pois era dele a pinguancha,
Bufando e abrindo cancha
Como dono de rodeio.
Quis me partir pelo meio
Num talonaço de adaga
Que - se me pega - me estraga,
Chegou levantar um cisco,
Mas não é a toa - chomisco!
Que sou de São Luiz Gonzaga!

Meio na volta do braço
Consegui tirar o talho
E quase que me atrapalho
Porque havia pouco espaço,
Mas senti o calor do aço
E o calor do aço arde,
Me levantei - sem alarde,
Por causa do desaforo
E soltei meu marca touro
Num medonho buenas-tarde!

Tenho visto coisa feia,
Tenho visto judiaria,
Mas ainda hoje me arrepia
Lembrar aquela peleia,
Talvez quem ouça - não creia,
Mas vi brotar no pescoço,
Do índio do berro grosso
Como uma cinta vermelha
E desde o beijo até a orelha
Ficou relampeando o osso!

O índio era um índio touro,
Mas até touro se ajoelha,
Cortado do beijo a orelha
Amontoou-se como um couro
E aquilo foi um estouro,
Daqueles que dava medo,
Espantou-se o chinaredo
E amigos - foi uma zoada,
Parecia até uma eguada
Disparando num varzedo!

Não há quem pinte o retrato
Dum bochincho - quando estoura,
Tinidos de adaga - espora
E gritos de desacato.
Berros de quarenta e quatro
De cada canto da sala
E a velha gaita baguala
Num vanerão pacholento,
Fazendo acompanhamento
Do turumbamba de bala!

É china que se escabela,
Redemoinhando na porta
E chiru da guampa torta
Que vem direito à janela,
Gritando - de toda guela,
Num berreiro alucinante,
Índio que não se garante,
Vendo sangue - se apavora
E se manda - campo fora,
Levando tudo por diante!

Sou crente na divindade,
Morro quando Deus quiser,
Mas amigos - se eu disser,
Até periga a verdade,
Naquela barbaridade,
De chinaredo fugindo,
De grito e bala zunindo,
O gaiteiro - alheio a tudo,
Tocava um xote clinudo,
Já quase meio dormindo!

E a coisa ia indo assim,
Balanceei a situação,
- Já quase sem munição,
Todos atirando em mim.
Qual ia ser o meu fim,
Me dei conta - de repente,
Não vou ficar pra semente,
Mas gosto de andar no mundo,
Me esperavam na do fundo,
Saí na Porta da frente...

E dali ganhei o mato,
Abaixo de tiroteio
E ainda escutava o floreio
Da cordeona do mulato
E, pra encurtar o relato,
Me bandeiei pra o outro lado,
Cruzei o Uruguai, a nado,
Que o meu zaino era um capincho
E a história desse bochincho
Faz parte do meu passado!

E a china - essa pergunta me é
feita
A cada vez que declamo
É uma coisa que reclamo
Porque não acho direita
Considero uma desfeita
Que compreender não consigo,
Eu, no medonho perigo
Duma situação brasina
Todos perguntam da china
E ninguém se importa comigo!

E a china - eu nunca mais vi
No meu gauderiar andejo,
Somente em sonhos a vejo
Em bárbaro frenesi.
Talvez ande - por aí,
No rodeio das alçadas,
Ou - talvez - nas madrugadas,
Seja uma estrela chirua
Dessas - que se banha nua
No espelho das aguadas



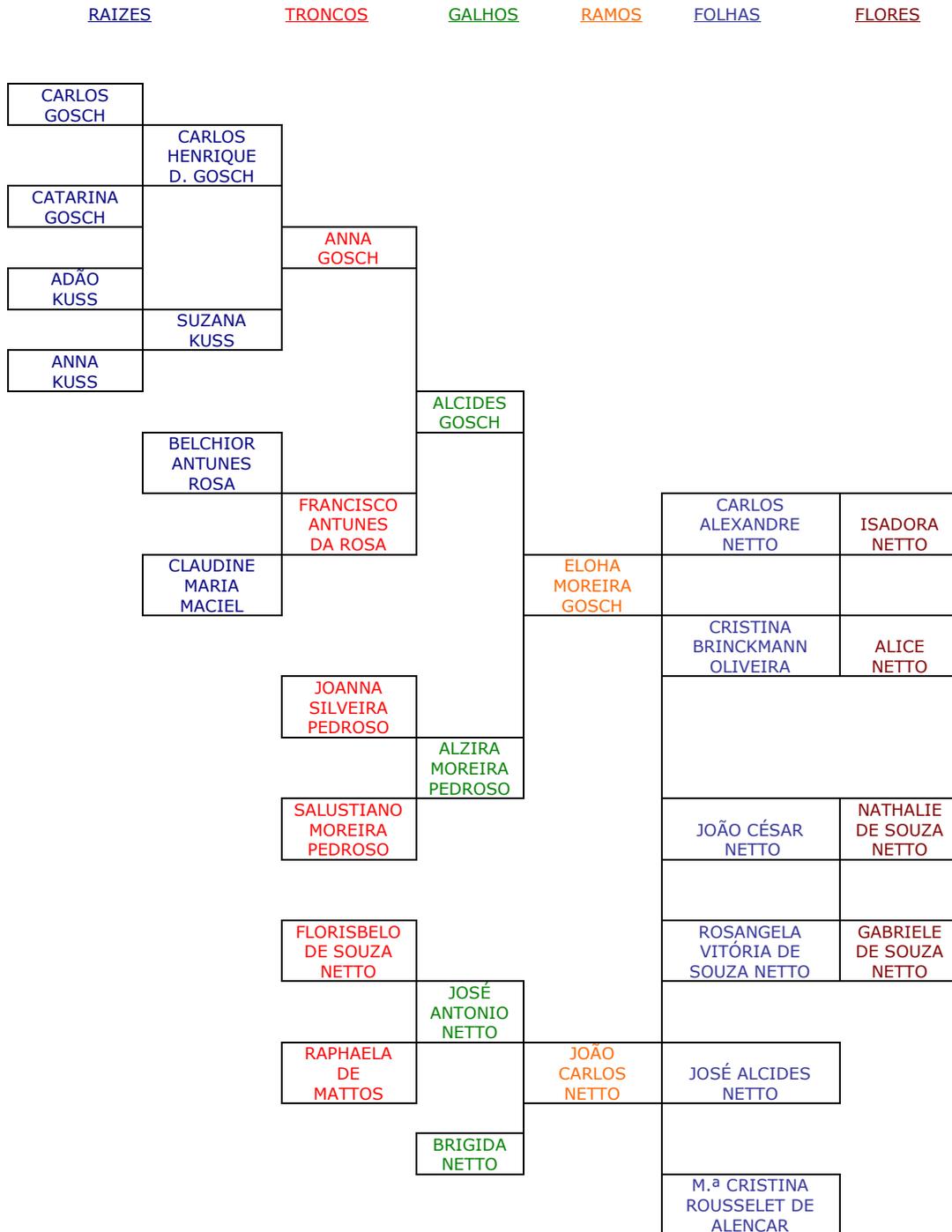
GENEALOGIA

DE

ELOAH GOSCH E JOÃO C. NETTO



GENEALOGIA DE ELOAH GOSCH E JOÃO CARLOS NETTO





FOLHAS



Carlos Alexandre "Gosch" Netto

Carlos Alexandre - médico, mestre, doutor e pós-doutor, pesquisador, da UFRGS, com grande renome em suas áreas de atuação. Foi eleito e reeleito recentemente, Reitor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, casado com Cristina Brickmann Oliveira, pais de Isadora e Alice.



Cristina Brickmann Oliveira

Filha de Clovis da Silva Oliveira 21/01/1940 e de Moema Oliveira 13/02/1942

CARLOS ALEXANDRE "GOSCH" NETTO

Nascimento	Local	Profissão	Casamento	Esposa	Óbito
07/08/1959	P. Alegre	médico	28/05/1988	Cristina	

CRISTINA BRICKMANN OLIVEIRA "NETTO"

Nascimento	Local	Profissão	Casamento	Esposo	Óbito
22/07/1966	R. Janeiro	médica	28/05/1988	Carlos Alexandre	

Da união do casal nasce:

Nome	Nascimento
Isadora	04/03/1993
Alice	04/07/1997



José Alcides "Gosch" Netto

José Alcides, conhecido pelos familiares como Zéquinha, Pedagogo, é aquele cara da ação social com um trabalho admirável junto à juventude, lecionando e dirigindo escolas. É o professor, que ensina e dá exemplo pessoal, buscando melhorar a comunidade onde vive e convive, José Alcides e casado com Maria Cristina Rousselet de Alencar.



Maria Cristina Rousselet de Alencar

Filha de Nei Pinto de Alencar e de Theresa Rousselet de Alencar

JOSE ALCIDES "GOSCH" NETTO

Nascimento	Local	Profissão	Casamento	Esposa	Óbito
31/10/1960	Santa Cruz	Pedagogo	16/010/1999	M ^a Cristina R. Alencar	

MARIA CRISTINA ROUSSELET DE ALENCAR "NETTO"

Nascimento	Local	Profissão	Casamento	Esposo	Óbito
22/03/1957	P.Alegre	Professora Educ. Física	16/010/1999	José Alcides Netto	

**João Cesar "Gosch" Netto**

João César, Engenheiro, com grande reconhecimento e capacidade na área da computação, com Mestrado/Doutorado na Bélgica. Atua como professor na UFRGS. César é casado com Rosângela Vitória de Souza, pais de Nathalie e Gabriele.

**Rosângela Vitória de Souza "Netto"**

Rosângela, para os familiares, Lili tem como pais – Itamar Fernandes de Souza e Enila Domingues de Souza e Souza.

JOÃO CESAR "GOSCH" NETTO

Nasciment	Local	Profissão	Casamento	Esposa	Óbito
24/2/1964	S. Cruz do Sul	Engenheiro	22/12/1990	Rosângela de Souza	

ROSÂNGELA VITÓRIA DE SOUZA "NETTO" - LILI

Nascimento	Local	Profissão	Casamento	Esposa	Óbito
10/2/1962	St. V. Palmar	Professora	22/12/1990	João C. Netto	

Da união do casal nasce:

Nome	Nascimento
Nathalie	19/12/1993
Gabriele	18/06/1999



João Cezar, Carlos Alexandre e José Alcides.



FLORES



Isadora Netto

Primeira filha de Alexandre Netto e Cristina, primeira neta de Elohá e João Carlos Netto.

ISADORA NETTO

Nascimento	Local	Profissão
04/03/1993	P. Alegre	universitária



Alice Netto

Segunda filha de Carlos Alexandre e Cristina

ALICE NETTO

Nascimento	Local	Profissão
04/07/1997	P. Alegre	Estudante



Nathalie de Souza Netto

Nathalie, primeira filha de João Cezar e Rosangela (Lili).

NATHALIE DE SOUZA NETTO

Nascimento	Local	Profissão
19/12/1992	Louvain-la-Neuve Bélgica	Estudante



Gabriele de Souza Netto

Segunda filha de João Cezar e Lili.

GABRIELE DE SOUZA NETTO

Nascimento	Local	Profissão
18/06/1999	Porto Alegre	Estudante

GENEALOGIA

DE

RUTH GOSCH





FOLHAS



Iolanda Glael Gosch Bueno "Santos" –

Iolanda Glael, para mim e para os familiares Landa. Minha madrinha de representação, aquela que segura à criança no momento do batizado.

Por ser "madrinha" liderava-me em diversas atividades, na nossa infância, especialmente quando chega o período escolar, neste momento a Iolanda era a minha professora e tinha jeito para isso.

Iolanda concluiu os estudos em Porto Alegre, casou com Juarez Santos do qual se divorciou e é mãe de Luana.

Nascimento	Local	Profissão	Casamento	Esposo	Óbito
25/01/1943	P. Fundo	F.Publica,	11/11/1968	Juarez Santos	20/01/2016



FLORES



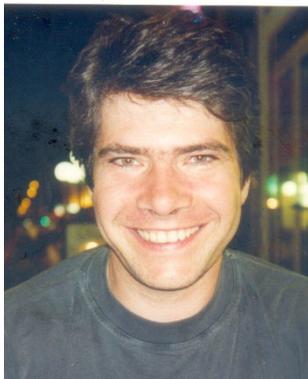
Luana "Gosch" Bueno Santos –

Primeira e única neta de Ruth Moreira Gosch estudou e se formou em Jornalismo em Porto Alegre, logo depois de formada, casa com Stefan Wolf Mayer, de nacionalidade Alemã, residiu por longo tempo em Berlin.

Em 2011, divorciou e retornou ao Brasil.

LUANA "GOSCH" BUENO SANTOS "MAYER"

Nascimento	Local	Profissão	Casamento	Esposo	Óbito
30/05/1975	Salvador - BA	Jornalista	05/10/2002	Stefan Wolf Mayer	



Stefan Wolf Mayer –

STEFAN WOLF MAYER

Nascimento	Local	Profissão	Casamento	Esposa	Óbito
24/10/1963	Stuttgart	Eng. Elétrico	05/10/2002	Luana Bueno	

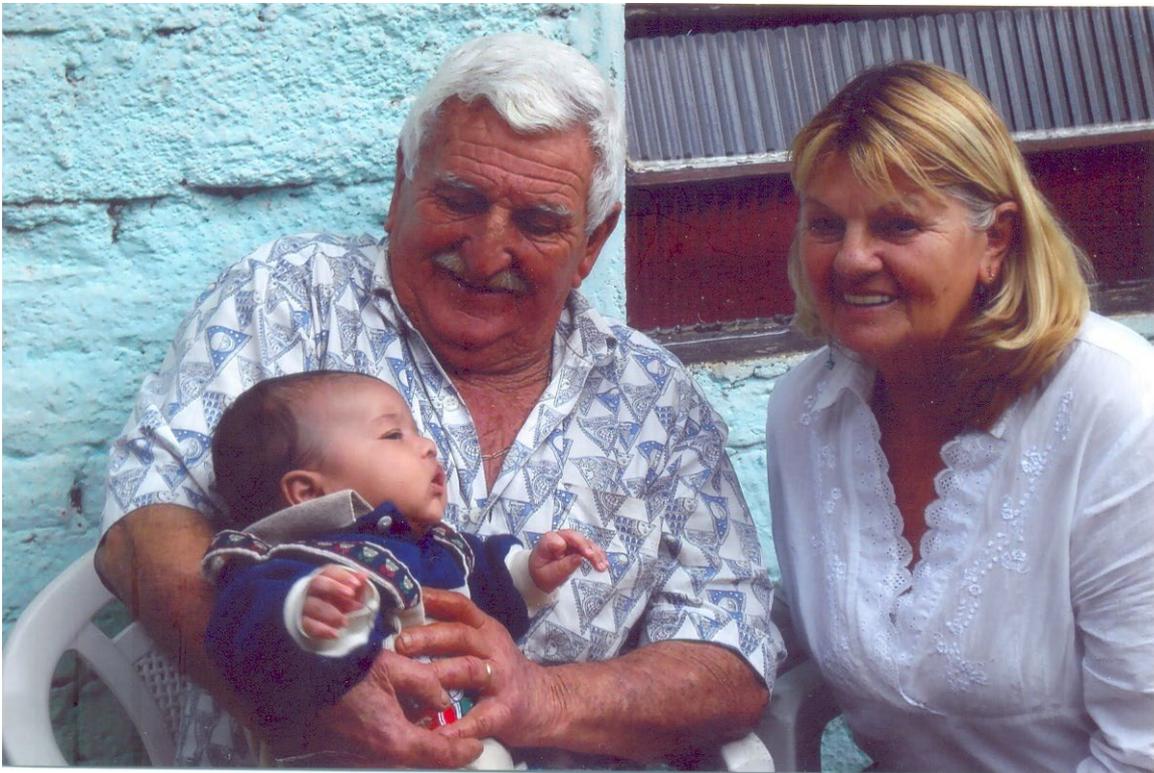


GENEALOGIA

DE

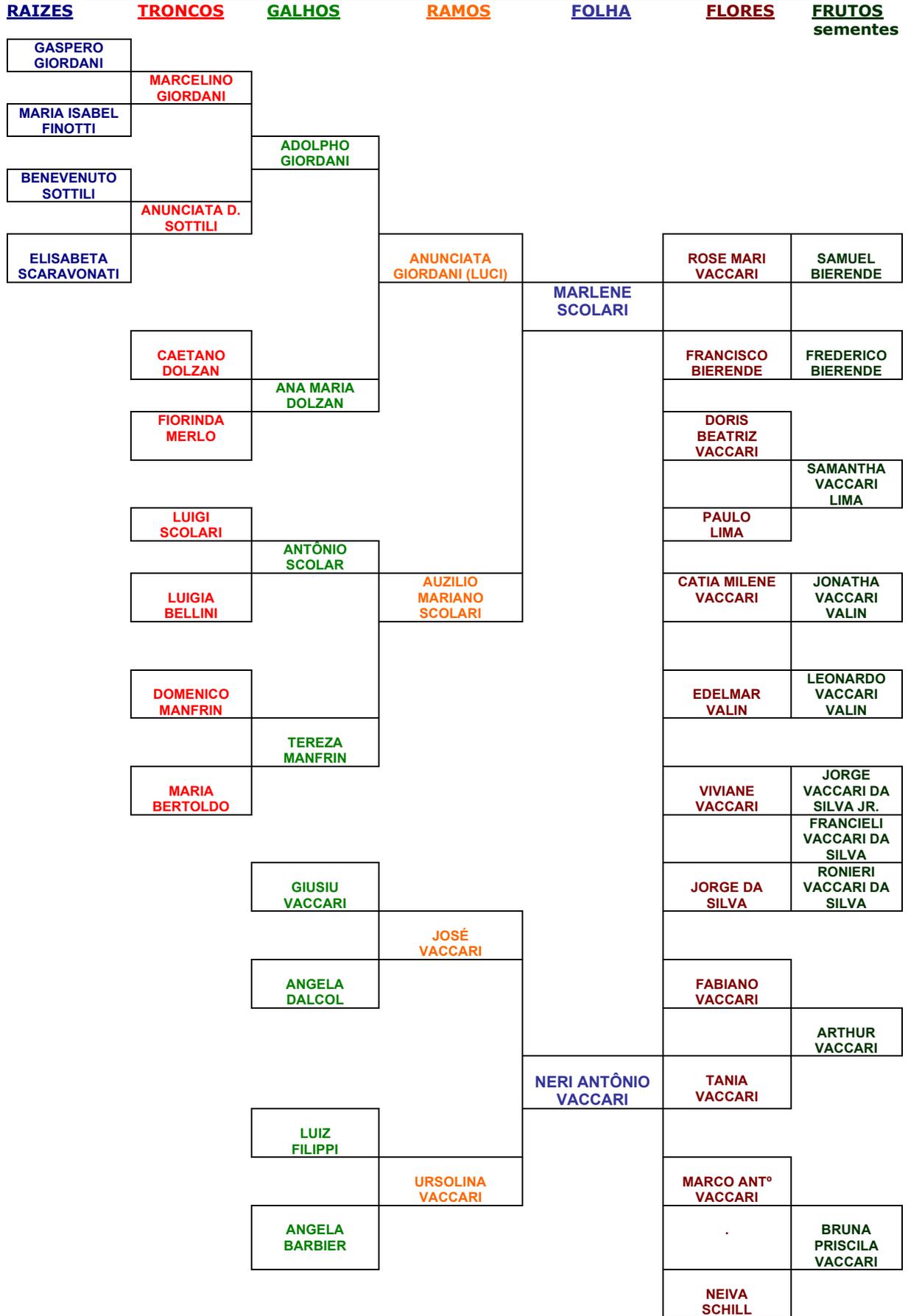
MARLENE SCOLARI E,

NERI ANTÔNIO VACCARI



Nery, Marlene e Arthur Vaccari

GENEALOGIA DE MARLENE SCOLARI/NERI ANTÔNIO VACCARI





FLORES



Rose Mari Vaccari

ROSE MARI VACCARI

Nascimento	Local	Profissão	Esposo	Óbito
28/01/1955	Passo Fundo	Terapeuta	Francisco Bierende	19/11/2023

FRANCISCO BIERENDE

Nascimento	Local	Profissão	Esposo	Óbito
	Caxias do Sul	Comércio	Rose Mari Vaccari	

filhos do casal – Netos de Marlene e Nery

Nome	Local	Nascimento	Esposa	Nascimento
Samuel Vaccari Bierende (1)	Erechim	03/02/1979	Andreza Bierende	23/07/77
Frederico Vaccari Bierende (2)	Erechim	27/06/1983	Viviane Romanowski	

Netos da Casal- Bisnetos de Marlene e Nery

	Pais	Nome	Nascimento
(01)	Samuel Bierende e Andreza	Fernanda Bierende	03/02/2006
		Mateus Bierende	31/05/2011
(02)	Frederico Bierende e Viviane	Valentina Bierende	25/04/2011



Marco Antônio Vaccari

MARCO ANTÔNIO VACCARI

Nascimento	Local	Profissão	Esposo	Óbito
09/10/1956	Passo Fundo	Pedreiro	Neiva Schill	

NEIVA SCHILL

Nascimento	Local	Profissão	Esposo	Óbito
04/06/1964	Passo Fundo	Comerciária	Marco Ant. Vaccari	

Filha do casal - Neta de Marlene e Nery

Nome	Local	Nascimento	Esposo	Nascimento
Bruna Prescila Vaccari	P.Fundo	28/02/1989	Felipe Engers	4/08/1985

Neto do Casal - bisneto e Marlene e Nery

Pais	Nome	Nascimento
Felipe Engers e Bruna Priscila	Pedro Engers	18/04/2012



Doris Beatriz Vaccari -

DORIS BEATRIZ VACCARI

Nascimento	Local	Profissão	Esposo	Óbito
04/09/1958	Passo Fundo	Comerciária	Paulo Lima	

PAULO LIMA

Nascimento	Local	Profissão	Esposa	Óbito
05/12/1954	P. Fundo	Empressário	Doris Beatriz Vaccari	



filha do casal : Neta de Marlene e Nery

Nome	Local	Nascimento	Esposo	Nascimento
Samantha Vaccari Lima	P. Fundo	24/03/1986	Andrei Agenor da Silva	21/7/1974

Netos do Casal – Bisnetos de Marlene e Nery:

Pais	Nome	Nascimento
Andrei A da Silva e Samantha	Pyetro da Silva	16/12/2008
	Sabrina da Silva	31/03/2010



Catia Milene Vaccari

CATIA MILENE VACCARI

Nascimento	Local	Profissão	Esposo	Óbito
06/02/1961	Passo Fundo	enfermeira	Edelmar Valin	

EDELMAR VALIN

Nascimento	Local	Profissão	Esposa	Óbito
14/12/1957	P. Fundo	motorista	Catia Milene Vaccari	

Filhos do casal – Netos de Marlene e Nery

Nome	Local	Nascimento	Esposa	Nascimento
Jonathan Nery Vaccari Valin (01)	P.Fundo	13/11/1985	Samara Nascimento Batista	02/07/1972
Leonardo Vaccari Valin	P.Fundo	13/08/1992		

Netos do casal – Bisnetos de Marlene e Nery

	Pais	Nome	Nascimento
(01)	Jonathan N. V. Valin e Samara	Nicole Valin	19/01/2007
		Shofia Marlene Valin	05/03/2012



Viviane VaccariVIVIANE VACCARI “ DA SILVA ”

Nascimento	Local	Profissão	Esposo	Óbito
25/06/1962	Passo Fundo	Comércio	Jorge da Silva	

JORGE DA SILVA

Nascimento	Local	Profissão	Esposa	Óbito
18/09/1957	Passo Fundo	Comércio	Viviane Vaccari	

filhos do casal – netos de Marlene e Nery

Nome	Nascimento	Esposo(a)	Nascimento
Franciele Elizabete da Silva (1)	25/06/1984	Leandro	04/04/1983
Ronieri Vaccari da Silva (2)	21/04/1986		
Jorge Vaccari da Silva Jr. (3)	22/10/1990	Karen da Silva	

Netos do casal – Bisnetos de Marlene e Nery:

	Pais	Nome	Nascimento
(2)	Ronieri Vaccari da Silva	Leonardo da Silva	03/02/2015
(3)	Jorge da Silva Jr. e Karen	Henry da Silva e Manuely da Silva	28/12/2012 06/05/2016



Fabiano Vaccari

FABIANO VACCARI

Nascimento	Local	Profissão	Esposa	Óbito
10/07/1975	Passo Fundo	metalurgico	Tania Vaccari	

TANIA VACCARI

Nascimento	Local	Profissão	Esposo	Óbito
11/06/1966	Passo Fundo	Comerciária	Fabiano Vaccari	

filho do casal e neto de Marlene e Nery

Nome	Local de Nascimento	Nascimento
Arthur Vaccari	Passo Fundo	27/05/2008



Margarete e Marlene

PÓS..

Fotos - As usei seguindo uma definição que julguei interessantíssima encontrada na Rede:

FOTOGRAFIA: UM PEDAÇO DE PAPEL QUE GUARDA UM PEDAÇO DE VIDA

Pagos/Raizes - Por outro lado exaltei ao que pude os pagos, as minhas raízes a minha ancestralidade e a minha saudade. Mas reconheço, que após mais de duas décadas fora do Rio Grande, morando num Estado maravilhoso que ajudo a construir, devo manifestar aqui o meu amor pelo Tocantins. Aqui meus herdeiros estão casando e meus netos nascendo. Quando aqui cheguei eu era Gaúcho/Goiano, logo após Gaúcho/Tocantinense, hoje sou Tocantinense/Gaúcho. Mas não se preocupem Gauchas e Gauchos, extraviados, como eu, num momento de inspiração escrevi o que abaixo segue, e que em meu modo de ver e sentir retrata a nossa situação, em terras brasileiras, mas longe do pago.



Foto, Divulgação

Fervedouro – São Felix – TO - Jalapão. – Com esta foto minha homenagem a terra que me acolheu e por quem tenho grande respeito e amor.



ENCERRAMENTO

Ficam rastros com afago
Prá duas coisas provar,
Telmo e Marga, rolaram do pago,
E, no mundo foram andar.



Catálogo de livros editados.

1	Picanhas 2ª Ed	Livro	Araldi, H
2	Cerrito do Ouro à Coxilha	E-book	Ayres, O
3	Receitas Vegetarianas	E-book	Bodah, E
4	Conversa entre educadoras: do dia-a-dia	E-book	Bodah, E
5	Conversa entre educadoras -Novos Diálogos	Livro	Bodah, E
6	Conversa entre educadoras -Novos Diálogos	E-book	Bodah, E
7	Conversa entre educadoras: do dia-a-dia	Livro	Bodah, E
8	A noite	E-book	Both, A
9	A cuidadora	E-book	Both, A
10	Radiografia das Emoções	E-book	Camargo, H
11	Radiografia das Emoções	Livro	Camargo, H
12	Música e educação / o contrabaixo e a bossa	E-book	Cararo, G
13	Música e educação / o contrabaixo e a bossa	Livro	Carraro, G
14	Galileu é meu pesadelo	E-bookFree	Cunha, G
15	A ciência como ela é...	E-bookFree	Cunha, G
16	Cientistas no divã	E-bookFree	Cunha, G
17	Juvenilidade	E-book	Damian, G
18	O mais querido da cidade	E-bookFree	Damian, M
19	Futebol de Passo Fundo	E-bookFree	Damian, M
20	Eleições em Passo Fundo	Livro	Damian, M
21	Enciclopédia do Futebol Gaúcho	Livro	Damian, M
22	Permitam-me Sonhar	E-bookFree	Dinarte, C
23	Nós, entre o Céu e a Terra	E-bookFree	Dinarte, C
24	Poesia:Um Passe de Mágica	E-bookFree	Dinarte, C
25	Emoções	E-book	Dinarte, C
26	Emoções	Livro	Dinarte, C
27	Via Rápida	E-book	Du Bois, P
28	Via Rápida	Livro	Du Bois, P
29	Brevidades	Livro	Du Bois, P
30	Brevidades	E-book	Du Bois, P
31	Micos e microfones: Relatos humorados sobre rádio e televisão	E-book	Fernandes, H
32	Micos e Microfones : Relatos humorados sobre rádio e televisão	Livro	Fernandes, H
33	Cronologia do Ensino em Passo Fundo	E-book	Gehm, D
34	Genealogia -Telmo e Margarete Gosch	E-book	Gosch, T
35	Crepúsculo Vazio	E-bookFree	Machado, A
36	Pântano Florido	E-bookFree	Machado, A
37	Safra Amarga	E-bookFree	Machado, A
38	eu resisti também cantando	Livro	Monteiro, P
39	eu resisti também cantando	E-book	Monteiro, P
40	A campanha da legalidade em Passo Fundo	E-book	Monteiro, P
41	A trova no espírito santo :história e antologia	E-book	Monteiro, P



42	O massacre de porongos & outras histórias gaúchas	E-book	Monteiro, P
43	Combates da revolução federalista em Passo Fundo	E-book	Monteiro, P
44	A trova no Espírito Santo	E-book	Monteiro, P
45	O massacre de porongos & outras histórias gaúchas	Livro	Monteiro, P
46	Viaje no Tempo	E-book	Nascimento, W
47	Sonhos Vicentinos	E-book	Nascimento, W
48	A história da C Paroquial São Judas Tadeu	E-book	Nascimento, W
49	Conheça Passo Fundo, Tchê!	E-book	Nascimento, W
50	Dona Heloisa -Memórias	E-book	Nascimento, W
51	De Capela a Catedral	E-book	Nascimento, W
52	Academia da Bocha	E-book	Nascimento, W
53	Casamento Compromisso LP	E-book	Nascimento, W
54	Maragatos e Pica-Paus	E-book	Nascimento, W
55	Perfil da Academia PFundense Letras	E-book	Nascimento, W
56	A Pregação dos Tradicionalistas	E-book	Nascimento, W
57	Dona Heloisa -Memórias	Livro	Nascimento, W
58	Vultos da História de P.Fundo	Livro	Nascimento, W
59	Construindo Passo Fundo 1857-2007	DVD	Nascimento, W
60	À esquerda	Livro	Noal, H
61	À esquerda	E-book	Noal, H
62	Meninos do Crack	Livro	Nonemacker, A
63	Fúnebre cortejo & outras histórias	F-book	Nunes, L
64	Fúnebre cortejo & outras histórias	Livro	Nunes, L
65	A bolsa da minha mãe	E-book	Perez, J
66	A bolsa da minha mãe	Livro	Perez, J
67	Fugaz Idade	Livro	Perez, J
68	Coletânea de Poemas 2011	Livro	Projeto
69	Coletânea de Poemas 2011	E-book	Projeto
70	Contos SCI-FI - Além da imaginação	E-bookFree	Scofield, V
71	SCI-FI -Tales beyond imagining	E-bookFree	Scofield, V
72	Genius - O relógio do tempo	E-bookFree	Scofield, V
73	Gênio: origem	E-book	Scofield, V
74	Genius: origem	Livro	Scofield, V
75	15 dias que abalaram Passo Fundo	E-book	Tasca, I
76	15 dia que abalaram P.Fundo	Livro	Tasca, I
77	Crônica sobre uma querência hospitaleira	Livro	Tasca, I
78	Canção da liberdade	E-bookFree	Valle, J
79	Cânticos do amor à vida	E-bookFree	Zauza, G
80	Solidão e dor	E-bookFree	Zauza, G
81	Energia psíquica e psicoterapia objetiva	E-bookFree	Zauza, G
82	Divã lágrimas e libertação	E-bookFree	Zauza, G

